UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA

THAIS ANDRIOLI

Por detrás do balcão: buscando os efeitos do turismo
na vida de algumas anfitriãs de Parati e Colônia do
Sacramento

São Paulo
2010

THAIS ANDRIOLI

**Por detrás do balcão: buscando os efeitos do turismo na
vida de algumas anfitriãs de Parati e Colônia do
Sacramento**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Integração da América
Latina, da Universidade de São Paulo, para
a obtenção do título de Mestre em
Integração da América Latina.

Área de Concentração: Integração da América Latina

Orientador: Prof. Dr. Renato Brás Oliveira de Seixas

São Paulo
2010

Andrioli T. **Por detrás do balcão:** buscando os efeitos do turismo na vida de algumas anfitriãs de Parati e Colônia do Sacramento. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina, da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Integração da América Latina.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof (a). Dr (a). _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof (a). Dr (a). _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof (a). Dr (a). _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Dedicatória

Para minha tia Maria

Agradecimentos

Ao meu orientador Renato Seixas, por seu apoio, crença, confiança, dedicação, preocupação, paciência, atenção, orientação e sabedoria que ele tão generosamente concedeu a mim.

Às professoras Dulce e Maria Lúcia, por suas preciosas sugestões e incentivos e por se importarem em dá-los a mim.

Ao Professor Carlos Salas, por conscientizar seus alunos sobre Feminismo e Teoria Feminista.

Às dez grandes mulheres de Parati e de Colônia do Sacramento, que em sua imensurável bondade me deixaram entrar em suas vidas e me ensinaram a entender melhor a minha.

À minha mãe Nilza, meu pai Antonio e meu irmão Daniel, porque sem eles esse trabalho não existiria. E a toda minha família, por estarem caminhando ao meu lado.

Ao Prolam, pela oportunidade de realização do curso de mestrado.

À Capes, pela bolsa de estudos que financiou esta pesquisa.

Sumário

Resumo / 1

Apresentação / 2

1. Introdução: Capturada pelas ondas globais / 4

2. Metodologia: Caminhos obscuros do pensamento / 23

PARTE I • PINTANDO COTIDIANOS E NARRATIVAS PRIVADAS / 42

3. Seis mulheres de Parati / 43

4. Quatro mulheres de Colônia do Sacramento / 96

5. Estudos de Gênero e Teoria Feminista: as vozes das feministas / 129

PARTE II • TONS DO TURISMO NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO SOCIAL LOCAL / 156

6. Seis mulheres na Cidade de Parati / 157

7. Quatro mulheres na Cidade de Colônia do Sacramento / 176

8. Estudos de Efeitos Sócio-Culturais do Turismo: o olhar das ciências sociais / 192

PARTE III • A TELA DE FUNDO / 210

9. Estudos de Globalização: sob(re) o jugo do par dialético Global ∞ Local / 211

CONSIDERAÇÕES FINAIS / 231

Bibliografia / 238

Anexo / 253

Resumo

Nesta dissertação narro, através da perspectiva pessoal de seis mulheres de Parati - Brasil e quatro mulheres de Colônia do Sacramento - Uruguai, quais são as transformações individuais e profissionais mais tangíveis que a atividade turística trouxe para cada uma delas. Por meio de suas histórias particulares podem-se averiguar mudanças ou continuidades em suas condições como mulheres e podem-se delinear os efeitos sociais e culturais do turismo, quando percebidos de uma ótica privada e individual. Em grande medida, estas transformações ou permanências estão ligadas ao fenômeno da globalização social e cultural no mundo contemporâneo. As vidas privadas de dez mulheres latino-americanas, suas vozes e pensamentos sobre suas trajetórias e experiências pessoais e sobre suas cidades, expressam o modo como o gênero, a condição feminina, os efeitos do turismo e a globalização se encaixam no cenário social e cultural do presente momento histórico.

Palavras-chave: efeitos sócio-culturais do turismo, gênero, condição feminina globalização, América Latina.

Abstract

In this dissertation I narrate, through the perspective of six women in Parati - Brazil and four women in Colonia del Sacramento - Uruguay, what are the most tangible personal and professional transformations brought about by the tourist activity for each one of them. Seeing throughout their private histories it's possible to inquire changes or continuities in their condition as women and outline the tourism's social and cultural effects, when perceived from their particular point of view. Largely, this transformations or permanencies are connected to the phenomenon of social and cultural globalization in the contemporary world. The private lives of this ten Latin-American women, their voices and thoughts about their own personal experiences and trajectories and their cities, shows the way in which gender, the feminine condition, the tourism effects and globalization fit into the social and cultural backgrounds of nowadays.

Key-words: socio-cultural effects of tourism, gender, feminine condition, globalization, Latin America.

Resumen

En esta disertación narro, a través de la perspectiva de seis mujeres en Parati - Brasil y cuatro mujeres en Colonia del Sacramento - Uruguay, cuáles son las transformaciones personales e profesionales más tangibles que la actividad turística ha traído para cada una de ellas. Mirando a través de sus historias individuales es posible investigar los cambios y continuidades en sus condiciones como mujeres y delimitar los efectos socioculturales del turismo, cuando percibidos mediante sus puntos de vista. En gran medida, estas transformaciones y permanencias están vinculadas con el fenómeno de la globalización social y cultural en el mundo contemporáneo. Las vidas privadas de estas diez mujeres latino-americanas, sus voces y pensamientos acerca de sus propias experiencias y trayectorias y de sus ciudades, muestran la manera como el género, la condición femenina, los efectos del turismo y la globalización se encajan al contexto social y cultural del momento histórico presente.

Palabras-clave: efectos socioculturales del turismo, género, condición femenina, globalización, Latino America.

Apresentação

Nesta minha dissertação exponho os resultados da pesquisa que realizei, nos anos de 2008 e 2009, sobre Turismo, Mulher e Transformações sociais e individuais na América Latina do mundo atual.

Meu objetivo principal é averiguar mudanças ou continuidades, trazidas ou reproduzidas pela atividade turística, na condição pessoal e social de dez mulheres naturais de Parati e Colônia do Sacramento, com idades entre vinte e cinco a trinta e cinco anos e que trabalham no setor turístico de ambas as cidades. Procuro também delinear os efeitos sociais e culturais do turismo quando percebidos de uma ótica privada, individual e feminina. E ainda, busco encontrar, iluminar e pensar os interstícios onde se entrelaçam as possíveis conexões que relacionam três fenômenos distintos: os efeitos sócio-culturais da atividade turística em populações receptoras, a condição feminina e os efeitos sócio-culturais da globalização.

Meu objeto de estudo é a busca dos efeitos sociais e individuais do turismo em populações femininas de cidades turísticas da América Latina na época globalizada. Para dar corporeidade a esse processo e compreendê-lo em sua concretude cotidiana e real, realizei entrevistas e fiz uma análise comparativa dos casos pessoais de seis mulheres naturais de Parati, no Brasil, e de quatro mulheres naturais em Colônia do Sacramento, no Uruguai, com idades entre vinte e cinco e trinta e cinco anos, que trabalham no setor de turismo dessas duas cidades.

Em minha hipótese de pesquisa estabeleço uma relação recíproca entre três “variáveis”: globalização, gênero e turismo. Penso que: se nossas vidas cotidianas, tanto as das mulheres quanto as dos homens, estão sendo moldadas por influências globalizantes de um lado e disposições pessoais de outro, como sugere Giddens (2002); se “a taboo against the sameness of men and women [divides] the sexes into two mutually exclusive categories [and] thereby *creates* gender” como afirma a antropóloga Gayle Rubin, (1975, p. 178), e se esta diferenciação de gênero afeta profundamente, não apenas o trabalho, mas também, a vida social e individual da mulher, segundo sustentam Padavic e Reskin (2002); e se o turismo pode alterar ou

reproduzir relações de gênero, como propõe Van den Berghe (1992), então os efeitos sociais e culturais do turismo - concebidos aqui como uma dentre muitas das tais “influências globalizantes” - são distintos e podem ser claramente delineados na vida cotidiana de mulheres que - consideradas aqui como as fontes de emanção das ditas “disposições pessoais” - vivem do turismo em localidades turísticas da América Latina.

O problema de pesquisa que procurei resolver durante todo o processo da dissertação foi: Quais são então os efeitos do turismo na vida pessoal e social das mulheres que trabalham no setor turístico de localidades turísticas, segundo elas mesmas?

Minha pesquisa justifica-se pela tentativa de compreender os significados e singularidades da presença da atividade turística, enquanto força globalizante, na vida cotidiana de mulheres latino-americanas e, por conseguinte, apreender as transformações e as condições sociais e culturais que estamos experimentando e vivenciando no mundo hoje. Além disso, ao trabalhar com a categoria de gênero e somá-la ao estudo dos efeitos sócio-culturais do turismo, no contexto América Latina, creio que será possível saber um pouco mais sobre a condição da mulher latino-americana. E saber um pouco mais sobre essa condição cumpre a necessidade de fornecer subsídios e meios de se buscar e avaliar não só processos de integração macro-sociais, macro-políticos, macro-econômicos, mas também de processos de integração micro-sociais e micro-culturais, de pôr em evidência a necessidade de criação de processos de comunicação mais amplos entre os povos latino-americanos, entre homens e mulheres comuns, e não somente entre os governos, as instituições e organizações privadas ou públicas. Saber, por meio de registros de história de vida, pesquisas qualitativas e estudos etnográficos, como os homens, as mulheres, os negros, os jovens, os idosos, os indígenas comuns vivem o seu cotidiano latino-americano e sofrem ou experimentam não apenas os efeitos do turismo, mas das assimetrias de gênero, classe social e etnia, da globalização, dos pactos e acordos econômicos e políticos entre seus países, é um modo através do qual se pode escrutinar as forças locais em embate ou a favor das forças globais e, assim, achar meios de (re)formular políticas públicas, econômicas, sociais e culturais que possam realmente responder às carências e necessidades desses grupos e/ou indivíduos.

UM

Introdução

Capturada pelas ondas globais

Any number of things that keep you balled up inside. A cell of our own making with an unlocked door that we choose to remain in. Focusing our attention inward instead of reaching out to a much larger world. I think this is common to us all.

(Jerry Cantrell)

Este é um trabalho de reflexão, de colocação de hipóteses, de interrogações, de confrontações entre teorias e práticas, de discussão e debate, de busca de novos caminhos e de abandono de velhos caminhos. Aqui se narra a trajetória, ainda indeterminada, de uma pesquisa, de uma pesquisadora e de seus sujeitos pesquisados.

É engraçado olhar para trás, hoje, ao final destes dois anos e realmente compreender como algumas das coisas que você faz têm a capacidade de te transformar naquilo que você é. Há seis anos, eu estava entrando na universidade para estudar Turismo e até hoje, acredite, eu fiz de tudo, menos turismo. Ao invés disso, questões existenciais inundaram meu pensamento, e elas, geralmente, tornaram-se uma obsessão difícil de ser controlada. Pode soar egoísta admitir que a auto-reflexão seja um exercício de desprendimento e isolamento do convívio social, mas, viver em contato constante, e irrefletido, com as pessoas, pode, algumas vezes, enevoar ou fazer-nos postergar e sufocar as reais inquietações que as dúvidas da alma despertam em nossa consciência racional. Buscando respostas, sozinha, e em mim mesma: foi assim que me envolvi com este projeto. Por algum motivo estranho, que ainda, sinceramente, desconheço o real

propósito, quis compreender meu papel no mundo e o papel do mundo em mim. Talvez, justamente por ter uma personalidade de tendências solitárias e passar muito tempo, sozinha, em meu quarto, lendo, escutando músicas ou assistindo filmes me encontro, hoje, em uma posição de questionamento inesgotável sobre como e quanto do que eu faço ou penso são influenciados pelo que vejo, leio ou ouço. Muito do meu cotidiano foi vivido entre quatro paredes, talvez porque eu seja uma pessoa que priorize experiências intelectuais a experiências práticas. Nunca fui ativista, feminista, questionadora, instigadora, agitadora, lutadora, no sentido político destas adjetivações. Sempre da casa para escola, da escola para casa. Passei a adolescência neste mesmo ritmo.

Minha trajetória universitária foi, praticamente, uma extensão do relato acima. Muito da minha experiência na universidade não se deu com os colegas, nas plenárias dos movimentos estudantis, nos grupos de estudo, nas festas de repúblicas, mas, simplesmente, dentro das paredes do prédio da biblioteca, e em meio aos livros que se tornaram meus refúgios e companheiros. Claro que sempre fui muito dispersa, e às vezes me pegava lendo Molière, ao invés de estudar o marketing turístico, ou as agências de viagens; ou Schopenhauer e as Dores do Mundo, quando deveria ler Beni e sua Análise Estrutural do Turismo. Talvez porque, e isto pode soar arrogante e ingênuo, eu acreditava, e ainda acredito, de certa forma, que entender o funcionamento de uma operadora de Ecoturismo era muito menos interessante e desafiador que compreender a crítica ao falso moralismo da sociedade francesa do século XVII, que uma peça como *Tartufo* apresentava, ou desvendar a linguagem por trás das pinturas bizarras de Picasso, ou captar a mensagem por trás dos filmes de Kubrick. Quando terminei a graduação me senti como se tivesse me formado História da Arte e não em Turismo.

É, justamente, uma parte desta minha jornada pessoal e destes meus pensamentos tortuosos que tento transpassar nesta minha dissertação, na qual exponho

os resultados da pesquisa que realizei, nos anos de 2008 e 2009, sobre Turismo, Mulher e Transformações sociais e individuais na América Latina do mundo atual.

Meu principal desejo é averiguar mudanças ou continuidades - trazidas ou reproduzidas pela atividade turística em populações receptoras - na condição pessoal e social de dez mulheres que trabalham no setor turístico de localidades turísticas e delinear os efeitos sociais e culturais do turismo quando percebidos de uma ótica privada, individual e feminina. E, também, encontrar, iluminar e pensar os interstícios onde se entrelaçam as possíveis conexões que relacionam três fenômenos distintos: os efeitos sócio-culturais da atividade turística em populações receptoras, a condição feminina e os efeitos sócio-culturais da globalização.

Na tentativa de tornar visíveis tais transformações, constâncias e conexões, percorri a literatura dos efeitos sociais do turismo, dos estudos de gênero e teorias feministas e das teorias da globalização social e cultural, buscando me munir dos fundamentos teóricos que me auxiliariam no processo de compreensão dos meus sujeitos de estudo. Esta incursão nas literaturas de turismo, de gênero e de globalização resultou, respectivamente, nas três partes principais deste trabalho, cada qual moldada para dialogar com os dados obtidos em campo. A dissertação está estruturada com base em temas que considero constitutivos do processo de compreensão da inter-relação entre os efeitos sócio-culturais do fenômeno turístico, a condição feminina e a tensão dialética entre o global e o local, os quais se concretizam e se tecem, reciprocamente, em Parati e Colônia do Sacramento.

Dessa forma, na primeira parte exponho os resultados obtidos diretamente das entrevistas realizadas com seis mulheres de Parati e quatro mulheres de Colônia do Sacramento e, em seguida, apresento a literatura de estudos de gênero com que trabalhei fazendo com que ela dialogue, como num debate, com as respostas e situações de

minhas entrevistadas. Na segunda parte descrevo as cidades de Parati e Colônia do Sacramento pontuando, principalmente, os aspectos, observados em campo, de estruturação, organização e desenvolvimento turístico de ambas as localidades, e, na sequência, contrasto os estudos dos efeitos sócio-culturais do turismo com as falas de minhas entrevistadas. Na terceira parte, tentarei trabalhar com a literatura das teorias da globalização social e cultural e procurarei traçar pontos relacionais com as vozes e realidades das mulheres que entrevistei em Parati e Colônia do Sacramento, salientando a força do par dialético global-local.

“Pintando Cotidianos e Narrativas Privadas” foi o nome dado a primeira parte de minha dissertação, na qual procurei pensar, “relacionalmente”, o quê os estudos de gênero e a teoria feminista têm a dizer sobre as condições e situações pessoais e profissionais de dez mulheres que trabalham no setor turístico de duas localidades turísticas na América Latina, no Brasil e no Uruguai, em Parati e Colônia do Sacramento. Para isso, detive-me, fundamentalmente, nos estudos de gênero e teorias feministas realizados por teóricas norte-americanas e inglesas a partir da década de 1970 até a segunda metade da década de 1990, porque são trabalhos basilares, de cientistas sociais, no tratamento do tema e referência obrigatória para os estudos contemporâneos realizados na própria América Latina. Os estudos, teorias ou ensaios selecionados versam sobre as causas e explicações dadas pela teoria feminista e pelas cientistas sociais para a subordinação feminina, ou, melhor, para a posição feminina de “segundo sexo”, e, também, sobre a utilidade do conceito de gênero como uma categoria de análise em estudos históricos, antropológicos, sociológicos sobre grupos sociais e culturais dos mais variados. Esta primeira parte de meu trabalho é um exercício dialético, onde procuro articular teoria e prática. A literatura feminista é capaz de explicar muito sobre as ações e pensamentos das mulheres que entrevistei, ao mesmo

tempo, suas ações e pensamentos cobram da literatura feminista, novos enfoques de análise. Lembro-me agora das tardes em que li Gayle Rubin (1975), Joan Scott (1986), Michelle Rosaldo (1974), Henrietta Moore (2000 [1994]), e muitas outras teóricas feministas, e em que ficava me perguntando se as mulheres que entrevistaria em Parati e em Colônia do Sacramento se sentiriam subordinadas aos homens, se elas se sentiriam excluídas da esfera pública, se elas se sentiriam emancipadas como sujeitos econômicos e sociais, se elas teriam fantasias de poder e fantasias de identidade, se o emprego no setor turístico e o contato diário ou sazonal com turistas lhes proporcionaria experiências de vida diferenciadas e se elas acreditariam que a atividade do turismo em suas cidades haveria lhes trazido algo de diferente, de bom ou de ruim, em suas vidas profissionais ou pessoais, se elas “sentiriam” os efeitos do turismo em suas vidas, e se sim, quais eram eles. Além disso, eu também queria saber como se investigam os efeitos sócio-culturais do turismo em populações receptoras tendo a variável de “gênero” como um dos principais eixos estruturantes de análise¹.

A segunda parte de minha dissertação, “Tons do Turismo na Produção do Espaço Social”, é outra tentativa de fazer dialogar a teoria e a prática, dessa vez inspirada na teoria da produção do espaço de Milton Santos (1996) em “Natureza do Espaço”, procuro visualizar, fundamentalmente, os “conteúdos” ou “sistemas de ação”, sem perder de vista as “formas” ou “sistemas de objetos”, da realidade cotidiana de minhas entrevistadas em Parati e em Colônia do Sacramento. As cidades, suas características sócio-culturais e econômicas, a estrutura e organização do setor turístico são as “formas” que as mulheres que entrevistei preenchem com seus “conteúdos”, suas experiências, suas histórias, suas ações e suas idéias. Aqui, os estudos sócio-culturais do turismo, realizados principalmente, por antropólogos e sociólogos norte-americanos e

¹ A inspiração para essa empreitada eu retirei da leitura do número especial da *Annals of Tourism and Research*: “Gender and Tourism”, vol. 22 nº 2, 1995.

ingleses, desde a década de 1970 até meados dos anos 2000 também são estudos de referência para os turismólogos e cientistas sociais que se debruçam sobre a temática dos efeitos sociais e culturais do turismo e, além disso, são úteis, para uma melhor definição das forças ou “formas” com que os grupos ou indivíduos, que vivem em localidades turísticas, se deparam no trato com a atividade turística e com os turistas, e que têm que enfrentar ou aceitar. Ao ler a literatura sobre os efeitos sócio-culturais do turismo sempre me perguntava o que encontraria em Parati e Colônia do Sacramento, se os resultados seriam os mesmos ou se seria possível encontrar efeitos inéditos ou ainda não documentados ou percebidos pelos cientistas sociais, se as minhas entrevistadas, por serem mulheres perceberiam ou sentiriam os efeitos do turismo de forma diferenciada ou se, assim como a população receptora, se sentiriam invadidas e ou se sentiriam sua cultura sendo descaracterizada pelos turistas e pelo crescimento do turismo em suas cidades, se a prostituição e as drogas seriam apontadas como culpa dos turistas.

Na terceira parte, “A Tela de Fundo”, novamente quis explorar o embate entre teoria e prática, tentando dar à globalização um papel de categoria analítica de estudo ou enxergando-a como uma dimensão fundamental da realidade pessoal e profissional de minhas entrevistadas. Qual seria a relação entre ser uma mulher que vive e trabalha com turismo, numa cidade turística, na “era globalizada”, sob o prisma do par dialético global-local? Essa é a questão que tento abordar nesta última parte de meu trabalho. Para isso, selecionei os trabalhos de Giddens (1991a [1990]; 2002 [1991b]), Appadurai (2005 [1996]) e Burawoy et. al. (2000), pois suas teorias e estudos sobre a globalização social e cultural rendem bons contrapontos com o que pude observar e registrar sobre as trajetórias de vida das mulheres que entrevistei e sobre suas cidades. Como bem disse Santos (1996, p. 258):

A localidade se opõe à globalidade, mas também se confunde com ela. O Mundo, todavia, é nosso estranho. Entretanto se, pela sua essência, ele pode esconder-se, não pode fazê-lo pela sua existência, que se dá nos lugares. No lugar, nosso Próximo, se superpõem, dialeticamente, o eixo das sucessões, que transmite os tempos externos das escalas superiores e o eixo dos tempos internos, que é o eixo das coexistências, onde tudo se funde, enlaçando, definitivamente, as noções e as realidades de espaço e de tempo. No lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contigüidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.

Os temas e questões encontrados nas literaturas de gênero, de efeitos sócio-culturais do turismo e de globalização ajudaram-me a delinear meu problema de estudo, que é a busca dos efeitos sociais e individuais do turismo em populações femininas de cidades turísticas da América Latina na época globalizada. Para dar corporeidade a esse processo e compreendê-lo em sua concretude cotidiana e real, fiz uma análise comparativa dos casos pessoais de seis mulheres naturais de Parati, no Brasil, e de quatro mulheres naturais em Colônia do Sacramento, no Uruguai, com idades entre vinte e cinco e trinta e cinco anos, que trabalham no setor de turismo dessas duas cidades.

Tal problema de estudo é fruto de uma dúvida de longa data, quando, desde o término de minha graduação em turismo, comecei a me dedicar ao entendimento dos efeitos sócio-culturais do turismo em populações receptoras.

No final do ano de 2006, frente à tarefa de desenvolver meu Trabalho de Conclusão de Curso, tive muita dificuldade em definir o tema de minha pesquisa, “aquilo sobre o que você quer saber”, como diziam meus professores na graduação. Hoje, atribuo isso a minha personalidade introspectiva e meus sérios problemas de socialização. Contudo, na época em questão, eu sabia, instintivamente ou inconscientemente, que meu tema estava fora e dentro do meu “mundo interior”, simultaneamente. Compreendi que ao viver através de escapismos fugindo da realidade social, eu mesma me colocaria, de fato, à margem da sociedade, mas que, na prática, no mundo lá fora, ser uma pária social por opção pessoal não me livraria das obrigações sociais que, cedo ou tarde, eu teria que enfrentar. Sair de casa, arranjar emprego, casar, formar uma família, virar uma mulher adulta.

Quase sem esperanças, aceitando amargamente o fato de que talvez nunca terminasse a graduação, resolvi então voltar ao começo. Já que tinha passado quatro anos de faculdade “fugindo” das disciplinas e leituras enfadonhas sobre “Contas Satélites do Turismo”, “Turismo de Negócios e Eventos”, “Agências de Turismo”, e tantas outras coisas, que naquele tempo pareciam não ter sentido algum, repassei, mentalmente, quatro anos do meu curso de Turismo para reencontrar o quê, em algum momento, teria me motivado a cursá-lo.

Retornei, assim, ao primeiro semestre, justamente o momento em que fui introduzida ao estudo do Turismo, e em que nós calouros fomos apresentados a Luis Fernandez Fúster (1971) e sua extensa obra “Teoria y Técnica del Turismo”. Nessa releitura algo despertou minha atenção: um dos temas tratados no livro discorria sobre os efeitos sociais e culturais do Turismo, e um dos tópicos intitulava-se “*El Turismo como Fenomeno Aculturador*”. Surpreendentemente, pelo menos para mim, no início da década de 1970, este autor espanhol atentava para o fato de que na Espanha, assim

como em outros países, já se observava a “invasão dos povos”; e ainda que esta fosse uma “invasão” pacífica, e decorrente do crescimento do fluxo turístico mundial, já não era mais possível negligenciar as influências e conseqüências que hordas de milhões de turistas, deslocando-se pelo mundo, desencadeariam ao entrarem em contato com as populações que os aguardavam nas destinações turísticas. A este fenômeno da “invasão pacífica”, Fúster deu o nome de “*aculturação turística*”.

Logo me lembrei também de ter escutado algo sobre aculturação nas primeiras aulas do curso de História da Comunicação e da Cultura, ministrado pelo professor Marco Antonio Guerra, durante o primeiro semestre do ano de 2003, no departamento de comunicação da Escola de Comunicações e Artes. Também me recordara de uma aula em meio a qual estávamos discutindo a definição de Cultura e em que eu havia anotado que:

A cultura é o conjunto das relações (ideológicas, políticas, sociais) dos homens entre si que caracteriza a estática e a dinâmica na existência social. Toda cultura tem um sistema de coesão como, por exemplo, padrões de cultura, normas de comportamento e de ações. Tal sistema é sempre genérico, porém, o indivíduo interfere no mesmo, ocasionando a dinâmica. As culturas passam por um processo de aculturação, uma espécie de troca e incorporação seletiva e intercultural. Tal processo se dá através dos contatos entre indivíduos distintos culturalmente e da difusão de informações pelos sistemas de comunicação (informação verbal)².

Os “contatos entre indivíduos culturalmente distintos” e a “difusão de informações pelos sistemas de comunicação” foram as duas questões que mais me chamaram a atenção. Recordei-me então, com certa vergonha de mim mesma, que durante as primeiras aulas do meu curso de Turismo, os professores costumavam perguntar à turma porque nós havíamos escolhido esta profissão, e eu sempre dava a mesma resposta: “*Para conhecer as outras culturas!*”. Este parecia ser o motivo mais

² Informação fornecida pelo Professor Guerra em aula, durante o primeiro semestre de 2003.

óbvio e inquestionável que qualquer *turista* poderia ter: fui estudar turismo porque queria ser turista. E no mundo de hoje há cada vez mais turistas³. Logo, a aculturação seria cada vez mais intensa. E, cada vez mais, os países invadidos por turistas, como alertava Fúster, estariam sendo aculturados, afetados, descaracterizados. Percebi que nunca havia pensado por esse ângulo. O dos não-turistas, ou dos receptores de turistas, as “*outras culturas*”, como eu costumava vê-los. Esse momento epifânico veio a mim em forma de inspiração e alívio. Havia finalmente encontrado meu caminho. Dentro e fora do meu “mundo interior”. Eu e o mundo exterior: como sempre havia sido, e como eu ainda não havia aceitado. Foi assim que, irremediavelmente, tive que sair do meu “interior”. Tão aconchegante e impregnado de filosofias, literaturas, artes e músicas dos séculos e décadas passadas, para encarar o mundo globalizado do qual, obstinadamente, eu tentava escapar. Lembro-me de ter me sentido como esses lugares e populações receptoras que queria estudar; todos sendo sugados para o vórtice do “mundo exterior”, o global, e ao mesmo tempo tentando agarrar-se ao seu “mundo interior” de origem, o local.

Fui atrás, então, do conceito de aculturação. Pois, já que iria abordar isso em meu trabalho, deveria, no mínimo, saber de onde ele vinha, e o que ele significava. Descobri que o termo havia sido cunhado por antropólogos culturais. E que Melville Herskovits e Felix Keesing eram dois dos autores constantemente citados quando o tema da aculturação⁴ surgia na literatura sobre Antropologia Cultural que eu estava manuseando: suas obras, “*Man and his Works*”, de 1948, e “*Cultural Anthropology*:

³ Ver as projeções históricas da OMT para o crescimento do fluxo do turístico mundial. Segundo a Organização: “The substantial growth of the tourism activity clearly marks tourism as one of the most remarkable economic and social phenomena of the past century. The number of international arrivals shows an evolution from a mere 25 million international arrivals in 1950 to an estimated 806 million in 2005, corresponding to an average annual growth rate of 6.5%. Informação coletada no website www.unwto.org em janeiro de 2009.

⁴ Para definição de aculturação ver: REDFIELD, Robert; LINTON, Ralph; HERSKOVITS, Melville. J. (1936) “Memorandum on the Study of Acculturation”. *American Anthropologist*, Vol. 38, p.149-50.

The Science of Custom”, de 1958, respectivamente, tornaram-se meu ponto de partida. Estes dois autores, bastante didáticos, explicam em suas obras o significado dos estudos de aculturação e da difusão cultural. Ambos citavam pesquisas datadas do final do século XIX, de investigadores norte-americanos que se demonstravam preocupados ou interessados em povos indígenas que estariam tendo suas culturas transformadas ou descaracterizadas por processos cada vez mais acelerados de mutação cultural em decorrência do maior contato com o homem “civilizado”.

Assim sendo, já que eu estava me aventurando no campo da antropologia cultural, e já que Fúster também estivera, comecei a procurar por outros autores que trabalhassem com antropologia e/do turismo para tentar encontrar ecos das idéias de Fúster sobre turismo e aculturação em outros estudos da área de turismo. Inicialmente parti de duas fontes: um renomado periódico científico norte-americano de turismo, o “Annals of Tourism Research” e a obra de Alister Mathieson e Geoffrey Wall, “Tourism: economic, physical and social impacts”, de 1990.

Dois números do Annals of Tourism Research foram primordiais para minha iniciação no campo da Antropologia e Sociologia do Turismo, o volume 6 (1) de 1979 e o volume 10 (1) de 1983: através deles tomei conhecimento dos principais estudiosos que se ocupavam dessa vertente de pesquisa: Valene Smith e seu *Hosts and Guests* de 1989 (2ªed.), Erik Cohen (1979, 1988); Jeremy Boissevain (1979), Emanuel de Kadt e seu “Tourism: Passport to Development” de 1976, Dennison Nash (1989), Nelson Graburn (1989), e muitos outros. Enquanto que a obra de Mathieson e Wall me levou à Jost Krippendorff e seu famoso “The Holiday Makers” de 1987 (1ªed. inglesa) e Jonh Urry e seu “The Tourist Gaze” de 1990, obras indispensáveis à introdução do estudo da Antropologia e Sociologia do Turismo.

Entretanto, algo começou a me incomodar. Estava realizando minha pesquisa entre 2006 e 2007, e grande parte da literatura que eu estava manuseando havia sido publicada quando eu ainda nem era nascida. Será que estaria correto ressuscitar estes estudos e idéias, algumas já com mais de trinta anos? Em algumas conversas com meu orientador, Reinaldo Teles, e com outros professores com que mantive contato durante minha pesquisa, pude esclarecer melhor minhas dúvidas quando eles me disseram que a maioria destes estudos já vinha sendo considerada ultrapassada há alguns anos. Realizados no auge da Guerra Fria, as preocupações destes autores não deixavam de transparecer uma visão maniqueísta do mundo. De um lado o capitalismo selvagem, de outro o socialismo perseverante. Era perfeitamente normal, portanto, que se fizessem críticas e previsões devastadoras sobre os efeitos do capitalismo e, portanto, do turismo típico do sistema capitalista, na vida social e cultural do homem do final do século XX, fosse ele civilizado ou não, visto que muitos destes estudos eram realizados entre povos indígenas da América Central e do Norte, ou com tribos do Sudeste Asiático.

Foi com a leitura de um artigo de Peggy Teo e Lim Li (2003), “Global and Local Interactions in Tourism”, que pude começar a entender o porquê da “aculturação” estar se tornando uma coisa do passado. Basicamente, estes dois autores afirmavam que uma força “externa”, ou global, estaria penetrando e modelando os lugares ao redor do mundo. Contudo, em resposta, como uma forma de reação a essa “perturbação alienígena”, os lugares estariam, por sua vez, emanando uma “contra-força interna”, ou local, que estaria reforçando, ainda que de modo assimétrico, suas características “típicas”.

A partir de então novos conceitos e idéias passaram a surgir em minhas leituras: globalização, diversidade cultural, multiculturalismo, transculturalismo, interculturalismo, hibridização cultural, mundialização cultural, sociedade global,

alteridade, global vs local. E novos autores também passaram a povoar minha imaginação fértil: Marshall Sahlins (1997), Otávio Ianni (1997; 2003), Renato Ortiz (1994), Roland Robertson (1999), Mike Featherstone (1997; 1999), Arjun Appadurai (2003), Néstor Canclini (2001; 1997). Porém, dentre o emaranhado de autores e conceitos, duas idéias me marcaram mais profundamente. A explicação de Sahlins de “por que a cultura não é um ‘objeto’ em vias de extinção”⁵; e a “necessidade de adoção de uma postura dialética diante do mundo”, segundo me disse meu orientador, à época, professor Reinaldo.

A leitura de Sahlins guiou-me por um sem fim de esclarecimentos sobre o surgimento do conceito de “Cultura”, sua evolução histórico-epistemológica, sua atual instrumentalização massiva e equivocada, sua aparente fragilidade e desalentadora morte em meio à onda globalizante da economia mundial das últimas décadas, além da ingenuidade e pessimismo de alguns antropólogos românticos que ainda buscam por povos primitivos intocados e excluídos do “sistema mundial moderno”⁶, e seu frenesi injustificado e arrogante de tentar, desesperadamente, mantê-los longe do contato com o homem civilizado ocidental.

Em seu texto sobre a “Cultura”, posta como o objeto fundamental da antropologia cultural, Sahlins audaciosamente a desconstruiu para reconstruí-la sobre as bases da atual articulação dialética do global com o local. A principal lição que Sahlins me ensinou é que a cultura não morre, ela se transforma.

Já com relação à “postura dialética”, confesso que evitei uma fundamentação filosófica e teórica solidamente embasada e adotei um posicionamento dialético, em meu trabalho de conclusão de curso, somente por uma questão estética. Naquele

⁵ Ver: SAHLINS, Marshall. “O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte I)”. *Mana*, Vol. III, Nº1, pp.41-73, 1997.

⁶ Utilizo a expressão “Sistema Mundial Moderno” fazendo referência aqui à obra homônima de Imanuel Wallerstein, de 1974.

momento me pareceu uma expressão neutra e todos se mostravam muito condescendentes com relação a minha consideração do Turismo como algo, simultaneamente, bom e mau, homogeneizante e heterogeneizante. Isto pode parecer leviano, em um primeiro momento, mas não tardaria que eu viesse entender a real profundidade e necessidade de um posicionamento deste tipo.

Atravessei esta fase da monografia de conclusão da graduação com este arcabouço teórico, e com o desejo de poder dar continuidade a ela. Afinal meu tempo havia acabado e eu já tinha passado pela faculdade. O que mais me esperava? Emprego: currículos, entrevistas, rotina, salário? Casamento: obrigações, responsabilidades, filhos, segurança, estabilidade, rotina? Viver à custa dos meus pais: vida boa, acordar tarde, ver televisão, dependência financeira vitalícia? Com vinte e quatro anos e um diploma universitário a vida parecia um mar de opções e, claro, de dúvidas. Eu tinha que tomar um rumo, cedo ou tarde! O que eu fazia de melhor era escutar música, assistir filmes e ler. Ninguém dá prêmios ou salário por isso, mas, continuar estudando e lendo pareceu, e ainda me parece, ser o caminho mais óbvio para alguém como eu. O ambiente universitário sempre me deu uma sensação de aconchego misturada com aventura. E eu ainda poderia estar envolvida com algo que me preenche, me motiva, e que em alguns anos poderia me servir de sustentação financeira, profissional, espiritual, individual e psicológica.

Decidi então pelo mestrado, onde poderia aprofundar minha pesquisa e “dar voz ao Outro”, às populações receptoras (Gamradt, 1995). Em minha pesquisa inicial eu havia somente extraído informações de livros e professores universitários que entrevistei. Agora eu sentia que já era hora de visualizar concretamente, em meio às localidades e populações hospedeiras, o que todos aqueles estudos sobre os efeitos sociais e culturais do turismo haviam me ensinado. A América Latina me pareceu um

espaço a ser explorado, com a vantagem de ser a região mais próxima de meu próprio universo cultural. Afinal, sou brasileira e latino-americana. Além disso, a maioria dos estudos sobre efeitos sociais e culturais do turismo, quase a totalidade, aliás, foi realizada por estudiosos europeus ou norte-americanos sobre países do Caribe e da América Central. Percebi que ainda muito pouco se sabe sobre os efeitos sócio-culturais do turismo em países da América do Sul e que os estudos de turismo no Brasil revelavam muito mais sobre os impactos ambientais ou econômicos do turismo, do que sobre seus efeitos sociais e culturais.

Minha idéia inicial, na época de minha candidatura ao mestrado no Prolam, era (re)aproveitar o projeto de pesquisa que desenvolvi durante a elaboração da monografia de conclusão do meu curso de Turismo. Meu objeto e problema de pesquisa seriam, no mestrado, a versão contrária de meu antigo trabalho: perguntar “aos outros”, às populações receptoras, se viam o Turismo, ou o turista, como vilões, se sua cultura ou sociedades estavam sendo desmanteladas pela atividade turística em suas localidades.

Como as populações locais e, simultaneamente, receptoras do Turismo, percebem e vivenciam as transformações sócio-culturais acarretadas pelo desenvolvimento turístico em suas vidas, em sua sociedade e em sua cultura, tendo em vista a realidade contemporânea globalizada em que estas populações estão inseridas? Esta *era* a pergunta que moveu a construção de meu projeto de pesquisa para o mestrado.

Obviamente esta questão sofreu inúmeras reformulações até que eu chegasse a uma dúvida mais precisa. E nestes dois anos que se passaram pude entender o quanto é difícil pensar no que se quer pesquisar, quando se sabe tão pouco sobre o mundo lá fora! Em meio à leitura de autores como Jesus Martín-Barbero (2001), Zygmunt Bauman (1999), Stuart Hall (2003), Muniz Sodré (2001), Milton Santos (1996; 2005), David

Harvey (2004), François Chesnais (1996) e Anthony Giddens (1991a; 2002) descobriram sobre o poder da mídia no movimento da narrativa cultural atual, o império da informação na modernidade líquida, a falácia do discurso globalista, a imprevisibilidade da vida e as incertezas do homem contemporâneo, a compressão espaço-tempo, a separação espaço-tempo, a mundialização do capital. Todas estas proposições desses autores são apenas algumas das muitas formas de interpretar as influências e forças que estariam moldando o cotidiano de pessoas comuns, subjugando suas idéias, seus desejos e suas ações. Em Giddens (1991b, p. 1), por exemplo, lê-se que: “One of the distinctive features of modernity is an increasing interconnection between the two ‘extremes’ of extensionality and intentionality: globalizing influences on the one hand and personal dispositions on the other”. O que significa, afinal, viver sob forças externas e internas? Sob influências globais e locais, universais e individuais?

Como se não bastasse todo este questionamento, senti que ainda não havia delimitado meu problema de estudo o suficiente. Foi, aliás, durante o curso “Mercado de Trabalho e Gênero na América Latina”, ministrado pelo professor Carlos Salas, em setembro de 2008, no Prolam, que tive um entendimento mais claro do que eu estava realmente procurando. Resumidamente, com as leituras do curso fui levada a adotar um novo olhar sobre o turismo e seus efeitos sócio-culturais. Percebi que estes efeitos poderiam ser analisados, também, sob a perspectiva do constructo social de gênero. Destaco aqui, primeiramente, a leitura de outra edição especial do *Annals of Tourism and Research*, o volume 22 (2), de 1995, intitulado “Gender in Tourism”: o qual se compõe de uma série de artigos sobre os efeitos sociais e culturais do turismo, em localidades receptoras, examinados do ponto de vista das “mulheres locais”. Em segundo, as obras basilares de Betty Friedan, “Mística Feminina”, de 1963 e de Simone de Beauvoir, “O segundo Sexo”, de 1949.

A leitura destes autores e seus estudos auxiliaram-me no processo de construção de minha hipótese. Nela procuro estabelecer a relação recíproca entre três “variáveis”: globalização, gênero e turismo. Em primeiro lugar, se nossas vidas cotidianas, tanto as das mulheres quanto as dos homens, estão sendo moldadas por influências globalizantes de um lado e disposições pessoais de outro, como sugere Giddens (2002); em segundo lugar, se “a taboo against the sameness of men and women [divides] the sexes into two mutually exclusive categories [and] thereby *creates* gender” como afirma a antropóloga Gayle Rubin, (1975, p. 178), e se esta diferenciação de gênero afeta profundamente, não apenas o trabalho, mas também, a vida social e individual da mulher, segundo sustentam Padavic e Reskin (2002); e em terceiro lugar, se o turismo pode alterar ou reproduzir relações de gênero, como propõe Van den Berghe, (1992), então os efeitos sociais e culturais do turismo - concebidos aqui como uma dentre muitas das tais “influências globalizantes” - são distintos e podem ser claramente delineados na vida cotidiana de mulheres que - consideradas aqui como as fontes de emanção das ditas “disposições pessoais” - vivem do turismo em localidades turísticas da América Latina.

Ao procurar os efeitos sociais, culturais e individuais do turismo e as transformações ou permanências na vida de mulheres brasileiras e uruguaias que trabalham com turismo, espero poder compreender os significados e singularidades da presença da atividade turística na vida cotidiana de mulheres latino-americanas. O turismo faz o papel de um meio ou um veículo de forças globalizantes, dentre muitos outros, através do qual é possível apreender as transformações e as condições sociais e culturais que estamos experimentando e vivenciando no mundo hoje. Mais ainda, ao trabalhar com a categoria de gênero e somá-la ao estudo dos efeitos sócio-culturais do turismo, no contexto América Latina, creio que será possível saber um pouco mais sobre a condição da mulher latino-americana. E saber um pouco mais sobre essa

condição cumpre a necessidade de fornecer subsídios e meios de se buscar e avaliar não só processos de integração macro-sociais, macro-políticos, macro-econômicos, mas também de processos de integração micro-sociais e micro-culturais, de pôr em evidência a necessidade de criação de processos de comunicação mais amplos entre os povos latino-americanos, entre homens e mulheres comuns, e não somente entre os governos, as instituições e organizações privadas ou públicas. Saber, por meio de registros de história de vida, pesquisas qualitativas e estudos etnográficos, como os homens, as mulheres, os negros, os jovens, os idosos, os indígenas comuns vivem o seu cotidiano latino-americano e sofrem ou experimentam não apenas os efeitos do turismo, mas das assimetrias de gênero, classe social e etnia, da globalização, dos pactos e acordos econômicos e políticos entre seus países, é um modo através do qual se pode escrutinar as forças locais em embate ou a favor das forças globais e, assim, achar meios de (re)formular políticas públicas, econômicas, sociais e culturais que possam realmente responder às carências e necessidades desses grupos e/ou indivíduos.

Quando tenho então que me decidir sobre o que exatamente quero enxergar, assumo que minhas pretensões são as mais humildes e realistas possíveis. Quero me identificar com meu problema, pois o meu problema de pesquisa é o meu problema pessoal. A dúvida que motiva minha pesquisa acadêmica é a inquietação que me motiva como indivíduo e como ser social. Sou uma jovem mulher latino-americana e quero, portanto, entender as transformações e continuidades contemporâneas que atravessam e moldam a vida de outras jovens mulheres latino-americanas como eu. Este é o ponto em que me encontro e ele determina a visão, que tenho de antemão, daquilo que quero decifrar.

Quais são então os efeitos do turismo na vida pessoal e social das mulheres que trabalham no setor turístico de localidades turísticas, segundo elas mesmas? Este foi

problema que procurei resolver durante todo o processo da dissertação. Nas reflexões finais, retomo esta questão e tento respondê-la a partir do que aprendi e compreendi daquilo que as mulheres que entrevistei, em Parati e de Colônia do Sacramento, me relataram sobre suas vidas pessoais e profissionais e sobre suas cidades.

DOIS

Metodologia

Caminhos obscuros do pensamento

Trazer à memória e descrever, com “objetivação”, como recomenda Demo (1995) fluxos de pensamento, dúvidas, dificuldades, superações e opções teóricas e práticas que se desenrolaram em um período de vinte e quatro meses é uma tarefa complicada. Se eu tivesse passado por estes vinte e quatro meses, sentada diante desta tela de computador, frente a qual me encontro agora, ou encerrada dentro de uma biblioteca, cercada de livros, talvez, então, fosse mais fácil relatar o que se passou dentro da minha cabeça. Mas, todas as coisas boas e más que eu vivi, os livros que eu li, as músicas que eu ouvi, os filmes a que eu assisti, os lugares que eu visitei, as pessoas com quem eu falei, estiveram, estão e sempre estarão presentes em cada linha escrita neste trabalho. Simplesmente, eu não posso impedi-las de imiscuírem-se em minha dissertação. E talvez eu não queira mesmo que elas sejam omitidas. Duas pessoas, em especial, me ajudaram a aceitar a intromissão de meus sentimentos subjetivos na confecção deste trabalho acadêmico: meu orientador Renato e Edgar Morin.

Tratamento teórico do problema de estudo

A obra de Edgar Morin, *A cabeça bem-feita* (2003 [1999]), foi uma das primeiras leituras que fiz quando ingressei no mestrado. E desde então ela se tornou o ponto norteador por trás de minhas opções teóricas e práticas, ao longo deste trabalho. Por razões semelhantes às assinaladas por Morin (2003, p. 17-18), também creio que:

A cultura humanística é uma cultura genérica, que, pela *via* da filosofia, do ensaio, do romance, alimenta a inteligência geral, enfrenta as grandes interrogações humanas, estimula a reflexão sobre o saber e favorece a integração pessoal dos conhecimentos. A cultura científica, bem diferente por natureza, separa as áreas do conhecimento; acarreta admiráveis descobertas, teorias geniais, mas não uma reflexão sobre o destino humano e sobre o futuro da própria ciência. A cultura das humanidades tende a se tornar um moinho despossuído do grão das conquistas científicas sobre o mundo e sobre a vida, que deveria alimentar suas grandes interrogações; a segunda, privada da reflexão sobre os problemas gerais e globais, torna-se incapaz de pensar sobre si mesma e de pensar os problemas sociais e humanos que coloca.

É por conta de uma tentativa pessoal de superação desta disjunção entre as culturas científica e humanística, que escrevi esta dissertação utilizando-me da primeira pessoa do singular, por exemplo; ou que eu tenha iniciado meus capítulos narrando alguma experiência pessoal marcante; ou que eu cite trechos de letras de música como epígrafes.

Além disso, ainda que a obra de Morin dirija-se, especificamente, aos problemas do ensino e da educação, creio que os ensinamentos e postulados que compõem seu livro podem ser tomados como diretrizes para adoção de uma postura metodológica sensível ao fato de que, como expõe Morin (2003, p. 13):

Há inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre os saberes separados, fragmentados, compartimentados entre disciplinas, e, por outro lado, realidades ou problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários.

Esta minha postura metodológica *poli-inter-transdisciplinar*⁷, portanto, abraça e entrelaça uma ampla gama de proposições teóricas oriundas das mais diversas áreas do conhecimento, tais como a sociologia, a antropologia, a geografia, a economia, a ciência política, a comunicação - apenas para citar algumas.

⁷ Ver, por exemplo, Morin, 2003, p. 109.

A propósito, acredito que não poderia fazer esta pesquisa de outro modo, dada a complexidade do problema que me propus a estudar. Sua natureza “tridimensional”, por si só, requer uma postura metodológica aberta ao confronto e cruzamento das várias teorias e correntes do pensamento social. De que outra forma eu poderia conciliar em um único texto, de maneira coerente, um estudo que se ocupasse de compreender o fenômeno turístico e as relações de gênero que o perpassam e são perpassadas por ele, tendo como pano de fundo um espaço social mutuamente construído por forças locais e globais, e por meio das quais ambos são forjados e forjadores?

Tudo isto me levou, então, a questionar qual seria a melhor forma de abordar, metodologicamente, meu problema de estudo. Neste caso, uma abordagem positivista, por razões óbvias, estaria fora de questão⁸. E uma abordagem empirista não me permitiria dialogar, francamente, com as teorias que venho trazendo comigo há mais de dois anos⁹.

Durante todo tempo em que estive envolvida com a pesquisa pude perceber o quanto meu problema de pesquisa oscilou, ininterruptamente, do macro ao micro, da estrutura à ação, do objetivo ao subjetivo, do global ao local, do social ao individual.

Assim como Bourdieu (2007) procura resolver o problema da oposição recíproca entre *campo* e *habitus*, ou entre o objetivo e subjetivo, tão proeminente nas ciências sociais, em nenhum momento eu poderia permitir que um dos pólos se sobrepusesse ao seu contrário. Por esse motivo, tentar transcrever para o papel a dinâmica da realidade social concreta - em que a estrutura e o sujeito constroem-se mutuamente, em uma relação dialética - tornou-se um dos principais objetivos metodológicos que busquei alcançar com esta dissertação.

⁸ Ver, por exemplo, críticas ao paradigma científico positivista em Santos, 1989; Morin, 2003; Capra, 1994.

⁹ Ver, por exemplo, desvantagens de abordagem empirista em Demo, 1995.

Seguindo um esquema sucinto - cuja inspiração concedo à explanação das categorias básicas da dialética, feita por Demo, em *Metodologia das Ciências Sociais* (1995) - fui forjando e fundamentando meu problema de pesquisa.

Em primeiro lugar, sempre procurei manter em perspectiva a qualidade histórica dos fenômenos, construções sociais e categorias que compõem meu problema de estudo. O Turismo, o Gênero, a Globalização, são tomados aqui como criações humanas forjadas dentro da realidade social e, portanto, dotados de historicidade. Tal como Demo adverte, “só é tratável dialeticamente o fenômeno tipicamente histórico” (1995, p. 89).

No caso do Turismo, por exemplo, esteja sua origem e difusão associadas à sociedade moderna e industrial, como querem alguns autores (Boyer, 2003; Greenwood, 1989; Nash, 1989; Nuñez, 1989), ou que seu aparecimento remonte às sociedades pré-industriais, medievais ou antigas (Graburn, 1989), não seria possível negar, contudo, que “o turismo foi inventado” (Boyer, 2003, p. 19).

De maneira semelhante, no caso do Gênero, após ter tido “contato” com as biografias, obras e idéias de autoras como George Sand, as irmãs Brontë, Jane Austen, Virgínia Woolf; de ensaístas como Simone de Beauvoir, Betty Friedan; e de teóricas como Margaret Mead (2000 [1935]), Michelle Rosaldo e Louise Lamphere (1974), Carol MacCormack e Marilyn Strathern (1980), Gayle Rubin (1975), Henrietta Moore (2000 [1994]), Judith Butler (1990), Joan Scott (1986) - apenas para citar algumas - eu também não teria como recusar todo um processo histórico de construção social do Gênero, não só como prática, mas também como teoria; “for words, like the ideas and things they are meant to signify, have a history” (Scott, 1986, p. 1053).

Quanto ao caso da Globalização, e mais especificamente, toda a discussão sobre a relação dialética entre o local e o global que, atualmente, difundiram-se por grande

parte da literatura das ciências sociais, também se forjaram sócio-historicamente - talvez, desde quando Marx e Engels pronunciaram em seu *Manifesto do Partido Comunista*, no ano de 1848, que: “Pressionada pela necessidade de mercados sempre mais extensos para seus produtos, a burguesia conquista a terra inteira. Tem que imiscuir-se em toda a parte, instalar-se em toda a parte, criar relações em toda parte” (2001, p. 29). A partir de então, autores como Giddens (1991a, 2002, 1993, 1989), Bauman (1999), Appadurai (2005), Hall (1998; 2001; 2003), Burawoy et. al. (2000) entre outros, vêm recontextualizando uma idéia já há muito tempo evidenciada.

Tendo em mente, portanto, a qualidade histórica dos fenômenos e constructos sociais que compõem meu problema de estudo, fui levada a considerar o “pressuposto do conflito social”, a partir do qual, conforme Demo, pode-se deduzir que “toda formação social é suficientemente contraditória, para ser historicamente superável” (1995, p. 89-90)¹⁰.

Assim sendo, eu poderia pensar o Turismo de maneira semelhante. Se o “conflito social” for considerado em sua “condição de forma estrutural”, tal como quer Demo, arrisco-me a afirmar que um dos principais focos de tensão que percebo no Turismo encontra-se na “interação entre turistas e anfitriões” (Smith, 1989).

Com relação ao Gênero, me pareceu ser ainda mais evidente a luta travada entre “sociedade” e “indivíduo”, ou entre o “político” e o “privado”, como ressaltou Carol Hanisch e seu acalorado artigo *The Personal is Political*, de 1969. Uma autora em

¹⁰ Toma-se aqui a definição dada por Demo para *formação social*: “Entende-se por **formação social** a realidade que se forma processualmente na história, indigitável como **fase**, em duplo sentido: de um lado apresenta nível discernível de organização social, sobretudo captável pelas instituições que nela se coagulam, como seria, por exemplo, a fase capitalista, a fase feudal, a fase colonial, a fase industrial; de outro, apresenta o aspecto formativo histórico, sempre dinâmico, na unidade de contrários, ou seja, gesta dentro de si as condições de aparecimento da nova fase. Com isso retrata-se igualmente um traço marcante, embora muito discutível, da dialética, de dedicar-se preferentemente a vãos históricos de grande porte, dificultando posturas metodológicas que exigem teste empírico dos enunciados. Entretanto, seria pensável aplicar a dialética também a microfenômenos, a comunidades, por exemplo, embora prevaleça o sentido de **totalidade**.” (1995, p. 90, grifo do autor).

particular, Shulamith Firestone, até ousou declarar, na década de 1970, que “dans l’optique du féminisme radical, le nouveau féminisme n’est pas seulement la renaissance d’un mouvement politique sérieux, revendiquant l’égalité sociale. Il forme em réalité la deuxième vague de la révolution la plus importante de l’histoire” (1972, p. 27).

Já a Globalização, esta sim, não poderia escapar daquilo que parece ser seu principal foco de antagonismo: o embate entre o Local e o Global. De Marshall Sahlins à Zygmunt Bauman, seja na Antropologia, na Sociologia, ou na Geografia, este é o mais notável ponto de convergência dos vários teóricos que compõem meu repertório de leituras sobre a globalização.

Todavia, o verdadeiro desafio que enfrentei durante todo o processo de pesquisa foi sempre tentar visualizar meu problema de estudo em sua “totalidade”. Como ressalta Demo (1995, p. 93):

A realidade concreta é sempre uma totalidade dinâmica de múltiplos condicionamentos, onde a polarização dentro do todo lhe é constitutiva. [...] É possível, por artifício metodológico, isolar um componente, para vê-lo em si, desde que não se perca a perspectiva de que **“o todo é maior que a soma das partes”**. (grifo do autor)

Dado o caráter tridimensional de meu problema pesquisa, obviamente, é bem mais fácil, e às vezes necessário, dividí-lo em capítulos ou em partes. Entretanto, na realidade concreta, no dia a dia das mulheres que entrevistei, durante o decorrer dos dias nas cidades em que elas habitam; estes três “pedaços” da realidade, o Turismo, o Gênero e a Globalização não estão separados uns dos outros, como nesta dissertação.

Não seria possível examinar o grau de desenvolvimento e a estruturação característica do *trade* turístico, tanto em Parati, quanto em Colônia do Sacramento, sem

relacioná-los a atual mobilidade global do capital decorrente da desregulamentação dos serviços financeiros, seguida da privatização e internacionalização dos serviços em escala mundial, a partir de meados da década de 1980 (Chesnais, 1996). Não seria possível contemplar as transformações pessoais e profissionais experimentadas pelas mulheres empregadas no setor de turismo, tanto em Parati, como em Colônia do Sacramento, sem levar em consideração as diferentes conseqüências que o processo de globalização tem sobre o emprego e o trabalho feminino e masculino (Hirata, 2003). Assim como não seria possível apreender o fenômeno da globalização, e da luta entre o local e o global, sem “aterrá-lo” nas lutas da vida cotidiana e concreta (Burawoy et al., 2000). Como bem lembra Bourdieu: “é preciso pensar *relacionalmente*” (2007, p. 27-28).

Sendo assim, tomando como exemplo a postura de autores tais como Demo (1995) e Bourdieu (2007), eu também não poderia perder de vista tanto o caráter “objetivo” da realidade social, o “espaço social das relações objetivas”, o “*campo*” de Bourdieu, quanto o seu caráter “subjetivo”, o “*habitus*” do agente social, ou seja, suas “capacidades ‘criadoras’, inventivas”, seu “conhecimento prático”. Visto que, segundo Demo, tem-se “[...] de um lado, a realidade dada, como ponto objetivo de partida; de outro, a capacidade política de agir, não só no sentido de se organizar de modo competente, mas igualmente de influenciar o quadro objetivo, para torná-lo favorável” (1995, p. 96-97).

Como eu poderia, por exemplo, interpretar as ações e opiniões das mulheres, que entrevistei, sobre suas carreiras profissionais, sem levar em consideração as condições de emprego, profissionalização e intelectualização nas cidades que elas habitam? Como eu poderia compreender a trajetória de vida e o pensamento que cada uma destas mulheres tem sobre sua emancipação financeira e individual, sem considerar a estrutura

e os valores familiares e sociais que cada uma delas traz consigo em suas experiências de vida? Como eu poderia desvendar os efeitos do turismo na vida pessoal e profissional destas mulheres, sem possuir o mínimo conhecimento sobre o tipo, o grau de desenvolvimento, a estruturação e trajetória da atividade turística em ambas as cidades estudadas? Como eu poderia entender as formas de reações destas mulheres aos efeitos do turismo, sem considerar suas diversas posições em um espaço social dividido entre classes, cor, gênero, nível educacional, etc? Foi, portanto, imprescindível conseguir equilibrar, ao longo de meu estudo, o “nível de relevância” entre as duas “condições”, fossem elas objetivas ou subjetivas.

Além disso, também tive que respeitar o fato de a realidade social mover-se, concretamente, por entre a “unidade dos contrários” (Demo, 1995, p. 97). Assim como Demo, creio que o cotidiano se faz por meio de um constante conflito de interesses, de uma persistente disputa pelo poder, de luta e inconciliação entre desiguais. Não é tão difícil perceber, quando se vai a campo, por exemplo, através das falas das mulheres entrevistadas, esta característica tão marcante da realidade social dialética: a disputa travada entre elas e seus empregadores, entre elas e seus maridos, entre elas e a sociedade em geral; o choque de interesses entre o poder público e o poder privado na administração turística de ambas as cidades; competição entre as cidades e localidades vizinhas por turistas e investimentos; o conflito entre turistas e populações receptoras; etc. Nas palavras de Demo (1995, p. 98-99):

É fundamental entender que qualidade política somente é realizável na unidade de contrários. Muitas vezes fazemos de processos participativos a idéia apressada de consensos fáceis e duradouros. Muito pelo contrário, toda comunidade histórica, desde que viva, produtiva, aproxima-se mais da imagem de um caldeirão, onde as coisas fervem. Há choques de interesse, há desgaste no tempo, há luta e labuta. Participar significa conquistar espaço próprio, reduzindo poder de outrem. Por isso, participação sempre causa problemas. Caso contrário, nada acontece. [...] É fundamental ver a unidade de contrários também na cotidianidade. A sabedoria popular pode

cometer erros científicos graves, mas sabe mais que a ciência que a felicidade humana é totalidade conflitiva, pois o cotidiano, de si, é triste. [...] Não é da gargalhada que se vive todo dia.

Contudo, talvez eu nunca pudesse ter terminado esta dissertação não fosse a busca incessante de fazer dialogar, concretamente, a teoria aprendida com a prática vivenciada. Não me serviria de nada decorar todos os estudos sobre os efeitos sócio-culturais do turismo, se eu não fosse verificar, na realidade cotidiana das mulheres que entrevistei, se eles procedem tal como seus autores os colocam. Não adiantaria nada me consumir em leituras sobre teoria feminista e estudos de gênero, se eu não fosse capaz de incorporar todo este conhecimento na análise da vida diária de uma mulher real de Parati e de Colônia do Sacramento. E, não teria lógica alguma estudar teorias da globalização, se eu não pudesse perceber e experimentar os efeitos das forças globais na vida mundana dos locais. Tal como coloca Demo: “Uma das marcas mais centrais da dialética é reconhecer a essencialidade da prática histórica, ao lado da teoria, não aceitando a disjunção entre estudar problemas sociais e enfrentar problemas sociais” (1995, p. 101).

Tratamento prático do Problema de Estudo ou Procedimentos Metodológicos

Diante de tudo que foi exposto acima, não foram poucos os momentos em que me perguntei como eu poderia proceder, praticamente, em minha aproximação com meu problema de estudo.

Segundo Bourdieu (2007, p. 24):

[...] as opções técnicas mais ‘empíricas’ são inseparáveis das opções mais ‘teóricas’ de construção do objeto. É em função de uma certa construção do objeto que tal método de amostragem, tal técnica de recolha ou de análise dos dados, etc. se impõe.

O irônico é que eu só pensei, com afinco, em Metodologia quando, realmente, precisei sentar e escrever, em palavras criteriosamente “objetivadas”, de maneira organizada e com o mínimo de “rigor científico”, tudo aquilo que ficou, literalmente, martelando minha cabeça durante dias, como, por exemplo: a elaboração do roteiro de entrevista; ou a forma como eu iria abordar as prováveis entrevistadas; ou quais seriam os critérios de seleção dessas prováveis entrevistadas; ou quais seriam as cidades escolhidas; ou porque estas cidades seriam as escolhidas; ou como eu iria gravar as entrevistas; ou quantas entrevistas seriam realizadas; ou quantos dias eu iria passar em cada cidade; ou quanto tempo duraria as entrevistas; ou se eu teria tempo e disponibilidade para voltar às cidades e coletar informações que ficaram faltando ou que eu me esqueci de coletar na primeira visita; ou o que tratamento eu daria as entrevistas brutas; ou de que fontes de informação, primárias e secundárias, eu faria uso; ou seja, tudo aquilo de que eu dependeria para realizar a pesquisa em si.

Desde o começo, pensando sobre meu problema de estudo, sempre ficou claro para mim que, fosse qual fosse o tipo de pesquisa ou a técnica de coleta de dados utilizada, eu deveria ser capaz de entrar em contato direto, real, com meus sujeitos e lugares de pesquisa. Logo, eu não teria como evitar *algum* trabalho de campo, por exemplo.

Procurando saber a melhor maneira de proceder em campo, tornei-me ciente de alguns dos percalços que eu poderia vir a enfrentar, quando estivesse realizando o trabalho de campo, através da leitura do ensaio de Alba Zaluar, “Teoria e Prática do Trabalho de Campo: Alguns Problemas”, de 1986. Obviamente a autora alerta, principalmente, aos antropólogos para os problemas teóricos e práticos da técnica etnográfica, mas, adaptando suas recomendações ao meu *proto-trabalho de campo*, pude extrair valiosas considerações que foram fundamentais, creio eu, para a realização

de um bom trabalho de campo. Como, por exemplo, tentar evitar “o menosprezo [...] deste longo e penoso trabalho de recolher e entender o significado (ou os significados) que têm para os ‘nativos’ suas ações, idéias, rituais, conversas informais, instituições, etc.” (p. 107-108); ou tentar questionar minha “posição” enquanto observadora estranha àquelas mulheres e cidades (p. 109), para não tomar como resolvido e sabido o que eu iria encontrar e descobrir com elas e em suas cidades; ou tentar transmitir o “contexto da ação do que foi dito” (p. 110), sem esquecer-se de narrar como obtive e como se deu a entrevista, ou quem era a entrevistada; ou tentar estar atenta aos “diferentes impactos” que as minhas questões suscitariam nas mentes daquelas mulheres (p. 115).

Quis, portanto, trazer à luz, e ao leitor, todas as tribulações e condições em meio às quais minha pesquisa prática foi conduzida (Tedlock, 1991). Tal como sugere Malinowski em *Argonautas do Pacífico Ocidental* (2005 [1922], p. 2-3):

The results of scientific research in any branch of learning ought to be presented in a manner absolutely candid and above board. No one would dream of making an experimental contribution to physical or chemical science, without giving a detailed account of all the arrangements of the experiments; an exact description of the apparatus used; of the manner in which the observations were conducted; of their number; of the length of time devoted to them, and of the degree of approximation with which each measurement was made. [...] In Ethnography, where a candid account of such data is perhaps even more necessary, it has unfortunately in the past not always been supplied with sufficient generosity, and many writers do not ply the full searchlight of methodic sincerity, as they move among their facts but produce them before us out of complete obscurity.

It would be easy to quote works of high repute, and with a scientific hall-mark on them, in which wholesale generalizations are laid down before us, and we are not informed at all by what actual experiences the writers have reached their conclusion. No special chapter or paragraph is devoted to describing to us the conditions under which observations were made and information collected. I consider that only such ethnographic sources are of unquestionable scientific value, in which we can clearly draw the line between, on the one hand, the results of direct observation and of native statements and interpretations, and on the other, the inferences of the author, based on his common sense and psychological insight.

In Ethnography, the writer is his own chronicler and the historian at the same time, while his sources are no doubt easily accessible, but also supremely elusive and complex; they are not embodied in fixed,

material documents, but in the behavior and in the memory of living men. In Ethnography, the distance is often enormous between the brute material of information—as it is presented to the student in his own observations, in native statement, in the kaleidoscope of tribal life— and the final authoritative presentation of the results. The Ethnographer has to traverse this distance in the laborious years between the moment when he sets foot upon a native beach, and makes his first attempts to get into touch with the natives, and the time when he writes down the final version of his results.

Meu intento era, justamente, realizar um estudo etnográfico, por meio da técnica de observação participante, tal como Willian Foote Whyte, em *Street Corner Society* (1967 [1943])¹¹. Porém, minha pesquisa transfigurou-se, essencialmente, em um “estudo exploratório”¹², no qual se emprega uma “abordagem qualitativa de análise”¹³, e em que se recorre, fundamentalmente, à técnica da “entrevista”¹⁴, como recurso de coleta de dados.

Sobre minha escolha pela metodologia qualitativa, acredito ter sido fundamental a leitura do artigo de Heloisa Martins, “Metodologia Qualitativa de Pesquisa”, de 2004, no qual a autora discorre a respeito das principais críticas e proveitos da utilização das metodologias qualitativas em ciências sociais. Em primeiro lugar, aqui, neste trabalho,

¹¹ Whyte WF. *Street Corner Society: the social structure of an italian slum*. Chicago: University of Chicago Press; 1967. Rogo humilde e sinceramente a complacência de todos os antropólogos e sociólogos do mundo, mas um pesquisador precisa sonhar sua pesquisa, dar asas a sua imaginação, e não apenas planejá-la fria e milimetricamente; assim como eu imaginei, aliás, todos esses meses, o que eu gostaria de ter feito da minha experiência em campo, e que por conta do par “tempo e dinheiro” não pude fazer.

¹² De acordo com Gil (1999, p. 43) as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade **desenvolver, esclarecer e modificar** conceitos e idéias, tendo em vista, a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam **menor rigidez no planejamento**. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, **entrevistas não padronizadas** e estudos de caso. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados **não** são costumeiramente aplicados nestas pesquisas. (grifo nosso)

¹³ Para Martins (2004, p. 292) é preciso esclarecer, antes de mais nada, que as chamadas metodologias qualitativas privilegiam, de modo geral, da análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais. Realizando um exame intensivo dos dados, tanto em amplitude quanto em profundidade, os métodos qualitativos tratam as unidades sociais investigadas como totalidades que desafiam o pesquisador. Neste caso, a preocupação básica do cientista social é a estreita aproximação dos dados, de fazê-lo falar da forma mais completa possível, abrindo-se à realidade social para melhor apreendê-la e compreendê-la.

¹⁴ Conforme Gil (op. cit., p. 117) pode-se definir a entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

assumo que “a neutralidade não existe e a objetividade é relativa” (Martins, 2004, p. 292). Em segundo lugar, sempre estive ciente da maior “flexibilidade” e “heterodoxia” proporcionadas e requeridas, pela metodologia qualitativa, no momento de obtenção e análise dos dados coletados (p. 292), e, portanto, dos problemas decorrentes destas duas características marcantes da pesquisa qualitativa. Em terceiro lugar, sempre procurei levar em consideração o problema da “representatividade”, ou seja, em “garantir” que as mulheres e as cidades escolhidas fossem suficientemente “representativas do conjunto do qual fazem parte”, para que eu pudesse exercer um mínimo de “generalização”¹⁵ durante a análise dos dados coletados (p. 293). Em quarto lugar, nunca procurei esconder o forte tom de “subjetividade” que compõe minha dissertação, mesmo correndo o risco da “acusação de falta de confiabilidade em relação a dados obtidos a partir da relação entre pesquisador e pesquisado marcada por sentimentos” (p. 294); aliás, de que outra forma eu poderia pedir que uma entrevistada me contasse sobre sua trajetória pessoal, ou sobre detalhes de sua vida cotidiana, sem antes criar uma atmosfera “amigável” e “confortável” entre nós? Em quinto e último lugar, me preocupei, constantemente, com a possibilidade das entrevistadas omitirem, encobrirem ou distorcerem, propositalmente, as informações que eu estaria pedindo a elas, e, por conseguinte, com a inevitável “desconfiança acerca da confiabilidade” de seus depoimentos e a desconcertante “busca de apreensão da verdade dos acontecimentos narrados por um informante” (p. 295)¹⁶.

¹⁵ Para Martins (op. cit., p. 295): Não cabe [...], no uso da metodologia qualitativa, a preocupação com a generalização, pois o que a caracteriza é o estudo em amplitude e em profundidade, visando a elaboração de uma explicação válida para o caso (ou casos) em estudo, reconhecendo que o resultado das observações são sempre parciais.

¹⁶ Nas palavras de Martins (op. cit., p. 295): Como uma possibilidade de resposta a esse tipo de preocupação lembro a perspectiva teórica de Clifford Geertz (1978), segundo a qual os cientistas sociais lidam sempre com *interpretações*, sendo que a por eles construída é a **interpretação da interpretação** fornecida pelo pesquisado. (grifo nosso)

Agora, as entrevistas, estas sim se tornaram algo inquietante e desesperador. O que perguntar; como perguntar; a quem perguntar? Primeiro, tive de optar pelo tipo de entrevista que iria realizar. Acredito que elas tenham oscilado entre algo como entrevistas de “história de vida”¹⁷ e entrevistas “semi-estruturadas”¹⁸: as entrevistas de “história de vida” porque se procura através delas apreender os vários e variados “pontos de vista” dos entrevistados, os quais, por mais pessoais e íntimos que sejam, sempre são registros de práticas sociais e das formas com que os indivíduos se inserem e atuam no mundo e nos grupos dos quais fazem parte (Bertaux, 1980); e as entrevistas semi-estruturadas porque estas se baseiam, justamente, na “interação” entre entrevistado e entrevistador, favorecendo assim “respostas espontâneas” e possibilitado “uma abertura e proximidade maior entre entrevistador e entrevistado”; o que, aliás, “permite ao entrevistador tocar em assuntos mais complexos e delicados”, e facilita conseqüentemente, “a investigação dos aspectos afetivos e valorativos dos informantes que determinam significados pessoais de suas atitudes e comportamentos” (Boni, Quaresma, 2005, p. 75). Segundo, tive que determinar a amostra que comporia todas as vozes que seriam ouvidas em minha pesquisa. O tipo de amostra utilizado aqui é o que se costuma chamar de “amostra não-probabilística por acessibilidade ou

¹⁷ De acordo com Boni e Quaresma (2005, p. 73) a técnica de entrevista de história de vida (HV), funciona como uma entrevista em profundidade, “na qual o pesquisador constantemente interage com o informante. Sua principal função é retratar as experiências vivenciadas por pessoas, grupos ou organizações. (...) A HV tem como ponto principal permitir que o informante retome sua vivência de forma retrospectiva. Muitas vezes durante a entrevista acontece a liberação de pensamentos reprimidos que chegam ao entrevistador em tom de confiança. Esses relatos fornecem um material extremamente rico para análise. Neles se encontram o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual”.

¹⁸ Na definição de Gil (op. cit., p. 120), a entrevista semi-estruturada é o que o autor denomina como entrevista por pauta, a qual, “apresenta certo grau de estruturação, já que se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso”, e onde o “entrevistador faz poucas perguntas diretas e deixa o entrevistado falar livremente”, e em que “quando este se afasta delas, o entrevistador intervém, embora de maneira suficientemente sutil, para preservar a espontaneidade do processo”. De acordo com Gil, “as entrevistas por pautas são recomendadas sobretudo nas situações em que os respondentes não se sintam à vontade para responder a indagações formuladas com maior rigidez”. Além disso, a principal vantagem desse tipo de entrevista, segundo Boni e Quaresma (2005), consiste maior possibilidade de investigação dos aspectos afetivos e valorativos dos informantes que determinam significados pessoais de suas atitudes e comportamentos.

conveniência”¹⁹, e os “critérios” básicos de escolha das entrevistadas foram: *idade* (ter de 25 a 35 anos); *naturalidade* (ter nascido e habitar as cidades de Parati e Colônia do Sacramento); e *ocupação* (estar empregada no setor de turismo de sua respectiva cidade).

Foram realizadas dez entrevistas, seis em Parati, quatro em Colônia do Sacramento. Destas, oito foram registradas com auxílio de um gravador digital, duas foram colhidas a mão, a pedido das entrevistadas. Em média, as entrevistas duraram de uma a uma hora e meia, porém, cheguei a passar, aproximadamente, duas horas com algumas das entrevistadas, às vezes até mais, explicando os pormenores de minha pesquisa e tentando estabelecer um contato menos formal com as mesmas. Sem contar que foram realizadas duas versões do roteiro de entrevista, uma em português e outra em espanhol. A faixa etária das entrevistadas varia entre vinte e cinco e trinta e cinco anos e o propósito por trás da determinação da idade das entrevistadas seria garantir que o estudo, na medida do possível, refletisse a passagem dos últimos trinta anos e, portanto, documentasse um período da história de Colônia do Sacramento e de Parati onde o desenvolvimento da atividade turística se fez sentir de modo mais destacado. Ou seja, eu pretendia justamente registrar, através da memória de minhas entrevistadas, o “boom” do turismo em ambas as cidades - visto que todas elas vivenciaram, claramente, este “fato” durante suas trajetórias de vida em Parati e em Colônia do Sacramento.

A escolha pela técnica da entrevista me pôs diante da questão de como tratar as mulheres entrevistadas. Elas são, afinal, objetos ou sujeitos de pesquisa? Minha relação com elas seria definida pela dicotomia “sujeito pesquisador - objeto pesquisado” ou pela analogia entre “sujeito pesquisador - sujeito pesquisado”. Por razões já esclarecidas

¹⁹ De acordo com Gil (op. cit., p. 104) este tipo de amostra “constitui o **menos rigoroso** de todos os tipos de amostragem. Por isso mesmo é **destituída de qualquer rigor estatístico**. O pesquisador **seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo**. Aplica-se este tipo de amostragem em estudos **exploratórios** ou **qualitativos**, onde não é requerido elevado nível de precisão”. (grifo nosso)

optei por tratá-las como sujeitos de pesquisa e não objetos. A escolha dessa postura apóia-se na proposição da crise do paradigma científico cartesiano, ressaltada, atualmente, por alguns autores, tais como Fritjof Capra (1994), Edgar Morin (2007) e Jacques Le Goff (2000). A impossibilidade de adotar em minha pesquisa um distanciamento cartesiano entre sujeito pesquisador e objeto pesquisado, levaram-me a assumir a relação recíproca entre um sujeito pesquisado e um sujeito pesquisador, já que, como alerta Seixas (2006, p. 42):

(...) o pesquisador é parte indissociável do sistema em que se insere. Por esse motivo, no momento em que o sujeito pesquisador pretende ser objetivo, inexoravelmente será refém de suas emoções, de sua criatividade, do meio natural ou cultural em que vive, de suas experiências, de seus sentidos que medeiam suas relações com o universo, das interferências que sofre por parte de outros seres. Nenhuma análise desse sujeito estará imune a esses ou a outros fatores, de modo que as observações que fizer a respeito de um fenômeno particular deverão, necessariamente, ser contextualizadas nas múltiplas dimensões a que tal sujeito está exposto.

Além disso, tive também de me deter na abordagem comparativa²⁰ entre os espaços sócio-econômicos e territoriais em que minhas entrevistadas vivenciam seus cotidianos, neste caso, as cidades de Parati e Colônia do Sacramento. Comparar as realidades das mulheres paratienses com as das mulheres colonense, creio, permite romper com a singularidade de suas situações brasileira e uruguaia, e explicar como se dão as distintas relações entre o individual e o social, em dois ou mais contextos nacionais, políticos, econômicos e culturais diferentes.

²⁰ De acordo com Gil (op. cit., p. 34) o método comparativo indica os meios técnicos de investigação, fornecendo a orientação necessária à realização da pesquisa social, sobretudo, na obtenção, interpretação e análise do material coletado. A abordagem comparativa “procede pela investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vistas a ressaltar as diferenças e similaridades entre eles. Sua ampla utilização nas ciências sociais deve-se ao fato de possibilitar o estudo comparativo de grandes agrupamentos sociais, separados pelo espaço e pelo tempo. (...) Algumas vezes, o método comparativo é visto como mais superficial em relação a outros. No entanto, há situações em que seus procedimentos são desenvolvidos mediante rigoroso controle e seus resultados proporcionam elevado grau de generalização.”

Ao tentar explicar e compreender essas relações distintas siga a lição de Weber (2001 [1904]) de que a realidade social não pode ser totalmente apreendida sem que se leve em consideração sua dimensão subjetiva e simbólica, dimensão esta que cada cultura e civilização, distribuídas pelo espaço e ao longo da História, se encarregou de forjar para si. Assim sendo, a abordagem comparativa, em Weber, funciona como um “elemento racional de controle” da observação e registro das manifestações e interpretações de um mesmo fenômeno em diversas culturas e épocas históricas (Fernandes, 1980, p. 94), contribuindo, pois, para a construção do conhecimento sociológico da realidade. De acordo com Weber (2001, p. 126-127):

Supondo que alguma vez, quer por meio da psicologia, quer de qualquer outro modo, se conseguisse decompor em fatores últimos e simples todas as conexões causais imagináveis da coexistência humana, tanto as que já foram observadas, como as que um dia será possível estabelecer, e supondo que se conseguisse abrangê-las de modo exaustivo numa imensa casuística de conceitos e de regras com a rigorosa validade de leis, o que significaria este resultado para o conhecimento, quer do mundo cultural historicamente dado, quer de algum fenômeno particular, como o do capitalismo na sua evolução ou no seu significado cultural? Como meio de conhecimento, não significa nem mais nem menos que aquilo que um dicionário das combinações da química orgânica significa para o conhecimento biogenético dos reinos animal e vegetal. Tanto num caso como noutro, ter-se-á realizado um importante e útil trabalho preliminar. Todavia, e, tanto num caso como noutro, tornar-se-á impossível chegar algum dia a deduzir a realidade da vida a partir destas “leis e fatores”. Não por subsistirem, ainda, nos fenômenos vitais, determinadas “forças” superiores e misteriosas (...) mas simplesmente porque, para o conhecimento da realidade, só nos interessa a constelação em que estes fatores (hipotéticos) se agrupam, formando um fenômeno cultural historicamente significativo para nós; e também porque, se pretendermos “explicar causalmente” estes agrupamentos individuais, teríamos de nos reportar constantemente a outros agrupamentos igualmente individuais, a partir dos quais os explicássemos, embora utilizando, naturalmente, os citados (hipotéticos) conceitos denominados leis.

Parati e Colônia do Sacramento são, portanto, os pontos distribuídos no espaço em que as vidas das mulheres que entrevistem se desenrolam. Entretanto, ao proceder

na escolha das cidades, tive que atentar para alguns critérios que possibilitassem uma comparação coerente e proporcional entre ambas.

O interesse em Parati decorre da uma inquietação pessoal acerca da recente relevância turística que a cidade vem assumindo, nas últimas décadas, no cenário regional, nacional e mundial, em função da sua importância histórica e de seu rico acervo artístico e arquitetônico tombado. É, justamente, esta atratividade turística, exercida pelo seu conjunto arquitetônico colonial, pelos museus, igrejas, pelas expressões artísticas e pelas belezas naturais circundantes, valorizadas pelo marketing publicitário por meio da divulgação e exibição de suas imagens, paisagens e símbolos vendidos ao mercado turístico, que vem transformando Parati em um dos principais destinos turísticos histórico-culturais do país.

Como Parati foi minha primeira escolha, procurei compará-la à outra cidade sul-americana que lhe fosse de certa forma semelhante; pelo menos no que diz respeito ao seu “turismo típico”, neste caso o turismo histórico-cultural²¹. Seguindo estes mesmos critérios que deveriam, portanto, determinar a escolha desta outra cidade que serviria de contraponto à Parati, no cenário latino-americano, encontrei Colônia do Sacramento, uma cidade uruguaia localizada na margem norte do Rio da Prata e reconhecida por seu traçado arquitetônico colonial singular quando comparado com o de outras cidades uruguaias. Atualmente, Colônia do Sacramento é o terceiro maior ponto de entrada de turistas internacionais no Uruguai, atrás apenas de Punta del Leste e Montevideo²², e graças ao seu status de Patrimônio Cultural da Humanidade, concedido pela UNESCO em 1995, o “turismo típico” de Colônia do Sacramento é o turismo cultural, assim como em Parati. Logo, este é o principal ponto de intersecção entre Parati e Colônia do

²¹ Tomo aqui, como referência, a definição de Ted Silberberg (1995, p. 361), segundo o qual o Turismo Cultural caracteriza-se por: “visits by persons from outside the host community motivated wholly or in part by interest in the historical, artistic, scientific or lifestyle/heritage offerings of a community, region, group or institution”.

²² Informação coletada no website www.turismo.gub.uy em outubro de 2009.

Sacramento (metodologicamente adotado nesta pesquisa) que justifica minha opção por estas duas cidades. Dessa maneira, o motivo da escolha de duas cidades que possuem como principal diferencial e atrativo, seu patrimônio histórico e cultural, baseia-se na tentativa de trabalhar duas localidades que partilhassem de um porte e de uma infraestrutura, oferta e demanda turísticas, no mínimo, similares.

Estas opções e caminhos metodológicos, tanto teóricos quanto técnicos, permearam toda a minha experiência no trabalho de campo e forneceram - juntamente com o arcabouço teórico que recolhi ao longo das leituras sobre teoria feminista, sobre efeitos sócio-culturais do turismo e sobre globalização social e cultural - os meios de ler e interpretar os relatos de minhas entrevistadas e das situações em que se realizaram nossas entrevistas. Apresento a seguir meus sujeitos de pesquisa, transmito suas vozes e suas histórias e as faço dialogar com as teóricas feministas que selecionei para fazerem parte deste trabalho; sobre essa intenção repousa a primeira parte da dissertação, e os três capítulos que a compõem.

PARTE UM

Pintando Cotidianos e Narrativas Privadas

TRÊS

Seis Mulheres de Parati

Eu ainda me lembro como se fosse hoje, quando eu era criança, e viajava com minha família para Parati, nas férias de verão. Nós sempre chegávamos pela manhã, meu pai e meu tio estacionavam o carro frente à Praça da Matriz e saiam à procura de um passeio de escuna para passar o dia, ou como dizia meu pai, “pra passear”! Muitas vezes éramos abordados, no meio da rua, por rapazes oferecendo “o mais barato” passeio de escuna da cidade. Meu tio e meu pai “negociavam” um pouco, minha mãe e minha tia davam mais uma “chorada com o moço” e eles acertavam os trâmites do passeio ali mesmo, no meio da rua. E lá nos íamos, eu, meu irmão e primos, eufóricos, rumo ao cais do porto, embarcar em mais um passeio de escuna em Parati.

O dia quente e regado a muitos mergulhos em praias de águas mornas e cristalinas passava depressa, e já à tardinha voltávamos todos famintos e salgados de água do mar. Novamente, meu pai e meu tio saiam em busca de um lugar “bom e barato” para almoçarmos, e minha tia e minha mãe davam alguns palpites sobre o preço e discutiam o que seria melhor para as crianças comerem depois de um dia de praia. A “boa pedida” era sempre um peixe com molho de camarão ou linguado com *catupiry*.

Depois de “matarmos nossa fome”, sempre sobrava tempo para darmos uma volta pelo centro histórico. Minha mãe e minha tia arrastavam, eu e minha prima, pela “*Via Crucis*” que era entrar e sair de todas as benditas lojinhas de artesanato existentes no centro histórico. Meu irmão e primos corriam para aquele que parecia ser o único “fliperama” de Parati, sempre lotado e disputadíssimo por moleques “turistas” e

moleques “da cidade”²³. E meu pai e meu tio iam logo atrás de uma “cachaça da boa” para comprar. À noitinha, eles, homens, já estavam à espera de nós mulheres, sentados e impacientes, no banco da Praça da Matriz. Meu pai e tio sempre nos recebiam com a típica frase: “Mas o que tanto essa mulherada olha e compra!”; ao que minha tia e minha mãe sempre respondiam: “Olha só que bonitinho o que eu comprei pra por lá em casa!”.

Depois disso, sempre dava tempo para um sorvete, um café, um churro, ou uma cocada daquelas dos rapazes que ficam com seus tabuleiros estrategicamente localizados nas esquinas do centro histórico, ou um brinquinho daqueles dos hippies que ficam com suas barraquinhas em volta da Igreja da Matriz. Assim acabava o dia, e após toda aquela diversão era chegada a hora de voltarmos para Caraguatatuba, para a casa de praia de meu avô, onde estávamos todos hospedados.

É interessante como agora - depois de ter me aprofundado na leitura dos estudos feministas e de gênero - ficam claras as relações de gênero que atravessavam as experiências que vivi quando menina. Mais interessante ainda é que estas mesmas relações não transpassam apenas as experiências dos turistas, mas também a vida e as experiências dos habitantes, homens e mulheres, das cidades que recebem os turistas (Smith, 1989; Swain, 1989; Van den Berghe, 1992; Cone, 1995; Harvey et al., 1995; Moore, 1995; Garcia-Ramon et al., 1995; Wilkinson, Pratiwi, 1995).

Relembrando, todas as vezes que estive em Parati, de meados da década de 1980 até finais da década de 1990, algumas cenas características tomam hoje um novo tom. Por exemplo: quando éramos abordados, no meio da rua, pelos “anunciantes” dos passeios de escuna, noto, agora, que eram sempre rapazes jovens; quando entrávamos nas lojinhas de artesanato, éramos atendidos sempre por mulheres jovens ou mulheres

²³ Já faz alguns anos que este ponto de diversão juvenil fechou suas portas; hoje em dia, a garotada da cidade é mais “ligada” em computadores, e agora o que eles disputam é uma hora de acesso à Internet, com os turistas estrangeiros, nas inúmeras *lan-houses* espalhadas pela cidade.

de meia-idade; nas escunas, o capitão era sempre um homem de meia-idade e entre seus ajudantes era raro encontrarmos mulheres, mas não impossível; nas ruas, quando víamos um tabuleiro de doces eram sempre senhores ou senhoras idosas, ou rapazes, que tomavam conta deles nas esquinas, nunca cheguei a ver uma moça ou uma mulher guardando os tabuleiros; nas recepções das pousadas, às vezes encontrávamos homens, às vezes mulheres, mas quando chegávamos tarde da noite, sempre encontrávamos rapazes, e nunca víamos uma recepção entregue a uma mulher sozinha, no meio da madrugada, e quando surpreendíamos alguém limpando os quartos, sempre eram mulheres, já quando surpreendíamos alguém, fazendo serviços de manutenção, jardinagem ou limpando piscinas, sempre eram homens; já nas barraquinhas dos *hippies*, coincidentemente, ou não, tudo parecia ser mais “equilibrado”, às vezes víamos o que parecia ser um homem e sua esposa, ou um homem jovem sozinho, ou uma mulher jovem sozinha, às vezes uma mãe e seu filho ou filha, às vezes um pai, uma mãe e seus filhos, todos juntos confeccionando anéis, brincos e colares; nos restaurantes éramos mais atendidos por garçons, jovens ou de meia-idade, do que por garçonetes, era mais difícil, mas não impossível - geralmente, elas estavam no caixa; quando entrávamos nas igrejas e museus víamos sempre senhoras ou senhores guardando as portas e a entrada dos turistas²⁴. E assim por diante.

Atualmente, noto que algumas coisas mudaram; outras, nem tanto. Os “anunciantes” dos passeios de escuna praticamente sumiram das ruas. Nas lojinhas de artesanato, contudo, as mulheres e moças ainda continuam a nos atender, mas entrei em algumas lojas onde eram os rapazes que estavam atrás do balcão. Nas escunas já vemos algumas poucas mulheres, e, até mesmo uma de minhas entrevistadas disse pilotar o

²⁴ Pode ser arriscada a utilização dos advérbios de intensidade, *sempre* e *nunca*, mas, faço isso, justamente, com o intuito de *intensificar* aquilo que mais retive em minha memória. Até porque, a literatura e as pesquisas sobre segregação ocupacional por gênero no mercado de trabalho, parecem corroborar minhas lembranças de criança. Ver, por exemplo, Preston, 1999; Padavic e Reskin, 2002; Watts, 1993; OIT, 2007; Meyer, 2003.

barco de passeio de sua operadora de mergulho. Lembro de ter passado por muitos tabuleiros de doces, e de que um deles estava sendo guardado por uma mulher com cerca de quarenta anos, porque os outros estavam sob os cuidados de rapazes. Nas pousadas a situação parece não ter mudado muito, ou seja, mulheres ou homens de dia, apenas homens à noite, mulheres camareiras e homens zeladores; algo interessante ocorreu, contudo, na pousada onde eu estava hospedada: o rapaz que cobria o turno da madrugada estava de folga e a moça do período da tarde teve de dobrar seu turno e cobrir o horário da madrugada, porém, ela não passou a noite sozinha na recepção, seu namorado lhe fez companhia. A situação dos *hippies* também não apresenta grandes transformações. Nos restaurantes, por outro lado, as mudanças são mais perceptíveis: na cozinha vemos homens e mulheres, nos salões vemos homens e mais mulheres; estive em um restaurante que contava apenas com garçonetes, algo incomum, há dez anos. Nas Igrejas e museus, tudo parece estar como sempre foi. Outra mudança, recente, diz respeito à proliferação, a partir de meados da década de 1990, e principalmente depois do ano 2000, das agências e operadoras de receptivo em Parati, dessas que oferecem passeios de *jipe*, de barco, em trilhas, *city-tours*, etc.; todavia, a história se repete, porque quem dirige o *jipe* é homem, e quem atende os turistas no balcão de recepção são moças, às vezes encontramos mulheres fazendo serviço de guia, mas, vêem-se mais homens, já os proprietários dessas agências e operadoras podem ser homens ou mulheres, ou mais comumente, casais de sócios. As charretes, puxadas por cavalos, que circulam com os turistas pelo centro histórico são guiadas por homens, e muitas vezes, meninos.

Não foi tão óbvio, entretanto, decidir-me sobre meu ponto de partida, ou aquilo que seria o principal foco de minha investigação, quando estava prestes a iniciar o trabalho de campo, em julho de 2009. Foi somente após minha partida de Parati, e

depois de ter transcrito as entrevistas no computador, que comecei a poder sentir com mais constância aquilo que se tornaria o ponto central de minha dissertação: a trajetória pessoal e profissional das entrevistadas.

Neste capítulo espero poder narrar o que surgiu de meus encontros com seis mulheres que nasceram, vivem e trabalham em Parati.

Relato das experiências e resultados do trabalho de campo em Parati

Era dia 20 de julho de 2009, segunda-feira, por volta das treze horas da tarde, quando cheguei à rodoviária de Parati. Fui direto para a pousada em que ficaria hospedada por cinco dias. Lá conheci Agnes, uma das mulheres por mim entrevistada, mas não a primeira. Ela estava passando pelo pátio interno da pousada com um balde e uma vassoura nas mãos. Estava fazendo seu trabalho. Agnes é camareira. Cumprimentamo-nos rapidamente, ela passou por mim e trocamos um “oi” com sorrisos.

Eu tinha pressa, pois teria pouco tempo para ficar em Parati, contudo, estava ciente de que não poderia realizar mais de uma dezena de entrevistas, pois cada entrevistada e sua história deveriam receber um tratamento aprofundado e desvelado, e, dada minha experiência com pesquisas e análises qualitativas, optei por não acabar com um número muito alto de entrevistas nas mãos e correr o risco de tratá-las de forma superficial. Além disso, eu também tive de levar em consideração o fator “sorte”, pois, apesar dos manuais de metodologia de pesquisa geralmente darem algumas instruções sobre como abordar possíveis entrevistados ao acaso, eles raramente revelam que se ouve mais “não, obrigado” do que “sim, tudo bem”.

Por acaso, Aurélia foi a primeira mulher, naquela tarde de segunda-feira, que disse “sim”. Eu estava passando na frente de uma agência de mergulho e Aurélia estava conversando com um homem, poucos anos mais velho que ela, bem na porta do estabelecimento. Aproximei-me, cumprimentei os dois, me apresentei como pesquisadora e esclareci o motivo de minha abordagem, perguntei se Aurélia cumpria os requisitos de minha pesquisa (naturalidade, ocupação e idade) e, diante de sua afirmativa, a convidei para participar da pesquisa, ao que ela aceitou.

Aurélia

Aurélia tem trinta anos de idade, é filha de pais paratienses, nasceu e se criou em Parati, é casada e, no momento da entrevista, disse estar grávida de quase trinta e cinco semanas de seu primeiro filho. De fato, ela ostentava uma barriga bem pronunciada, e seu bebê nasceria dentro de poucos dias.

Aurélia conta que passou toda sua adolescência em Parati, terminou o segundo grau e saiu da cidade aos 18 anos para fazer faculdade de jornalismo em Campinas, porque ela “adorava fazê redação, adorava escrevê”. Contudo, quando ela descobriu, logo nos primeiros meses do curso, que deveria “relatá o que você tá vendo sem se cê envolvê” Aurélia desiludiu-se com a escolha profissional e retornou à Parati, sentindo-se “perdida”.

Nesse retorno conheceu um rapaz com quem namorou por algum tempo. Um dia, o patrão deste rapaz, que era neurocirurgião, mostrou-lhes algumas gravações de suas cirurgias, e ao notar o interesse de Aurélia pelas imagens, lhe aconselhou a fazer um curso de instrumentação cirúrgica em São Paulo. Aurélia mudou-se então para São Paulo capital, matriculou-se em um curso de instrumentação cirúrgica, chegou a “instrumentar um pouco” e, quando estava no final do curso, foi convidada por uma de suas professoras para fazer parte de sua equipe médica. Porém, Aurélia declinou o

convite, porque, se aceitasse teria que se fixar indefinidamente em São Paulo. Considerando-se que em Parati não seria possível exercer esta função em uma Santa Casa em péssimas condições de atendimento, mas, principalmente, porque ela não conseguira se “enquadrar” ao ritmo de vida da metrópole. Causava-lhe mal-estar enfrentar o custo de vida alto, a correria do dia-a-dia, o tráfego congestionado e os constantes problemas de superlotação do transporte público paulistano.

Assim, Aurélia, novamente, mudou de carreira. Prestou vestibular e se matriculou em uma faculdade de enfermagem na zona norte de São Paulo. Foram oito anos na cidade grande até se formar em 2006, ano em que voltou à Angra dos Reis e conheceu seu futuro marido, instrutor de mergulho e proprietário de uma pousada em Angra. Aurélia casou-se, mudou-se para casa/pousada do marido e conseguiu emprego como auxiliar de enfermagem em um “*spa* de aventura” na Ilha Grande. Lá o serviço era pouco desafiador, segundo Aurélia, e apenas alguns turistas que sofriam escoriações leves nas trilhas pela mata, ou que exageravam no tempo de exposição ao sol, adquirindo assim uma insolação leve, a procuravam.

Porém, o “*spa*” onde Aurélia trabalhava era muito longe de sua casa e ela não tinha disponibilidade para ir e voltar todos os dias da Ilha Grande, e diante disso, seu casamento começou a ser “afetado”. Aurélia decidiu então pedir demissão do emprego e ela e o marido começaram a “tocar juntos” a pousada em Angra dos Reis. Durante quase dois anos o casal se ocupou da administração da pousada, contudo, a rotina começou a fazer-se sentir, e ambos decidiram tentar um novo rumo juntos: seriam sócios em uma operadora de mergulho.

O marido de Aurélia arrendou a pousada em que viviam; ambos matricularam-se no curso de Moço de Convés da Marinha Mercante em Angra dos Reis, para que pudessem tirar a licença para pilotar o barco que compraram para transportar os turistas,

e no final de 2008 o casal decidiu retornar à Parati para ficarem perto da família de Aurélia e abrirem sua própria operadora de mergulho na cidade. O negócio ainda não completou um ano de funcionamento e o imóvel pertence à família de Aurélia. Na verdade, Aurélia, a mãe e o marido moram nos fundos da operadora.

A estrutura da operadora é praticamente familiar, eles mantêm apenas uma funcionária por meio período, uma moça de vinte anos, responsável pelo atendimento dos turistas, ao passo que Aurélia e o marido são os responsáveis pela saída com os grupos para as sessões de mergulho. Aurélia conta que só quando entrou no último trimestre da gravidez, ela e o marido decidiram “contratar” um rapaz para ajudar o marido de Aurélia no barco, enquanto ela ficaria somente na loja atendendo os clientes e fazendo os serviços administrativos, como “ir no banco”, por exemplo.

A família de Aurélia vem de uma longa linhagem de pescadores paratienses. Seu pai, filho de pescador, e sua mãe, nasceram e criaram-se “em um daqueles casarões” do centro histórico. O pai de Aurélia estudou até a quarta série primária, era marinheiro da Marinha Mercante e passava longos períodos ausente do convívio com sua esposa e filhos, navegando em alto mar. Ele faleceu há oito anos. A mãe de Aurélia também estudou até “mais ou menos” a quarta série primária e, após o casamento, desempenhou sua função de mãe e dona do lar em tempo integral. Hoje, viúva, ela vive com a filha caçula, Aurélia, e mantém-se com o dinheiro da pensão do marido falecido. Juntos os pais de Aurélia tiveram quatro filhos, dois meninos e duas meninas. Os dois irmãos mais velhos de Aurélia terminaram o colegial técnico, um em contabilidade e o outro em turismo, em Parati, um deles é proprietário de um bar na cidade e o outro trabalha em uma pousada. A irmã mais velha de Aurélia também terminou o colegial em Parati, casou-se, teve uma filha, saiu da cidade para fazer faculdade, e hoje mora com a família e trabalha como psicopedagoga na Ilha Grande.

Somente Aurélia poderia responder as questões que fiz a ela. Portanto, é somente através da fiel transcrição de sua fala, que eu poderia iluminar o percurso que compartilhamos juntas, no momento da entrevista, e, depois, a jornada que cumpri sozinha, no momento de editar, manipular, analisar e revelar, todas as preciosas informações, experiências e desabafos que ela decidiu dividir comigo.

Perguntei quais eram os sentimentos positivos e negativos que Aurélia tinha com relação ao turismo:

Pra cidade teve uma evolução muito grande, né. A cidade vivia apenas da pesca e do artesanato. Então, hoje a cidade cresceu culturalmente, muita gente, assim, vem procurando mais estudo, tentando falar mais idiomas, conseguindo, assim, se especializar melhor: isso é o que teve de bom pra cidade; prá gente que trabalha tem, né, movimento o tempo todo. Acho que a parte boa é essa, você tá sempre lidando com pessoas novas, aprendendo coisas novas. Agora a parte ruim é que a gente que foi criado aqui, a gente se sente um pouquinho invadido entre aspas, né, porque o tempo todo, dia de semana em baixa temporada, aparece gente pra saí. Aqui o fluxo de turismo internacional durante a semana e na baixa temporada é muito grande, então se você não fala inglês, às vezes você bóia. Aqui a gente foi procurá um curso de inglês correndo, eu e meu marido e a menina que trabalha aqui, porque cê não vende, porque eles não falam português. Então você se sente um pouco invadido, mas, é o que veio né, é o preço que se paga. É bom por um lado que você trabalha, mas você perde aquela coisa, que nem, quando a gente era criança, a gente andava na rua, e falava que quem vem lá ou é seu primo ou é seu colega de escola, né, alguém conhecido. Hoje em dia não acontece mais isso. Então mudou, mudou muita coisa, as coisas pra chegá aqui demoravam muito tempo pra chegá, qualqué novidade, até uma música que você ouvia em algum lugar demorava muito pra chegá, pra tocá aqui no rádio, mas, por outro lado acaba sendo bom, né, que você sempre pode procurá mais estudo, mais informação...

Quando perguntei à Aurélia se ela acreditava que as oportunidades de emprego criadas pelo setor de turismo pudessem favorecer a emancipação feminina, ela me disse que:

É, é uma forma de se emancipar sim, não só eu, como, assim, hoje você vê mulheres que acabaram construindo a vida delas. E elas vivem muito bem desse artesanato, elas vivem muito bem do próprio turismo de guia, turismo de trabalhar tipo nesses barcos que saem; hoje você vê mulheres contando histórias de Parati, tocando violão, elas conseguiram se emancipar por conta do turismo. Que antigamente, minha mãe, por exemplo, não teria como criá os filhos sozinha. Com o quê? Ia vivê do quê? Só da pesca. As mulheres, antigamente, elas pescavam camarão, pescavam siri, mas isso agora já não tem mais.

E, quando perguntei à Aurélia se ela sofria com a jornada dupla de trabalho ela respondeu:

É acontece! Agora que eu tô grávida, acaba que uma coisa substitui a outra, mas enquanto eu não tava grávida, eu também saia pra mergulhá, eu ia trabalhá o mesmo tempo que o meu marido trabalhava, então a gente chegava em casa, a gente tinha que fazê as coisa junto, fazê comida junto, arrumá a casa junto, porque eu trabalhava junto com ele o tempo todo; lógico que as coisas mais pesadas ficava pra ele, né, mas eu ficava fora o mesmo tempo que ele.

Quando indaguei Aurélia sobre a divisão das tarefas domésticas com seu marido, ela respondeu:

Mais ou menos, homem cê sabe como é que é. Não adianta! Cê chega em casa, é você que vai fazê a comida, a roupa... Ele pode até lavá a louça, mas a roupa é você que vai lavá, é você que vai passá... Ele pode até guardá, mas a faxina não tem jeito. Ele é carioca, ele teve uma criação extremamente machista. Até com a própria mãe. Que nem, a mãe dele falava: «vai lavá a lôça», «ah, mas isso é coisa de mulher». Então incorporá isso nele foi muito difícil, é muito difícil. Porque ele já teve um outro casamento onde a mulher, que era extremamente machista, a mulher não trabalhava, ficava em casa só pra cuidá da casa, então quando ele chegava tava tudo pronto, TUDO, o prato de comida, se ele ia viajá, a mala, a rôpa que ele ia vesti, tudo, tudo, tudo, ela fazia pra ele! (Risos) Ah, comigo não, senão é guerra! Mas por conta do trabalho, mesmo lá na pousada, acaba que, a pousada é mais uma coisa feminina, mas a gente precisa de ajuda, não tem jeito, né? Pesa um pouco, né? A pousada pesava mais pra mim, pra mulher, é uma casa, né? E aí quando eu vim pra cá, tipo assim, ficô meio igual, aí tudo que ele faz eu também posso fazê, NO TRABALHO. Porque lá a gente tinha que fazê café da manhã, «ah! tem que fazê café, ah! mas eu não sei fazê

café», aqui não tem que fazê café, cê não tem que arrumá cama, e o barco, eu também guio o barco, então dá pra equipará, eu fiz o curso pra guiá o barco, o curso da marinha, então eu também tenho a mesma autonomia que ele.

Perguntei à Aurélia se ela pretendia ter mais filhos. Ela disse que:

Não, não pretendo, não tem como, só se acontecê mesmo, aconteceu mesmo d'eu engravidá, porque você vem se programando, e Deus tinha que mandá de qualque jeito, porque, se eu fosse me programá, eu não sei, eu ia tê lá pros quarenta anos (risos). Porque primeiro você qué mudá, aí cê qué compra uma casa, cê qué comprá um carro, cê qué viaja, cê qué faze curso, cê qué num sei o quê... eu descobri que tava grávida com quatro meses, e assim, é mais ou menos assim, agora eu vô te avisá, porque não tem mais jeito (risos).

Quando indaguei Aurélia sobre as condições e possibilidades de profissionalização e intelectualização para as mulheres em Parati, ela disse que:

Vindo o turismo pra cá, veio muita gente, a cidade deu uma inchada, e com isso os alugueis ficaram mais caros, as casas, né, mas com relação à intelectualização, acaba que a pessoa teve que procurá mais estudo, teve que procurá cursos de inglês ou de uma outra língua, teve que procurá cursos profissionalizantes pra trabalhá nos bares, nos restaurantes, nos barcos, então acaba que o turismo acabou trazendo isso. Que nem, aqui tem o Sebrae. Acabô também que veio esses cursos de inglês, Wizard, num sei quê, mas também veio muita gente que vem de fora, e veio como uma oportunidade de trabalho dá aula de inglês, dá aula de culinária, dá aula pra garçom. (...) E os de inglês, geralmente, são particulares, agora tem uma parceria com o governo do Estado, eu sei que você paga uma parte num curso desses; agora, esses de barman, de num sei o quê, eu acho que é pelo Sebrae, só, não pela prefeitura, mas pelo Sebrae geralmente é pago, né, não tem nada gratuito não.

Aurélia também fez uma breve exposição sobre as condições de trabalho e sobre o universo empregatício oferecido à população paratiense e, especialmente, às mulheres, graças à atividade turística.

Tudo aqui é montado pro turismo, pra restaurante, porque os barcos também têm restaurante, né, então se você corrê, tê experiência no currículo, seu leque de opções de trabalho é muito grande: então cê trabalha em barco, em restaurante, trabalha em ilhas, você trabalha também na casa desses magnatas que compraram os casarões, que compraram as ilhas, então você abre muito. Eu tenho uma amiga que ela ganha dois mil reais, só pra cozinhá pra um casal, acho que da sobrinha do falecido Roberto Marinho; é ela, o marido e dois filhos, ela ganha dois mil reais só pra cozinhá pra eles toda vez que eles tiveram aí, e é assim, ela é mais nova que eu, e não manja muito não, não vô dizê que ela é “oh!” de cozinha não, ela teve que trabalhá, ralá em cozinha de restaurante, né, e ela aprendeu com a tia de não sei quem, não fez curso não. E aqui tem muito, muito trabalho temporário, por exemplo, na nossa parte que é de mergulho, tem os instrutores, tem assistente, então, por exemplo, se você chega em janeiro, eu tenho pra saí no barco vinte pessoas, vinte mergulhadores, então, vai trabalhá comigo, durante aquele período, eu vô chamá mais dois instrutores, mais uns três instrutores, mas acabou esse período da alta temporada, você não tem como ficá com essas pessoas, mantê esse salário delas, que a maior parte delas não são moradoras daqui, são pessoas que vêm de outros lugares, então elas têm que pagá aluguel, elas têm que pagá comida, então a gente não consegue mantê essas pessoas, é difícil, mas geralmente o free-lance aqui predomina, acho que em todos os setores, nos barcos também, de marinheiro, tipo assim. Então assim, acaba a temporada, apesar que Parati já tá chegando num nível que não tem mais baixa temporada, é uma festa por mês, mas não dá pra você tê carteira assinada de todo mundo, não tem como você mantê todos os encargos trabalhistas de todos, impossível.

Quis saber se Aurélia tinha algum conhecimento a respeito de casos de prostituição relacionados à atividade de turismo em Parati. Segundo ela:

Eu, sinceramente, não sei te falá aqui sobre isso, nem de uma prevenção, nem de que ocorre muito, com turista. O que eu escuto um pouco, principalmente com prostituição, que é com relação às drogas, que com todo crescimento vieram as drogas, e aí eu sei que tem meninas que se prostituem em troca de drogas. Uma única vez, eu ouvi falá no nosso barco que um rapaz veio aqui, ofereceram pra cá um pacote, pra ele e pra mulher dele, pro Brasil, ele não especificou Parati, mas ele tava aqui né, se ele queria um pacote incluindo a parte sexual ou não, que era um casal e tal, e aí eles até falaram «Ah! tem isso aqui, é?», e eu «Não, nunca ouvi falá com relação a isso». Antigamente eu ouvia muito assim, vinha um gringo pra cá, aí a gente vê aquelas

moças mais bonitas que eles acabavam levando, casando, algumas deram certo, outras não deram certo, outra a mãe teve que ir lá buscá, mas outras deram super certo, e até eu conheço, voltaram pro Brasil, ou tão morando fora, mas estão bem, mas hoje não sei te dizer, assim, exatamente. Eu não vejo nenhuma ligação direta. Também que assim, não sô de saí à noite, ainda mais agora, então... Não sei dizê como isso acontece, o que eu sei que acontece aqui com relação à prostituição é com droga. Masculina, mesma coisa, com relação à drogas. Dos casos masculinos que eu ouvi falá, tamém, não é recente, é de meninos que se prostituem pra viajá com essas mulheres, né. Que elas davam uma condição de vida, que davam carro, davam casa, mas nada ligado diretamente ao turismo, dizê que eles ficam ali esperando a pessoa chegá, não. É alguém que tem um poder aquisitivo maior e acaba comprando essas meninas, garotas novas.

Pedi a Aurélia que me descrevesse sua rotina pessoal e profissional, na alta e na baixa temporada. Ela relatou seu dia a dia dessa maneira:

Na alta temporada, cê emenda, né? Vô te dizê assim, a gente começou em janeiro, então vamô dizê que é primeiro de janeiro, então primeiro de janeiro até o Carnaval é uma lôcura. É bastante gente pra saí, é bastante gente na loja, e aí a loja que, teoricamente, fecha às dez você não pode fechá às dez. Essa é mais ou menos a rotina. Aí, acabou o Carnaval, a gente achou que ía encerra, aí começou o turismo internacional, gringo, aí só entrava gringo, muda totalmente o perfil, mas diminui um pouco, aí dá sim pra você fechá às dez. Mas tem semana que é uma locura também, quando tem feriado em São Paulo, então, nossa... Então, aqui não tem mais baixa temporada. Meu marido fica um caco porque megalho cansa, né, uma hora de mergulho equivale à uma hora de academia, assim, pesada e ele tem que descê várias vezes, né, com cada pessoa que vai, o mar sozinho já cansa, o sol, então, acaba que assim... que nem vai, por exemplo, a gente acorda uma seis e meia, aí toma um café e já ajeita as coisas, que agora eu comecei a fazê... sempre, né, mulher... o lanche do barco, aí cê conta quantas pessoas vão, quantas não vão, o quê que cê vai mandá de lanche, aí a gente prepara bolo, torta, compra fruta, refrigerante, essas coisas, monta, né, pra ele levá. Agora que eu tô em casa, né, no caso quando eu ía com ele, a gente pegava as pessoas nove horas da manhã, voltava pra cá umas três, quatro horas da tarde, aí vai arrumá o barco, dexá as coisas no lugar, vem pra casa, come alguma coisa, né, porque cê só fica no lanche, né,... aí na hora que cê vê uma comida..., come uma comida. A minha mãe ajudô bastante a gente com relação a isso, porque cê chega

morrendo, e aí então a comida já tava pronta. Depois eu vinha pra loja, porque a gente ainda tava sem a minha funcionária e ficava até as seis da tarde, e ele ia pra lá com o barco pra arranjá equipamento, vê os cilindros de ar, prepará tudo pro dia seguinte. Na baixa, aí tem dia que dá pra acordá um pôco mais tarde, aí não tem saída, dá pra fazê serviço de banco, olhá e-mail, dá pra dá folga pra menina, aí cê vai resolvê outras coisas da sua vida, né. Mas assim, seja à noite aparece alguém que qué saí amanhã de manhã... então é mais tranqüilo, mas ainda assim você tem um trabalho...

Depois de relatar sua rotina, Aurélia começou, espontaneamente, a narrar sua experiência como aluna de enfermagem:

E agora com o nenê, né. Ainda bem que eu tenho minha mãe. Mãe, né! E oh que eu fiz enfermagem, mas eu num sei onde é que eu tava com a minha cabeça, que nada que era direcionado pra recém-nascido eu me interessava. Então se tinha uma aula pra recém-nascido e uma aula para cardio eu tava lá no cardio... (risos). Então, assim, eu tive aula de pediatria, né, então dei banho em bebê, tudo, mas num sei nem pra que lado que pega, mas isso não se estuda, né, cê aprende..., num sei, às vezes eu penso que tinha tanto bebê pra dá banho pra eu treiná... (risos). Mas, sei lá, eu acho que era questão de foco, eu não tive..., num tava nos meus planos eu acho que tê filho, num sei, eu tava em outro momento, assim, sabe? Aí que dizem que tem uma hora que você qué, né,... eu acho que acabô acontecendo essa hora, mas não tava nos meus... eu gostava mais era de cuidá da família, que nem médico da família, de atendê as pessoas em casa, vê as condições, fazê prevenção, de cardio também, mas de bebê (risos)... mas cê aprende, né, não tem jeito, cê tê que aprendê...

Em outro ponto da entrevista, Aurélia confessou que quando saiu de Angra para voltar à Parati e abrir a operadora de mergulho com o marido, ela tinha outros planos para sua carreira:

Quando eu vim pra cá esse ano, eu vim com a idéia disso, a gente estabelecê como operadora de mergulho, daí a gente se estabelecendo, ele pegaria pessoas pra trabalhá com ele e eu ia pra minha área, né. No começo do ano, já tinha entrevistas, currículos, pá, mas aí eu descobri (apontando para a barriga), aí eu... «Ah! Não foi dessa vez» (risos).

Perguntei à Aurélia, se ela sempre havia trabalhado. Ela respondeu:

Com quinze anos, quando eu já tava com quinze anos, meu irmão abriu aqui, uma papelaria, e eu trabalhava com ele, qué dizê, quinze anos eu não podia trabalhá, né, então você fica e tudo, mas muita coisa eu não respondia, né, mas eu trabalhava com ele, só aos quinze anos, tentei trabalhá antes, meu pai não deixou.

Perguntei, então, se ela gostava de trabalhar com turismo, como mergulhadora, como empresária, e se agora ela está satisfeita com sua vida e trabalho. Ela disse que:

É, hoje eu gosto, porque, lá trás se eu soubesse talvez eu nem teria insistido, sei lá, até porque a enfermagem é uma outra área, né, também gosto muito, mas do turismo eu gosto, do mergulho também, porque eu acho que quem gosta de mar não tem frescura, as pessoas são bem tranquilas, então você faz muita amizade, e é um trabalho, mas, na verdade, é um trabalho que você brinca o dia intêro, o dia intêro, num tem aquela é..., a pessoa chega muito cheia de frescura, mas daqui a pôco aquilo acaba, aquilo acaba, então você se diverte o dia intêro, você passa o dia trabalhando, com toda a responsabilidade, mas, brincando e aprendendo e explicando e você escuta várias histórias..., e você conhece..., outro dia veio um cara da Letônia com a gente, e um cara de Portugal, tem dia que parece uma torre de babel o barco, e você aprende muita receita de comida, é cada coisa, gente. Então, hoje eu gosto muito, e é uma coisa também que assim, o trabalho começa às nove e termina às quatro, entre aspas, e por mais que a pessoa seja insuportável, o que nunca aconteceu, a gente vai tê que suportá aquela pessoa das nove às quatro, no máximo, cabô. Quando você trabalha numa pousada, no nosso caso, e mora lá, você vende um pacote de dez dias, dez dias cê vai tê que agüentá aquela pessoa chata, então cê ficava completamente quebrado, que a pessoa também ela vem muito estressada, né, sai do Rio, sai de São Paulo, né, ela sai muito estressada, ela chega muito nervosa, aí a gente ia quebrando, né, mas demorava um pôquinho. Hoje a gente passa o dia brincando, e outra, você desce com a pessoa, cê mostra um ôtro mundo pra ela. A pessoa volta assim..., a sensação de liberdade que o mergulho dá. Por mais que você esteja com quinhentos quilos nas suas costas, na água não pesa nada. Então no começo é complicado, ahhh, pulô na água, o silêncio, aquele mundo que..., acho que a gente precisa vê que o mar, o fundo do mar foi único lugar ainda que o homem não mexeu; aquele mundo, aquela vida, aquela calma, cê fica uns quarenta, cinqüenta minutos naquilo, a pessoa volta, você volta bem, até pelo fato da pessoa..., uma vez a gente fez uma mulher chorá, porque ela não queria ir, ela não queria ir, não queria í, aí eu falei, tava com meu marido, e só tinha ela de mulher,

um monte de homem, aí eu cheguei «olha eu vô entra, qué í comigo, vem» e ela «pôxa, mas você também é mulher, então eu vô, porque homem faz as coisas parecê fácil, num sei quê», então tá, descemos, daqui a pôco, a mulher soluçando muito e eu «ai meu Deus, que é que essa mulher tem», daí eu «tá tudo bem? », e ela, «é muito lindo, tem flores embaixo d'água» e ela choraava (risos). Resumindo, anoiteceu, que já era à tarde, eu tive que dá uma lanterna pra ela pôde vê, porque ela não queria saí da água. E as pessoas que tem..., assim, nós ainda não estamos adaptados a trabalhá com pessoas com deficiência física, mas, as pessoas mais gordinhas, as pessoas mais tímidas, tem gente que é complexada, né, de um monte de coisa, quando você vai lá e põe a pessoa na água e mostra que ela é capaz, nossa, isso é muito gratificante. Às vezes tem gente que me fala, «ahh! você é mergulhadora! », e eu fico toda, toda, então você faz uma diferença também que acaba voltando pra você, né, a recompensa, e acaba que você também, todo dia vivendo isso, cê nem pensa em pegá trânsito, essas coisas, né... (risos).

Perguntei sobre os planos futuros de Aurélia, profissionalmente e pessoalmente.

Ou se ela pretendia sair de Parati. Ela respondeu:

O que a gente pretende, mais pra frente, é não trabalhá tanto diretamente, até porque..., em qualqué negocio, né, pra fazê mais, pra gente não tê a obrigação de mergulhá todos os dias. Tem saída todo dia, mas teremos funcionários, que é uma coisa que desgasta também, né, é bom, é tudo, mas é desgastante, né, é como se fosse uma academia, uma hora de mergulho são oitocentas calorias que você gasta, então tem que tê uma alimentação legal, porque senão... Geralmente você fazendo, sei lá, todos os dias, no meu caso era todo o dia, acho que nada de mais é bom pra saúde, né, mas a idéia é permanecê no ramo com certeza. E aqui, eu gosto daqui.

* * *

No dia seguinte, terça-feira, dia vinte e um de julho, iniciou-se, outra vez, a procura por prováveis entrevistadas, agora nos restaurantes e cafés de Parati. Era quase dez horas da manhã, e alguns cafés já estavam abrindo suas portas para os turistas. As

portas dos fundos de alguns restaurantes também já estavam abertas e era possível observar o movimento na cozinha, o entra e sai dos funcionários. Outros restaurantes estavam com as portas e janelas abertas, mas ainda não haviam liberado a entrada para os clientes. Da rua viam-se algumas moças limpando o salão e moços arrumando as mesas. Contudo, para minha infelicidade, a possibilidade de entrevistar uma mulher, de vinte e cinco a trinta e cinco anos, natural de Parati, que trabalhasse em um restaurante e estivesse disposta a participar da pesquisa, revelou-se algo praticamente impossível. Ou ela não se encaixava na faixa etária, ou não era de Parati, ou não podia participar porque estava “muito ocupada”, ou porque “o patrão não libera, não”. Também não adiantou marcar hora para as entrevistas, porque quando eu retornava na hora que havíamos marcado, ou ela ainda estava “muito ocupada”, ou “patrão, ainda não liberou não”. Pior ainda era quando marcávamos a entrevista para o dia de folga da provável entrevistada. Uma delas, por exemplo, me disse que folgaria no dia seguinte, e que poderíamos nos encontrar às dezessete horas, na Praça da Matriz. No dia seguinte, porém, o que veio foi o “bolo”.

Após várias tentativas frustradas, decidi focar minha atenção nas lojinhas de artesanato e artigos para turistas. Depois de entrar e sair de um sem número delas, as dificuldades também começaram a seguir um padrão: ou a moça era muito jovem, ou a mulher já era uma senhora, ou a proprietária ou funcionária da loja não era natural de Parati.

Porém, não demorou muito, até que o “fator surpresa” se fizesse presente e, em uma das muitas lojinhas de artesanato de Parati, encontrei Ambrósia. Ela estava sozinha, sentada atrás do balcão e fazendo crochê. Entrei na loja, ela me cumprimentou e pôs-se à disposição, caso eu precisasse de ajuda. Aproveitei sua solicitude, expliquei o propósito de minha presença e a convidei para participar da pesquisa.

Não foi tão fácil, entretanto, persuadí-la da necessidade do gravador. Ambrósia negou-se, terminantemente, a ter sua voz gravada, com “medo” de que eu pudesse “mostrar pra alguém”. Além disso, Ambrósia demonstrou, durante toda a entrevista, muita desconfiança. Mesmo depois de eu ter comprado duas pinturas em aquarela de sua loja e ter praticamente contando a história da minha vida para ela, antes que eu pudesse fazer com que ela aceitasse me contar a dela, Ambrósia comportou-se de maneira muito retraída e foi muito sucinta em suas respostas. Cheguei a pensar várias vezes em descartar a entrevista de Ambrósia, mas, algo em sua honestidade e simplicidade me convenceu do contrário.

Ambrósia

Ambrósia nasceu e se criou em Ponta Grossa, uma micro-península, pertencente ao município de Parati, localizada a quarenta minutos, de barco, do cais do porto, e um dos últimos redutos de pescadores da região. Filha caçula de um pai pescador e de uma mãe dona-de-casa - ambos com apenas a quinta série primária - com trinta e três anos, casada e sem filhos, Ambrósia define a si mesma como uma “caiçara da terra”.

Ambrósia estudou até a oitava série do ensino fundamental e aos dezesseis anos começou a trabalhar nas pousadas de Parati ou nas casas de veraneio da região, ora como camareira, ora como faxineira. Aos vinte anos mudou-se mais para perto do centro histórico de Parati, para o “bairro da Mangueira”, onde mora até hoje. Pouco tempo depois conheceu seu futuro marido, um paratiense, funcionário em um mercado da cidade e aspirante a pintor. Quando Ambrósia fez vinte e sete anos, eles se casaram.

Ambrósia conta que seu marido trabalhou “no mercado até juntá dinheiro e aí e abriu a loja” em sociedade com a irmã, a cunhada de Ambrósia. Desde então o marido e a

irmã administram juntos a loja, e Ambrósia, junto com uma funcionária, são responsáveis por atender os clientes/turistas.

Perguntei se Ambrósia pretendia ter filhos, já que ela não tinha nenhum, e a única coisa que ela respondeu foi: “não, não pretendo, nem pensar (risos)”. Quis saber o motivo de sua negação convicta; e tudo o que Ambrósia disse foi: “ahh!, dá muito trabalho, meu marido também não qué não, tá bom assim!”.

Resolvi perguntar, de imediato, quais eram os sentimentos positivos e negativos de Ambrósia com relação ao Turismo e aos turistas. Ela apenas disse: “Tem que tê turista, acho que se não tivesse ia sê horrível. É gostoso cidade cheia”. Como a resposta de Ambrósia não foi satisfatória, perguntei novamente se não havia nada que ela desgostasse em sua cidade “sempre cheia de turistas”. Ela logo retrucou: “A Santa Casa, as escola, não tem esgoto em alguns lugares, é muito ruim. Mas o turista não faz nada de ruim não. Turista é bom, eu gosto.”

Quando comecei a abordar os temas da emancipação feminina, da reprodução social da condição feminina e da construção da identidade com Ambrósia, confesso que fiquei mais perdida que ela, porque sua aparente falta de ambição, auto-estima, autoconfiança, ou sua apatia, seu conformismo e sua obtusidade desarmavam qualquer tentativa minha de conhecê-la melhor ou de fazê-la expressar-se livremente.

Perguntei a Ambrósia se ela acreditava que o emprego no setor de turismo favorecia a emancipação feminina. Ela simplesmente disse: “Acho que sim”. Perguntei então se o trabalho dela tinha favorecido a sua própria emancipação. Mais uma vez, Ambrósia me surpreendeu:

“Eu gosto de trabalhá aqui. Não tem ninguém mandâno em mim (risos). Mas a loja não é minha, é do meu marido. E eu não tenho salário, eu dependo do marido (risos)”.

Perguntei à Ambrósia como se dava a divisão das tarefas domésticas em sua casa. Ela logo respondeu: “Eu lavo roupa, faço comida, faço limpeza. Meu marido ajuda sim, mas eu não dêxo ele lavá a lôça. Ah não, ele faz muita bagunça.”

Questionei Ambrósia sobre sua rotina na loja. Ela apenas disse:

Eu que abro a loja, todo dia, e fico aqui, eu e mais a moça que trabalha aqui com a gente. Eu gosto de trabalhá. E quando tá cheio, assim, vem minha cunhada e meu marido ajudá. Mas ele não gosta de ficá parado aqui, só quando tem a Flip²⁵, assim, ele vem aqui na loja ajudá.

Perguntei o que Ambrósia fazia em seu tempo livre. Segundo ela: “Não tem nada pra fazê aqui”. Forcei então mais alguma resposta e indaguei Ambrósia sobre suas amizades em Parati. Ela disse: “Eu tenho amigas aqui, sim. Mas eu não faço nada, não. Não tem nem shopping, nem nada aqui. Eu fico muito em casa, vendo TV ou eu vô pra casa da minha mãe, meus irmãos também são muito casêros.” Aproveitei que ela estava tricotando e apontando para o trabalho em suas mãos quis saber se ela fazia crochê para vender ou só para ela mesma. Ela replicou dizendo: “Eu faço crochê pra mim. Eu aprendi com a minha irmã. Ajuda passá o tempo porque eu fico em casa o tempo todo (risos)”.

Questionei Ambrósia sobre as possibilidades de profissionalização, intelectualização ou capacitação, oferecidas às mulheres em Parati. Mais uma vez, Ambrósia foi sucinta: “Tem faculdade sim, tem, mas eu não sei te informá qual, mas tem. Tem curso desses do Sebrae, também, eu acho”. Perguntei se ela queria fazer uma faculdade e ela apenas disse: “Ah! Não quero”. Perguntei o motivo e Ambrósia não tinha motivos para me dar. Somente não tinha vontade de fazer faculdade e pronto! Perguntei sobre cursos de idioma, se ela já tinha feito algum ou se tinha vontade. Ela disse: “A gente [ela e o marido] fez um curso de inglês, mas desistímo. A gente

²⁵ Festa Literária Internacional de Parati, realizada anualmente, desde 2003.

consegue, vai com gesto mesmo, calculadora (risos), a gente tem que voltá pro curso na Wisard (risos). O marido da minha cunhada é estrangeiro e ele dá curso aqui.”

Questionei Ambrósia sobre as condições de trabalho em Parati. Aparentemente, ela não sabia muito sobre o assunto: “Ah, não sei. Tem registro a minha funcionária. Não sei te falá do resto”. Obviamente ela também não tinha nenhuma informação sobre trabalho informal ou temporal. Segundo ela: “Deve ter”. E sobre casos de prostituição, em Parati, relacionados ao turismo ela apenas disse: “Tem prostituição sim. Não sei se com turista, mas deve acontecê.”

Perguntei à Ambrósia se ela acreditava que o Turismo havia trazido novas oportunidades e perspectivas para ela e para Parati. Ela disse: “Acho que trouxe”. Não satisfeita, perguntei se Ambrósia estava feliz em Parati, se ela gostaria de se mudar de Parati para morar em outro lugar ou trabalhar em outro lugar. Como ela mesma falou: “Não. Sô muito apegada à família. Não quero saí daqui. Mudô muito, mas é bom.”

* * *

Logo após a entrevista desnorteante com Ambrósia, reiniciei minha busca por outras prováveis entrevistadas. Entrei, então, em uma operadora de turismo, bem conhecida em Parati, que oferece passeios de escuna pela baía de Parati, trilhas pela região de Trindade e *city-tours* pelo centro histórico.

Dentro da loja, por volta do meio dia, encontrei Ágata, sozinha, sentada atrás do balcão e em frente ao computador. Quando me aproximei do balcão, Ágata se levantou e me cumprimentou. Eu me apresentei e logo comecei a expor à Ágata o motivo de minha visita. Ágata disse que estaria disposta a participar da entrevista, contudo, devido ao tempo de duração da mesma, ela me pediu que marcássemos a entrevista para as quatorze horas e trinta minutos, pois ela iria fechar a loja às treze horas para ir até sua

casa almoçar e levar a filha para a colônia de férias. Eu concordei e disse que voltaria no horário marcado.

Quando retornei, surpreendi Ágata abrindo as portas da loja e pendurando *banners* na fachada e na entrada do estabelecimento. Nós entramos na loja, conversamos sobre o tempo, o movimento da cidade, etc., e quando começamos a ficar sem assunto, demos início à entrevista.

Ágata

Ágata nasceu “no meio da serra” que liga os municípios de Parati, Cunha e Guaratinguetá, “na antiga Estrada Real do Caminho do Ouro”, mais especificamente, entre o trecho em que se encontram as rodovias SP-171 e RJ-165. Ágata contou-me que sua mãe entrou em trabalho de parto em Parati e subiu a serra rumo à maternidade em Guaratinguetá, mas que “não deu tempo” e que “no meio do caminho”, com a ajuda de seu marido e um amigo da família, a mãe de Ágata deu a luz “ali mesmo”.

A família de Ágata vem de uma longa linhagem de comerciantes paratienses. Seus avôs possuíam “terras no Corisco”, um antigo bairro rural do município de Parati, hoje ocupado por casas de veraneio, pousadas e hotéis para os turistas. Seu pai, que concluiu seus estudos até a oitava série primária, trabalhava com transporte de bananas e sua mãe era uma dona-de-casa com “a sexta ou sétima série do primário”.

Ágata conta que, em 1975, o negócio da banana “acabou”, e o turismo na cidade “ainda não era tão desenvolvido”. Seus pais venderam, então, alguns sobrados que suas famílias possuíam no centro histórico, para se manterem na cidade. E, quando Ágata completou quatorze anos, ela, os pais, suas quatro irmãs e seus dois irmãos se mudaram para Guaratinguetá. Lá, seu pai continuou a trabalhar com transporte de cargas, sua mãe tornou-se enfermeira, seus seis irmãos “terminaram os estudos, entraram na faculdade e

começaram a trabalhar, casaram e agora moram em Guará”. Ágata, contudo, conta que terminou o ensino médio, entrou na faculdade de administração e, quando estava no final do curso, conheceu o marido, também um paratiense, que “tinha um barco”. Depois disso, ela abandonou a faculdade, casou-se e voltou à Parati “pra ajudar ele a abrir” o negócio, em meados da década de noventa.

O prédio em que a operadora de Ágata funciona pertence a sua família. O espaço do imóvel já estava ocupado por uma pousada, quando o ela e o marido chegaram, sendo necessário realizar algumas “reformas e ampliações”. Ágata diz que “facilitou muito” o fato de seu marido já possuir a embarcação, e que no começo eles só trabalhavam com passeios de escuna, mas que, “conforme o tempo foi passando”, eles foram se tornando mais experientes, foram se “estabilizando” e conseguiram “incluir e oferecer outros tipos e opções de passeio, como o mergulho, as trilhas e o *tour* pelo centro histórico”.

Hoje, com trinta e cinco anos, sócia do marido, com uma filha de seis anos - e sem pretensões de ter outro filho -, Ágata é uma típica empresária de Parati. Na verdade, ela estava muito mais interessada em falar de “Turismo em Parati” do que dela mesma.

Quando perguntei a Ágata se ela acreditava que o emprego no setor de turismo favorecia a emancipação feminina ela disse:

Eu acredito que sim. Eu gosto do que eu faço. A gente tem aqui duas funcionárias e eu acho que dá independência pra mulher sim. A gente faz amizade com os turistas. E tem também a Internet, acho que faz a gente tá ‘antenada’ o tempo todo. Eu vivo fazendo cursos *on-line*, eu fiz um de Regionalização pelo Ministério do Turismo, sempre que aparece um eu faço, fiz curso de inglês... No turismo você aprende muito e ainda tem muito que aprendê.

Perguntei então sobre as possibilidades de profissionalização e intelectualização oferecidas às paratienses que desejam trabalhar com turismo, ao que ela respondeu:

Aqui tem faculdade sim, mas é daquelas que você faz à distancia, por teleconferência, sabe? Eu, particularmente, não gosto muito disso não, mas tem faculdade sim. Eu não sei se é de turismo, mas tem. Agora, curso de capacitação, de profissionalização PRECISA muito, esses do Sebrae é pouco. E a prefeitura não dá nada não. Eu tô sempre fazendo curso on-line, quando aparece um eu faço, só ser for assim também, eu não posso saí daqui para fazê.

Quando perguntei à Ágata se ela sabia algo sobre casos de prostituição relacionados à atividade turística, ela disse:

Aqui tem prostituição, mas é tudo muito discreto. Masculina, não, mas eu acho que não aparece muito.

Em certo momento da entrevista entrou na loja um conhecido de Ágata. Ele nos cumprimentou e começou a conversar com Ágata sobre um assunto que os dois, provavelmente, haviam deixado em aberto desde a última vez que se encontraram. A entrevista foi interrompida e, ao notar minha presença com mais atenção, o conhecido de Ágata olhou para ela como que quer saber ‘quem é essa aí?’. Ágata compreendeu o olhar de seu conhecido, assim como eu, e apenas disse: “Essa é a Thais, ela tá aqui fazendo uma entrevista sobre o Turismo aqui em Parati”. Ambos se entreolharam, e foi impossível não notar o tom de ironia e sarcasmo na voz de Ágata e no aceno de seu conhecido. Neste momento o conhecido se calou e permaneceu nos observando atentamente. Ágata pôs-se a esperar, e eu entendi que deveria recomeçar de onde paramos. Infelizmente, ou não, a pergunta seguinte referia-se às condições de trabalho no setor turístico e sobre o grau de organização ou existência de sindicatos e associações de trabalhadores(as) paratienses. Ambos responderam-me a esta questão com uma estrondosa e ácida gargalhada. Quando os dois recompuseram-se, Ágata apenas disse:

Olha, eles registram sim, mas tem muita contratação temporária e a maioria é trabalho informal. Não tem sindicato, e as associações é muito difícil funcioná, aqui, sabe?

Indaguei Ágata a respeito de seus sentimentos positivos e negativos em relação ao turista e ao turismo. Aparentemente, ela não tem nada contra turistas, ou turismo:

A gente adooora turista! (risos) A gente vive disso, não é? Eu não sinto nada de negativo. E os problemas de Parati acontecem em todas as cidades hoje em dia, então... O que é péssimo aqui é aquilo que eles chamam de Santa Casa, uma vergonha! Ah, claro, o custo de vida aqui é alto, quando você quer saí pra jantá tudo é ‘preço de turista’, mas também tem ‘ah, é paratiense, não paga’.

Perguntei à Ágata sobre sua rotina diária na alta e baixa temporada, sobre a divisão das tarefas domésticas com seu marido, e sobre suas atividades na agência. Ela me respondeu que:

A rotina é a mesma, não muda nada não, o dia a dia é igual, na baixa é mais chato que a alta que tem mais trabalho (risos). E, em casa meu marido me ajuda, e eu tenho uma moça que me ajuda. Antes eu saía com meu marido no barco pra ajudá ele..., às vezes,... não era sempre..., no começo..., mas, agora ele sai e eu fico na loja pra receber os clientes, ir ao banco, ver as novidades que aparecem na internet, essas coisas.

Quis saber se Ágata tinha planos para sua carreira, no futuro. Ela respondeu:

Bom, a gente tem um negócio pra tocá. Então acho que o que gente qué é continuá buscando coisas novas, novidade pro turista, eu tô sempre olhando na Internet o que a gente pode fazê pra melhorar... acho que é isso... continuá aqui, prosperando, eu e meu marido...

* * *

Quando terminei a entrevista com Ágata, eu já estava atrasada para minha próxima entrevista com a gerente de uma “celebérrima” pousada de Parati. Enquanto eu aguardava Ágata retornar do seu almoço, resolvi procurar mais prováveis entrevistadas, caso Ágata resolvesse, também, cancelar nosso compromisso - ela não seria a primeira e nem a última, aliás.

Nesta famosa pousada conheci Amália, encarregada da gerência, e segundo ela mesma “ocupadíssima”. Tratei logo de expor o motivo de minha presença e Amália mostrou-se realmente interessada em participar da entrevista. Porém, “por forças do destino”, Amália pediu que marcássemos a entrevista “mais pro fim da tarde”, já que ela ainda tinha mais alguns “probleminhas” para cuidar, me dando uma “janela” de quase três horas para retornar ao encontro com Ágata, caso ela não tivesse desistido de nossa entrevista - ela não desistiu, afinal. Concordei em retornar depois e sai rumo à entrevista com Ágata. Quando voltei para a entrevista com Amália, para minha surpresa, ela também não havia desistido. Ela nos levou para a área de piscina, pediu ao garçom do bar que ele nos servisse água e café e, assim, demos início à entrevista.

Amália

A avó e o avô de Amália vieram do Espírito Santo para Parati há mais de cinquenta anos, trabalhar com comércio. A mãe, os tios e tias de Amália nasceram todos em Parati.

Amália tem trinta anos, um filho de dez anos e é mãe solteira. Ela tem dois irmãos homens, mais novos que ela. Amália contou-me que quando seu irmão mais novo tinha apenas seis meses de vida, sua mãe separou-se de seu pai e desde então eles perderam contato com o pai. Aparentemente, o fato de Amália ter sido criada longe do pai contribuiu ou favoreceu para a força que os exemplos femininos, de sua mãe e avó, principalmente, exerceram em sua trajetória de vida. Amália durante toda entrevista enalteceu a “garra” e a “independência” ora de sua mãe ora de sua avó, e, talvez, por conta disso, ela seja uma das entrevistadas que mais transmitiu o poder de uma mulher que conquistou sua emancipação e autonomia muito cedo e por sua própria conta.

Tristemente, Amália perdeu a mãe aos dezessete anos de idade. Nas palavras de Amália:

A minha mãe, ela teve comércio, meus irmãos têm comércio, minha mãe na época tinha loja, trabalhava com vendas, né, e enfim, super guerreira, crio a gente, nós três, eu e meus dois irmãos, e numa dessas viagens de vendas, né, enfim, teve um acidente, né, perdi minha mãe e aí minha tia ficou com a loja, na época, ela tem a loja até hoje no centro e meus irmãos têm uma estamparia... Também, né, todo mundo fico nessa área de vendas, né, enfim, público e vendas.

Perguntei à Amália com que idade ela começou a trabalhar. Ela respondeu:

Desde os dezesseis eu trabalho com turismo, tá, especificamente em hotelaria. Dos dezesseis até meus vinte e sete anos eu fiquei em pousada, em recepção. Nesse tempo fiz faculdade de Hotelaria e Turismo, em Ubatuba, né, porque, antes, tipo assim, uns cinco anos atrás a gente não tinha faculdade igual tá tendo aqui em Parati, embora é aquelas faculdades à distância, né, que é não presencial, hoje em dia já tem em Parati, mas antes não tinha. Enfim eu fiz em Ubatuba. Quatro anos, normal, todos os dias, ia e vinha, né, é cansativo, né, muito, e trabalhando, ia e voltava de Parati, é uma hora pra í e uma pra voltá. É cansativo, né, porque a gente trabalha cedo, eu trabalhava desde às sete até as quatro, pegava ônibus às cinco e vinha depois de meia-noite. Enfim, já me formei já tem alguns anos, né, aí logo na sequência eu entrei aqui e aí eu não queria nem vê mais pousada na minha vida, porque cansa, é, além de cansá, você perde entendeu, porque, nesse período que as pessoas passeiam, viajam, curte natal, fim de ano, carnaval é o período que você mais trabalha, né, turismo, hotelaria, em si, é isso, né. Aí eu falei, «ah não, chega, nunca mais quero fazer isso na minha vida», com dois meses eu já tava aqui doida, e vai fazê cinco anos que eu já tô aqui na pousada (risos). Eu entrei na recepção, depois fui pra chefe de recepção e agora eu já tô de gerente de serviços. A parte operacional é toda comigo, né, os diretores e proprietários são de São Paulo e eu fico administrando e gerenciando por aqui.

Perguntei se Amália sempre havia pensado em trabalhar com turismo. Segundo ela:

Aconteceu que com dezesseis anos, ahhh, tava precisando, tinha conhecimento, Parati é pequena, todo mundo conhece todo mundo, família antiga daqui, família antiga dali,

aí entrei na pousada, aí passa um, dois anos, e você ali dentro, cê não vê, né, mas o ano passa muito rápido, entrei com meus dezesseis, passei nove anos na pousada, é muito tempo, mas eu não vi o tempo passá. Foi indo, foi indo, nesse período que eu tava lá eu entrei na faculdade, falei «bom eu trabalho com turismo, tô numa pousada já tem um bom tempo, então vâmo fazê hotelaria e turismo, né, Parati vive disso». E adorei, porque o que eu já tinha de prática, eu juntei com a teoria, e então conforme eu fui aprendendo a teoria, pra mim foi muito prazeroso porque eu já conhecia muito bem, o que é hotelaria e turismo. Eu já conhecia isso, eu tinha alguns anos de experiência. Então a faculdade que eu fiz foi com muito gosto, adorei, amei. Porque a gente vive disso, e turismo no Brasil todo, né, cada vez que passa cresce, tem várias coisas novas, várias coisas boas, eu acho muito bom, trabalhá com turismo de uma forma geral. Claro que você não pode se fechá num mundinho, «Parati é só isso, então vô vive disso», não, é que nem como eu faço, eu vô em feiras de turismo, eu viajo, eu aprendo isso, aprendo aquilo, você entra em contato com outras pessoas, faz umas trocas de informações, coisas que tão acontecendo, que é atual, você conhece pessoas, assim, que trabalha com turismo de outros níveis, outros cargos, então, é prazeroso.

Perguntei quais eram os sentimentos positivos e negativos que Amália tinha com relação ao Turismo, ou aos turistas. De acordo com ela:

O turismo cresceu muito, né, de alguns anos pra cá, principalmente, nos últimos dez anos eu acho que Parati tá muito em evidência. Parati tá na moda. Então assim, a gente tem turistas né, de várias partes do país, não só do Brasil como estrangeiro, principalmente, aqui a pousada onde eu trabalho aqui no centro, é uma pousada que a gente trabalha muito forte lá fora com agência e operadores, né, e cresceu muito, muito, muito. Pros moradores eu acho assim, que falta algumas coisas, normal, é uma cidade pequena, embora cada ano que passa vão surgindo novas oportunidades, novas coisas, enfim, mas falta né, falta o quê: cinema, boate, baladas, que nem, tem baladas aqui, mas, né, que nem na cidade grande, falta um shopping, boliche, que eu sempre viajo e vô assim, sempre participo, sempre vejo, sempre vô nesses lugares, né, mas como eu moro aqui, fico um pouco saturada. Mas enfim, de turismo assim, o ano todinho nós temos turistas, todo, o ano todo, agora, né, agosto, julho é férias, normal né, já muda o público, já vem mais um público de família, casal e filhos, crianças, agora em agosto a gente tem férias na Europa e nosso nível de turismo estrangeiro também aumenta. De dezembro até depois do Carnaval é onde tem a alta temporada, férias, verão...

Quando Amália começou a divagar na alta e baixa temporada de Parati eu a interrompi e repeti a questão, perguntando se ela gostava ou não do Turismo, e o que ela achava que o turismo tinha trazido de bom e de ruim para a vida pessoal dela. Ela disse:

Não, eu gosto, não, não, não, é maravilhoso. Primeiro que você absorve, você consegue absorvê tudo, porque, são várias pessoas de várias partes do mundo, né, então tudo você vai aprendendo. Primeiramente você tem que gostá do que você faz, pra você trabalhá com turismo você tem que tê o dom, você tem que gostá, tem que trabalhá com prazer, porque é uma coisa que você tem que se entregá, você tem que tá sempre bem, sempre alegre, sempre disposta, tá disposto a ajudá, entendeu, passá informação pro turista, porque eu sô daqui, entendeu. Se você faz uma coisa que você gosta que é lidá com turismo, é prazeroso. E a coisa, assim, ela não se repete, sempre tem coisas novas, sempre acontece algo novo, enfim é uma rotatividade muito grande, abre várias oportunidades; e assim, as pessoas que trabalham em Parati a gente tem os locais, sim, mas a maioria é de fora, aqui mesmo no hotel aqui, que eu gerencio, na recepção a gente tem o pessoal todo de fora, de Minas, de São Paulo, do Sul, vem muita gente de fora sim, enfim, claro que tudo tem seu limite né, tem que sabê colocá um freio nisso tudo, tem que tê um limite porque se não extrapola, domina, enfim, eu acho que os pontos são favorável, sempre.

Perguntei à Amália se ela se sustentava sozinha e quem a ajudava a cuidar de seu filho enquanto ela está trabalhando. Ela contou-me:

Então, é que agora eu tô começando a gerência e tal, tô trabalhando nisso há pouco tempo, então eu acho que a tendência é melhora. Eu me sustento, né, eu e meu filho, e eu acho que né, não tenho tudo do bom e do melhor, mas eu consigo graças a Deus vivê bem. E eu acho que isso é devido ao meu esforço, minha experiência, a faculdade que eu fiz, e porque eu trabalho e eu gosto, eu faço as coisas, assim, com prazer. Então isso te dá um retorno bom... E... meu filho, ele fica com a avó dele por parte de pai, eles me dão uma mega força, então assim, ele fica muito mais com eles do que comigo. Agora, férias a gente tá mais junto, né, mas, assim, cê trabalha em tempo integral, entendeu, e antes eu estudava então ele ficava muito tempo lá, mas a gente tá junto o tempo todo, entendeu. E muita das vezes ele dorme também, mas é costume, a gente tá tudo em família. Parati também é assim, né, são os moradores, todo mundo conhece a família de todo mundo, então não é minha família, mas é como se fosse.

Então onde eu como, onde eu durmo, eles se preocupam comigo, eles sabem onde que eu vivo, o que eu faço, então são como se fosse meus pais também, eu nunca tive meu pai, perdi minha mãe com dezessete anos, então, eles são assim tipo os meus pais.

Perguntei à Amália como ela fazia para cuidar das tarefas domésticas e se ela morava sozinha ou se era apenas ela e o filho. Ela disse:

Então, menina, é uma coisa (risos). Se eu não me virá..., eu tenho uma cesta de roupa pra lavá em casa... Eu tenho máquina, porque senão não dá. Ou eu chamo alguma pessoa, assim, prá me ajudá a dá uma geral, e tem minha vó, assim que tá sempre dando uma força. Eu moro numa casa grande, é sobrado, eu em cima, tem meu irmão embaixo, minha vó, o meu outro tio que é mais novo que eu, e o Júnior, que fica bastante com os avós dele também. Então minha vó me dá uma força em casa. Adianta um pouco tadinha, adora lavá roupa. Minha vó também, depois que eu perdi minha mãe, fico com a gente o tempo todo. Graças a Deus que ela me dá uma força, porque senão não dá, acaba que você fica sem tempo pra casa, né. E a gente precisa, de roupa, sapato. Tem um tempão que eu não vô no mercado, eu chego em casa eu sempre quero deitá, aí chego, deito, assisto novela, fico de perna pro ar. Mas, eu fico muito cansada, porque, essa rotina aqui, por mais que você não pegue no pesado, você usa o seu psicológico, cê tem que tá bem, entendeu. Eu comecei a trabalhá muito cedo, desde os meus dezesseis e nunca mais parei, entendeu. Então assim, se você vive uma vida de balada, de festas, você não consegue. Tem que sabê muito bem dividí isso. Hoje em dia, que eu tenho, assim, os meus trinta anos, eu consigo dividí. Eu tenho que saí, eu preciso vê os meus amigos, a gente marca um jantar, um negocinho assim, mas, tudo assim, moderadamente, sai, dá risada, conversa, fala; precisa disso, porque senão cê fica lôca, é casa trabalho casa trabalho... E meu gerente, já vai fazê mais de mês, ele falô, «Amália, realmente cê tá trabalhando muito, então cê pega uma semana, sai, vai passeá»; e ele me ajuda, ele é diretor de uma empresa, ele ajuda a gerenciar, enfim, outros hotéis, ele tem uma agência, ele trabalha com hotéis de luxo, enfim tem um conhecimento maior, aí ele falou para eu ir numa pousada, lá em Monte Verde, pra ir dá uma descansada de uma semana. Tem que se programá, mas vai dá certo.

Perguntei para Amália se ela sentia diferenças em sua rotina diária na alta e na baixa temporada. Segundo ela:

Eu trabalho, assim, muito. Claro que assim, agora eu consigo tirá mais o meu fim de semana e consigo um pôco de tempo mais pra mim. Mas é muito trabalho, porque assim, você lida com imprevistos né, eu acho que é por isso que tem gerente aqui né, porque a gente qué tudo bonitinho, todos os setores, tudo indo nos conformes, ótimo, a gente procura que seja assim, que aconteça desse jeito, mas não, imprevisto é o que mais acontece, e gente tá aqui pra acabá com os incêndios né. Tem muitos eventos que tem em Parati, a gente tem um calendário cultural riquíssimo, então assim, quando você acha que tá tudo tranqüilo, não... Agora a gente tem eventos, assim, de fim de semana, aí se tem cê fica assim, puxa vai passá, aí não... Semana que vem tem um encontro de redatores, há duas semanas atrás tivemos um mega evento que é a Flip. Depois em agosto tem a Festa da Pinga. Setembro tem a festa da Padroeira. Depois tem os feriados, aí outubro tem vários pacotes, criança, etc, aí chega em novembro e começa o movimento, começa a esquentá, e tem gente o tempo todo. Ou seja, trabalhamos bastante. E aí é questão de você se organizá mesmo, né. Tipo de tal horário a tal horário, eu vô cuidá disso, de tal horário a tal horário eu vô sentá e respondê os e-mails, depois vou checar os outros setores... Tem que se organizá, senão cê se enrola muito. E tem que dividí o seu tempo, e a gente precisa do nosso tempo, senão é estafa na certa. Já trabalhei aqui assim, ofensivamente, de entra às oito saí às sete horas da noite, às vezes ía em casa tomava um banho correndo e voltava, porque, assim, tem seqüência de trabalho.

Perguntei o que ela fazia com seu tempo livre. Ela disse:

A gente tem uns lugares bons em Parati. Conforme a gente vai ficando mais velha, vai pegando mais experiência, a gente vai começando a dar valores a coisas que a gente não tinha quando era mais jovem, então hoje em dia, eu vou pra uma praia, a gente tem lugares lindos na costeira de Parati, uns lugares maravilhoso, saco do Mamanguá, Ponta da Joatinga, trilha, cachoeira, praia, isso eu curto muito. Vâmo falá, assim, do meu dia de folga: acordo cedo, vô pra praia, aproveito, curto bastante, volto, passo em cachoeira, caminhada, caiaque, tem uns esportes assim de aventura, uma série de coisas. E noturno, nós temos umas casas, também umas baladinhas, nada igual a São Paulo, mas promete também, rola um som bom, bebida gente bonita, pessoal de fora, amigos, enfim, é isso. E hoje, o que eu mais faço, são jantares, encontro com os amigos, reuniões, e eu acho que isso é extremamente saudável, senão cê desgasta.

Perguntei à Amália se ela acreditava que o emprego no setor de turismo pudesse favorecer a emancipação feminina, e, conseqüentemente, a sua própria emancipação.

Amália logo respondeu:

O setor de turismo favorece sim. Abre muita porta. A mulher ela tem muito jeitinho com um monte de coisa, a gente sabe atendê, comunicá, os homens fazem isso também, mas com mulher não adianta. Nós somos demais. Tem um ditado assim que fala, «*atrás de um homem sempre há uma grande mulher*», mas acho que de um bom tempo pra cá, as mulheres, cada vez que passa, elas vão se aproximando mais. As mulheres já foram muito limitadas no mercado, já foram muito mais embaixo com relação a piso salarial, já foi muito mais lá trás. Hoje em dia não, mas ainda tem, tem certo preconceito.

Indaguei Amália a respeito das possibilidades de profissionalização, intelectualização e/ou capacitação oferecidas às mulheres paratienses. Segundo ela:

Falta mão-de-obra qualificada. Eu acho que deveria tê mais, do Sebrae, do Senac... Senac a gente não tem aqui, mas o Sebrae, o balcão de emprego, a Acip (Associação Comercial e Industrial de Parati)... Deveria ter mais curso técnico, qualificação, deveria ter mais isso pra poder ajudá, eu acho que a gente peca um pouco nisso, qualificá mão-de-obra local, tem pessoas qualificadas, mas a maioria aqui vem de fora. Eu acho que o poder privado, público, poderia investí mais nisso, entendeu, em qualificação de mão-de-obra local. Isso é muito importante, né. Enfim, masculino e feminino.

Quis saber se Amália sabia algo sobre casos de prostituição relacionados à atividade turística, em Parati. Segundo ela:

A gente na realidade, não, assim, se eu falá pra você que não tem..., assim a gente não vê, não é tão grande quanto a gente vê em matérias, jornais, revista, tv, enfim. Que nem norte e nordeste que é muito grande, a gente não tem. Claro que a gente ouve, algum gringo pegá as meninas, assim, raríssimo acontecer, mas acontece. Eu trabalho com turismo há mais de quinze anos, pouquíssimas vezes que eu ouvi isso, entendeu. A gente sabe, a gente tem consciência, a gente recebe informativos, mas não é um trabalho tão massivo não é uma coisa tão aberta. Não rola muito, porque, não rola, não acontece muito, então o pessoal daqui não trabalha muito em cima disso.

E o que ela sabia a respeito das condições de trabalho das mulheres em Parati, bem como da existência de trabalho informal ou temporal.

Então, acho que a maioria, pelo menos de hotéis e pousadas que eu conheço aqui no centro, e ao redor, acho que a maioria trabalha aqui com registro, entendeu. Pelo menos nessa empresa, aqui onde eu tô hoje, até que entra, assim, tem um rapaz que entrô no bar faz duas semanas, a gente já registrô a carteira dele, pra ficá tudo legal, entendeu. Quando eu entrei aqui a gente tinha o lance do aprendiz, que é, parece que tem uma lei agora nova, eu não sei se foi aprovada, parece que toda empresa tem que tê um menor de aprendiz pra..., né, aí também não sei como ficô, mas quando eu entrei tinha, mas logo na seqüência ele saiu, eu não sei, né, como é que tá o pé disso, né, se tem que tê uma empresa ou não, mas nós não temos né, menores de idade. Vai aprendendo né, tem uma carga horária reduzida, abate na coisa do estudo, carga horária, essas coisas todas, mas nós não temos. Mas eu acho que com relação à registro, e tal, é tudo normal, eu acho que a maioria dos lugares eles fazem as coisas mais corretas. Eu acho, não sei fora daqui, pelo menos aqui no centro que a gente sabe. E tem também muito trabalho temporário e informal sim.

Questionei Amália sobre a conquista de seu cargo, isto é, como gerente de uma pousada. Perguntei se ela havia encontrado dificuldade em alcançar um cargo que seria muito mais fácil ser ocupado por uma pessoa de fora de Parati, ou então por um homem ao invés de uma mulher. Ela contou o seguinte:

Olha, o negócio foi indo, foi muito rápido, mas eu vô te falá. Era um gerente, que era o Sr. X, e ele sempre me levando pra tudo quanto é lugar, «vamô participá disso, Amália, vem», aí eu «Ah! Mas eu tenho vergonha», e ele «Fala, Amália!». Então, reuniões, convenções, assim, ele sempre me levô pra participá de todos os negócios, e aí foi indo. Teve um probleminha com ele e ele saiu e, automaticamente, eu fui meio que assumindo, entendeu, as responsabilidades foram tudo pra cima de mim, mas aí depois eu sentei, porque tudo tem o seu momento, porque você não pode chegá toda lôca e «aí, eu estou ou não tô», não, eu fui dando o meu de melhor, entendeu, fui indo, fui indo, aí falavam «Amália, aproveita», o próprio Sr. X, «Faz por onde Amália, cê tá com a faca e o queijo na mão, porque as pessoas vão reconhecê, não fica só aí, na recepção, ocupa espaços, vai pegando todos os lugares», e cê vai indo, claro que sem passá em cima de ninguém, é por bem, cê vai conquistando as pessoas, cê vai conquistando os espaços, quando cê vê cê já tá inserida e resolvendo um monte de

coisas que nem cabia a mim, que era serviço de gerente, entendeu, aí um dos diretores da empresa que era o Sr. Y veio, aí eu falei, «Sr. Y, eu tô assumindo as responsabilidades e aí? Tô sobrecarregada, não consigo», e ele viu que de uma certa maneira eles tavam um pôco na minha mão, eles sabem que eu sô uma boa funcionária, cumpro com as minhas obrigações, entendeu, e eu faço por onde, e tipo assim, carta branca pra mim. Isso é bom, cê conquistá os seus patrão, isso é muito importante, muito, muito importante... E também tem uma coisa, cê se envolve com uma pessoa, tem várias pessoas que veio de fora, né, homens, enfim, então você se envolve com uma pessoa, e se a pessoa não tem uma mente muito boa, cê vai embora, vai embora que eu falo é assim, larga seu trabalho, não qué sabê de estudá, aí vira uma do lar. O máximo que cê vai fazê vai sê ajudá o marido, tomá conta da casa, enfim, vivê a vida do marido. Não é realmente todo mundo que faz isso: tem um relacionamento, maravilhas, não deu certo, volta à frente, continua trabalhando. Isso também eu gosto bastante, isso eu admiro muito, e eu fico feliz assim, por eu agí dessa forma, por eu tê agido dessa forma. Maravilha, vivemos juntos, não deu certo, então bota a bola pra frente, vô continuá meu trabalho, e nunca larga o trabalho, nunca larga o estudo, nunca abre mão disso, e vai vivê a tua vida. Cê vai vivê a vida de outra pessoa? E aí, amanhã ou depois cê não tá com ele e tchau, e cê não é ninguém, não estuda, nunca trabalhô fora, num tem experiência nenhuma? Tá entendendo, acontece isso aqui, e bastante. E sempre assim, eu fui, lutei, e nunca tive ajuda financêra, assim, de ninguém, então cada um se vira lá em casa do jeito que pode. Minhas tias tão casadas, cada uma tem a sua vida, a minha vó adora o sítio dela, meus irmãos, que são mais novos do que eu, também se viram... E também, tem mais pessoas de fora, eu acho, local é mais difícil, tanto é que nas reuniões que eu vô as pessoas falam «Ah! A Amália é de Parati? Trabalha gerenciando a pousada? Ah! Que legal, é de Parati», porque as pessoas, elas muitas vêm de fora, entendeu, vêm muitas pessoas de fora. Porque a gente aqui, falta mão-de-obra qualificada, e não é todo mundo que se esforça pra falá inglês, pra ir pra fora fazê uma faculdade, não é todo mundo que tem essa força de vontade. Mas tem mulheres sim, mas eu acho que não é maioria, é minoria.

Amália falou, novamente, do exemplo e da base que sua mãe e avó lhe deram, e que o papel de mãe solteira não é valorizado pela sociedade. Ela mesma se considera um “exemplo de vida”.

Questionei Amália sobre seus planos futuros para sua carreira e sua vida pessoal.

Perguntei se ela gostaria de continuar na área de turismo, se pretendia fazer outros cursos, etc. Amália assim me disse:

Vô continuá sempre. Mais e mais. Eu ia fazê uma pós agora, só que tá um pôco puxado, tá meio corrido pra mim, eu quero dá uma acalmada um pôco mais pra fazê uma pós, uma coisa voltada mesmo pro turismo, não sei se pra hotelaria, mais voltada pro turismo. E agora eu tenho que fazê línguas, porque o nível de estrangeiro nosso é muito grande, eu tenho uma prática nisso, mas não tem a teoria né, de línguas e de inglês, é muito importante. E o exemplo, eu acho que assim, toda a minha família é muito simples, então assim, perdi minha mãe muito cedo, fui mãe muito nova, então tudo é uma experiência de vida, então o que eu valorizo demais é assim: eu não tenho ajuda dos meus pais, nunca tive com meu pai, perdi minha mãe cedo, e sempre trabalhando muito, não vô falá pra você que eu deixei de fazê muitas coisas, que eu dexei, viagens, mas nunca me arrependi, nunca, nunca liguei, nunca esquentei muito pra isso. Hoje eu vejo que eu poderia tê aproveitado, mas não, tudo bem vai, tô seguindo o meu caminho, e eu sinto, eu vejo hoje isso, eu pude comprá o meu terreno, se Deus quisé eu vô começá a construí daqui há um tempo, eu já tenho uma moto, quero comprá meu carrinho, quero estudá mais, entendeu, quero ir pra fora pra vê se eu faço uns três, quatro meses de um inglês super intensivo, falo o inglês normal, me viro de boa, mas eu queria uma coisa mais, entendeu. Mas saí, saí daqui no momento eu não penso, já pensei muito, mas agora não.

Amália parece também sonhar com sua própria pousada. Ela me contou que sua tia está montando uma pousada e até já a convidou para ajudá-la; e que seus amigos sempre procuram por ela para lhe pedir “dicas”.

Perguntei, então, se Amália acredita que o Turismo tenha trazido, tanto para ela, quanto para as outras mulheres em Parati, novas perspectivas e oportunidades capazes de transformar a vida delas. Ou se ela cogita a possibilidade de sair de Parati por achar que a cidade não é capaz de lhe oferecer algo que ela ainda deseja em sua carreira ou vida pessoal. Ela prontamente respondeu:

Sim, com certeza, sem sombra de dúvidas, me abriu várias portas, e quando você tá num cargo um pôquinho mais assim, você tem um conhecimento maior, você começa a ter relacionamentos, você começa a conhecê, tê contato, com pessoas de vários setores, como o turismo mesmo, assim, restaurante, hotéis, enfim, cê, vai abrindo, entendeu, em projetos novos que tem a gente tá sempre envolvido, até, enfim, novidades do ministério do turismo, campanhas novas, a gente tá sempre por dentro e isso é muito bom. Não só pra mim, mas eu acho que pra muitas pessoas em Parati. E eu corro atrás, né. Eu agradeço muito à Deus por tudo, e eu espero que algum dia eu tenha um retorno, assim, à altura, mas eu tô no caminho certo. Eu faço parte, a gente tem o Turismo da Costa Verde, né, Angra, Parati, Mangaratiba e Itaguaí e Rio Claro, então eu faço parte do conselho e as pessoas falam assim pra mim «Ah, cê é de Parati, nossa que bacana né, Amália nasceu em Parati». É muito bom, eu vejo isso como ponto positivo, de nascê aqui, de chegá onde eu cheguei, do trabalho, da experiência. E olha, eu já pensei muito em saí de Parati, mas quando eu era mais nova. Só que eu vô vendo que são tantas coisas boas acontecendo pra Parati, tem muitas coisas abrindo, surgindo, novas coisas, coisas grandes, coisas boas, entendeu, eu acho que não tem o porquê. Assim, o que eu gosto muito de fazê, sempre quis fazê é pôde viajá, conhecê outros lugares, eu acho que isso é muito válido pra mim, que trabalho com hotelaria.

* * *

Na quarta-feira, dia vinte e dois de julho, dei início a um novo dia de busca às prováveis entrevistadas. Decidi que estava na hora de procurar mulheres que estivessem empregadas no setor público em Parati, como, por exemplo, funcionárias de museus, de postos de informações turísticas, da secretaria de turismo, etc. Contudo, em plena quarta-feira, alguns museus estavam fechados, no posto de informação turística havia apenas duas senhoras, e um rapaz e na secretaria de turismo, a secretária “não está na cidade”, eles nunca estão, aliás.

Enfim, caminhando pelo centro histórico, parei na esquina de encontro das ruas Samuel Costa e Dona Geralda, ocupada por um casarão colonial que abriga hoje a Casa

da Cultura de Parati. Era a primeira vez que eu entrava na Casa de Cultura. Já havia passado pelo mesmo edifício diversas vezes, mas nunca havia me interessado em verificar as várias exposições que foram montadas para o público em geral. Naquela quarta-feira, contudo, passando por umas das portas abertas do casarão, percebi uma série de peças de artesanato de todos os tipos e tamanhos: tapeçarias, pinturas, cerâmicas, luminárias, crochês, cestarias, etc. Talvez fosse uma boa hora para entrar em contato com alguma artesã de Parati, pensei.

Lá estavam duas senhoras e um senhor. Entrei, comecei a olhar as peças e uma das duas senhoras se aproximou de mim e disse: “todas as peças daqui são de artesãos locais, viu?”. Eu logo perguntei se ela própria conhecia os artesãos, e a resposta foi afirmativa. Diante da solicitude daquela senhora expliquei o motivo de minha visita e perguntei-lhe se ela poderia me ajudar apresentando-me a alguma artesã que expunha seu trabalho, ali mesmo, na Casa da Cultura. Ela, imediatamente, pôs-se a procurar em um caderninho o contato de alguma artesã. Porém, enquanto ela folheava as páginas de seu caderninho, uma moça de uns trinta anos entrou pela porta segurando nas mãos uma grande e belíssima arandela feita com filtro de café e palha de açazeiro, e disse para senhora ao meu lado: “Olha Sra. Z, mais uma peça que eu terminei de fazê”.

A Sra. Z elogiou o mais novo trabalho da moça, comemorou a coincidência e disse para mim: “Olha, Thais, a Arlete é de Parati e ela é artesã, você poderia conversar com ela!”. Expliquei, então à Arlete, sobre minha pesquisa e ela, alegremente, concordou em participar.

Arlete me pediu que eu a acompanhasse até sua casa, onde estavam seus outros trabalhos e onde poderíamos fazer a entrevista, segundo ela. Chegando lá, ela me mostrou suas peças, os materiais com que trabalha, ofereceu-me um copo d’ água e nós demos início à entrevista.

Arlete

Arlete é solteira, tem trinta e um anos e não tem filhos. Seus pais vieram do nordeste, seu pai é do Ceará e sua mãe da Paraíba, ambos com a quarta série primária. Eles conheceram Parati há mais de quarenta anos e “resolveram ficá”.

A família de Arlete sempre trabalhou com comércio, seu pai e sua mãe já tiveram “mercadinho, barzinho, lanchonete e *choperia*” na cidade. “Depois de um tempo,” a mãe de Arlete “conseguiu” um sítio nas proximidades de Parati. Hoje, o pai e a mãe de Arlete vivem neste sítio com alguns outros familiares, onde eles plantam e colhem o próprio sustento e vendem parte do que colhem para algumas quitandas de Parati.

Arlete tem apenas uma irmã mais velha, formada em contabilidade, casada, sem filhos e que trabalha junto com o marido que é despachante “de documento de barco”, em Parati mesmo.

Pedi à Arlete que me relatasse sua curiosa trajetória escolar e profissional até que ela se descobrisse como artesã. Como ela mesma conta:

Eu parei na oitava, aí, depois, num fiquei com vontade mais, parei. Eu estudei aqui, depois estudei no Rio, depois voltei pra Parati de novo, depois fui pra São Paulo, estudei em São Paulo, depois eu voltei pra Parati, aí eu falei «Chega!». Eu mudei tanto assim porque, como fala, fui convidada pra morá em São Paulo, né, pra fazê negócio de serviço, tudo, fiquei lá um tempo, num deu certo... Eu imagino quem num tem estudo, né, com estudo já tá um sufoco, imagina que não tem. Aí depois fui pro Rio, mas no Rio eu tinha, na época, dezesseis anos, aí trabalhei num restaurante, aí fiquei um ano no Rio, aí voltei pra Parati de novo, eu falei «Chega!». E também eu trabalhei com música, né, tóco violão e gaita, tive banda, participei de festivais, eventos culturais, que nem Música no Parque, né, e em outros eventos aqui em Parati, no Festival da Pinga, com a banda, mas aí depois fui fazê outro tipo de serviço, né, aí trabalhei no Pet-Shop até descobrí o artesanato. E Sempre trabalhando, num tem como ficá parada, num tem como, aí agora com artesanato, aí sim, quando cê gosta de alguma coisa... E quando eu comecei o artesanato, eu peguei lá, olhei, o guapuruvu, aí

bolei um peixinho, saiu um peixinho, aí eu falei «Ahh!», daí eu comecei a criar mais ainda.

Arlete se sustenta com o dinheiro da venda de suas peças e também recebe ajuda de sua família. Ela mora em uma casa, no bairro da Mangueira, com a irmã, o cunhado e o tio. E, às vezes, passa uma temporada no sítio dos pais.

Questionei Arlete sobre seus sentimentos positivos e negativos com relação ao turismo. Segundo ela:

Eu acho ótimo, pra cidade aí, com turista. Aliás, nós dependêmo do turista, né, bastante, e quando a cidade tá lotada é muito bom. Quando chega báxa temporada, fica todo mundo, todo mundo, fica no sufoco, e aí a prefeitura tem que tá sempre fazendo eventos culturais aí, né, pelo menos uma vez no mês, né. Eu gosto, adoro, por mim pode tê turista o ano intero (risos).

Perguntei-lhe se não havia nada que ela desgostasse no turismo ou nos turistas em Parati. Ela disse:

Ah não, tem nada não. A única coisa que, assim, é ruim... a saúde é um caso sério, e o tratamento de esgoto da cidade não tem, que eles num põem, é uma vergonha. Então lota essa cidade e aí é uma coisa de lôco: falta água... Igual aqui, os bairro mais simples, eles cortam água daqui pra podê, no centro, não faltá água, principalmente nas pousada, entendeu? Aí eles inventam que tão arrumando num sei o quê... é... o pessoal dos bairro mais simples agüenta aí porque no centro não pode faltá água não. É muita gente, a cidade num tem mais estrutura pra suportá muita gente, principalmente, tem muita gente vindo morá em Parati, né, que é de fora, eles vão desmatâno tudo, quando vê já era... Tá lotado de casa, condomínio, aí num tem tratamento de esgoto, aí que vai sê uma lôcura, mesmo. É pouco espaço pra muita gente!

Perguntei à Arlete se ela acreditava que sua ocupação, no setor de turismo, pudesse ter favorecido sua emancipação e autonomia, já que hoje ela consegue se sustentar, quase que exclusivamente, com a renda de seu trabalho como artesã em uma cidade turística como Parati. Ela respondeu:

Ah, sim, com certeza, e o pessoal começô a gostá do trabalho, aos pôco eu tô fazendo meu trabalho e ganhando um dinherinho aí..., e eu pretendo colocá pra fora, né, da cidade, pra vendê fora da cidade. Vem bastante turista aqui, né, mas eu também tenho que divulgá em ôtros lugar. E... tem muito conhecido meu que divulga pra mim, mas eu tenho que í lá, algumas peças menores eu também levo em lojas, empresas, pra decorador, né, aí eu tenho que fazê tudo isso... E com certeza, me deu muito mais liberdade, eu prefiro trabalhá assim do que trabalhá empregada, né, aí eu faço meu horário, invento as peça aí, vô criando, vô criando... Eu nem penso mais em trabalhá de empregada. E olha, que eu já trabalhei em pousada, trabalhei em restaurante, já trabalhei em sorveteria, já trabalhei na cozinha, já fui cozinheira, atendente, já fui..., já trabalhei em negócio de saúde, em pet-shop, né, banho e tosa em cachorro, ihh...que mais cê que sabe? Mil e uma utilidades (risos).

Questionei Arlete sobre as condições de trabalho em Parati. Segundo ela:

Noossa! Aí dêxa eu vê, dêxa eu te colocá assim: trinta por cento das empresa, trinta por cento assina, o resto esquece. É coisa rara de se vê. É tudo informal. Às vezes pegam você, e tem a experiência, né, três meses, né, aí chega três meses eles te manda embora, aí manda embora pra num tê o trabalho assim de assiná a cartera, né. Tem gente que assina, aí quando te manda embora, aí pra você revê seus direito, ihhh, é uma dificuldade... No centro, hã, nossa! Tem restaurante ali que é um abuso com os funcionário. Troca o horário dele, segura o funcionário que trabalhô oito, dez, doze horas... cê fica à disposição, né? Que nem, fica oito horas lá uma equipe, oito horas a outra, né, aí pega você de manhã, cê fica no restaurante, aí quando chega, depois do almoço, de duas horas da tarde, manda você pra casa, né, cê tem um intervalo, aí cê volta tipo cinco e vai até fechá, cê já penso? É em seqüência, um negócio desse cê num guênta, cê ficá o tempo todo em pé... então cê fica à disposição do restaurante, o tempo todo. Aí tem uma folga durante a semana, aí chega o dia de folga aí acabô, cê num faz mais nada. E eles pagam um salário, dois salário, claro tem os dez por cento, né, mas o mínimo é um salário, nas pousada também. Nas loja é um salário, um salário e meio, mais a comissão, e à disposição deles. Minha irmã trabalhô na loja, cinco anos, e era assim, eles troca o horário, aí cê num pode fazê nada, outras coisa, porque, minha filha... Cê num consegue, cê vai estudá como? Num estuda. Eu tenho uma amiga que ela trabalha em particular, né, numa casa, né? Tá tudo bem, um casão, né, então ela tá tendo mais trabalho quando eles tão aí, né? Quando eles tão, aí é dez hora direto trabalhando, fazendo as coisa pra eles, e não tem cartera assinada e tem treze ano com eles, entendeu? E eles têm dinhêro, são pessoas ricas, rica mesmo. Ela lava,

ela passa, ela cozinha, ela limpa, a casa é uma coisa linda, né? Tem piscina, tudo, e fica essa palhaçada com os funcionários. Eles são de São Paulo, e da família real.

Quando perguntei à Arlete sobre prostituição em Parati, e sua relação com a atividade turística ela usou todos os subterfúgios para responder algo diferente do que eu havia perguntado. Primeiro eu perguntei se ela sabia algo sobre o assunto, e ela disse: “Não sei”. Depois perguntei se ela já tinha ouvido a prefeitura ou o poder público fazerem alguma campanha para evitar a prostituição feminina ou masculina em Parati, e ela disse:

Ahh tem, eles têm, o pessoal do centro aqui, tem palestra, tudo... Tem a promoção social que eles falam, divulgam a reunião, na câmara ou em algum lugar, pelo rádio, pelo som do carro, né, «vai tê reunião sobre isso», toda semana tem, dos assunto da cidade, o que eles tão fazendo, qual os projeto novo que eles tão organizando, aí tem o jornal da cidade...

Eu pensei que ela estivesse falando de palestras sobre prostituição, mas não era.

Perguntei se ela já tinha ouvido falar de algum caso de prostituição. Ela disse:

Ah! Já, tem, eu já denunciei, não por... por mau trato, a moça tinha um irmão que tinha problema de saúde mentais e ela não cuidava direito, aí eu fiquei sabendo, aí liguei, vieram lá e levaram ele pra um lugar bem melhor...

Novamente ela se desviou do assunto, e mais uma vez eu perguntei se ela sabia de algum caso de prostituição ligado à atividade turística.

Não, não. Ahh... tem assim de droga, né. Sempre rola em tudo que é lado do mundo. Sempre tem pessoas que foram presa, assim... Igual as pessoas que vão pra cachoeira, pras praia sozinho, aí é assaltado. Mas a polícia tá em cima...

Depois disso resolvi mudar de assunto. Ou ela não sabia o que é “prostituição”, ou simplesmente não quis entrar no assunto.

Questionei Arlete sobre as possibilidades de profissionalização, intelectualização e capacitação, oferecidas às mulheres em Parati. Segundo ela:

Oferece sim, tem alguns cursos, de atendente, de cozinheira, de barman, tem pelo Sebrae, tem hora que a prefeitura traz os curso, né, tem curso pela Promoção Social, tem empresa que que um funcionário melhor, aí dá o curso. Eu fiz um curso de informática, pelo Sebrae, tem que fazê inglês, né, que é muito gringo, mas é que aqui tem que pagá, de idioma só pago, e eu acho difícil, né? E faculdade, tem, nas escola particular, no Objetivo, no Milênio..., mas depende do que a pessoa vai fazê, porque tem curso que não tem...aí tem que saí mesmo, igual eu, se eu fô fazê um curso pra melhorá acabamento, como é que fala, do artesanato, tem que saí daqui, aqui não vai tê. Como pintá, como tingí, igual fazê o da fibra da bananeira pra fazê papel, eu tenho que saí daqui, que aqui não tem, nem na promoção social tem,... aí imagina, aí cê tem que tê toda a despesa, já pensô, num tem como, nem no Sebrae tem, que nós tem no sítio, né, aí dá pra montá todo o negócio lá, pra fazê papel, aí tem que saí fora, Ubatuba, São Paulo, Ubatuba tem, sempre lotado, tem que perguntá se dá pra coloca eu na fila pro ano que vem, são seis meses de curso.

Perguntei à Arlete como eram divididas as tarefas domésticas em sua casa.

Segundo ela:

Ah, eu, minha irmã, todo mundo. Todo mundo tamém vai pra cozinha. Todo mundo faz faxina. Os homem que lava, que passa, cozinha. Fazem tudo aqui. É um ajudando o outro.

Perguntei a Arlete o que ela faz com seu tempo livre. Ela disse:

Arte! (risos). Faço qualquer tipo de arte (risos). Ah! Tiro folga, vô nadá, né? Porque eu sinto muita dor no corpo, né, por causa de ficá muito tempo na mesma posição, né? Às vezes, com algumas encomendas que eu tive prazo curto pra entregá, eu tive que trabalhá dia e noite, aí o pescoço travô, aí cabô, assim, entreguei, né, mas fui pará no hospital (risos).

E sobre as diferenças na sua rotina diária durante a alta e baixa temporada.

Como ela mesma conta:

Ah! A rotina muda sim. Quando tem turista tem mais trabalho. Assim, na baixa temporada eu tô fazendo as peça, bastante, né, trabalho bastante. Aí, quando chega a alta temporada eu saio pra vendê, pra divulgá, vendê. Vô na rua, com uma peça pequena na mão, ou eu levo o álbum pro pessoal vê, eles vê, aí eu venho buscá a peça aqui em casa. É uma correria! Eu tenho um pessoal que me ajuda a fazê, as peças, porque, senão, eu não dô conta não. Eu vô pras outras praias da região aí, pra divulgá. É uma correria!

Arlete também contou que utiliza “muito” a Internet para divulgar seu trabalho, principalmente o “Orkut”. No início de sua carreira como artesã, uma amiga de Arlete lhe deu a “dica” de colocar suas peças à venda, por consignação, nas lojas de Parati; e assim tudo começou. Arlete também trabalhou um tempo com a Casa do Artesão em Parati, mas, segundo ela, “eles cobram muito caro pra expô o trabalho” do artesão. Foi depois de algumas “reuniões, na Promoção Social, com os artesões” que Arlete descobriu a cooperativa dos artesãos, e hoje ela expõe e vende a maioria de seu trabalho através da Cooperativa de Artesãos da Casa da Cultura de Parati.

Perguntei à Arlete se ela tinha planos para sua carreira futura, se ela pretendia sair de Parati, para morar em outro lugar, ou para estudar. Ela disse:

Ah! Tenho. Não só aqui, mas fora tamém daqui. Eu pretendo, fora daqui, aperfeiçoá, igual esses curso de... acho que é de marketing. O dia que eu tivé oportunidade eu vô pra São Paulo. Com relação ao trabalho, né? Só em relação ao trabalho. Eu já morei em São Paulo e já morei aqui, então eu sei como é que é aquela coisa... Mas eu gosto daqui, vô tê aqui minhas coisa. Só vô saí, assim, pra fazê curso, né? Eu pretendo tê duas casas, lá, pra num tê tanta despesa, que eu possa tá fazendo o meu trabalho lá, e daqui eu posso levá a matéria-prima e fazê lá. Se eu vô tê algum evento, reunião, curso, eu alugo um apartamento lá, pra num tê que fica pagando hospedagem, mas aí eu fico aqui e fico lá.

Perguntei à Arlete se ela pretendia se casar ou ter filhos, futuramente. Ela logo disse:

Eu não penso em casá não! Eu adoro minha liberdade, adoro, (risos), sô fascinada por ela. Eu saio, curto, tudo, mas “oh!”, cada um no seu quadrado, (risos) cada um no seu cantinho.

Arlete ainda contou que ela e a família conseguiram um empréstimo concedido ao produtor rural, pelo Governo Federal, para transformar o sítio de seus pais em um empreendimento de turismo rural. A irmã e o cunhado de Arlete, que têm contatos com o “pessoal da maricultura”, ou seja, do Ministério da Pesca e Agricultura, freqüentaram junto com Arlete algumas reuniões realizadas pela Associação dos Maricultores do Município de Parati (AMAPAR) e pelo Ministério da Pesca, em Parati e Angra dos Reis, e, através destes contatos, conseguiram o financiamento - que deverá sair até dezembro de 2009 - para transformar o sítio da família em um “sítio de ecoturismo”. Como Arlete me explicou:

O Ecoturismo é assim: a gente trabalha com reserva, aí a pessoa qué fica lá no sítio, aí vai tê um restaurante simples, galinha caipira, pato, vai pescá pêxe na hora, limpá o pêxe, fazê a isca... então é isso aí que a gente qué fazê lá. E fui eu que tive a idéia, né, que também já saiu o projeto do governo, de apoio ao ecoturismo, aí a gente fez um empréstimo, do governo do Lula, que é do produtor rural, tá? Não do ecoturismo. Aí pra você pegá o empréstimo, é assim, cê tem um sítio, pra fazê uma coisa, aí cê tem um prazo, né, tudo, aí cê falá o que cê tem lá, e aí a gente tá esperando. Aí vai tê, eu que vô tocá, né!

* * *

A entrevista com Arlete havia sido muito proveitosa e a chuva e o frio vieram para terminar com a tarde e a noite de quarta-feira. É engraçado como nestas cidades turísticas a chuva assusta os turistas. Decidi dar o dia por encerrado.

No dia seguinte, quinta-feira, vinte e três de julho, eu encontrei com Agnes “perambulando” pelo pátio da pousada. Nós conversamos um pouco sobre o tempo, e

ela perguntou o que eu estava fazendo em Parati há quase uma semana. Eu, pela enésima vez, expliquei o motivo da minha presença e como ela se mostrou interessada eu a convidei para participar da pesquisa. No começo ela parecia querer recusar, talvez por vergonha, talvez por receio, mas eu a convenci de que as perguntas seriam muito tranquilas e fáceis. Aliás, esse era um dos principais motivos que as ex-prováveis entrevistadas me davam para não participarem da entrevista: elas alegavam “medo de respondê alguma coisa errada”.

Agnes concordou em participar, mas avisou que só poderíamos fazer a entrevista quando ela terminasse o serviço, às quinze horas, talvez dezesseis, dependendo da quantidade de serviço. Assim sendo, marcamos para o horário que ela pediu, e combinamos que faríamos a entrevista na área da piscina, ali mesmo na pousada. Enquanto isso, pude aproveitar as horas vagas para colher algumas informações restantes, sobre Parati.

Quando retornei, por volta das quinze horas, Agnes estava na lavanderia terminando suas tarefas. Eu havia comprado alguns doces e refrigerantes para oferecer a ela, quando déssemos início à entrevista; afinal, ela havia trabalhado a manhã toda e depois teria que ficar mais uma hora respondendo perguntas a uma estranha, portanto, não custava nada “agradar”. Aparentemente, minha estratégia funcionou - pelo menos “o gelo foi quebrado”! Além disso, Agnes foi uma das entrevistadas mais generosas que alguém poderia ter. Ainda que o árduo trabalho de transcrever sua entrevista tenha se transfigurado em uma audaciosa tentativa de reproduzir, em palavras escritas, seu fluxo de consciência quase joyciano, eu fiquei grata por ela não ter tido medo de verbalizar seus pensamentos em voz alta, fossem qual fossem.

Agnes

Agnes tem vinte e nove anos, é mãe de três filhos, uma menina de doze anos, um menino de oito anos e um bebê de três anos, e está separada do marido, já há alguns meses, desde que ele a agrediu fisicamente. Ela mora numa casa própria que herdou do pai, quando ele faleceu, há cinco anos. E seus avós vieram do Espírito Santo quando ainda “era pôquinha gente em Parati” e “o turismo não era tão evoluído”, há mais de trinta anos. Como ela mesma conta:

O meu avô, ele veio pra cá, na época, ele era capixaba, e, tipo assim, meu avô ele que começô lá esse lugar onde eu morava, esse bairro, o Corisco, faz tempo, eu nem era nascida. Aí foi passâno os tempo, né, aí o meu avô e meu pai tinha comprado terra, nós crescêmo, aí fomo estudá, minha mãe ela trabalhava, ela era merendeira na escola, meu pai trabalhava na prefeitura, operador de máquina, ele não dependia ainda da parte do turismo, né, ainda não. Aí foi indo mais pra frente eu e minhas irmã começâmo a trabalhá, em loja..., - que dependia da parte do turista, se não tivé turista Parati não vai à frente - aí loja, restaurante, eu trabalhei no Café Parati, tudo dependendo do turismo porque, assim, o quê meu pai ganhava não dava, pra gente, então a gente trabalhava, eu e minhas irmãs teve que saí da escola com treze ano pra trabalhá. Aí eu comecei a trabalhá nessa parte aí, trabalhava à noite, trabalhei num lugar chamado Maré Alta, tinha muito turista... E eu acho que o turismo aqui faz uma diferença pra gente aqui em Parati, porque se não tivesse, a cidade era morta, tipo Cunha, já foi em Cunha? Lá num tem turismo. E tamém, lógico, o prefeito daqui, o que entrou agora, ele mudou bastante coisa aqui. E tamém teve o... Zé Cláudio, tamém, que trouxe essa festa Flip pra cá, que não tinha...

Perguntei à Agnes se ela tinha irmãos e irmãs. Ela disse:

Eu tenho um irmão, homem, e quatro irmã. Tem uma delas que depende do turismo, que ela tem um quiosque na praia, no Jabaquara, então ela depende muito, né. E eu né, dependo tamém, porque se não tivé turista eu não trabalho.

Perguntei à Agnes se ela havia terminado seus estudos, em Parati. Segundo ela:

Eu ainda tô estudando, tô fazendo a oitava, fazendo supletivo, eu tive que pará várias vezes de estudá pra trabalhá, agora não, agora eu tô fazendo supletivo, tive que estudá direto porque senão não dá, com criança não dá.

Perguntei a idade com que Agnes havia se casado. Ela contou:

Eu engravidei com dezessete anos, aí eu casei, tive minha filha, aí depois, tive outro filho, aí me separei, depois, passô bastante tempo eu morei com outra pessoa que eu tenho esse filho que tem três anos. E também meu pai, depois que meu pai morreu, eu fiquei assim... Pode falá? Com depressão, eu tomo remédio controlado, é difícil pra caramba pra mim trabalhá, entendeu? Porque eu tenho depressão e síndrome do pânico. Eu tomo remédio de tarja preta, depois que meu pai morreu, e toda minha infância, assim, porque a gente passô necessidade, até fome, não “fóóme” assim, mas passô necessidade de não tê as coisas em casa, por eu te parado de estudá, por ajudá minha mãe, meu pai, porque era pôco o salário, era mínimo e aí não dava, aí eu queria uma roupa e não tinha... aí eu via as meninas que trabalhava e tinha as coisa, aí eu comecei a trabalhá também, pra ajudá minha mãe... Eu lembro que com meu primeiro salário eu comprei um jogo de sofá pra minha mãe. Eu tava com quinze anos, aí minha mãe morreu, ela tinha trinta e cinco anos. Meu pai morreu tem cinco anos, meu pai morreu bem depois dela. Aí ele colocou assim madrasta, várias mulé que não dava certo, que brigava com a gente, foi na época até que graças a Deus que ele conseguiu vendê umas terra dele e deu uma casa pra cada uma das filha dele, aí desde os meus dezessete anos eu tenho minha casa. E minha vida é assim, uma rotina, chaaata, mas fazê o quê!

Perguntei para Agnes como eram divididas as tarefas domésticas em sua casa.

Ela respondeu:

Eu chego em casa, eu tenho as crianças pra cuidá, eu tenho meu filho pequeno, eu chego em casa, ele qué brinca, aí eu sento um pôquinho, falo com eles, tomo um banho e dô uma deitada no sofá, cansada, né? A minha filha mais velha então... «Mãe cê tem que ficá com nós, mãe cê não sai», aí, eu falo «Ah, tô cansada». E ela é que segura as ponta lá em casa, ela fica com o mais novo até uma hora, agora não que nas férias ela tá com ele pra mim. Mas quando ela tá na escola ela fica com ele até uma hora, aí ela leva ele na casa da babá, depois quando eu saio mais tarde, ela que pega na babá, ela dá banho, dá comida, limpa casa, ela que segura, ela me ajuda pra caramba, viu! A minha filha lava a rôpa, no tanquinho e na máquina, às vezes é eu, às vezes é ela, depende da rôpa. A comida eu que faço, feijão assim sô eu que faço, agora arroz ela faz, café, tudinho, eu chego em casa já tem café, ela fala «Ah! Mãe, já fiz café!», ela dá banho nas criança...

Indaguei Agnes sobre sua rotina diária, na alta e baixa temporada. De acordo com ela:

É a mesma coisa. Do trabalho pra casa, só isso. E eu vô na igreja tamém, duas vezes por semana, quarta e domingo.

Pedi que Agnes me contasse o que ela faz em seu tempo livre. Ela mesma disse:

Nada, quando eu tô de folga eu vô um pôco na praia. Aí às vezes eu tô tão cansada que eu trabalhei tanto que eu fico em casa. E aqui tamém que eles só que sabe de explorá, ahh, explora muito o trabalho da gente. Eu queria tê um trabalho próprio assim pra mim. Eu até tentei vendê rôpa, tal, mas num deu certo que eu não tinha meu dinhêro separado então eu mexia no dinhêro. Minha prima deu certo, ela tamém vendeu uma casa... no Pouso da Cajaíba. Então ela vendeu uma casa lá e abriu uma loja, ela tem uma loja. Aí ela trabalha para ela mesma. Agora ela tá fazendo uma pousada tamém. E eu tenho terrenos pra vendê, eu queria investí esse dinhêro em alguma coisa, mas eu tenho medo de investí e falí, sei lá.

Perguntei à Agnes se ela pensava em fazer uma faculdade. Ela disse:

Eu penso, eu queira sê defensora, defensora pública, aí eu queira tanto, porque assim eu acho tão bonito a profissão. Mas eu não vô conseguí, tem que pagá a faculdade. E a faculdade é só em Angra. Mas sei lá, parece que esse sonho meu nunca vai realizá.

Indaguei Agnes sobre seu trabalho, se ela gostava de trabalhar onde ela está atualmente, como camareira de pousada. E sobre as condições de trabalho, em geral, em Parati. Como ela mesma disse:

É bom trabalhá, aqui, mas sei lá, cansa muito, eu não tenho tempo pra nada. Quando eu levanto é seis horas, seis e meia eu saio de casa, venho de bicicleta, às vezes chovendo. E aqui é tudo desorganizado, misturado, tem que fazê de tudo. Agora, na cidade, até que é com carteira assinada, as pousadas aqui no centro é todas com carterá assinada, mas o salário é baixinho, é um salário mínimo. Aí ganha, às vezes, na loja que eu trabalhava era três por cento de comissão, até que eu ganhava bem, seiscentos e pouco, setecentos e pouco. Era bom trabalhá lá, mas... Aqui é muito puxado, aí eu num tenho nem coragem de ir pra escola, tem muita coisa, muita rôpa pra passá... Minha folga é quarta-feira e dois domingos por mês, mas a maioria a gente fica só um,

aí não tem tempo pra nada, né? Eu entro às sete, saio três e meia, quatro horas, aí ele paga os extras. Só o café da manhã que ele dá. Aqui é um pôco puxado sim... Mas tem gente que faz o trabalho direitinho, depende do patrão né, mas a maioria... E também antes aqui era mais fácil arranjar emprego. Cê chegava e pedia emprego eles te dava, agora tem que dá currículo, num sei o quê, até no supermercado vai procurar emprego tem que dexar um currículo, e nem chama porque é um monte, e os de fora arruma serviço melhor que os daqui, num sei porquê, as pessoas prefere pega gente de fora do que daqui, e eles ganham muito mais e o trabalho deles, o que eles fazem, assim, o cargo é melhor, num sei porque também, deve ser porque do estudo, né, que é melhor.

De repente Agnes começou a narrar algumas de suas experiências de trabalho em Parati:

Eu trabalhei numa ôtra pousada, mas o cara mexia comigo. Onde eu trabalhei eu me ferrei. Eu trabalhei uma vez numa pizzaria, o cara ficava mexendo, e também trabalhei numa loja de artesanato, o cara veio pra me agarrar, aí saí, aí outra vez, aí fui trabalhá numa casa de família, o filho da mulé tentô me agarra, me dexô com os braço todo roxo.

De repente Agnes começou a contar que se relaciona, amigavelmente, com um homem que a corteja já há dez anos, bem mais velho que ela, e que lhe promete estabilidade, segurança e bens materiais. Agnes, contudo, não se sente atraída por ele, mas também não o repele definitivamente. De certa forma, Agnes acredita que casar-se com ele possa ser bom para ela e seus filhos. E no final de seu momento de extravasamento Agnes disse:

Eu já tive oportunidade de me casar com um italiano que eu conheci; que aqui a gente sai à noite, né, e os gringo tudo que namora a gente, e ele era bonitinho, mas eu não fiquei com ele, eu namorei com ele, mas depois ele começou a querer mandá em mim, aí eu falei «Não vai dar certo».

Quando perguntei à Agnes se ela tinha conhecimento de casos de prostituição, de qualquer tipo em Parati, ela sutilmente, ou não, decidiu simplesmente ignorar a pergunta. Mas ela confirmou de certa forma o “tráfico” de mulheres:

Eu tenho uma amiga que ela até caso com um, um médico. A minha amiga também foi embora com um cara, eu esqueci o nome do lugar, sei que ela foi embora, ela voltou aqui no final do ano, ela tá poderosa (risos).

Questionei Agnes a respeito de seus sentimentos negativos e positivos com relação ao Turismo e aos turistas em sua cidade. Ela disse:

Eu gosto do turismo, em Parati. Num sei, parece que a cidade fica mais viva. Eu prefiro. Eu gosto. Normalmente agora o ano todo tem turista. Mas quando não tem turista todo mundo fica «Nossa! Que cemitério!». Todo mundo fala, nas loja todo mundo fala, porque todo mundo já tá acostumado. Às vezes quando chega em casa alguém fica «Ohh! A cidade tá cheia, tá lotada». Todo mundo, comércio, pousada fica contente, né, porque sabe que vai entra dinheiro. Eu gosto, eu acho lindo a cidade cheia de gente, eu adoro.

Como ela já era a sexta entrevistada a “celebrar” a presença do Turismo e dos turistas em Parati perguntei novamente se não havia nada que lhe desagradasse na existência diária de turistas em sua cidade. Ela respondeu:

Não, acontece só coisa boa, por causa dos turista! Não acontece nada de mais. Ah! Em temporada falta água, porque a cidade cheia né, aí falta água, mas isso é normal, de dia normalmente eu sei que acaba, mas à noite enche tudo. Luz também às vezes acaba, mas é normal. Eles nem dêxa a cidade suja! Eles daqui de Parati que são uns porco, que suja tudo a cidade e num tá nem aí. Turista não, minha filha, eles acham até a cidade suja, se cê que sabe.

Perguntei à Agnes se ela acreditava que o seu emprego na pousada tivesse favorecido sua emancipação, ou sua independência, ou que tivesse lhe possibilitado ser responsável pelo próprio sustento. Ela apenas disse:

Ah, acho que sim. E também porque, a minha vida agora, nesse momento, eu dependo muito do turismo, que eu trabalho, né, com isso, então eu dependo bastante. Que nem, eu tô sozinha agora, eu e meus filho, então eu que tenho que me sustentá sozinha... O pai das criança ajuda com pensão, mas tá atrasada...

Quando indaguei Agnes sobre a existência de cursos de capacitação ou profissionalização na área de turismo, oferecidos em Parati, ela disse não saber de nenhum, de nenhuma espécie. Ela sabe, porém, da existência de cursos de idiomas, e quando eu perguntei se ela pretendia, algum dia, fazer um curso de idiomas, Agnes respondeu:

Às vezes... Ai!... Não. É que eu acho que num vô aprendê, que eu num tenho cabeça, sei lá. A gente conversa mesmo por sinal, aí vai indo, mas a gente conversa. E aqui normalmente quem tem um curso, que sabe falá inglês, só o inglês, só o básico, já consegue um emprego melhor, recepcionista, gerente, qualquer coisa. Isso é bom né, era pra eu tá falando. Mas só aqui que assim, normalmente quem trabalha em pousada, quem trabalha com turismo aqui em Parati, não tem folga de sábado e domingo. Só quem trabalha na prefeitura, mêmô... final de ano num trabalha, feriado não trabalha. Eu era inspetora de aluno, mas cabô meu contrato, vô tenta renová, minha irmã tá vendo pra mim, que eu quero vê um concurso, que aqui em Parati abre concurso pra mim pode fazê. Eu trabalhei seis meses, aí cabô meu contrato, aí saí, falta duas prova pra mim acabá, aí agora minha irmã tá vendo de novo pra mim, mais seis meses eu vô fazê o concurso, aí ela falô que nunca mais te mandam embora, e tamém eu trabalho muito aqui, é muito cansativo. Às vezes a minha filha fala assim «Ai mãe, quando eu crescê eu quero trabalhá igual a você» eu falo assim «Não, tá maluca, não vai trabalhá igual a eu não, eu quero que cê estude, tenha uma profissão», um trabalho bom, né? É por isso que eu tô estudando, pra arranjá um trabalho melhor, né, que enquanto eu tivê trabalhando melhor eles vão pruma coisa melhor, né, quanto mais eu descê, mais meus filho vão descendo junto comigo, então eu quero me esforçá.

Perguntei à Agnes se ela pensava em sair, algum dia de Parati, para estudar, para morar em outro lugar. Ela disse:

Eu gosto de Parati, num queria saí daqui não, apesar de tudo que é caro, num sei quê, mas eu gosto daqui.

A entrevista com Agnes durou mais de duas horas. Ela gostava muito de falar e pudemos conversar sobre vários outros assuntos que nem caberiam aqui nesta

dissertação. Quando nos despedimos ela pegou sua bicicleta e foi-se embora. No dia seguinte lá estava ela de novo, às sete da manhã, pronta para mais um dia de trabalho...

* * *

O trabalho de campo em Parati terminou numa manhã de sexta-feira, dia vinte e quatro de julho de 2009, debaixo de uma chuva fina e de ventos gélidos o suficiente para afastar os turistas menos aventureiros.

Em resumo, a amostra que representa o universo feminino paratiense, que pude explorar, é composta de uma camareira, uma artesã, uma gerente de pousada, uma que se considera apenas vendedora de uma loja de *souvenirs*, mesmo sendo esposa do proprietário da loja, uma co-proprietária de uma operadora de mergulho e uma co-proprietária de uma agência de passeios de escuna. Quatro delas são mães, duas não tem filhos. Três delas são casadas, duas são solteiras e uma está separada do marido. Apenas uma é mãe solteira convicta. Uma delas é mulata, as outras são brancas ou morenas. A mais nova tem vinte e nove anos, a mais velha, trinta e cinco anos. Somente duas delas possuem curso universitário, uma em Turismo e Hotelaria e a outra em Enfermagem. Uma abandonou a faculdade, duas terminaram o ensino fundamental e outra ainda está terminando o ensino fundamental através de escola supletiva. Duas são empregadas com carteira assinada, duas são sócias do marido em micro-empresas, uma se auto-declara empregada, apesar de tecnicamente ela ser esposa do proprietário de um estabelecimento comercial e uma delas, apenas, é trabalhadora autônoma atuante no setor informal.

Cada uma dessas seis mulheres ajudou-me a construir um pedaço da realidade diária de ser mulher em uma cidade turística como Parati. Suas vozes e suas histórias

compõem o principal subsídio que permitirá delinear melhor os efeitos sócio-culturais do turismo na vida privada e profissional de um indivíduo do sexo feminino que habita uma destinação turística brasileira. Farei a análise mais compreensiva e contextualizada desses dados de pesquisa nos capítulos cinco e nove.

Será interessante conhecer agora o pedaço da realidade Uruguaia.

QUATRO

Quatro Mulheres de Colônia do Sacramento

*Soy la advenediza
 la que llegó al banquete
 cuando los invitados comían
 los postres
 Se preguntaron
 quién osaba interrumpirlos
 de dónde era (...)
 “Vengo de un pasado ignoto - dije
 de un futuro lejano todavía
 Pero en mis profecías hay verdad
 Elocuencia en mis palabras
 ¿Iba a ser la elocuencia
 atributo de los hombres?
 Hablo la lengua de los conquistadores,
 es verdad,
 aunque digo lo opuesto de lo que ellos dicen.”
 (Cristina Peri Rossi)*

Uma viagem ao Uruguai não é algo muito comum. Pelo menos para mim, que saí do Brasil pela primeira vez aos vinte e seis anos de vida, o Uruguai não era o destino número um da lista. Por outro lado, a própria excepcionalidade do destino o torna atrativo de alguma forma. Não obstante, os motivos que me levaram ao Uruguai não foram meramente turísticos ou fortuitos. Na verdade, uma série de fatores condicionantes, ora metodológicos ora financeiros, determinou a escolha do Uruguai, e mais especificamente, da cidade de Colônia do Sacramento.

Dois critérios eram, fundamentalmente, indispensáveis para a seleção das cidades que seriam estudadas e comparadas em meu trabalho: um número de habitantes relativamente aproximado e uma estrutura e tipologia turísticas relativamente similares. Como desde o início da pesquisa Parati era já um dos destinos selecionados, minha tarefa era encontrar outra cidade que apresentasse semelhanças suficientemente

adequadas ao perfil turístico e populacional de Parati. Por conta da proximidade e, por conseguinte, da viabilidade logística, Colônia do Sacramento foi a cidade escolhida para o cumprimento das finalidades comparativas de minha pesquisa.

Relato das experiências e resultados do trabalho de campo em Colônia do Sacramento

Foram quase quatro mil e quinhentos quilômetros dentro de mais de um ônibus para ir e voltar do Uruguai. À medida que me afastava de São Paulo, capital e Estado, eram inegáveis as transformações na paisagem, no relevo, na vegetação, na cor do mar, na arquitetura das casas e prédios, nas feições das pessoas...

Em termos logísticos, a viagem de São Paulo, no Brasil, à Colônia do Sacramento, no Uruguai, é feita, por via terrestre, da seguinte maneira: São quatrocentos e oito quilômetros, percorridos na BR-116, até Curitiba, mais trezentos quilômetros, na BR-101, até Florianópolis, mais quatrocentos e setenta e seis quilômetros, nas BR-101 e BR-290, até Porto Alegre, mais quinhentos e quinze quilômetros, pelas BR-116 e BR-471, até Chuí, más trescientos y cuarenta kilómetros, por la Ruta 9, hasta Montevideo y más ciento setenta y siete kilómetros, por la Ruta 1, hasta Colonia del Sacramento.

No total, dois mil duzentos e dezesseis quilômetros em rodovias, razoavelmente, bem sinalizadas e em bom estado de conservação. O pior trecho percorrido, em virtude de obras de ampliação, encontra-se entre a região sul do Estado de Santa Catarina até as proximidades da cidade de Porto Alegre.

A chegada à Colônia do Sacramento se deu num domingo, dia primeiro de novembro de 2009, debaixo de chuva e frio. Minhas primeiras impressões da cidade não foram as mais agradáveis. À primeira vista Colônia mais parece uma simples cidade interiorana sem muito para mostrar. Logo na entrada da cidade avista-se um Shopping

Center e uma Faculdade Técnica. Quando cheguei era véspera de feriado e não havia muitas pessoas nas ruas. Em volta do centro histórico, vários quarteirões de casas fechadas já denotavam uma característica da cidade: a marcante presença do fenômeno de residências secundárias²⁶.

Na pousada onde eu ficaria hospedada, por seis dias, vi moças adolescentes arrumando e limpando os quartos e na recepção vi uma moça sozinha, também adolescente. Aliás, notei muitos jovens entre a população de Colônia do Sacramento, trabalhando nos inúmeros restaurantes da cidade e no comércio em geral. No comércio podia-se encontrar tanto homens quanto mulheres, mas atrás dos balcões de lojinhas para turistas, as mulheres estavam em maioria.

Dei início ao trabalho de campo no dia dois de novembro de 2009. Era feriado de Finados e a cidade estava muito movimentada com o *vai-e-vem* dos turistas reunidos em grupos, ou casais, ou famílias, ou sozinhos. Muitos eram europeus e argentinos.

Minha primeira entrevistada foi uma funcionária de um dos sete museus espalhados pelo centro histórico de Colônia. No início o contato foi tenso, pois aquela era a primeira vez que eu expunha os motivos de minha presença para uma provável entrevistada, em espanhol. Apesar de estudar o idioma por três anos, não é tão fácil estabelecer um vínculo com alguém que não fala o seu idioma e sabe que você não pertence àquele lugar. Em Parati eu apenas não pertencia ao lugar.

De modo geral, essa “tensão” permeou todas as cinco entrevistas que realizei no Uruguai. Infelizmente, não foi possível - como ficará claro pelo teor muito mais focalizado, sucinto e formal das entrevistas - fazer com que as mulheres entrevistadas se sentissem livres para discorrerem sobre os assuntos tratados na entrevista ou que se sentissem seguras para fazerem confissões pessoais.

²⁶ Em conversas informais com moradores locais estes me disseram que a maioria das residências secundárias em Colônia do Sacramento é de propriedade de turistas argentinos.

Ao entrar em um dos museus localizados na Plaza Mayor encontrei Adelaide sentada atrás de uma mesa, à porta do museu, carimbando os bilhetes dos turistas que entravam. Apresentei-me, perguntei se ela gostaria de participar e ela aceitou.

Adelaide

Adelaide tem trinta anos, é solteira e não tem filhos. Sua família é proveniente “del campo”. Como ela mesma conta:

Eh... bueno, mi familia vive en el campo, mi padre vivió toda su vida en lo que es una ciudad conocida como San Pedro, a unos diez, quince kilómetros de Colonia y mi madre proviene de la zona de Valdense, que es más hacia el este del departamento de Colonia. Mi padre siempre se dedicó... junto a mi hermano, se dedican a trabajar, a criar ganado para venderlo para el consumo de carne, y bueno después también hacen cultivo de cereales de ya sea de trigo, de maíz, y de poco cultivan lo que sea para darle alimento a los animales y a veces bueno hay que hacer fardo, todos esos forrajes para el invierno. Y mi madre es ama de casa.

Questionei Adelaide a respeito do nível de instrução de seus pais. Segundo ela:

Mi padre, él, este, hizo la secunda... todo lo que es la escuela secundaria y después hizo curso de así de por correo, por correspondencia, de electrónica, y también de mecánica automotriz, bueno entonces también sabe lo que es toda la parte de automotriz para dedicarse a todo lo que sea la maquinaria agrícola. Mi madre estudió como maestra, o sea en la primaria, para enseñar la primaria, y ejerció su cargo uno o dos años, poco, hasta que se casó con mi padre, y bueno y allí se dedicó de lleno a ser ama de casa.

Perguntei se Adelaide tinha irmãos e irmãs, e se caso a resposta fosse positiva, pedi-lhe que me dissesse o nível de instrução de seus irmãos e a profissão de cada um deles. Ela respondeu:

Si, tengo. Soy la menor. Somos tres. Una hermana y un hermano, y yo. Mi hermano trabajó con mi padre, él concurrió a una escuela como de nivel terciario, también cursó la secundaria y después fue a una escuela de agronomía, que también estudió todo lo que es la parte de todo el manejo del campo. En realidad, más bien, todo lo que es la mecánica, este, con las maquinarias de campo digamos. Y mi hermana es auxiliar administrativo, y hoy en día lo que hace es trabajar como una secretaria *full time*, de cierta forma, de mi padre, porque le ayuda a todo lo que es la administración de del, este, negocio, bueno del negocio de mi familia y más ahora por el tema de la transferidad que hay que tener un control sobre el rodeo ganadero.

Perguntei à Adelaide se ela vivia sozinha ou com sua família. Ela disse:

En este momento estoy viviendo con mis padres, a unos pocos kilómetros de Colonia. Me mudé hace cosa de dos años, y serví unos tres años en Colonia por un tema laboral. Bueno, aproveché también para independizarme y después tuve que volver a mudarme medio rápidamente, porque tuve unos problemas personales, a la casa de mis padres, pero ya estoy buscando, este, independencia; bueno, cuando pueda.

Perguntei à Adelaide como era feita a divisão das tarefas domésticas em sua casa. De acordo com ela:

De forma tradicional, mi madre se dedica a lo que es la parte de la cocina, yo me dedicó a la parte de la limpieza. A mi hermana no le gusta mucho limpiar y eso que también colabora, y es lo tradicional digamos que las mujeres se dedican a esas cosas: a la casa. Y lo que es la otra parte es más difícil, de más fuerza digamos, se dedican los hombres. Mi casa es muy tradicional en eso. Que miren si los hombres van a cocinar, etc., etc., etc. (ja ja ja)

Quis saber de Adelaide se ela sofria, de alguma forma, com os efeitos da dupla jornada de trabalho. Ela disse:

No, en este momento no, porque digamos, porque en mi casa tengo quien cocine, además, pero digo, me imagino que en el caso de mis compañeras de trabajo que tienen familia, entonces yo digo, veo que realmente lo sufren. Yo, personalmente, en este momento no, pero si mañana llego a tener una familia e hijo, ¿imagínate? Ah! (ja ja ja).

Perguntei à Adelaide seu nível de instrução. Ela me contou:

Mi nivel de educación es terciario, cursé, este, la universidad de la República y soy técnico en turismo y después eh... seguí estudiando un poco más para hacer la licenciatura en turismo, pero no la... no la he culminado aún. La candidatura aquí en turismo es una carrera itinerante, y generalmente la Universidad de la República tiene sede en Montevideo y si me quiero estudiar algo en Montevideo, digo en esta universidad hay que ir a Montevideo. Pero en el caso esta carrera es itinerante, y yo estudié, bueno, cuando estuvo en su momento en Colonia. Soy egresada de la generación de 2001. Y después sí para completar, digamos, o seguir estudiando la licenciatura tuve que viajar a Montevideo; pero no la he culminado.

Quis saber a quanto tempo Adelaide trabalhava no museu e quais eram as suas principais atividades. Segundo ela:

Hace cinco años es verdad... aquí en Colonia. Y aparte de hacer de guía de museo, que es mi tarea, digamos básica, también junto a otros compañeros que también están dedicándose a otras tareas, aparte de ser de guía de museo o trabajar con el público, en mi caso, estoy trabajando muy bien en la parte de registro, todo lo que tenga a ver con inventario y demás.

Perguntei à Adelaide com que idade ela começou a trabalhar e se ela sempre havia trabalhado no setor de turismo.

Veinticinco. Y... sí, porque cuando, bueno, llegó el momento de decidir en que iba a dedicarme, siempre me gustaba lo que era la parte del turismo, siempre me gustó toda esa rama, y, en primer lugar, lo primero que hice fue trabajar como recepcionista, y también hice dentro de lo que se llama la UTU aquí, que es la escuela técnica, este, como se, se da como cursos también a nivel terciario, también personal guía, gente que trabaja en la hotelería todo eso, y allí hice un año de hotelería, entonces hasta que cuando eso fue antes de ser técnica en turismo. Entonces, bueno, el turismo estaba un poquito y después también me involucré con una facción de turismo rural en mi zona y estuve también trabajando como la coordinadora, bueno todas las visitas de las escuelas que iban a visitar a los establecimientos rurales, y allí estaba como guía de turismo, hasta que bueno, por una cuestión de concurso que se hizo a nivel de la Intendencia, este, ingresé a trabajar aquí.

Quis saber se Adelaide sempre havia pensado em trabalhar com turismo. Como ela mesma disse:

Sí, por eso siempre me gustó esta profesión. El hecho de trabajar con público, gente de todas partes del mundo; me gusta mucho lo que es la parte digamos antropológica o psicológica del turismo, el hecho de trabajar con personas de diferentes culturas, países, me encanta.

Perguntei à Adelaide se ela acreditava que o emprego no setor turístico pudesse favorecer a emancipação feminina, em geral, e a sua própria emancipação. Segundo ela:

Sí, sin duda. Sí, sí, porque gracias al turismo se han abierto otras..., o varios fuentes laborales y bueno las mujeres que deseen trabajar en esto es una oportunidad también de emancipación, de independencia. Y, sí claro,... favoreció mi emancipación y autonomía, sí, sin duda. Y a mi familia digamos que en el sentido que también puedo ayudarles económicamente... Da otra dinámica, digamos, a la idea familiar, en este momento que, bueno, estoy viviendo con mi padre y mi hermana, pero, bueno, el día de mañana que pueda mudarme y pueda tener formar una familia que sin duda también va a ayudar en eso.

Pedi que Adelaide me dissesse o que ela fazia em seu tempo livre e se ela sentia mudanças em sua rotina diária na alta e na baixa temporada. Ela contou:

Bueno, me gusta reunirme con mis amigos, salir, ir al cine o ver películas en mi casa, leer, me gusta leer mucho. Y mi rutina cambia en el sentido, digamos, hay más trabajo, más movimiento.

Perguntei à Adelaide quais eram os seus sentimentos positivos e negativos em relação ao turismo em sua vida pessoal e em sua cidade. Segundo ela:

Bueno para mi vida personal creo que me ha ayudado en lo que es la independencia. En un futuro bueno cuando hay que tener una casa propia, sobretudo eso es lo que más valoro, la independencia económica, aunque bueno, no solamente es económica, en el sentido que te también te da un margen de decidir sobre tu vida, sino bueno, tenés que depender de otras personas de dinero y demás eh... y después en lo que es Colonia,

bueno, ha dado muchas fuentes de trabajo, le ha dado otra dinámica; y ha cambiado muchísimo también, por ejemplo, ha tenido sus impactos tanto negativos como positivos, en el caso de lo positivo como bueno ha dado trabajo, eh, pero también lo negativo, por ejemplo, el barrio histórico, lo que es la historia que, por ejemplo, que cambió muchísimo, porque más allá de positivamente se le rescató como edificios patrimoniales, ... histórico, etc., pero el hecho, que bueno acá, la gente que vive acá queda pobre, y la gran mayoría la alquilaba y la que no podía quedar acá se tuvo que ir, porque bueno las casas se valorizado enormemente por la declaración de UNESCO, y eso fue negativo en el sentido bueno de que la gente que habitualmente vivía acá, se tuvo que ir de nosotros, sus hogares. Pero, por otro lado, fue positivo eso que se revalorizó, es lo único, eh la única ciudad o sitio declarado por UNESCO del Uruguay, y eso también ha traído bueno realmente muchísimo público, pero como todo, el turismo trae tanto impactos positivos como los negativos. La idea bueno es tratar de revertir en lo posible lo negativo.

Indaguei Adelaide a respeito das possibilidades de profissionalização, capacitação e intelectualização oferecidas às mulheres, em Colônia do Sacramento. Ela me contou:

Digamos que acá como, a mi modo de ver, que como no se limita mucho el hecho de estudiar, de hecho en Uruguay se destaca bastante de que la universidad, por ejemplo, digamos hay distinción de mujeres en general, digo por suerte tienen ido bastante a la secundaria, al liceo, a los que pueden darse a la universidad y más a los que pueden viajar y más, pero, en general, los últimos tiempos veo que hay, se han digamos...este insertado positivamente en el sentido de que se han ido estudiando más, que antes no era tan así, o no había tantas oportunidades, y también bueno están accediendo a estudiar más, a especializarse en determinadas cosas y eh... más allá que bueno falta todavía digamos, a mi modo de ver, que se destaquen o se especialicen en determinadas áreas, que bueno hoy en día, todavía son los hombres digamos solamente los únicos que están en esos cargos, por ejemplo, a nivel político. Digo que hay, por ahora, hay pocas mujeres, mas hay acá el esfuerzo a nivel gubernamental de que haya determinado porcentaje por obligación de mujeres, que me parece ridículo. Está bien dejarle lugar a las mujeres en los partidos, o lo que sea; pero por obligación, ya me parece ridículo. ¡Por ley! Eso se tiene que dar a mi modo de ver por las mismas mujeres que, bueno, deseen ocupar determinados cargos, no digo no por obligación... Por ejemplo, ahora hay, lo que existe es el Instituto de hotelería que es público, y allí

bueno se puede todo él que quiera, puede ir a concurrir a, este, a especializarse en barman, mozo, mucama. Todo lo que es la rama de hotelería, pero no es gratuito, hay que pagar y después tenés sino público, está lo que te decía hoy la, este, la escuela técnica, que allí, bueno, puedes hacer lo que es el ciclo básico de la secundaria y allí está, bueno, la auxiliar administrativo, hay la de arquitecto, bueno todos los años se van cambiando un poco la oferta de cursos, pero son básicamente lo que se enseña. Ah... y también la policía en el departamento de Colonia, hay una escuela de policía, que hoy en día se han ensartado varias mujeres policías, hay un montón de mujeres policías ahora... Después la otra que está, que también pertenece a la Intendencia, está la Casa de la Cultura donde se ofrecen curso de todo tipo como de cerámica fría, todo lo que sea danza, curso de idiomas, hay alemán, así. Y creo que se enseña este año, sí se enseña portugués. Bueno hay otro curso que no me acuerdo ahora pero todo lo que sea cultural digamos, y después está lo que se llama la escuela del hogar que es otro instituto aparte de la casa de la cultura y está dentro de la órbita de la casa de la cultura, pero tiene su local propio digamos que como es una escuela del hogar, se enseña todo lo que es economía doméstica, o sea, todo a enseñarle a una mujer digamos a ordenar una casa, cocina, etc. Allí se enseña corte y confección y después todo lo que tenga que ver con manualidades... Ah... y los cursos de lengua siempre son pagos.

Perguntei, então, à Adelaide, caso uma mulher quisesse fazer um curso universitário, se ela teria que sair de Colônia. Como ela disse:

Bueno, puede hacer ya sea estudiar en el instituto de hotelería, a su nivel terciario, y claro allí ya tiene casi todos los cursos de la universidad, salvo en el caso de la carrera que yo hice que, que por su carácter itinerante estuvo en Colonia. Eh, o sino hay que concurrir a Montevideo. De un tiempo a esta parte se está descentralizando de a poco la Universidad de la República, por ejemplo, ya se está creando una regional Este, hay algunas carreras, por ejemplo, lo que es Agronomía y Veterinaria y alguna otra carrera que no sé que hay en la regional de Salto, pero no de toda la Universidad. O sea, la carrera que se te ocurre no está así, pero, sino digo hay que ir a Montevideo, por el momento, hasta que no se descentralice, digamos.

Quis saber que outros idiomas, Adelaide falava, além do espanhol. Ela disse:

Hablo inglés y después, bueno, tengo conocimientos de portugués, mas hasta que no... Yo lo entiendo, entiendo algunas palabras, pero voy a hablar y digo no, después alemán, incursioné algo, pero no es una cosa que hable y italiano que ay! parlo poco. (ja ja ja)

Questionei Adelaide a respeito das condições de trabalho no setor turístico de Colônia do Sacramento. Segundo ela:

Hay algo de trabajo informal, por lo que he escuchado, no estoy bien al tanto del tema, pero en general son más o menos pagos, por ejemplo, pero, digo, hay uno, se entera de que hay, de que están de negro, no están en caja, no se les paga seguro social y todo eso. Pero por lo que he escuchado, ante todo, está bastante legalizado. Y sobretodo durante la temporada, esto en verano, o sea la temporada alta o la cuando hay constancia de turismo hay empleos temporales digamos, pero Colonia tiene esa ventaja que no hay en realidad sazonalidad marcada, entonces que hay trabajo bueno también todo el año, pero los que hay, son empleos temporales también por supuesto.

Perguntei à Adelaide se ela tinha algum conhecimento a respeito de casos de prostituição feminina, ou masculina, relacionados à atividade turística, em Colônia. Ela respondeu:

No sé realmente eso, no estoy muy al tanto, pero sé que en Real San Carlos había algunas o hay en la zona saliendo de Colonia donde es una zona llamada de Laguna de los patos, que está a unos cinco kilómetros de Colonia, algo así, y hay un, lugar por ejemplo donde se hacen reunión de empresarios en la salida de Colonia, que bueno hay también ese tipo de entretenimiento, eh digamos, digamos, y hay gente que se dedica a eso precisamente, pero que conozca habitualmente que hay locales organizados dentro de Colonia, no. Yo no los conozco. Es decir, acá, la calle de los suspiros se llamaba así porque había antes en ese lugar, había establecimientos que se dedicaban a la prostitución o había, pero en este momento no. (ja ja ja).

Perguntei se a prefeitura ou o poder público faziam algo para conscientizar a população colonense sobre tal problema. Adelaide disse:

No, no para nada. No se les ha pasado ni por la cabeza. No, es decir, no es tan, me parece que no es tan notable o es algo que tal vez algún día sea más interesante digamos o más grande. No sé. Creo que no se ha explotado todavía a nivel de otros países que son famosos por ser ya destinos sexuales. Por ejemplo, la Tailandia creo que es uno de los países de Oriente que son y viajan especialmente para eso digamos. Pero acá no se destaca por eso, por ahora.

Quis saber se Adelaide tinha planos para sua carreira futura. Ela disse:

Por ahora en este momento presente no, pero la idea siempre se tiene, ... digamos en la actualidad todas las carreras tiene, hay que estar continuamente actualizándose, no te puedes quedar y, por otra parte, me interesaría continuar especializándome en la parte de museo que es lo que sí me estoy dedicando ahora y, tal vez el día de mañana, si tuviera la posibilidad, también me gusta lo que es la parte de guía de aves, que ha salido como una especie de licitación, pero para el este de uruguayo. Tengo la oportunidad que salga aquí también, me interesaría. Y la licenciatura bueno por ahora no, no sé. Sí la voy a coordinar, eso lo dejé en suspenso digamos. Pero bueno la idea, uno que te lo exige el mundo cada vez más competitivo, te digo, tienes que estar siempre al día, entonces como que quedarte no te lo permiten. Aparte digo, también me gusta el tema de los idiomas, este, entonces planeo también seguir estudiando eso. En este momento, por ahora, me estoy dedicando a estudiar italiano. Pero algún día pienso también seguir estudiando alemán que me gustó mucho y tal vez en una de esas lo retomo según como se den las cosas.

Quis saber se Adelaide gostava de viver em Colônia e se ela pretendia algum dia sair de Colônia, para viver ou trabalhar em outro lugar. Ela disse:

Sí, me gusta vivir acá. Es lindo Colonia para trabajar, pero personalmente pretendo en un futuro mudarme a Valdense, que es una ciudad que está hacia el Este del departamento de Colonia. De Colonia son cuarenta kilómetros, sí, cuarenta kilómetros, aproximadamente. Aparte, porque mis raíces, me siento más identificado, porque mis raíces están allí precisamente.

* * *

Em meu segundo dia, à busca de prováveis entrevistadas, encontrei em Colônia uma praça cheia de barraquinhas recheadas de artesanato local: a “Feria Artesanal”. Lá, por detrás das barraquinhas, muitas senhoras sentadas tricotavam blusas e ponchos feitos de uma lã extremamente grossa e suave ao toque, notava-se também muitos artigos em couro. Alguns senhores também compunham a cena da manhã do dia três de novembro de 2009, na Plaza Menor de Colônia; mas eles não eram maioria. Algumas mulheres, com seus trinta e poucos anos, estavam acompanhadas de seus filhos pequenos, que corriam pela praça.

Foi ali então que encontrei Amanda. Ela estava sentada, com um trabalho de tricô no colo, um cachecol talvez, e, quando me aproximei de sua barraquinha ela me cumprimentou com um sorriso simpático, o que me encorajou a perguntar-lhe se ela estaria interessada em participar de minha pesquisa.

Amanda concordou, prontamente, em me ajudar e me chamou para entrar na barraquinha e me sentar, junto com ela, atrás do balcão.

Amanda

Amanda é uma mulher de trinta e cinco anos, com cinco filhos, “uno de veinte, otro de diecinueve, y... dieciséis una de las chiquilinas, el otro quince y la más chica trece años” - o que para ela já é mais do que suficiente: “¿Hijos? No, no, no, más no!” -, separada do primeiro marido com quem se casou aos quinze anos e que hoje vive “en pareja” com um segundo companheiro.

Seu pai e sua mãe nasceram e se criaram em Colônia do Sacramento e tiveram doze filhos, dos quais Amanda é oitava. O pai de Amanda possui educação primária e sua mãe estudou até o primeiro ano da educação média; no Uruguai trata-se do chamado ciclo básico. Seu pai era mestre de obra e sua mãe é dona de casa. Entre seus irmãos

“algunos son albañiles, otros son carpinteros, otros son, este, trabajan en comercio, de empleados”, e entre suas irmãs “algunas son empleadas y hay domesticas también”.

O segundo companheiro de Amanda, com quem ela vive já há quinze anos, é um militar aposentado, mas, atualmente, trabalha como mestre de obras. E Amanda possui formação básica profissional em artes e artesanato pela “Universidad Del Trabajo del Uruguay”, em Colônia do Sacramento; uma espécie de CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica) do Uruguai.

Perguntei à Amanda com que idade ela havia começado a trabalhar. Ela disse:

A los veintiocho, veintinueve. A los veintiocho, veintinueve comencé a estudiar, hace cuatro años entré acá, con este puesto. Cuatro años y estudié primero, clases de artesanía, pintura, porcelana en frío, traté de estudiar algo para trabajar después. Mi único trabajo ha sido éste, siempre he sido ama de casa...

Quis saber se Amanda sempre havia pensado em trabalhar como artesã. Segundo ela:

No, sino que como que ya estaban creciendo mis hijos demasiado rápido, entonces mis hijos como querían que yo saliera, entonces empezaron a pagar mis estudios de manualidades y después yo ya tenía demasiado cosas amontonadas. «¿Qué hago con todo eso?», entonces decidí pedir un puesto acá en la Feria.

Perguntei à Amanda quais eram os sentimentos positivos e negativos que ela tinha com relação ao turismo. Ela respondeu:

El turismo es bueno en el sentido que nos trae trabajo porque mientras venga el turista hay trabajo también, y mal yo no sé, sinceramente a mi no me ha perjudicado nada, así que no...la cuestión es que cuando no viene uno no trabaja. A mi ha traído cosas buenas...sí...

Agora, a resposta de Amanda à minha pergunta seguinte é o que se pode chamar de “contradição”. Amanda foi a única entrevistada que revelou, talvez, uma maior

perspicácia com relação ao exato poder, ou às várias nuances, do emprego no setor turístico em trazer uma verdadeira emancipação à mulher. Quando perguntei à Amanda se ela acreditava que sua ocupação no setor de turismo, como artesã, pudesse favorecer a emancipação feminina em geral e a sua própria, ela disse:

No, lamentablemente no. No es una cosa que sea valorizada, viste, yo que sé, valorizas más, como te puedo decir, el revendedor tiene más posibilidades de vender que el artesano. Me refiero a lo que es cuero, lo que es mate, viste, que eso no lo puedes hacer, como lo que estamos tejiendo acá, esas otras cosas se compran hechas... Entonces, a mi creo que no hay traído autonomía o la independencia así, porque... viste, es más bien, pasar el tiempo, tener algo de ganancia, por supuesto, pero no me da ganancia.

Pelo menos Amanda não sofre os efeitos da dupla jornada de trabalho e até onde se pode saber sua família é mais consciente e não a sobrecarrega com as “tarefas do lar”. Quando perguntei à Amanda como eras divididas as tarefas domésticas em sua casa ela respondeu:

Él que está en la casa es él que se encarga de limpiar, cocinar, todo. Hoy como no había nadie, tuve que limpiar y dejar la comida hecha para los dos que llegaban primero, después, bueno, ellos se encargan de limpiar lo que ensucieron y así sucesivamente que van llegando se van cocinando, vamos dividiendo el trabajo, mis hijos ya son grandes. ¿Y como es, los efectos de la doble jornada laboral? No sé, no te entiendo... ¿Dices el trabajo acá y en mi casa? Ah! Sí. No, no, para nada. Es que ya están todos grandes, es como que cada cual trata de mantener todo en orden, entonces ya no tienes que llegar a casa directo a lavar o limpiar, cocinar, no, no.

Contudo, Amanda, aparentemente, não tem muito tempo para si mesma. Quis saber o ela fazia em seu tempo livre e a resposta foi simplesmente: “Estoy siempre acá, todo el día acá”. Pedi então que me descrevesse sua rotina diária. Ela contou:

Acá estoy, todos los días, de las nueve y media ponele hasta las seis de la tarde. Cuando estoy en la casa, bueno, reposo... no sé... así, o que se sucede cada día, como que me levanto, trato de ordenar, dejar medio ordenado la casa, si yo tengo que

cocinar, yo cocino yo, después hago algún mandado que me toque hacer y me vengo para acá... después... cuando me voy, mi familia, viste, somos todos muy compañeros, el que sea primero apronta el mate, entonces, viste, ya cuando uno llega tiene el mate pronto y tomamos, no más...

Perguntei à Amanda se sua rotina cotidiana mudava, na alta e na baixa temporada. Ela apenas disse:

No, porque acá no cerramos en todo el año, está todo el año abierto, lo único que los días de lluvia, por supuesto, los días feos no abrimos, hay gente que viene pero no compra nada, más...siempre estamos acá, viste...

Questionei Amanda acerca das possibilidades de profissionalização, capacitação e intelectualização oferecidas às mulheres de Colônia que querem trabalhar no setor turístico. Segundo ela:

Hay cursos de lenguas, mucamo, estos..., pero yo que sé... se da... es por la parte gastronómica que se da más propaganda, me parece que los cursos son demasiado caros, aunque ya salen con trabajo todo, me da la impresión que están un poquito caro para la juventud que hoy en día que si tiene que trabajar para estudiar, las dos cosas no se puede hacer. Y con respecto al turismo bueno eso está... los cursos son gratis en la UTU. Es más, uno de mis hijos inicia este año turismo, por eso te digo esa parte es gratuito, pero tiene hasta tercer año, después ya tienen que ir a la Universidad de Montevideo para terminarla o hacer cursos... Tienes la escuela del hogar, viste que la escuela del hogar es paga, tienes que pagar todos meses una cuota que son doscientos ochenta pesos, según el curso que hagas. Tienes manualidades, trabajos en madera, tejidos, diferentes manualidades. La Intendencia a nosotros el único curso que nos ha dado es marketing, hace como seis, no sé decirte, hace tres años más o menos, hace tres años que nos dio un curso de marketing, un curso rápido, que en sí, no nos servía mucho, era más para una empresa, no para puestos como éramos nosotros. Acá, tenés los cursos, pero yo te digo, son muy caros, ese es el tema, acá hay, pero es demasiado lo que te cobran.

Indaguei Amanda a respeito das condições de trabalho no setor turístico de Colônia do Sacramento. Se as condições são boas ou más, se a situação das mulheres

empregadas é legalizada ou se há mais trabalho informal e/ou temporário, etc. Segundo ela:

La verdad es que no entiendo nada, sé que en la parte de oficinas y turismo sí la situación es buena, porque eso pertenece a la municipalidad, entonces, eso sí debe estar todo blanco, pero lo que son las camionetas esas que traen a los turistas, eso que la verdad, no, no, viste, son informales porque tienen que estar todas inscritas en la Intendencia, porque ellos no pueden levantar turistas sin no estar inscritas, pero no sé si los empleados y todos están en regla, eso no tengo ni idea. Y hay también mucho temporario que trabaja, sí, sí, claro.

Perguntei à Amanda se ela tinha algum conhecimento acerca de casos de prostituição feminina relacionados à atividade turística, em Colônia. Ela apenas disse: “No, la verdad que no. Eso nada.” Mas Amanda também não nega que a prefeitura faça algo pelo menos para conscientizar ou combater este problema, ao contrário de outras entrevistadas. Segundo Amanda:

Hay este, uno de los médicos, que te puedo decir, es el Dr. Mota, que él siempre está haciendo algo para hablar sobre esos temas y que ha hecho festivales y cosas para la juventud y expresar todo eso. ¿No?

Quis saber se Amanda tinha planos para sua vida profissional, no futuro. Se ela gostava de trabalhar com artesanato e turismo ou se ela gostaria de fazer outras coisas; se pretendia fazer algum curso superior ou técnico, ou talvez um curso de idiomas, já que ela falava “sólo español”. Ela disse:

No sé... Es que como que ya estoy en esto, viste. Me gusta trabajar con eso, con los turistas digo,... y si quiero seguir trabajando... sí, por supuesto, mientras cuanto pueda. Lo que me gustaría hacer sí es un curso de computación, pero siempre lo voy dejando. Aunque tengo un computador, pero que como no le agarró viaje. Por eso le digo, tendría que hacer algún curso. Y... curso de lenguas... No sé, viste, sabes que vienen muchos ingleses, como que nos comunicamos bien, aunque no entienda lo que me están diciendo, viste, pero con expresiones uno se entiende.

Amanda não pensa em sair de Colônia. Sua vida já está tão arraigada naquele lugar que ela até se confunde com ele:

Me encanta vivir acá... realmente no pienso en salir de Colonia, para nada... prefiero vivir tranquila como estoy, viste, a vivir como algunos que tienen miles de problemas para tratar.

* * *

A quarta-feira, dia quatro de novembro de 2009, não foi um dia muito feliz. De três entrevistas com horário marcado perdi as três. Saí logo pela manhã da pousada e me dirigi ao centro histórico de Colônia do Sacramento em busca de novas prováveis entrevistadas. Tanto em Colônia do Sacramento quanto em Parati, os restaurantes e bistrôs são os primeiros estabelecimentos a abrirem suas portas. Aproveitei que a manhã de quarta-feira estava calma e tentei conseguir uma entrevistada que trabalhasse em um restaurante. As mesmas dificuldades de Parati logo se fizeram presentes: ou “muito jovem”, ou “muito velha”, ou “muito ocupada”, ou de “fora da cidade”. Finalmente encontrei uma mulher que se encaixava no perfil, contudo, ela pediu que marcássemos a entrevista para seu horário de saída, às dezoito horas, pois a qualquer momento poderiam entrar clientes... E eu concordei.

Reinicie a busca e, de repente, lembrei-me de que Adelaide, minha primeira entrevistada, a jovem funcionária do museu, havia me sugerido que eu entrevistasse uma amiga sua. Fui até o estabelecimento onde sua amiga trabalhava, me apresentei, disse que sua amiga, Adelaide, havia me recomendado que eu a convidasse e perguntei se ela gostaria de participar. A amiga de Adelaide concordou com um “Sin problema alguno!” e me pediu para voltar às treze horas, seu horário de almoço... E eu concordei.

Como eu ainda tinha duas horas até a uma hora da tarde decidi procurar entrevistadas em um dos quatro postos de informação turística de Colônia. Fui até um destes postos e lá expus o motivo de minha presença a uma das jovens responsáveis por prestar informações aos turistas. A jovem logo disse que não poderia participar de nenhum tipo de entrevista ou pesquisa, pois a Secretaria de Turismo de Colônia as proibia de prestarem depoimentos de qualquer tipo a pesquisadores ou jornalistas sem que estes antes obtivessem uma autorização prévia da própria secretária de turismo de Colônia.

Dirigi-me rapidamente à secretaria de turismo e solicitei um encontro com secretária de turismo ou com alguém que pudesse me fornecer uma autorização para entrevistar as funcionárias dos postos de informação turística. Pediram-me que eu retornasse às quinze horas e, caso a secretária tivesse disponibilidade, ela talvez me atendesse. E eu concordei...

Às treze horas apareci para meu encontro com a amiga de Adelaide, mas ela não estava onde havíamos combinado. A senhora que apareceu em seu lugar me deu três desculpas diferentes: “Ella acaba de salir, no sé donde fué o cuando volverá”; “Volvió a su casa, tal vez” e “Pienso que ella fué almorzar”; enfim...

Às quinze horas voltei para meu encontro com a secretária de turismo, e para minha surpresa ela não estava e nem estaria, pois na verdade: “Ella está en Chile, por motivos laborales”. Fiquei me perguntando mentalmente como ela havia chegado ao Chile tão rápido, talvez de jatinho... Felizmente, depois de esclarecermos o mal-entendido a Secretaria de Turismo me encaminhou a uma “asociación turística del Departamento de Colonia”, onde lá uma moça já me aguardava para a entrevista, Aurora.

Cheguei à Associação, Aurora me recebeu e logo perguntou do que se tratava a entrevista, eu lhe expliquei tudo detalhadamente e pedi desculpas pelo incômodo. Minha atitude, aparentemente, desarmou Aurora que, a partir daquele momento, se mostrou menos “contrariada”, talvez...

Aurora

Aurora tem vinte e sete anos, uma filha de onze anos e não esta casada atualmente, mas vive há quatro anos com um companheiro. Os dois se conheceram e vivem juntos em Colônia. Ele “trabaja en los barcos, en buque bus. Él es vendedor del *free-shop*”. E Aurora trabalha em um escritório de uma associação turística do Departamento de Colônia como “asistente técnica turística”. Seu marido está se formando em Administração pela Universidad de la República e Aurora también está terminando “la licenciatura” em Turismo pela mesma universidad.

Pedi à Aurora que me contasse um pouco sobre a história de sua família. Como ela mesma contou:

Mi familia es muy chiquita. Está compuesta por mi papá que no tiene hermanos tampoco, es hijo único. Él en realidad, este, es de un pueblito Conchillas, que está al Oeste del Departamento de Colonia es un pueblo de setecientos habitantes, mis abuelos fueron toda la vida de allí. Este, mi papá en un principio, eh, se encargaba de las actividades agropecuarias con mi abuelo, que tiene campo, tenía en ese momento y ahora está jubilado. Mi mamá que es de acá, de Colonia, este, tampoco tiene hermanos, este, o sea, que no tengo primos, ni tíos y, este, ella es la Directora de la Escuela del Hogar, que es un centro de enseñanza de actividades para la casa. Se enseña a cocinar, se enseña a cocer, se enseñan labores domésticas, a pintar, yoga y un montón más de actividades que, este, sobretudo el público que tienen es femenino, señoras que ya no trabajan, que también están jubiladas, también chicos jóvenes que quieren aprender a cocinar y bueno un poco de todo. Ellos todavía se conocieron, casaron y hace treinta años que viven acá en la ciudad de Colonia. Los dos tienen enseñanza secundaria.

Perguntei à Aurora se ela pretendia ter mais filhos. Ela disse:

Sí. Este, me gustaría tener porque como ya te conté mi familia es muy chiquita, este, no en el momento, porque estoy trabajando mucho en la actualidad, además estoy terminando una carrera. Este, me falta la tesis simplemente para recibirme de licenciada de turismo, o sea, que eso me va a llevar un tiempo considerable y una disposición que por ahora no, no, no pienso tener más, pero en un futuro sí.

Quis saber como Aurora começou a trabalhar na associação turística de Colônia.

Segundo ela:

Yo, en setiembre del 2008 ingresé por un proyecto del BID, este, que propone técnicos en turismo para fortalecer instituciones. Entonces ingresé a la dirección de turismo que pertenece a la municipalidad de Colonia. Ese contrato era término, era por un año nada más, o sea, que se me terminó en Setiembre de este año. Allí me absorbe la asociación turística que es un ente mixto, que, este, es relativamente nuevo, tiene dos años nada más, que es un grupo de personas de públicos y actores privados que trabajan en el pro del turismo, en el departamento.

Perguntei à Aurora com que idade ela começou a trabalhar e se ela sempre havia trabalhado no setor turístico. Ela respondeu:

Ah... más o menos veintidós anos empecé a trabajar. Y no, mi primer trabajo fue una pasantía, o sea, son como pequeños trabajos que ofrece la municipalidad por poco tiempo y pocas horas para que uno se inserte en el mercado y fue en una biblioteca.

Quis saber se Aurora sempre havia pensado em trabalhar com turismo. Ela disse:

No, en realidad, en un principio me gustaba la carrera de relaciones internacionales que tiene un poco más de comercio y un poco más, este, de leyes y algo así. Como fui mamá muy joven, este, tuve que buscar algo un poco más cerca, bueno comencé con la de técnica en turismo que se dictaba en Colonia en ese momento, y bueno después con el transcurso del tiempo pude hacer la licenciatura en Montevideo.

Aurora me contou que gosta de trabalhar com turismo e turistas. Quando lhe perguntei se ela pretendia permanecer no setor ela respondeu:

Sí, o sea, nuestra carrera tiene un perfil eh más de consultor, somos consultores en la oficina, y también hacemos un poco de atención al público, hacemos una atención primaria con esta oficina, simplemente ubicamos al turista donde está y bueno lo ayudamos a llegar según lo que las necesidades que tenga, pero, en realidad, tenemos un perfil administrativo y más de consultor. Yo, por ejemplo, estoy en la parte más administrativa, además llevo la parte estadística, llevo todo un observatorio del departamento de Colonia, el ingreso de turistas, la salida, la ocupación hotelera, es un pequeño boletín que se publica a cada tres meses y, después, uno anualmente con toda la información, y bueno también me encargo un poco de los mails, de contestar y un poco más administrativo, es lo que haya que hacer papeleos, si hay que salir a hacer banco, o algún trámite también.

Perguntei à Aurora se ela acreditava que o emprego no setor turístico pudesse favorecer a emancipação feminina, em geral, e para ela própria. Ela disse:

Yo pienso que sí, que es una nueva oportunidad, la industria del turismo en el Uruguay hoy por hoy se está notando su crecimiento y su favorable crecimiento, es un importante aporte a la economía uruguaya, también cada vez recibimos más turistas. Y yo creo que de a poco nos estamos preparando un poco mejor para recibirlos. Este, además, es un empleo muy lindo, digo creo que también para las mujeres, es un empleo que te... primero y principal te tiene que gustar la comunicación, llegar a la otra persona y llegar bien, que el otro te entienda y bueno pues siempre estar de buen humor y de buen carácter, creo que es muy importante. Y el turismo es muy amplio y no sólo digo es la atención al público, sino también puede ser, bueno, la parte de congresos y eventos que es muy lindo; tenés la parte de trabajar en hotelería, de restaurantes, yo creo que abarca un montón de ítems y creo que le da mucha posibilidad a la mujer y sobretudo a la mujer joven que a veces en el Uruguay es difícil que los jóvenes nos insertemos en el mercado. Y, para mi, sí, yo creo que sí. Sí, sí, mi independencia también, digo, además trabajo en lo que estudié, en lo que me gusta, que digo que es muy importante también.

Perguntei à Aurora como eram divididas as tarefas domésticas em sua casa e se ela sofria com os efeitos da dupla jornada de trabalho. Segundo ela:

Cincuenta y cincuenta con mi marido, los dos cocinamos, los dos lavamos, los dos limpiamos. Y no, no... nuestro horario es un horario corrido, no tenemos cortes para almorzar tampoco; trabajamos ocho horas de lunes a viernes, pero en realidad es muy bueno digo en mi caso que tengo una niña, porque tengo los fines de semana libres y puedo compartir con ella más tiempo.

Perguntei o que Aurora fazia em seu tempo livre e se sua rotina diária mudava com a alta e a baixa temporada. Como ela mesma disse:

Bueno, trató de descansar, me gusta leer cuando tengo tiempo, bueno y un poco las tareas domésticas, por supuesto estar con mi hija. Y mi rutina, no, no, como mi trabajo como te decía es administrativo más que nada, recién en esta etapa del trabajo estoy teniendo más contacto con el turista; en realidad es más o menos similar digo, trabajo hay siempre por suerte en Colonia es un lugar que tenemos visita y cada vez más, este, se está notando sobretudo el turista que está creciendo también. No sólo el excursionista que viene por el día y se va. Se está tratando de llegar a ese otro público que por lo menos pase una noche en Colonia y tenga oportunidad de conocer más de nuestros servicios y productos, y este, en general se nota siempre el crecimiento sobretudo la temporada del verano que es la temporada que está llegando, pero, en realidad, la corta distancia a Buenos Aires también nos permite tener un público de todo el año, digo, sobretudo, mucho argentino recibimos, estamos muy cerca de Buenos Aires.

Perguntei à Aurora quais eram seus sentimentos positivos e negativos com relação ao turismo e aos turistas. Ela disse:

Como cosas malas en el momento no se me ocurre ninguna, digo, se trata de de cuidar justamente que no cambien las culturas, se trata de conservar la identidad, sobretudo en la parte histórica de la ciudad, este, hay unas comisiones que se encargan directamente de eso, de proteger justamente el atractivo sobretudo porque somos Patrimonio de la Humanidad de UNESCO, y creo que bueno mucho, digo, yo te digo si te gusta el turismo te permite también mucho abrirte y conocer muchas cosas,

muchas culturas, las necesidades, a través de lo que te manifiesta el turista y trata uno después de cubrir todo eso, este, tenemos una página que recibimos también contacto, sugerencias o necesidades y bueno se trata en lo posible de cubrirlas a todas, y yo creo que ya te digo como el turismo hoy por hoy en el Uruguay es una industria en crecimiento y cada vez se nota más, este, también el perfeccionamiento, el profesionalismo en el trabajo. Yo creo que, hoy por hoy, tenemos un muy buen grupo de trabajo, además en Colonia este la Directora de Turismo siempre está abierta, este, a compartir y a participar, y bueno y a darte oportunidades, que eso es muy importante también. Y este yo creo que no, que bueno sí mucho, la ciudad ya digo se nota las mejoras de crecimiento y bueno, sobretudo, tener un buen grupo de trabajo que esté fortalecido para poder continuar. Y el turismo ha traído nuevas perspectivas y oportunidades, sobretudo para la ciudad. Ni hablar.

Questionei Aurora a respeito das possibilidades de profissionalização, intelectualização ou capacitação, oferecidas às mulheres de Colônia. Ela logo disse:

Sí, tenemos un instituto de hotelería, este, que pertenece a la municipalidad de Colonia. Este año comenzó a ser dirigido por la Dirección de Turismo. Este y allí bueno participan muchos chicos, tienen cursos de hotelería y de gastronomía. Este, en realidad yo creo que los chicos se están capacitando muy bien, es como te decía la directora trata de participar si tenemos un evento, si tenemos alguna feria o *workshop*, de que ellos salgan y puedan demostrar lo que están realizando dentro del instituto. Después tenemos una Universidad de Valencia que es el Politécnico del Cono Sur que está en el Real de San Carlos, y este ellos también tienen cursos, tecnicaturas, cursos bueno de atención al cliente, tienen también a veces algo relacionado al turismo, la administración y bueno la tecnicatura que nosotros realizamos estuvo solamente dos semestres en la ciudad, y ahora se marchó a la ciudad de Maldonado, pero también en esa oportunidad dos generaciones tuvimos mucha oportunidad de formarnos y bueno algunos de continuar con la licenciatura después, porque, este, acá hay unas universidades privadas, pero que sólo llegan al nivel de técnicos. No existe para ser ni doctores, ni licenciados, ni abogados, todo eso hay que hacerlo en Montevideo. Y, bueno, este, tanto el instituto de hotelería como te decía y la Universidad de Valencia son pagos, y después la tecnicatura que nosotros realizamos y la licenciatura es a nivel de facultad del estado, es una universidad del estado, no tiene ningún costo. Y nosotros tuvimos algunos idiomas dentro de la carrera, este, puntualmente algo de portugués y bastante inglés y después tenés sí academias privadas que tenés tanto el

inglés americano como el inglés de Inglaterra. Pero hay algunas academias también en la ciudad. E acá en Colonia, bueno, son todos pagos, son todos privados.

Aurora também listou algumas iniciativas promovidas pela “Intendencia de Colonia”:

El año pasado a través de la asociación turística de aquí, este, como que se lanzó un proyecto de tratar de capacitar al público, a los actores que trabajan en el ambiente. Por suerte digo tuvo mucho éxito, alrededor de ciento veinte personas comenzaron a capacitarse, a través de un programa que, este, la parte que nos co-financia muchos de los proyectos que se tienen desde aquí, este, tuvimos la oportunidad de co-financiar un proyecto en inglés y bueno se trataron de participar las academias que están en Colonia, este, dos de ellas puntualmente y bueno ya te digo se dividió en módulos el curso y por suerte tuvo una buena audiencia y la gente, bueno, se sintió apoyada y, sobretodo, con el apoyo económico digo muchas veces que es muy importante digo, que generalmente para hacerlo uno personalmente muchas veces se hace costoso poder participar de esta capacitación.

Aurora ainda disse ter alguns conhecimentos de inglês e de “muy poco” de português. Em seguida indaguei Aurora sobre as condições de trabalho no setor turístico de Colônia do Sacramento. Ela contou:

Dentro de todo lo que yo me moví es todo en blanco. No, no, en realidad, se trata de cuidar al empleado. Sí, sí sobretodo como te decía darle mucho ahora, con el tema justamente del turismo que hay mucha hotelería, hay mucha gastronomía, se está destacando mucho el joven en el trabajo, En realidad, lo importante es que pueda tener un aporte para que mañana pueda tener una jubilación digna. Entonces, no, no, hasta donde yo sé es todo en blanco o casi todo, sí. Y, claro, el trabajo temporal, sobretodo en la temporada, se refuerzan eh... esas dos áreas, por ejemplo, la gastronomía necesita generalmente gente en la cocina, mozos, este, los hoteles. También hay empresas tercerizadas que te llaman, que ya tienen un nicho de mercado, por ejemplo, una empresa de mozos y los hoteles las contratan para eventos puntuales o cosas así, que sólo son por ejemplo por decirte algo para las fiestas, sino llegan con el personal, se contratan por ese día y ese grupo de mozos son de empresas tercerizadas que

trabajan en ciertas fechas puntuales. Y trabajo informal, pienso que también hay, pero, no es como... no puedo decir porcentajes...

Quis saber se Aurora se ela tinha algum conhecimento acerca de casos de prostituição feminina relacionados à atividade turística em Colônia do Sacramento. Ela logo disse: “Ahhh, no, no, no, para nada”. Perguntei se a Intendencia, ou o poder público em geral, ou o poder privado faziam algo para combater ou conscientizar a população de Colônia a respeito desse problema. Ela disse:

Yo creo que como no es un problema grande, o sea, no es un problema que esté en todas las esquinas, o que vos lo puedas notar como en ciudades grandes en países más grandes que el nuestro, este hoy tenemos otras preocupaciones, por ejemplo la seguridad es un tema muy importante, este, nuestro acercamiento con la Argentina, la influencia que tenemos con Buenos Aires al ser tan grande y por allí ellos vivir una realidad tan distinta a la nuestra, se trata de trabajar sobretudo en la seguridad para el turista, la seguridad de robos, la seguridad de tránsito, el buen estado de las rutas, de la accesibilidades, de que el turista no tenga ese tipo de problemas. Hoy por hoy la prostitución en Colonia no es un problema que denote importancia, no. El turismo sexual, no te diría, no sé si en Uruguay, en Colonia casi que no existe, casi te diría para nada.

Quis saber quais eram os planos de Aurora para sua carreira no futuro. Ela contou:

No, por ahora es como que no. En realidad, seguir por ahora empujando la asociación y bueno si hoy o mañana pueda recibirme, en un futuro próximo, espero que no pase mucho tiempo, y sí tal vez buscar algo más independiente digo tal vez algo mío, algún trabajo de consultoría o algo así, pero es algo muy lejano, todavía eso no.

Todavia, para minha surpresa, quando perguntei à Aurora se ela gostava de viver em Colônia do Sacramento, ela respondeu:

Y Colonia no, más o menos. Este, reconozco que es muy lindo el lugar, pero no es de lo que más me gusta. Y es lo que te decía, en un futuro próximo, que pudiera crecer

con mi trabajo pienso tal vez salir de Colonia. Me gustaría poder conocer otros lugares, vivir en otros lugares, no sé, digo y, o sea, perfeccionarme en lo mío.

Terminada a entrevista com Aurora, rumei para meu terceiro encontro, às dezoito horas, com a garçonete do restaurante, e, como não era de se esperar, o restaurante já havia fechado e todos já haviam ido embora, inclusive minha ex-provável entrevistada...

* * *

Passados quatro dias em Colônia era impossível não notar a grande quantidade de grupos excursionistas que chegavam, diariamente, vindos de Buenos Aires, e que percorriam as ruas do centro histórico acompanhados de guias turísticas. Era raro um homem estar à frente de um desses grupos, mas, já as mulheres, essas tinham de todas as idades. Decide então que iria entrevistar uma das guias turísticas de Colônia, contudo, esta tarefa mostrou-se bem complicada. Nas primeiras tentativas abordei as mulheres no meio da rua, ao final do *tour*, e como já era de se esperar a resposta sempre era negativa, pois elas estavam “ocupadas”. Tentei ir ao porto e abordá-las enquanto elas esperavam por um grupo chegar, contudo, mesmo quando estavam aguardando os turistas chegarem elas não ficavam “à toa”, corriam esbaforidas pelo saguão do salão de desembarque da rodoviária ou do cais do porto preparando-se para a chegada de seu grupo. Foi então, em uma dessas tentativas, que uma das moças informou-me que, geralmente, as funcionárias tinham uma janela de mais ou menos uma hora em um ponto de ônibus, em frente a um hotel, a poucos metros fora do centro histórico, onde elas aguardavam os turistas que estavam voltando ao porto para retornarem à Buenos Aires. Nesse ponto os turistas se acumulavam, de hora em hora, em busca do ônibus da Buquebús, ou da Colonia Express, para serem trasladados de volta ao catamarã. Segui o

conselho dessa moça e na tarde de quinta-feira, dia cinco de novembro de 2009, encontrei Agostina, minha última entrevistada em Colônia.

Agostina

Agostina é uma mulher de trinta e cinco anos. Ela tem uma filha de dez meses, “un bebé”, e, por enquanto, ela não pensa em ter mais filhos: “por el momento con este alcanza, no hay tiempo, no queda mucho tiempo”. Ela é casada há dez anos com um rapaz que conheceu “eh, bueno, en el puerto”. Ele é funcionário do Porto de Colônia e possui o nível “terciario en mecánica, que hay hecho por la UTU”. Toda sua família, pais e avós, é oriunda da cidade de Colônia do Sacramento:

Mis padres nacieron aquí, especialmente mi padre se crió donde hoy es el distrito histórico cuando era un barrio pobre de la ciudad; porque ahora es uno de los barrios más caros, pero en sus inicios era la parte más pobre de la ciudad. Y mi madre también. Mi padre fue policía, ahora es jubilado y mi mamá siempre fue ama de casa. En aquellos años, este, ellos llegaron hasta completar la primaria los dos. Tengo dos hermanos, un hermano y una hermana. Mi hermano trabaja en el Ministerio de Transporte y mi hermana no trabaja. Ellos son mayores que yo.

Agostina trabalha como guia turística na mesma empresa há quinze anos, seu primeiro e único emprego. Quando perguntei se ela sempre quis trabalhar com turismo ela apenas disse: “Sí, sí. No es fácil a veces, pero sí. La mayoría de las veces siempre es bueno. Me gusta, sí”. Quis saber qual era seu nível de instrução e que outros idiomas Agostina falava. Ela contou:

Terminé la secundaria, y después a nivel universitario toda la carrera de turismo que he podido hacer, pero no son a niveles estatales las carreras de turismo. Aquí mismo en Colonia, en la UTU. En Uruguay por lo menos hace veinte años cuando empezó. Ahora hay una licenciatura de turismo a nivel universitaria que es nuevo, una carrera de hará dos años, pero en nuestra época lo más que se podía aspirar era llegar a la

universidad del Trabajo del Uruguay que daba unos cursos de informante de turístico, era once años atrás más o menos, pero a nivel universitario, así como lo estás haciendo tú, no existe en el Uruguay. Ni en Montevideo. Y lenguas, bueno, hablo el inglés sólo, y muy poquito el portugués, muy poquito, lo puedo entender, pero lo hablo muy poquito. Eso falta acá ves, le falta mucho.

Perguntei à Agostina se ela acreditava que o emprego no setor turístico favorecia a emancipação feminina, e se o seu emprego com guia turística havia favorecido sua própria emancipação. Ela apenas respondeu:

Sí, mira que hay compañeras específicamente que viven solas, trabajan y se mantienen solas. Y para mí, sí, por supuesto.

Quando perguntei à Agostina como eram divididas as tarefas domésticas em sua casa ela respondeu; “Compartidas, mi esposo y yo compartimos todo”. Ao perguntar se ela sofria com os efeitos da dupla jornada de trabalho ela disse: “No, no. Pero no tenés tiempo para estar en tu casa, son muchas horas fuera, se extraña el tiempo en la casa”.

Quis saber o que Agostina fazia em seu tempo livre. Ela contou:

Queda poco, muy poco, y, este, estar en mi casa con mi hija. Aquí estamos casi desde las diez de la mañana, por lo menos yo, desde las diez de la mañana hasta ocho y media de la noche. Todos los días, menos uno que es el como que un día libre...

E, de acordo com Agostina, essa rotina “agotadora”, “es igual”, tanto na alta quanto na baixa temporada. Perguntei então, à Agostina, quais eram seus sentimentos positivos e negativos com relação ao turismo e aos turistas. Ela disse:

Para la ciudad, Colonia depende netamente de lo que es el turismo, Colonia realmente depende del turismo. Todo lo que vas a ver acá alrededor son restorántes, hoteles, su venta de artesanía, todo está nítidamente relacionado con el turismo; le sacas el turismo a Colonia y es una ciudad en quiebra. La mayoría de la gente trabaja relacionada directa o indirectamente con el turismo, o sea, que la economía de esta ciudad es básicamente el turismo. Digo, no viene el turismo y Colonia entra en ruina.

En la vida personal, digo, es algo que yo quería hacer, digo, es lo quería estudiar, bueno, lo estudié, lo terminé, lo concreté, entonces, por eso es algo que me gusta hacer y realmente la parte, justamente, en esta empresa en particular que es el... el sueldo es muy bueno, relacionado al resto de lo que puedes encontrar en Colonia y te permite tener cierta independencia económica que en el resto de los trabajos no lo encontrás. Aquí Colonia realmente no tiene buenos salarios, pero, en esta parte en particular, en esta empresa sí los tiene. Digo, en los hoteles, es más o menos. Yo te diría que tendrías que hablar con alguien que realmente trabaja en un hotel para que te diga realmente eso, porque la verdad es que no sé cuánto está ganando una mucama en un hotel que también estamos hablando de turismo, pero puede estar alrededor de los seis, siete, ocho mil pesos. Que no es lo mismo. Y las malas generalmente están relacionadas no con el tema del turismo, sino que tal vez con, a veces, una mala organización, digo, o sea, que no es justamente a causa de, ni de la ciudad ni del trabajo; o cuando llueve, bueno, la gente cuando llueve, Colonia no tiene una oferta para la gente cuando llueve, o sea, una ciudad muy bonita si no llueve, ahora si llueve no tenés donde ir... No tenés donde entretenerte, entonces allí empieza el disgusto de la gente, que qué hacemos, que tenés que tener algo pensado para entretenerme porque, o sea, te digo, eso, esas son las, más o menos las amarguras entre comillas que se puede ver o que está relacionado con eso, después... eh, me gustaría tener un poco más de tiempo para mi casa, eso sí, pero tampoco tiene que ver con el tema del turismo, tiene que ver con que la organización de esto cambiara: que no es a causa del turismo.

Questionei Agostina acerca das possibilidades de profissionalização, intelectualização e/ou capacitação oferecidas às mulheres colonenses. De acordo com ela:

Existen escuelas de lengua, cursos de mucama, de barman, gastronomía, todo eso, que son a cargo de la municipalidad, que no se encara como carreras universitarias, más bien como una continuación de un ciclo básico, este la secundaria y allí que es lo que piden, entonces tenés para idiomas, para inglés, para portugués, este creo que hay alemán..., no sé si ahora seguirá el alemán, hubo una época también italiano, después tenés una escuela de hotelería, que allí está todo lo relacionado con la parte de hotelería y la parte también de gourmet, digamos, y creo que es este, creo que es gratuita, lo que está a cargo de la municipalidad es gratuita, digo, la escuela de hotelería. Ahora, la parte de idiomas generalmente siempre es paga. Y si tu quieres

hacer un curso superior tendrías que ir a Montevideo, pero es la licenciatura en turismo que tampoco te habilita hoy en día para trabajar como guía de turismo. Digo, no hay cursos de guía en Colonia, no existen en todo el Uruguay, ni aquí. Mire, lo que hemos hecho han sido bueno unos dados por la Intendencia o Ministerio de Turismo, pero, en Uruguay, la carrera de guía de turismo no existe. Antes, cuando empecé a trabajar, la empresa nos daba el entrenamiento porque, generalmente, lo que se aprende en la práctica es muy distinto, o sea, lo que se aprende en la teoría es muy distinto de la práctica. Entonces cuando vienen a trabajar acá por más que hayan leído, aprenden a trabajar acá en la empresa.

Indaguei Agostina a respeito das condições de trabalho do setor turístico de Colônia. Como ela mesma disse:

Hay mucho trabajo temporario, hay mucho trabajo temporario y especialmente en la parte de restorántes y también en la parte hotelera. Pero casi todos los hoteles, los hoteles más bien de Colonia tienen todo su personal en regla, ahora no te podría hablar mucho sobre la parte de restorántes porque hay muchos y algunos sé que te puedo decir sí y otros no. Entonces sé que acá utilizan chicos que ni siquiera les pagan por ejemplo; hay chicos que vienen por la propina a veces. Acá enfrente, o sea, he hablado con chicos que han estado trabajando allí que luego no trabajan pues... el dueño es un político, y entonces... Pero donde trabajo es bueno, digo en mi empresa, somos casi todas mujeres, son muy pocos los hombres que le buscan a esto, somos casi todas mujeres.

Como eu também já havia notado que a quantidade de guias mulheres era visivelmente superior a de guias homens, perguntei à Agostina se ela sabia o motivo dessa “feminização” de sua ocupação. Ela respondeu:

Yo creo que antes no se lo tenía en cuenta como un trabajo, era como que, por ejemplo, como si fuera un tipo así azafata, o sea, era como que se discriminaba, en parte, como que el hombre esa importancia no, o sea, como que no era algo serio, antes. Entonces, bueno, un trabajito para las mujeres eso está lindo, digo, pero ahora tengo compañeros varones, este, pero son los menos, son los menos. Son muy pocos también los hombres que se animan a parar en frente a un grupo de gente, por lo menos aquí. En Montevideo es distinto, en Montevideo hallas hombres, por ejemplo,

aquí en Colonia es como que, son muy pocos los que se animan a enfrentarse con un grupo de gente. No se animan, tienen miedo (ja ja ja).

Perguntei à Agostina se ela tinha algum conhecimento acerca de casos de prostituição relacionados à atividade turística, em Colônia. De acordo com ela:

No, no. Aquí en Colonia no. Yo no te sabría decir en Montevideo pero creo que no, o sea... no, no hay. Es que no tenemos mercado (ja ja ja). No existe. O sea, por ejemplo, aquí las cuotas de publicidad de tanto del casco histórico como de Montevideo o Punta de Este son los lugares; no es una chica en bikini o alguien haciendo topless, es el lugar en sí, toda la publicidad o si muestran algún video puede haber gente como ahora que estamos acá sentadas, caminando, pero no se ponen imágenes, por ejemplo, se muestra Punta del Este, la playa, se muestra las chicas en general y alguna cola por allí se ve, pero no va a que alguien vea y que diga eso: «voy a ir a Uruguay porque quiero ver esa cola». No, nada, porque ha mezclado, está muy bien pensado, los lugares naturales, históricos con el asunto del Uruguay en general.

Quis saber se Agostina tinha planos para sua carreira, no futuro. Como ela mesma disse:

En realidad, si tuviera por una nueva reglamentación que volviera a revalidar algunos de los cursos, cosas que he hecho, lo haría pero creería que ya después de quince años y trabajando en esto no me pueden pedir mucho más, pero, es nuevo, no hay reglamentación en Uruguay sobre turismo, recién se está haciendo; no existe como te he dicho una carrera universitaria, solamente hay una licenciatura en turismo que son dos años, tampoco es una carrera.

Enfim, perguntei à Agostina se ela gostava de viver em Colônia do Sacramento ou se ela pretendia sair de lá algum dia. Ela disse:

Sí. Me gusta. He podido y he tenido la posibilidad de conocer diferentes, casi todos los diferentes departamentos del Uruguay, he estado en Montevideo, la Valleja, Rivera, Salto, Paysandú, Maldonado, San José, Soriano, Rocha. Este, he estado en casi todos los departamentos de este país y los he podido conocer, he estado en ellos y no cambio Colonia, no.

O trabalho de campo em Colônia do Sacramento terminou numa sexta-feira, dia seis de novembro de 2009. Como não havia mais planejamento para novas entrevistas, e tendo esgotado minhas tentativas em entrevistas com moças de restaurantes e pousadas ou hotéis, revolvi ocupar o dia levantando algumas informações turísticas na cidade de Colônia.

Em resumo, a amostra que representa o universo feminino colonense, que pude explorar, é composta de uma funcionária de museu, uma artesã, uma técnica em turismo e uma guia turística. Três delas são mães, uma não tem filhos. Uma delas é casada, uma está solteira e as outras duas vivem juntas com um companheiro. Todas são brancas. A mais nova tem vinte e sete anos, a mais velha, trinta e cinco anos. Todas elas possuem educação média completa. Duas delas possuem nível terciário universitário completo pela Universidad de la República, na área de turismo, sendo que uma delas está prestes a obter a licenciatura. As outras duas possuem educação média com formação técnica completa pela Universidad del Trabajo del Uruguay, uma na área de turismo e hotelaria e a outra na área de artes e artesanato. Três delas falam, pelo menos, mais uma língua além do espanhol, no caso, o idioma inglês, uma delas, a artesã fala apenas espanhol. Três são empregadas com carteira assinada, uma do setor privado e as outras duas do setor público e apenas uma delas é trabalhadora autônoma atuante no setor informal, mas que na verdade é “formalizado” pela Intendência de Colônia.

Cada uma dessas quatro mulheres também me ajudou a construir um pedaço da realidade diária de ser mulher em Colônia do Sacramento. Suas vozes e suas histórias também compõem os fundamentos práticos e vividos que permitirão melhor visualizar os efeitos sócio-culturais do turismo na vida privada e profissional de um indivíduo do sexo feminino que habita uma destinação turística uruguaia.

Estes relatos da vida prática invocam, para sua melhor análise e interpretação, o embate teórico com as vozes de algumas autoras e teóricas feministas; sobre este diálogo sustenta-se o capítulo seguinte.

CINCO

Estudos de Gênero e Teoria Feminista: as vozes das feministas

*What's up with what's going down
in every city, in every town
Cramping styles is the plan
they've got us in the palm of their big hands
When we pretend that we're dead
they can't hear a word we've said
Turn the tables with our unity
they're neither moral nor majority
Wake up and smell the coffee
or just say no to individuality
Come on!
(Donita Sparks)*

Foi na década de sessenta do século XX, no Ocidente, particularmente nos Estados Unidos e alguns países da Europa ocidental, que uma segunda geração²⁷ de Belas Adormecidas despertou mais uma vez, não com outro beijo do Príncipe, mas com os ecos e sussurros de que “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher” de Simone Beauvoir (1967 [1949]), com o irreprimível incômodo do “Problema sem Nome” de Betty Friedan (1971 [1963]) e com os gritos de que “O Pessoal é Político” de Carol Hanisch (2006 [1969]).

Na América Latina, essa segunda onda de donzelas despertadas começou a fazer-se notar nos anos setenta do século passado e, de acordo com Faria (2008, p. 12), o ponto de convergência entre os vários países da região reside na “articulação” do movimento feminista dentro de um “contexto” de ditaduras militares seguidas de processos de abertura política e redemocratização e na:

²⁷ Ver, por exemplo, para uma breve discussão sobre a “Segunda Onda do Feminismo”, Piscitelli, 2001.

(...) construção de relações com outros movimentos sociais e isso é apontado como um dos fatores pelo crescimento do debate e da organização das mulheres nos setores populares. De forma geral, pode-se dizer que havia a influência de uma visão socialista e classista. Isso definiu como prioridade ações que buscavam levar o feminismo para as mulheres dos setores populares. Mas não impediu que surgisse em vários países a tensão entre “feministas e movimento amplo de mulheres”.

No caso do “Brasil contemporâneo”, é possível ter um interessante vislumbre dos primeiros passos do feminismo e dos estudos de gênero, a partir do relato pessoal da antropóloga Mariza Corrêa em “Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal” (2001). E no caso do Uruguai, pode-se também entrever um pouco da história do feminismo no país, através do artigo “Las experiencias de la “segunda ola” del feminismo en Argentina y Uruguay”, de Fernanda Lozano (2006). Em ambos os casos depreende-se a trajetória do movimento feminista aliada, em seus primórdios, às mais variadas demandas oriundas de movimentos populares, do movimento negro e dos movimentos de militância política em prol de uma luta social maior, e em que as questões especificamente femininas eram postergadas ou diminuídas (Athayde, 2008).

Contudo, esse panorama histórico serviu-me apenas como introdução ao alcance de um objetivo maior: Interessada em *pensar relacionalmente* os efeitos sócio-culturais turismo e as relações de gênero, procurei realizar uma incursão bibliográfica na literatura que constituiu o corpo teórico e a categoria analítica do Gênero, na década de setenta do século XX, para que assim eu pudesse ser capaz de identificar, analisar e compreender, com a ajuda das Ciências Sociais, os efeitos sociais e culturais “genderizados” da atividade turística nas populações receptoras de Parati e Colônia do Sacramento. Dois trabalhos, de fundamental importância para a estruturação deste capítulo, nortearam o debate que aqui construí entre as vozes de minhas entrevistadas e as vozes dos(as) teóricos(as) e autores(as) dos estudos de Gênero. A saber: “Gênero:

uma categoria útil de análise histórica” de Joan Scott (1986) e “Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência” de Henrietta Moore (2000 [1994]).

Tentei explorar neste capítulo uma questão em especial: Como a literatura dos estudos de gênero, que vem sendo produzida e desenvolvida desde os anos setenta do século XX até os dias atuais, dialoga com as realidades e experiências privadas de mulheres que trabalham no setor turístico de cidades turísticas; neste caso em particular, Parati e Colônia do Sacramento?

Minha imersão na literatura dos estudos de gênero foi o que tornou este trabalho possível, em grande medida, pois sem este aporte teórico, tão rico e desafiador, eu não teria sido capaz de captar e interpretar os discursos e práticas de minhas entrevistadas. Assim sendo, procuro com este capítulo tornar visível a trajetória dos estudos de gênero, dando especial atenção à mudança de temas e enfoques teórico-metodológicos que os caracteriza, buscando, desse modo, relacioná-los com a evolução dos estudos sócio-culturais do turismo e verificar se ambos estão em consonância ou dissonância.

O que os estudos de Gênero, seis mulheres em Parati e quatro mulheres em Colônia do Sacramento têm a dizer um ao outro?

Esta indagação foi, para mim, imprescindível ao tentar compreender como teoria e prática (des)constrõem-se mutuamente. Assim sendo, narro a partir de agora como se deu minha disputa mental travada entre o que eu li e o que eu vi e ouvi. Se tivesse que começar do começo, certamente *Sexo e Temperamento* (2000 [1935]), de Margaret Mead, teria alguma coisa a dizer sobre o que as mulheres que entrevistei pensam sobre si mesmas, principalmente às brasileiras. Mead, na época Doutora em Antropologia pela Universidade de Columbia, viajou à Nova Guiné, entre os anos de 1931 e 1933, para conduzir um estudo, financiado pelo Voss Research Fund para o departamento de

antropologia do American Museum of Natural History, sobre “o condicionamento das personalidades sociais dos dois sexos” (2000, p. 9), que se transfigurou, acidentalmente, em uma pesquisa sobre “a padronização do comportamento dos sexos à luz do temperamento” (2000, p.26). Segundo a autora (2000, p. 13):

Seria de esperar, acho eu, que esta pesquisa de como culturas primitivas e simples puderam confiar nas chaves do temperamento fosse de utilidade para deslocar a atual ênfase extrema sobre os papéis sexuais para uma nova ênfase sobre os seres humanos como personalidades distintas, as quais, homens e mulheres, partilham muitas das mesmas contrastantes e diferentes abordagens temperamentais da vida.

A pesquisa de Mead sugeriu que “as padronizadas diferenças de personalidade entre os sexos são desta ordem, criações culturais às quais cada geração, masculina e feminina, é treinada a conformar-se” (p. 269). Outra hipótese levantada pela autora é a de que “embora toda cultura tenha de algum modo institucionalizado os papéis dos homens e das mulheres, não foi necessariamente em termos de contraste entre as personalidades prescritas dos dois sexos, nem em termos de dominação ou submissão” (p. 24).

Suas conclusões basearam-se em um trabalho etnográfico de dois anos e na coleta de fontes secundárias de informação sobre três diferentes tribos neo-guineenses: os Arapesh, os Mundugumor e os Tchambuli; onde a autora aponta a existência, numa das tribos, de homens que agem como se espera que mulheres ajam; de mulheres que agem como se espera que homens ajam, numa outra; e de homens e mulheres que agem como esperamos que apenas homens ajam, numa terceira tribo. Vale lembrar que quando Mead diz “esperamos” ela se dirige a sua própria sociedade norte-americana, das décadas de vinte e trinta do século passado.

Ainda assim, quando Amália diz que “a mulher ela tem um jeitinho com um monte coisa”, que “sabe atendê, comunicá” e que “os homens fazem isso também, mas com mulher não adianta”, Mead diria que a voz que fala através de Amália é a da sociedade, ou da força da “criação cultural” da sociedade em que Amália está inserida. Aurélia, por outro lado, inconscientemente, ou não, sabe, assim como Mead propôs, que “tem que aprendê” a ser mãe. Agostina também teria algo interessante a dizer a respeito dos homens de sua cidade, que, segundo ela “no se animan, tienen miedo” de “enfrentarse con grupo de gente”; como Mead também já havia sugerido, a timidez e a covardia podem não ser algo “inato” às mulheres apenas. Não obstante, seria interessante tentar descobrir se os homens colonenses sentem medo ou vergonha por terem um temperamento introvertido e pusilânime ou se eles não se animam ou se sentem envergonhados por considerarem a atividade de guia turístico como algo para mulheres, como Agostina falou: “un tipo así azafata” ou um “trabajito para las mujeres”.

Michelle Rosaldo e Sherry Ortner, outras duas antropólogas doutoradas, a primeira pela Universidade de Harvard e a segunda pela Universidade de Chicago, trazem em *Woman, Culture and Society*²⁸ (1974) dois ensaios-chave: “Woman, Culture and Society: A Theoretical Overview”, de Rosaldo e “Is Female to Male as Nature is To Culture?” de Ortner.

Em seu ensaio Rosaldo, na tentativa de entender a natureza da “subordinação feminina”, argumenta que (1974, p. 23):

The fact that, in most traditional societies, a good part of a woman's adult life is spent giving birth to and raising children leads to a

²⁸ Livro resultante de uma série de cursos dados na década de 1970, na Universidade de Stanford, que punham em questão “the lack of interest in women in conventional anthropology”, o que para Rosaldo (1974, p. V-VI), principalmente, constituía “a genuine deficiency, that it has led to distorted theories and impoverished ethnographic accounts”.

differentiation of domestic and public spheres of activity that can be shown, I think, to shape a number of relevant aspects of human social structure and psychology.

Segundo a autora a oposição entre as ditas “esfera pública” e “esfera privada” não “determinam” estereótipos culturais ou assimetrias entre os sexos, mas antes constitui a base de uma “identificação geral” da mulher com a vida doméstica e o homem com a vida pública (p. 23). Em Rosaldo, o Doméstico e o Público fornecem a “estrutura” necessária para o exame dos papéis femininos e masculinos em qualquer sociedade (p. 24). Por meio da breve exposição de seis fatores inter-relacionados que, segundo Rosaldo, “make woman universally the ‘second sex’” (p. 25), a saber, a personalidade, a autoridade, o *status* atribuído e alcançado, a dicotomia entre natureza e cultura, a mulher percebida como anomalia e a produção, percebe-se como os sistemas sociais, culturais e econômicos de qualquer sociedade estão relacionados à “oposição estrutural” entre domínios públicos e privados de atividades de homens e atividades de mulheres. A autora, apesar de reconhecer a existência de mulheres transgressoras, tais como as médicas, as advogadas, as prostitutas ou as mulheres que conseguem o “poder” ao se juntarem em grupos, ou ao “forjarem” sua própria esfera pública ou ao “jogarem” com sua sexualidade, ou ainda as sociedades e culturas em que as linhas que separam as duas esferas são menos diferenciadas, conclui seu ensaio propondo que sociedades que não fazem a distinção entre doméstico e privado ou em que os homens assumem papéis domésticos, têm maiores chances de serem mais “igualitárias”.

Ortner em seu ensaio também assevera, assim como Rosaldo, o *status* secundário da mulher como um fato “universal” e “pan-cultural”. A autora tenta, neste artigo, “expose the underlying logic of cultural thinking that assumes the inferiority of woman” (p. 68), assim como, mostrar a natureza “altamente persuasiva” e as “fontes” sociais e culturais dessa lógica. Ortner expõe com minúcia três níveis diferentes de

como deveria ser tratado este “problema”: em primeiro lugar quais seriam as evidências que comprovam e como se explicaria o fato de que se atribui à mulher, em toda sociedade, “um *status* de segunda classe”. Em segundo lugar, quais seriam as singularidades ideológicas, simbólicas e culturais que cada sociedade utiliza para representar a mulher dentro de sua estrutura social. Em terceiro lugar, quais seriam as contradições observáveis e concretas entre prática e ideologia cultural no que concerne ao poder e valor concedido à mulher em cada sociedade.

Em seu ensaio, porém, Ortner se preocupa mais em fazer uma análise da “cultura” tomando-a, genericamente, “as a special sort of process of the world (p. 69). E, através de uma série de conjecturas e exemplos de dados culturais diversos, a autora chega à seguinte suposição (p. 71-72):

My thesis is that woman is being identified with - or, if you will, seems to be a symbol of - something that every culture devalues, something that every culture defines as being of a lower order of existence than itself. Now it seems that there is only one thing that would fit that description, and that is “nature” in the most generalized sense.

Novamente a autora levanta uma série de hipóteses e exemplificações a respeito da identificação da “mulher” com a “natureza”, e dos motivos pelos quais a mulher seria vista como mais “próxima à natureza” do que o homem ou colocada em uma posição “intermediária” ou “ambígua” entre cultura e natureza. E conclui que a dicotomia cultura/natureza, que é um produto cultural, e que “at some level every culture incorporates this notion in one form or other” (p. 84), e as associações que a criatividade humana produz a partir dessa dicotomia, seriam, talvez, algumas das “razões” para que a mulher “aparente” ser mais próxima à natureza e, por conseguinte, subordinada ao homem.

Gayle Rubin (1975), mais uma antropóloga doutorada, em 1994, pela Universidade de Michigan, em seu instigante ensaio “The Traffic in Women: Notes on the ‘Political Economy’ of Sex”, por outro lado, busca ferramentas conceituais e analíticas nas obras de Lévi-Strauss e Freud, e em menor sentido, nos trabalhos de Marx, Engels e Lacan para, segundo a autora, “arrive at a more fully developed definition of the sex/gender system” (p.159). Rubin vai sucessivamente esmiuçando as teorias desses autores e buscando traçar seu alcance explicativo em “express or conceptualize sex oppression” (p. 160). Em Marx, a autora aponta o caráter “assexuado” da teoria presente em *O Capital* (1867), mas também atribui à Marx a percepção de um “historical and moral element”, pouco explorado por Marx, segundo a autora, mas que presenteia o modo de produção capitalista com uma herança cultural de formas de masculinidade e feminilidade a serem analisadas (p. 164). Em Engels, Rubin reconhece a preocupação do autor em compreender e distinguir, em *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* (1884), as “relações de sexualidade” das “relações de produção” - para Rubin a importância desse “insight” de Engels é que ele permite, em primeiro lugar, que se ponha em relevo um domínio da vida social que a autora enxerga como o “sistema de sexo/gênero”, e, em segundo lugar, que ele possibilita que a subordinação feminina seja situada dentro do modo de produção, por meio de sistemas de parentesco. Em Lévi-Strauss, Rubin retira de *As Estruturas Elementares do Parentesco* (1949), a teoria, do autor, que “explicitamente” concebe os sistemas de parentesco, dos mais variados grupos humanos, “as an imposition of cultural organization upon the facts of biological procreation” (p. 170-171), e da qual se deduz, segundo a autora, uma teoria “implícita” da opressão sexual. Rubin então conclui dessa teoria “implícita” que: primeiro, a divisão sexual do trabalho por sexo serve ao propósito de “instituir” a dependência entre os dois sexos, e conseqüentemente, manter

os sistemas de parentesco; e, segundo, que o gênero é “a socially imposed division of the sexes. It is a product of the social relations of sexuality. Kinship systems rest upon marriage. They therefore transform males and females into ‘men’ and ‘women’”[...] (p. 179). E, finalmente, com Freud e sua teoria da psicanálise, Rubin explica através de quais mecanismos os sistemas de parentesco “fixam” e “reproduzem” as convenções de sexo e gênero nos indivíduos do sexo feminino e masculino, quando crianças: “Kinship systems require a division of the sexes. The Oedipal phase divides the sexes” (p. 198)²⁹.

O que as mulheres de Parati e Colônia teriam a dizer, e a mostrar, a essas três autoras que explicam sua condição subordinada de mulher?

Das dez mulheres que entrevistei, quatro são casadas, Aurélia, Ambrósia, Ágata, Agostina, porém, por todas estarem trabalhando no setor de turismo, elas não estão confinadas exclusivamente à esfera privada, como esperaria Rosaldo.

Agostina, entretanto, é um caso distinto das outras três brasileiras: seu ambiente de trabalho, esfera pública, e seu ambiente doméstico, esfera privada, estão completamente separados. Com um bebê de dez meses, Agostina não interrompeu suas atividades na esfera pública e em sua casa ela diz que as tarefas domésticas são “compartidas” entre ela e seu esposo. Claro que, ao trabalhar em uma empresa que contrata, segundo ela, mais mulheres que homens, Agostina está sendo “prejudicada” pelos efeitos da segregação por sexo do mercado de trabalho, o que está, por sua vez, ligado aos efeitos da divisão sexual do trabalho, que segundo Rubin, criam a divisão e assimetrias entre os gêneros. Mesmo o fato natural/ biológico de ela ser uma mãe, como

²⁹ Rubin, ao final deste seu ensaio, auto-questiona, com a ajuda de Jacques Derrida (1972), sua própria proposição, alegando que tanto a teoria antropológica estruturalista de Lévi-Strauss quanto à psicanálise freudiana estão embebidas na mais “sofisticada ideologia sexista existente” (p. 200). Mas que, suas teorias, apesar de problemáticas, sugerem às teóricas do feminismo e às feministas que “we should not aim for the elimination of men, but for the elimination of the social system which creates sexism and gender” (p. 204). Rubin também não se esquece de salientar que o seu “sistema sexo/gênero”, não é “a-histórico” ou imutável, e que sua utilização, como ferramenta analítica, requer que se considere sua “interdependência mútua” com os sistemas econômicos e políticos de cada sociedade em que os todos estão presentes.

querem tanto Ortner, quanto Rosaldo, não impediram que Agostina se livrasse dos grilhões que a condenariam totalmente à esfera privada.

Por outro lado, os casos de Aurélia, Ambrósia e Ágata, são um pouco mais complicados. Rosaldo, por exemplo, visualiza a existência de dois grupos de mulheres: as que se encontram, completamente, na esfera privada, cuidando da casa e dos filhos, e as que conseguiram conquistar ou “forjar” sua esfera pública indo trabalhar fora, como as médicas, as advogadas e as prostitutas, ou as mulheres que se juntaram em grupos de trabalhadoras, ou as que vendem bolos em festas de caridade; mas como explicar a situação “intermediária” de Aurélia e Ágata? Ambas são casadas, têm um filho e trabalham “junto” com o marido. De fato, Ágata “abandonou” a faculdade de administração e se casou e Aurélia ficou grávida e viu seus planos de exercer sua profissão de enfermeira serem adiados, contudo elas gravitam entre a esfera pública e privada, ou seja, estão presas à esfera doméstica em suas condições de mães e esposas, mas também têm um lugar na esfera pública, graças a sua atividade como “sócias” dos maridos, e onde estão expostas a um contato diário com turistas, pessoas de várias partes do mundo. Aurélia, antes de engravidar trabalhava junto com o marido. Em Angra o marido “fugia” do trabalho doméstico, quando juntos administravam a pousada; já em Parati, Aurélia trabalhava com o marido, pilotava o barco e mergulhava com os turistas, a casa era organizada quando ambos tinham tempo, ou quando a mãe de Aurélia ajudava. Rosaldo, portanto, não deixa de ter tanta razão. Ágata também disse que antes da filha nascer trabalhava, no barco, junto com o marido, mas que agora se ocupa da loja; o trabalho em casa, porém, é feito por uma empregada. Tanto Aurélia quanto Ágata não têm salário e dependem do marido, é verdade, mas pelas suas experiências e trajetórias de vida, elas sabem que têm capacidade de agir e fazerem escolhas individuais e por conta própria. Rubin explica grande parte do que acontece

com Ágata e Aurélia: o peso da instituição familiar ou do estigma de serem filhas de mães donas de casa pode ser um fator determinante de suas situações, mas ambas não deixaram de trabalhar para cuidar dos filhos e da casa apenas.

Agora, Ambrósia é outro caso particular. Também está presa no limbo entre esfera pública e privada, não tem filhos, e não pretende ter, estudou até a oitava série, trabalha desde os dezesseis, é casada e diz “dependo do marido”, diz executar a maior parte das tarefas domésticas, e até prefere que seu marido não a ajude porque “ele faz muita bagunça”. Tanto Rosaldo, quanto Ortner, quanto Rubin explicariam perfeitamente o sentimento de inferioridade e a resignação de Ambrósia. Contudo, como Rosaldo explicaria uma mulher que não tem filhos, que está tanto na esfera privada quanto na pública, em um trabalho “arranjado” pelo marido, claro, mas que é a típica subordinada?

E o que diriam as solteiras, Amália, Arlete, Agnes e Adelaide? Amália e Agnes são chefes e mães de famílias monoparentais, Amália porque optou ser “mãe solteira”, e Agnes porque se separou do marido que a batia.

Amália é um caso especial, está mais na esfera pública do que na privada, não tem marido, não cuida da casa, recebe ajuda da avó ou de alguém que paga para fazer o serviço de casa, provavelmente uma mulher. Não se responsabiliza exclusivamente pelo filho, são os avós paternos e sua família materna que a ajudam a criá-lo. O filho não a impediu de fazer uma faculdade, de trabalhar, de viajar a negócios, de se tornar gerente de uma pousada em Parati. Amália mais parece um homem. Ainda assim, ela mesma admite que mães solteiras não sejam bem vistas pela sociedade, ela sabe que é diferente, ela não é oprimida, mas também não é opressor. Rubin e Rosaldo a entendem.

Agnes, por sua vez, encontra-se em uma situação mais delicada. Assediada por patrões, agredida pelo marido, mãe provedora de três filhos, divide os trabalhos domésticos com a filha de doze anos. Ainda está terminando os estudos e sabe da

precariedade de seu trabalho como camareira, tem medo de investir o dinheiro que poderia conseguir com a venda de terrenos em Parati e acha que seu sonho de tornar-se defensora pública é “muito difícil”, enxerga em seu futuro duas possibilidades: um “emprego na prefeitura de Parati”, ou outro casamento. Agnes pode ser a típica mulher oprimida de Rubin, Rosaldo e Ortner.

Adelaide é solteira e vive com os pais, busca a independência financeira. A esfera privada em que ela vive hoje é a da mãe. Ela está na esfera pública, mas já espera que ao casar-se também tenha que se dividir entre esfera privada e pública. Adelaide sabe que não poderá fugir do destino feminino previsto por Rosaldo, Ortner ou Rubin.

Arlete é uma solteira convicta, diz “adoro minha liberdade”, participa da esfera pública, como artesã; uma ocupação informal e precária, claro. Tem apenas o ensino médio, mas quer especializar-se fazendo cursos de artesanato. O arranjo familiar do qual faz parte é mais “democrático”: Arlete divide as tarefas domésticas com a irmã, o cunhado e o tio. Para Rosaldo, ela é a mulher que forja uma esfera pública para si.

Assim como Amanda, a artesã uruguaia, que também forjou uma esfera pública para si, mas em condições diferentes. Casou-se com quinze anos, tem cinco filhos, separou-se do primeiro marido e agora vive junto com outro homem. Terminou seus estudos, com a ajuda dos filhos, depois dos vinte cinco anos, e hoje trabalha fora. Entretanto, Amanda sabe da fragilidade de sua situação, ela diz: “a mi creo que no hay traído autonomía o la independencia así, porque... viste, es más bien, pasar el tiempo, tener algo de ganancia, por supuesto, pero no me da ganancia”.

Aurora é outra mulher que vive junto de outro homem e tem uma filha. Em seu caso a filha também a “segurou”, ela diz “me gustaba la carrera de relaciones internacionales” e “como fui mamá muy joven, este, tuve que buscar algo un poco más cerca”. Mas isso não impediu de fazer uma faculdade e conquistar a esfera pública.

É talvez com outra autora, dessa vez uma historiadora, que as condições tão díspares, das dez mulheres, acima descritas, configuram-se e compreendem-se de uma maneira mais ampla. Joan Scott (1986), em seu famoso “Gender: a Useful Category of Historical Analysis”, faz uma revisão dos principais enfoques teóricos e analíticos que historiadores e cientistas sociais em geral dão ao tratamento do conceito de gênero. Ao fazer isso Scott propôs, para prática da pesquisa histórica convencional, a inclusão da categoria de gênero. Segundo a autora (1986, p. 1055):

The litany of class, race, and gender suggests a parity for each term, but, in fact, that is not at all the case. While "class" most often rests on Marx's elaborate (and since elaborated) theory of economic determination and historical change, "race" and "gender" carry no such associations. No unanimity exists among those who employ concepts of class. Some scholars employ Weberian notions, others use class as a temporary heuristic device. Still, when we invoke class, we are working with or against a set of definitions that, in the case of marxism, involve an idea of economic causality and a vision of the path along which history has moved dialectically. There is no such clarity or coherence for either race or gender. In the case of gender, the usage has involved a range of theoretical positions as well as simple descriptive references to the relationships between the sexes.

Partindo desse impasse Scott pontua os principais avanços e limites dos estudos descritivos e analíticos, sobre gênero, realizado por historiadores inseridos em uma ampla gama de posições teóricas, na tentativa de responder a perguntas tais como: “How does gender work in human social relationships? How does gender give meaning to the organization and perception of historical knowledge?” (p. 1055).

Entre as três principais correntes teóricas que Scott revisita estão os estudos sobre a origem do patriarcado, as análises marxistas e as proposições teóricas que se apóiam em duas escolas de psicanálise, ora de influência pós-estruturalista francesa, ora

de influência objeto-relacional anglo-americana. Segundo a autora, o problema com as análises do patriarcado é que elas sempre recaem no problema da “single variable of physical difference” e, conseqüentemente, da a-historicidade do gênero (p. 1059). O problema da análise marxista encontra-se na preeminência de determinantes sócio-econômicas sobre estruturas psíquicas, culturais ou ideológicas do sujeito histórico: “Within Marxism, the concept of gender has long been treated as the by-product of changing economic structures; gender has had no independent analytic status of its own” (p. 1061). Já os teóricos da psicanálise, tanto francesa quanto anglo-americana, acabam por “universalizar” a “oposição binária” entre as categorias e relações entre homens e mulheres e, por conseguinte, “it does not permit the introduction of a notion of historical specificity and variability” (p. 1064).

Para Scott, a proeminência do gênero como categoria analítica é um fenômeno do final do século XX, e, segundo a autora, é significativo que tal evidência “has emerged at a moment of great epistemological turmoil that takes the form, in some cases, of a shift, from scientific to literary paradigms among social scientists”³⁰ (p. 1066). De acordo com Scott, é no espaço aberto por esse cisma, entre os cientistas sociais, que o gênero deve ser articulado como categoria analítica. Diante desse quadro “oportuno” a autora propõe sua definição de gênero (p.1067- 1074):

The core of the definition rests on an integral connection between two propositions: gender is a constitutive element of social relationships based on perceived differences between the sexes, and gender is a primary way of signifying relationships of power. (...) As a constitutive element of social relationships based on perceived differences between the sexes, gender involves four interrelated elements: first, culturally available symbols that evoke multiple (and

³⁰ Vale ressaltar que Michelle Rosaldo já havia dado início a uma fase revisionista, na literatura feminista, a respeito da relação dicotômica estabelecida, principalmente, entre os conceitos de Natureza e Cultura, presente nas análises e teorias feministas da época, antes mesmo de Joan Scott (1986), no artigo “O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural” (1995 [1980]).

often contradictory) representations - (...). Second, normative concepts that set forth interpretations of the meanings of the symbols, that attempt to limit and contain their metaphoric possibilities. These concepts are expressed in religious, educational, scientific, legal, and political doctrines and typically take the form of a fixed binary opposition, categorically - and unequivocally asserting the meaning of male and female, masculine and feminine. (...) The point of new historical investigation is to disrupt the notion of fixity, to discover the nature of the debate or repression that leads to the appearance of timeless permanence in binary gender representation. This kind of analysis must include a notion of politics as well as reference to social institutions and organizations - the third aspect of gender relationships. (...) The fourth aspect of gender is subjective identity. (...) But the universal claim of psychoanalysis gives me pause. (...) If gender identity is based only and universally on fear of castration, the point of historical inquiry is denied. Moreover, real men and women do not always or literally fulfill the terms of their society's prescriptions or of our analytic categories. Historians need instead to examine the ways in which gendered identities are substantively constructed and relate their findings to a range of activities, social organizations and historically specific cultural representations. (...) The first part of my definition of gender consists, then, of all four of these elements, and no one of them operates without the others. Yet they do not operate simultaneously, with one simply reflecting the others. A question for historical research is, in fact, what the relationships among the four aspects are. (...) The theorizing of gender, however, is developed in my second proposition: gender is a primary way of signifying relationships of power. It might be better to say, gender is a primary field within which or by means of which power is articulated. Gender is not the only field, but it seems to have been a persistent and recurrent way of enabling the signification of power in the West, in Judeo-Christian as well as Islamic traditions. As such, this part of the definition might seem to belong in the normative section of the argument, yet it does not, for concepts of power, though they may build on gender, are not always literally about gender itself. French sociologist Pierre Bourdieu has written about how the "division du monde", based on references to "biological differences and

notably those that refer to the division of the labor of procreation and reproduction," operates as "the best-founded of collective illusions." Established as an objective set of references, concepts of gender structure perception and the concrete and symbolic organization of all social life. To the extent that these references establish distributions of power (differential control over or access to material and symbolic resources), gender becomes implicated in the conception and construction of power itself. (...) Gender, then, provides a way to decode meaning and to understand the complex connections among various forms of human interaction.

Como a definição de gênero de Scott ajuda a compreender a “heterogeneidade” das situações de seis mulheres paratienses e quatro mulheres uruguaias? Em Scott não se busca mais por origens e explicações da “opressão feminina”. Tal mudança qualitativa³¹ do enfoque nos estudos de gênero aponta para a influência do pensamento foucaultiano na literatura sobre o gênero e, por conseguinte, na tentativa das teóricas e autoras do feminismo em buscar contextualizar e relativizar as várias formas e graus em que a discriminação por gênero atravessa o tecido social, juntamente com outras formas de discriminação como as de classe e as de raça.

O Gênero emerge, com Scott, como uma “categoria analítica”, e não apenas como uma construção sócio-cultural baseada nas diferenças anatômicas entre os sexos. De certa forma, Scott confere à categoria de gênero uma aplicação metodológica ou analítica e, ao mesmo tempo, empírica ou prática, ou seja, uma aplicação mais dialética, onde gênero é tanto estruturador como estruturado, dependendo do contexto temporal, cultural, social e espacial em que se apresenta³². Assim, é possível explicar, por exemplo, porque uma mulher sem filhos como Ambrósia é, talvez, mais submissa que

³¹ Ver, por exemplo, breve discussão sobre superação de paradigmas estruturalistas e a maior aceitação e proliferação de análises pós-estruturalistas e foucaultianas na antropologia e na teoria feminista, em Moore, 1997.

³² Vale lembrar que algumas antropólogas, antes mesmo de Joan Scott, já atentavam para o fato da mutabilidade espacial e temporal dos significados atribuídos aos conceitos de sexo, gênero, masculino, feminino, como, por exemplo, MacCormack e Strathern (2001 [1980]).

uma mulher com filho e mãe solteira como Amália; ou porque uma mulher casada e com filho como Ágata, Aurélia e Agostina têm mais possibilidades de “agência” do que uma mulher separada e com filhos como Agnes ou Amanda; ou porque em Colônia do Sacramento, no Uruguai, a divisão das tarefas domésticas entre os cônjuges aparenta ser mais balanceada do que em Parati, no Brasil; ou porque o turismo sexual no Uruguai parece não ter tanto destaque ou não ser tão notado como no Brasil; ou porque em Colônia do Sacramento, no Uruguai, existem mais mulheres trabalhando como guia turístico do que homens; ou porque em Parati, no Brasil, é mais comum encontrar guias turísticos homens do que mulheres.

Em um plano quadridimensional, Scott põe, em relativa igualdade, aspectos culturais, normativos, políticos e identitários como mecanismos que fazem do gênero um elemento constitutivo dos relacionamentos sociais e, além disso, um dos principais fatores constitutivos e estruturantes das relações de poder³³. Desse modo, é possível, por meio da narrativa de cada uma dessas dez mulheres que entrevistei, visualizar, como disse Foucault (2001, p. 170), “a insurreição dos saberes dominados” que comportam a “memória dos combates” (p. 171), por exemplo: a luta que Amália trava contra a sociedade ao se assumir como mãe solteira, a luta das artesãs Amanda e Arlete ao se assumirem como trabalhadoras autônomas no setor informal; a luta de Aurélia e Ágata com seus maridos pela esfera pública, em ambos os casos, por um lugar no barco, ou na loja de mergulho, ou na de escuna; a luta de Agnes contra seu marido e seus patrões agressores; a luta de Amália, Agostina, Adelaide e Aurora pela independência financeira, pela emancipação e autonomia, como mulheres, e por um lugar no mercado de trabalho de turismo em Colônia do Sacramento e em Parati; a luta de Ambrósia por um trabalho onde “num tem ninguém mandâno” nela; e a luta de seis mulheres de Parati

³³ Vale ressaltar que a própria Joan Scott (1986) diz se basear no conceito de Poder desenvolvido por Michel Foucault.

e quatro mulheres de Colônia do Sacramento, enquanto anfitriãs em localidades turísticas, contra os efeitos, nocivos ou não, do turismo em suas vidas e cidades.

Conforme aponta Avtar Brah (2006, p. 341-342):

Nosso gênero [feminino] é constituído e representado de maneira diferente segundo nossa localização dentro de relações globais de poder. Nossa inserção nessas relações globais de poder se realiza através de uma miríade de processos econômicos, políticos e ideológicos. Dentro dessas estruturas de relações sociais não existimos simplesmente como mulheres, mas como categorias diferenciadas, tais como “mulheres da classe trabalhadora”, “mulheres camponesas” ou “mulheres imigrantes”. Cada descrição está referida a uma condição social específica. Vidas reais são forjadas a partir de articulações complexas dessas dimensões. É agora axiomático na teoria e prática feministas que “mulher” não é uma categoria unitária. Mas isso não significa que a própria categoria careça de sentido. O signo “mulher” tem sua própria especificidade constituída dentro e através de configurações historicamente específicas de relações de gênero. Seu fluxo semiótico assume significados específicos em discursos de diferentes “feminilidades” onde vem a simbolizar trajetórias, circunstâncias materiais e experiências culturais históricas particulares. Diferença nesse sentido é uma diferença de condições sociais. Aqui o foco analítico está colocado na construção social de diferentes categorias de mulheres dentro dos processos estruturais e ideológicos mais amplos. Não se afirma que uma categoria individual é internamente homogênea. Mulheres da classe trabalhadora, por exemplo, compreende grupos muito diferentes de pessoas tanto dentro quanto entre diferentes formações sociais. A posição de classe assinala certas comunalidades de resultados sociais, mas a classe se articula com outros eixos de diferenciação como o racismo, o heterossexismo ou a casta no delineamento de formas variáveis de oportunidades de vida para categorias específicas de mulheres.

Fica claro, portanto, que a principal questão a ser encarada, quando se pensa os efeitos sociais e culturais do turismo - os quais são definitivamente atravessados pelas relações de gênero - é a de verificar quais são as múltiplas variáveis que compõem as situações sociais e individuais dos sujeitos afetados. A amostra presente neste meu estudo proporciona a visualização de uma grande gama de histórias particulares que são condicionadas pelas e, ao mesmo tempo, desestabilizadoras das forças econômicas, políticas e sociais, tanto no âmbito uruguaio quanto no brasileiro. Essa questão será abordada mais adiante, no capítulo seguinte.

Henrietta Moore (2000 [1994]), uma antropóloga social britânica, em seu ensaio “Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência”, fornece os subsídios para analisar a capacidade de agência de indivíduos marcados pelo gênero³⁴. As forças políticas, econômicas e sociais podem condicionar a situação pessoal dos indivíduos, mas, por outro lado, a mudança social acontece através das práticas desestabilizadoras dos sujeitos. A preocupação da autora está “na relação entre identidade de gênero e discursos de gênero, entre o gênero enquanto vivido e o gênero enquanto construído” (p. 16).

Segundo Moore, desde a década de 1960, as reestruturações das noções do social e do cultural incitaram a revisão do lugar e do papel do sujeito dentro de “estruturas de poder e dominação”, e, por conseguinte, levantaram questões a respeito das possibilidades de resistência ou de obediência do sujeito frente a essas estruturas. Para a autora (p. 15-16):

Ficou cada vez mais claro que não se pode responder a essa pergunta em termos puramente sociais. Questões de desejo, identificação, fantasia e medo têm que ser discutidas. Cada indivíduo tem uma

³⁴ Ver, por exemplo, em Hall, 2001; Butler, 1998; Moore, 2000, breves discussões sobre o “sujeito pós-moderno”, “desconstruído” ou “indiferenciado”, muito presente nas teorias e análises recentes da antropologia e sociologia, e que conferem ao indivíduo, homem ou mulher, uma identidade processual e não mais essencialista, dando-lhe, portanto, uma maior capacidade de agência frente às estruturas sociais.

história pessoal, e é na interseção dessa história com situações, discursos e identidades coletivas que reside a relação problemática entre estrutura e práxis, e entre o social e o indivíduo. Assim, a resistência e a obediência, não são apenas tipos de agência, são também formas ou aspectos da subjetividade; e tanto como tipos de subjetividade quanto como formas de subjetividade são marcadas por estruturas de diferença fundadas no gênero, na raça, na etnicidade e assim por diante.

Como lembra Moore, os “discursos sobre sexualidade e gênero” moldam mulheres e homens como tipos diferentes de indivíduos, e os dois tipos de indivíduos “corporificam diferentes princípios de agência” (p.16). Assim, nas culturas ocidentais os homens são tidos como líderes natos, por sua agressividade, e as mulheres são tidas como hospitaleiras, por sua receptividade. Será por isso que Aurélia e Ágata aceitam ficar na loja, ao invés de reivindicarem o lugar do marido no barco? Amália, por outro lado, não se contentou com a recepção da pousada, ousou a se tornar gerente. Porque será que Ambrósia aceita depender do marido, quando ela mesma não quer mais trabalhar em lugares onde ficam mandando nela. Será por isso que Amanda que mesmo trabalhando fora e ganhando seu próprio dinheiro como artesã não se sente completamente independente e emancipada? Adelaide, por exemplo, está buscando sua independência financeira e sua emancipação, mas sabe que quando se casar terá que se responsabilizar, talvez até mais que seu marido, pelos afazeres domésticos e pelos cuidados com os filhos. Agostina trabalha fora e ganha seu próprio dinheiro, mas não deixa de sentir a falta do tempo a mais que gostaria de passar com sua filha. Arlete teve de escolher sua liberdade por medo ou por necessidade? Agnes trabalha como camareira, mas não está satisfeita com sua ocupação atual, ela quer um emprego melhor, onde ela não seja tão explorada, ou um casamento; Agnes também não quer que sua

filha siga pelo mesmo caminho que ela, e por isso ela sente que deve terminar seus estudos, para que sua filha tenha melhores oportunidades que ela.

São, justamente, essas contradições que interessam à Moore. Pois, se de um lado os “discursos e categorizações dominantes” de gênero são eficazes porque “produzem homens e mulheres marcados por gênero, como pessoas marcadas pela diferença”, por outro lado a “diferença de gênero, como outras formas de diferença, não é um mero efeito da significação e da linguagem” (p. 17). Para Moore (p. 17-18):

Se aceitarmos a visão de que o conceito do indivíduo ou pessoa só é inteligível em referência a um conjunto de categorias, discursos e práticas cultural e historicamente específicas, temos que reconhecer os diferentes modos em que as categorias “mulher” e “homem”, e os discursos que empregam essas categorias, estão envolvidos na produção e reprodução das noções de pessoa e agência. Além disso, tais categorias e discursos participam da produção e reprodução de sujeitos marcados por gênero que os utilizam tanto como representações quanto como autorepresentações, como parte do processo de construir a si mesmos como pessoas e agentes. É por essa razão que as categorias simbólicas “mulher” e “homem”, e a diferença inscrita dentro delas e entre elas, têm alguma relação com as representações, auto-representações e práticas cotidianas das mulheres e homens individuais. Mas precisamos alguma maneira de teorizar como os indivíduos se tornam sujeitos marcados por gênero; isto é, como vêm a ter representações de si mesmos como mulheres e homens, como vêm a fazer representações dos outros e a organizar suas práticas de modo a reproduzir as categorias, discursos e práticas dominantes.

Dessa maneira, a autora reconhece a dificuldade em delinear, claramente, as determinantes inconscientes e sócias da identidade de gênero, mas alerta para o fato de que esta identidade de gênero não é adquirida passivamente pelos indivíduos de ambos os sexos em seu processo de socialização, ou seja, identidades, de qualquer tipo, são

“forjadas pelo envolvimento prático em vidas vividas, e como tais têm dimensões individuais e coletivas” (p. 20). Como se dá esse forjamento mútuo é o que intriga a autora.

Buscando respostas nos trabalhos de sociólogos como Giddens e Bourdieu ou na Antropologia Clássica, Moore chega às teorias pós-estruturalistas do sujeito e afirma que (p. 23-27):

Indivíduos são sujeitos multiplamente constituídos, e podem assumir múltiplas posições de sujeito dentro de uma gama de discursos e práticas sociais. Algumas dessas posições de sujeito serão contraditórias e entrarão em conflito entre si. (...) O que mantêm essas subjetividades múltiplas como unidade de modo que constituam agentes no mundo são coisas como a experiência subjetiva da identidade, o fato físico de ser um sujeito num corpo e a continuidade histórica do sujeito, onde posições passadas de sujeito tendem a sobredeterminar posições presentes de sujeito.

Um passo intelectual adicional é necessário, e isso envolve um reconhecimento da distinção entre localizar a multiplicidade e a contradição entre o individual e o social/ideológico, e localizar tais processos e momentos da diferença dentro do próprio sujeito.

Essa noção de um sujeito “internamente” diferenciado, constituído no e pelo discurso, é analiticamente poderosa. É de valor particular para analisar a questão de como os indivíduos se tornam marcados por gênero e adquirem uma identidade de gênero no contexto de diversos discursos co-existent sobre gênero, que podem contradizer-se e entrar em conflito.

Dessa maneira, pode-se afirmar que as propostas de Moore são capazes de explicar as contradições imanentes às trajetórias e situações pessoais das seis mulheres de Parati e das quatro mulheres de Colônia do Sacramento. Os discursos e categorias de gênero que moldam suas vidas, e as oportunidades que estão disponíveis a elas, apresentam caminhos possíveis que todas podem, até certo ponto, “escolherem” seguir; visto que o gênero não é a única variante restritiva ou impositiva na vida dessas

mulheres; um dos principais fatores que também “determina” muitas de suas “opções” é talvez a classe social delas, por exemplo. Algumas querem ser independentes e auto-suficientes como Amália, Arlete, Adelaide, outras sabem que têm suas escolhas atreladas ao rumo de seus filhos e esposos, tal como Aurélia, Ágata, Aurora, Agostina e Amanda, enquanto outras escolhem ou são induzidas a escolher um caminho mais convencional como Ambrósia e Agnes. Para algumas delas o turismo “mostra” caminhos possíveis, para outras ele é praticamente irrelevante. Duas mulheres podem estar expostas aos mesmos tipos de contatos com turistas e com a atividade turística e escolherem caminhos opostos. Amália e Arlete, por exemplo, enxergam um futuro na sua profissão e uma forma de desenvolvimento pessoal e profissional, outras, como Ambrósia e Agnes, não se sentem motivadas ou encorajadas a crescerem através das oportunidades que o setor turístico lhes proporciona. Amanda reconhece a oportunidade que o artesanato, que é feito para os turistas, lhe proporcionou, mas, diferentemente de Adelaide e Aurora, não tem vontade ou melhores condições de seguir uma carreira no setor.

Moore alerta, entretanto, para o uso problemático da palavra “escolha”. Para a autora, obviamente nem todos os indivíduos são capazes de reconhecerem as “posições alternativas de sujeito” que estão disponíveis a eles, as assimetrias de classe, gênero, raça, etnia, cultura são todas restritivas e impositivas, simultaneamente, contudo, mesmo em um nível básico de “reflexão consciente” os sujeitos “investem” ou “selecionam” o que querem para si mesmos (p. 30). A noção de “investimento”, que a autora toma emprestada de Wendy Holloway (1984), seria algo entre um “compromisso emocional e um interesse” que se ancoram no “poder relativo, concebido em termos de satisfação, retribuição ou vantagem que uma posição particular de sujeito promete, mas não necessariamente realiza” (p. 36). Não obstante, Moore atenta para o fato de que

assumir uma posição de sujeito não se resume a um simples e fácil “investimento”, pois “a contextualização histórica dos discursos significa que não todas as posições de sujeito são iguais, algumas posições carregam mais retribuições que outras e algumas são negativamente sancionadas” (p. 37), além disso, “o fato de que indivíduos assumem múltiplas posições de sujeito, algumas das quais pode estar em contradição entre si, obviamente não pode ser explicado em termos de uma teoria da escolha racional” (p. 38). Conforme Moore (p. 38):

A noção de investimento de Holloway lembra as motivações emocionais e subconscientes de assumir várias posições de sujeito. Nesse contexto a fantasia, no sentido de idéias sobre o tipo de pessoa que se gostaria de ser e o tipo de pessoa que se gostaria que os outros acreditassem que se é, tem claramente um papel a desempenhar. Tais fantasias de identidade se ligam a fantasias de poder e agência no mundo. Isso explica porque conceitos como reputação se conectam não só a auto-representações e autoavaliações do eu, mas ao potencial de poder e agência que uma boa reputação confere. A perda da reputação poderia significar uma perda de condições de sobrevivência, e a falta de uma boa posição social pode tornar os indivíduos incapazes de seguir várias estratégias ou cursos de ação. O uso do termo “fantasia” é importante aqui porque enfatiza a natureza muitas vezes afetiva e subconsciente do investimento em várias posições de sujeito, e nas estratégias sociais necessárias para manter esse investimento.

Para a autora é justamente através do investimento - fruto das “fantasias” de poder e de identidade dos sujeitos - em certas posições de sujeito disponíveis que, os homens e as mulheres (do ocidente, principalmente) reproduzem ou desafiam (in)conscientemente o discurso cultural dominante.

Em suas individualidades, Aurélia, Ágata, Ambrósia, Amália, Arlete, Agnes, Adelaide, Amanda, Agostina e Aurora fazem os “investimentos” que estão aos seus

respectivos alcances. Umas “escolhem” serem donas de casa, mas também negociam um espaço na loja de mergulho, de *souvenirs*, de passeios. Outras, como Amália e Arlete, querem ser independentes financeiramente, socialmente, individualmente. E outras como Agnes, ainda não se decidiram. Outras não querem mais ser dona de casa, como Amanda. Outras querem seguir uma carreira profissional, como Adelaide e Aurora. Outras, simplesmente precisam trabalhar e aproveitam as oportunidades que a vida oferece, tal como Agostina.

Aurélia vê hoje, no mergulho, uma possibilidade de canalizar sua vontade de ser enfermeira. Ao ajudar o turista a relaxar, Aurélia constrói suas fantasias de identidade como uma mulher generosa e atenciosa, e isso lhe dá “poder”, principalmente diante das mulheres turistas que a elogiam por vê-la pilotando um barco e mergulhando com um cilindro de oxigênio pesado nas costas. Ambrósia já trabalhou muito pela cidade, como faxineira, camareira e arrumadeira, mas ela não sentia “poder” ou “reconhecimento” nisso, não queria ninguém mandando nela, um patrão. Seu casamento e seu trabalho na loja do marido lhe trazem o que ela quer: uma vida pacata, como dona de casa e ajudante do marido na loja. Ela sabe que depende do marido, isso é sua idéia de “poder”, isso é o que informa a construção de sua identidade. Ágata “investiu” no abandono de seu curso superior para acompanhar e partilhar com o homem com quem se casou um negócio, uma operadora de passeios de escuna. Mas Ágata não quer se sentir como uma simples ajudante do marido, tal como Ambrósia. As fantasias de “poder” que Ágata nutre encontram-se no contato com o mundo e com as novidades que a Internet lhe proporciona. Através dessa ferramenta ela fica “antenada”, ela faz cursos on-line do Ministério do Turismo, ela traz novas idéias para o seu negócio, ela constrói sua identidade como uma empresária pró-ativa e perspicaz. Amália “optou” por ser uma mulher independente, tomou o exemplo de sua mãe como um ponto de referência

através do qual ela forja sua identidade. Ser gerente de uma pousada é sua fantasia de “poder”, e é através desse sentimento de poder que Amália recebe as compensações e o reconhecimento de suas colegas de trabalho, nas reuniões da cidade, de seu patrão, de seus familiares. Arlete também “investiu” naquilo que lhe dá prazer, naquilo que faz parte de sua personalidade e sensibilidade artística. Ela busca reconhecimento e admiração através de seu trabalho, forja sua identidade de artista, e almeja o “poder” que esse reconhecimento lhe traz, o poder de ser uma mulher autônoma, talentosa, determinada. Agnes tem dúvidas, sua identidade como mulher submissa não lhe trouxe “poder”, sua condição de chefe de família, pobre, também não lhe trouxe “poder”, seu possível destino como “mulher de gringo” também não esgotou suas fantasias de poder, sua identidade está ainda se forjando, enquanto ela decide se depende do turismo a vida inteira, se ela segue seu sonho de ser defensora ou funcionária pública, ou se ela se casa com um homem “bem de vida”. Adelaide busca sua independência, isso é o que tem valor para ela, é através de uma carreira profissional consistente que ela molda sua identidade. É através de seu trabalho no museu, estudando e ensinando turistas, e do reconhecimento que este *status* de mulher intelectualizada e auto-suficiente lhe proporciona, que Adelaide espera alcançar o “poder”. Aurora também vê em sua carreira um meio de conseguir “poder”, de ser importante e informada, de atender o turista e lhe ajudar a obter informações, de ser consultada. Aurora constrói sua identidade como mulher capacitada e intelectualizada. Amanda é mais realista, sabe que não tem “poder” como dona de casa e nem como artesã, mas encontrou na atividade um modo de não “ficar parada”, de ajudar sua família, sendo companheira e humilde. Amanda “investiu” no artesanato porque é algo que ela pode fazer para se sentir útil e ocupada. Agostina “investiu” na mulher trabalhadora e experiente. Instruiu-se e se capacitou para fazer aquilo que sua cidade tinha a lhe oferecer. Sua fantasia de

identidade é aquela em que contribuí como mulher com o orçamento doméstico, em que entra em contato com turistas para lhes mostrar sua cidade, da qual tem muito orgulho. Ser guia turística lhe dá esse poder de mostrar como ela sabe quem é e de onde veio.

Tendo em mente, pois, a parte subjetiva da realidade das seis mulheres de Parati e das quatro mulheres de Colônia do Sacramento, parto agora para a realidade social das duas cidades. Se o turismo, como prática social e atividade econômica, reproduz as estruturas e discursos dominantes (Cruz, 2007), será interessante visualizar como se dá esse arranjo sócio-estrutural em Parati e em Colônia do Sacramento, para que possam ser traçadas as diferenças e similaridades nas condições das mulheres entrevistadas, em ambas as localidades.

PARTE DOIS

**Tons do Turismo na Produção do Espaço Social
Local**

Na Cidade de Parati

Do mundo ao lugar, do espaço abstrato às paisagens singulares, o desafio que se coloca é tornar visível as teias que unem a sociedade à natureza, os sistemas de objetos aos sistemas de ações, a forma ao conteúdo. (Luchiari, 1999, p. 75).

Parati é uma pequena cidade do litoral sul fluminense, com pouco mais de trinta e cinco mil habitantes. Pertence ao Estado do Rio de Janeiro, situado na região sudeste do Brasil. Está localizada a trezentos e cinco quilômetros da cidade de São Paulo e duzentos e oitenta quilômetros da cidade do Rio de Janeiro. E atualmente vive, essencialmente, do turismo, da pesca e do comércio em geral³⁵. Segundo dados do IBGE os setor de serviços representa 78% do PIB (valor adicionado) do município, seguido da indústria, 16%, e da agropecuária, 5%³⁶.

É com a leitura de “Parati, Caminho do Ouro” de Heitor Luis do Amaral Gurgel (1973), que se pode ter idéia do que foi, e de como se tornou o que é hoje, Parati. Segundo narra o autor, a cidade de Parati, nos séculos dezessete e dezoito, era reconhecida por sua função como importante entreposto comercial entre as Minas Gerais e o litoral, e seu crescimento e desenvolvimento no período colonial deveu-se, fundamentalmente, à sua posição estratégica na baía da Ilha Grande, ao caminho terrestre que ligava Parati a Minas Gerais, o famoso "Caminho do Ouro", e ao seu porto, que chegou a ser o segundo mais importante do país. Ao decair a extração e exportação do ouro, em meados do século XVIII, Parati perdeu sua importância no cenário sócio-econômico colonial. Com o Ciclo do Café, a partir do século XIX, a cidade reviveu,

³⁵ Informações coletadas no website www.governo.rj.gov.br em outubro de 2009.

³⁶ Informações coletadas no website www.ibge.gov.br em junho de 2009.

brevemente, um surto de crescimento econômico e populacional. Porém, em 1870, devido à abertura de um novo caminho - desta vez, ferroviário - entre Rio e São Paulo, através do Vale do Paraíba - a antiga trilha que corta a Serra do Mar e liga Parati ao Vale do Paraíba perde novamente sua função, afetando de forma intensa a atividade econômica de Paraty como um todo. Um segundo fator de decadência do comércio e da cidade é atribuído à Abolição da Escravatura, no ano de 1888, causando um êxodo populacional massivo que esvaziou e isolou Parati do resto do país por várias décadas. De acordo com Gurgel (1973), até o ano de 1967, Parati era uma cidade de quatorze mil habitantes e encontrava-se ainda em relativo estado de isolamento político, econômico e social. As primeiras iniciativas “indiretas” de incremento e apropriação do território paratiense pelo turismo, já tinham se dado antes mesmo da chegada da rodovia Rio-Santos. Desde a década de 1940, o extinto Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), se lançou na proteção e divulgação do patrimônio material de Parati, incentivando reformas e planos de defesa do conjunto arquitetônico da cidade (Gurgel, 1973). Em março de 1966, o então Presidente da República Castelo Branco, assinou o Decreto nº. 58.077 pelo qual Parati foi nomeada Monumento Nacional, e a partir de então, o governo do Estado do Rio de Janeiro, principalmente, juntamente com os líderes políticos do município de Parati, passaram a exercer medidas que, indiretamente, favoreceriam o progresso turístico de Parati. E, além disso, desde o começo da década de 1970, a UNESCO e a antiga EMBRATUR, já haviam tomado nota do potencial turístico de Parati (Gurgel, 1973). Um dos mais luxuosos condomínios de residências secundárias do Brasil, Laranjeiras, foi construído, em meados da década de 1970, pela Parati Desenvolvimento Turístico SA – uma associação entre os grupos Brascan e Adela, empresas do ramo de investimentos imobiliário, energético e de

construção civil - com uma área total de 1.131,44 hectares³⁷. Hoje, o condomínio é uma fonte de emprego relevante para a população residente em Parati, segundo os depoimentos de algumas de minhas entrevistadas. Desde 1970, Parati também já era cenário para gravações cinematográficas, e ao longo dos anos, foi palco de mais de trinta filmes e *video-clips* e mais de vinte novelas da Rede Globo e da Rede Manchete. O que colaborou, inegavelmente, para o *glamour* que reveste a pequena cidade à beira mar. Todas as minhas entrevistadas lembraram ocasiões em que viram pessoas famosas caminhando pelas ruas de Parati³⁸. Na década de 1980, foi a vez de a Fundação Roberto Marinho iniciar uma parceria com o poder público paratiense que dura até os dias atuais, financiando projetos de preservação do patrimônio histórico e obras de infra-estrutura urbana na cidade³⁹. Foi assim que Parati cresceu e se desenvolveu nestes últimos quarenta anos. Processos ora ordenados e planejados, ora espontâneos e assimétricos, colocaram Parati, definitivamente, em uma rede de afluência de capital, investimentos, turistas nacionais e internacionais.

Durante séculos Parati este “sistema de objetos” do espaço geográfico paratiense se formou, e talvez ainda hoje se forme, com os conteúdos de vários “tipos” sócio-culturais distintos: o indígena, o colonizador, o negro escravo e depois liberto, o caiçara, o migrante e, atualmente, o turista. Mas, para o observador atento, é difícil não perceber a presença marcante do elemento caiçara nos hábitos, costumes, folclore, tradições, festas e práticas sociais (Luchiari, 1992; Adams, 2000), mesmo quando o migrante também se faz notar, na cidade de Parati. Para Diegues (2004, p. 22-23), a cultura caiçara se expressa em:

Um conjunto de valores, de visões de mundo e simbologias, de tecnologias patrimoniais, de relações sociais marcadas pela

³⁷ Informações coletadas no website www.brasilturismo.com em outubro de 2009.

³⁸ Informações coletadas no website www.parati.com.br em outubro de 2009.

³⁹ Informações coletadas no website www.frm.org.br em novembro de 2009.

reciprocidade, de saberes associados ao tempo da natureza, músicas, de saberes associados ao tempo da natureza, músicas e danças associadas à periodicidade das atividades de terra e de mar, de ligações afetivas fortes com o sítio e a praia. Essa tradição, herdada dos antepassados, é constantemente reatualizada e transmitida às novas gerações pela oralidade. É por meio da tradição que são usadas as categorias de tempo e espaço e é por meio dessas últimas que são interpretados os fenômenos naturais.

Dentro da cultura caiçara, a divisão sexual do trabalho era claramente delimitada entre o marido pescador e a esposa doméstica (Luchiari, 1992). Como narra Marcílio (2006, p. 238-239):

O padrão ideal de mulher caiçara era o da mãe de família, dona de casa, boa trabalhadora no lar e na roça. Seu papel era muito importante, essencial para a manutenção do grupo doméstico, sua reprodução, produção e sobrevivência. Desde pequena, a menina era, então, levada a aprender suas futuras funções e induzida para a vida conjugal. (...) Uma vez casada, a mulher entregava-se de corpo e alma às fainas diárias, desdobrando-se nas atividades domésticas. Ela tinha tarefas bem definidas: preparo do alimento (fabricação de farinha de mandioca, dos beijus, preparo dos alimentos, salga dos peixes - moquém -, provimento de água, lenha, lavagem de roupa, cuidado com os pequenos animais de criação - galinhas, porcos, etc.). Logo que os filhos iam chegando, suas lidas diárias aumentavam. (...) Na divisão de trabalho doméstico cabiam ao marido outras tarefas, também bem definidas. A ele estavam ligadas as atividades da caça e da pesca, da derrubada e queimada, da construção dos ranchos de moradia, do transporte e comercialização dos excedentes agrícolas, da condução das canoas e dos trabalhos da roça, plantio e colheita (embora, nestas, pudesse ser ajudado pela mulher e filhos), além das funções públicas e militares.

Além disso, outra característica muito citada por vários autores é o de um senso apurado para sentimentos de solidariedade e coletividade entre as comunidades caiçaras. De acordo com Luchiari (1992, p. 20), “o costume da colaboração mútua era fundamental na sobrevivência das famílias caiçaras, quer no seu universo concreto, de trabalho e subsistência, quer no seu universo simbólico, de festas, crenças e compadrios”.

Resquícios desse universo simbólico - creio eu - estão ainda muito presentes no cotidiano e imaginário sócio-cultural do paratiense de hoje e talvez possam até ajudar a compreender a perspectiva individual que uma mulher tem sobre o turismo e o turista, na sua vida e na cidade em que vive. Até mesmo quando Luchiari sugere que a partir da década de sessenta, o “universo caiçara estava irremediavelmente subordinado ao capital comercial dos centros urbanos” e “à penetração do capital monopolista e de pequenos investidores que acelerariam o processo de urbanização” e de especulação imobiliária no litoral paulista, e do litoral sul fluminense, é possível sentir e observar, atualmente, arranjos e variações sociais, econômicos e culturais que muito se assemelham aos arranjos de outrora.

Por exemplo, a estrutura do setor turístico em Parati é basicamente composta de hotéis, pousadas, restaurantes, agências e operadoras de turismo e bares de pequeno porte, às vezes, de administração familiar. As micro-empresas representam 93,7 % do total dos estabelecimentos formais existentes em Parati e a maior concentração dessas empresas é verificada no setor de Serviços seguido pelo de Comércio (Sebrae, 2008). A mão-de-obra é relativamente pouco treinada. Menos de 10% do total da mão-de-obra empregada nos estabelecimentos de oferta técnica turística é qualificada (Plano Diretor de Desenvolvimento Turístico do Município de Parati, 2003). Note que com isso, eu não quero dizer que os caiçaras paratienses sejam incapazes ou preguiçosos, mas que

talvez os sentimentos de solidariedade, de comunidade e de senso prático, - como disse Câmara Cascudo (1971), “a ciência do povo” - ainda estão latentes em boa parte dos “conteúdos” com que este grupo de filhas e netas de caiçaras, colore as “formas” que o turismo impôs ao território e espaço social paratiense. E isso não é um defeito, mas antes, um jeito de ser. Os depoimentos de minhas entrevistadas apontam para a possibilidade de se aventar essas hipóteses, de certa maneira.

Aurélia é filha de pai pescador e mãe dona de casa. Quando o peixe começou a faltar, seu pai virou marinho e sua mãe continuou dona de casa. Ele no mar, ela na terra. A filha Aurélia cresceu, saiu de Parati para estudar, morou em São Paulo, vivenciou novos modos de ser e pensar. Ela voltou e hoje administra com o marido uma operadora de mergulho, ele e ela saiam juntos no barco e, às vezes, ela mesma pilotava o barco. Ficou grávida e, por mais transgressões que Aurélia tenha experimentado em sua trajetória, como morar sozinha numa cidade grande, fazer faculdade e pilotar barco, é um tanto quanto irônico que hoje ela vá passar um bom tempo, pelo menos até seu bebê crescer um pouco, atrás do balcão da operadora cuidando das “fainas” domésticas, ou administrativas, esperando na terra, enquanto seu marido vai para o mar, carregando, agora, turistas, ao invés de peixes, negociando no cais, cuidando das obrigações “públicas”. Caso semelhante é o de Ágata. Passa os dias na loja de passeios, cuidando do negócio da família, enquanto seu marido cuida do barco e dos turistas. Ou o de Ambrósia, na loja de *souvenirs* tricotando, ou em casa vendo televisão, e de seu marido artista, que passa os dias pintando os quadros que expõe na loja e “só de vez em quando” passa na loja “pra ajudá”.

Por outro lado, as moças solteiras vivenciam uma situação diferenciada, às vezes, desafiadora. Amália quer expurgar de si esses valores da “mulher caiçara”, não quer depender do marido, não quer ser submissa, é mãe solteira e sente orgulho por isso,

não quer casar e ficar sem profissão “pra amanhã ou depois” não ser “ninguém”, fez faculdade, virou gerente de pousada, quer administrar, quer estudar mais, quer viajar, sente falta de um “cosmopolitismo” que Parati não tem a oferecer, reclama da falta capacitação dos paratienses, mas ao mesmo tempo, não quer sair de Parati, quer “investir” em sua cidade porque, de certo modo, o turismo lhe permitiu isso. O *locus* da pousada está impregnado com as tais funções domésticas que as mulheres estão acostumadas a desempenhar, mas Amália tem o “poder” de um homem, dentro dessa esfera intermediária entre o público e o doméstico que é a pousada. Agnes, todavia, representa seu típico papel de mulher, na pousada em que trabalha. É camareira, aquela que limpa, lava e arruma, só faltava cozinhar. Mas também é chefe de família. Choca-se entre o papel submisso da mulher caçara de antigamente, e a de hoje, agora camareiras, faxineiras e cozinheiras nos restaurantes e hotéis e pousadas da cidade, e entre a possibilidade do papel de provedora, daquela que traz o peixe para casa, tem medo de estudar, acha que não tem capacidade para falar outro idioma, “que é muito difícil”, ou para fazer uma faculdade, “porque é muito caro”, que não pode abrir um negócio, “porque vai falir”. Agnes parece estar dividida, e vê no funcionalismo público, a exemplo de seus pais, que trabalharam suas vidas todas como funcionários da prefeitura de Parati, uma saída, além do casamento. Arlete por sua vez, forja seu universo como artista e artesã, vai pescar os turistas para que eles comprem suas peças, não quer se casar, e agora pensa em transformar o sítio da família em um estabelecimento de turismo rural.

A matriz simbólica e ideológica da cultura do caçara pode estar de certa forma relacionada aos valores e significados que a mulher, filha de caçaras, incorpora ao turismo e ao turista em seu espaço social, vida pessoal e em sua cidade. As mulheres que entrevistei não descendem de famílias abastadas e três delas tem suas raízes em

famílias de migrantes, e não de caiçaras. Três delas são filhas de caiçaras, Aurélia, Ágata, Ambrósia; e entre as outras três, duas são netas e uma é filha de migrantes. Os avós de Amália e Agnes vieram do Espírito Santo para Parati há pelo menos setenta anos, os pais de Arlete chegaram à cidade há cinquenta anos, no máximo, vindos do nordeste brasileiro. Será por isso que estas três moças não se enquadram no perfil típico da família e mulher caiçara? A mãe de Amália era mãe-solteira, e isso pode ter contribuído para os valores de “mulher forte e guerreira” que Amália guarda consigo. A mãe de Agnes era merendeira de uma escola pública em Parati, e a vida sempre foi difícil para sua família e, como a própria Agnes conta, teve que largar a escola para trabalhar e ajudar a família desde cedo, no comércio, com turistas. A mãe e o pai de Arlete sempre trabalharam juntos, como comerciários, porque na família de Arlete, também não tinha como ficar sem trabalhar. Arlete tem o exemplo de pais empreendedores, e é possível que ela também carregue esses valores com ela. Aurélia, Ágata e Ambrósia são filhas de mães donas de casa, sabem o que é cuidar da casa enquanto o marido está no mar, talvez seja por isso que suas condições atuais não lhes pareçam tão aberrantes.

Mas uma coisa essas seis mulheres têm em comum, pois, desde cedo, estiveram expostas ao mesmo tipo de situação: a presença do turista. A mais velha delas, Ágata nasceu em 1974, quando a Rodovia Rio-Santos estava batendo às portas de Parati, Agnes, a mais nova, nasceu em 1980, quando Parati já experimentava um já notável fluxo de turistas. Após a abertura da Estrada Parati-Cunha, e principalmente, após a construção da Rodovia Rio-Santos na década de 1970, Parati tornou-se, definitivamente, pólo receptor de turistas (Luchiari, 1992; Gurgel, 1973).

Aurélia se lembra que seu pai não gostava muito do movimento dos “gringos”, no começo:

O meu pai me criou assim, «gringo, cê não fala, não chega perto», mas hoje é normal né, já começaram a incorporar. Meu pai já faleceu faz uns oito anos, eu tô com trinta, se botá aí uns vinte, dezoito anos atrás era abominável essa questão do turismo, ele falava «aqui não tem nada, então eles vêm pra cá, boa coisa não tão fazendo», era assustador. Agora não, agora encaram melhor.

Ágata também relembra esse mesmo sentimento de desconfiança que a geração de seus pais demonstrava pela presença do turista. Ela diz que eles se sentiam “invadidos”, e que os pais “tinham medo de deixá as crianças perto daqueles *hippies*”. Mas que, assim como disse Aurélia, hoje em dia eles “estão começando a entender”.

Já Agnes, por exemplo, ressalta um tipo de reação diferente por parte de seus pais e avós. Ela se lembra que desde que era pequena ela via “aquelas pessoa que fala enrolado na rua”. E que seus pais e avós, não ligavam muito para a presença do turista e do turismo, porque “eles não dependia do turismo”.

Amália também transmite um tipo diferenciado de sentimento, por parte de seus pais e avós, com relação ao turista e ao turismo:

Acho que hoje, a geração mais nova, né, recente, consegue visualizá melhor o que é turista, o que turismo é, não é, como funciona, o que eles vêm fazê, o que não vêm, a fim de que, a troco de que, o que traz, enfim. Antigamente não. Acho que as pessoas mais velha, né, tipo, não tinha essa consciência da concorrência, esse mercado enorme que tem de pousadas, hotéis, restaurantes, bares, lojinha de artesanato, não tinha. Hoje a gente sabe que tudo isso é turismo, entendeu, o pessoal vem e compra, negocia, vende, troca, antigamente não era assim, antigamente era uma coisa mais sossegada, e hoje em dia é uma coisa mais forte, mais intensa, é o turismo verdadeiramente, entendeu, e acho que a nova geração trabalha um pouco melhor com isso.

Arlete também tem um pensamento similar, ela acha que hoje “é diferente, porque, a gente tem mais noção de como trabalhá com o turista, a gente tá sempre estudando, fazendo curso, de atendê o turista” e que os mais velhos “até sabe, assim,

mas não tem noção, né”. Arlete e Amália, talvez por terem incorporado esse passado de seus avós migrantes, tenham outra ótica sobre o turismo, que é visto como uma atividade econômica em si, algo em que se é treinado para exercer, um sustento, um trabalho para sobreviver. E Agnes traz de seus pais e avós um sentimento de “dependência” ou “independência” com relação à atividade turística. Ou se depende daquilo ou não, para quem precisa, ou para quem depende, o turismo faz falta, e para quem não depende, o turismo não faz diferença nenhuma. Já Ambrósia, Aurélia e Ágata, trazem de seus antepassados esse olhar do turismo como algo “alienígena”, “estranho”, “intruso” e não natural da terra.

É interessante notar também, nas falas das mulheres que entrevistei, alguns aspectos singulares de suas compreensões do fenômeno do turismo. Amália, Ágata e Aurélia, talvez porque tenham avançado mais nos estudos e tenham um contato mais profícuo com o turista e uma maior experiência com a atividade do turismo, em Parati, geralmente relacionam ao turismo alguns problemas que a literatura de efeitos sócio-culturais do turismo aponta como problemas relacionados ao turismo. Amália, por exemplo, cita a possibilidade de “descaracterização da cultural local” e Aurélia “o sentimento de intrusão” que a presença constante e volumosa de turistas pode ocasionar. Ágata, por outro lado, não vê nada de negativo que poderia ser consequência ou fruto direto da atividade turística. Agora, Ambrósia, Agnes e Arlete parecem não atribuir, nem ao turista e nem ao turismo, a culpa de nada. Para Ambrósia, a prostituição, que é um dos efeitos muito citados na literatura turística em geral (Lee, 2004 [1991]; Mathieson, Wall, 1990), “deve acontecer com turista”, mas ela não tem certeza, e, com relação às drogas ela não percebe esta relação. Da mesma forma Agnes e Arlete evitaram responder qualquer coisa sobre prostituição, esquivaram-se de minhas perguntas sobre o tema, por algum motivo que só posso supor e nada mais, já com

relação às drogas, ambas disseram que este é um problema muito sério em Parati, que há mortes de jovens por conta disso, que há “bocas” de venda de drogas na cidade. Contudo, para elas esse problema não tem relação alguma com o turista ou com o turismo. Para Aurélia, se há prostituição em Parati ela estaria antes relacionada às drogas e ao crescimento da cidade, e não ao turista ou ao turismo. E para Amália e Ágata, esse é um problema “discreto”, o que se houve são mais “boatos e fofocas” do que fatos comprovados, mas ambas percebem isso como algo que está, diretamente ou indiretamente, relacionado à atividade turística.

Problemas referentes a saneamento básico, saúde e educação são, em suas concepções, de inteira responsabilidade do poder público, e muito mais importantes que os problemas que o turismo pode acarretar. Se a água é cortada no bairro de Arlete, na alta temporada, para que não falte nas pousadas do centro, a culpa é do poder público que não faz melhorias na infra-estrutura da cidade para suportar o grande número de turistas. Se a luz é cortada, na alta temporada, na casa de Agnes é porque a cidade está cheia e isso, portanto é normal, e a culpa não é do turismo, mas do poder público que cortou sua luz e que não toma providências quanto a isso. Ágata e Amália não vêm nada de negativo no turismo, novamente, o culpado pelos problemas em suas cidades é o poder público que negligencia a importância da capacitação e treinamento da mão-de-obra local para o melhor atendimento do turista. Se Arlete e Agnes são submetidas a condições exploratórias em seus empregos, trabalhando por horas a fio, ganhando pouco e, às vezes sem registro trabalhista, nas pousadas, restaurantes e lojas da cidade a culpa é de seus empregadores e não do turista ou do turismo. Até a questão da degradação ambiental é dúbia. Para Agnes quem suja a cidade não é o turista, é o paratiense: “Eles daqui de Parati que são uns porco, que suja tudo a cidade e num tá nem aí. Turista não, eles acham até a cidade suja, se cê que sabe”. Para Ágata quem não dá atenção ao

problema ambiental é a prefeitura de Parati, que não se importa com o destino do óleo das embarcações que carregam os turistas pelas praias da região. Em certo momento de nossa entrevista ela disse:

Meu marido outro dia foi falá com a secretária de turismo pra pensá num projeto ou numa solução pra resolvê o problema do óleo das embarcações no cais, porque tá poluindo a baía e tem que fazê alguma coisa pra fiscalizá ou pra arrumá uma alternativa de combustível. Sabe o que ela respondeu pra ele? Que cuidá de óleo de embarcação é bobagem!!! Então, é o que eu te falei, aqui as pessoas não são muito unidas, não têm consciência. As coisas aqui não funcionam, o pessoal aqui não tá acostumado, não têm educação pra isso.

Estas seis mulheres de Parati concordam, pelo menos, em um ponto: para todas elas “Parati é muito caro”. Para Agnes, “rôpa, comida, é tudo caro. Cê vai no supermercado, compra uma coisinha de nada dá cem reais”. Para Aurélia, “o custo de vida aqui é alto, porque a gente acaba pagando o mesmo valor que o turista paga”. Para Arlete, “nossa, Parati é cara. Quem vive de aluguel aqui, nossa, é um sufoco, e mercado, né”. Amália acha “terrível. Nós moradores locais, a gente sofre muito. Alimentação, rôpa, tudo, entendeu, coisas supérfluas, mesmo, mas a gente sofre, porque vem de fora, né, e tem os imposto, os encargos, e com o passar dos anos a gente percebe que as pessoas têm comprado mais fora da cidade”. Para Ambrosia “o custo de vida é alto, sim, a comida á cara, a rôpa é cara”. E também para Ágata, “o custo de vida é alto. Cê qué saí pra jantá e tudo é preço de turista. Mas também tem aquilo de que paratiense não paga. E a alimentação é cara também”. Todavia, mais uma vez, algumas relacionam os preços inflacionados ao turismo, outras não. Uma questão que surge é porque algumas delas relacionam certos problemas com o turismo e outras não? Outra questão seria saber se os homens listariam os mesmos artigos: roupas, alimentação ou mercado.

Outro aspecto relevante é o fato de nenhuma das entrevistadas ter elencado efeitos negativos do turismo diretamente relacionados à suas vidas pessoais. Todas “gostam” do turismo e do turista, e nada parece afetá-las individualmente. Na verdade, para elas, o turismo lhes trouxe uma fonte de renda, um emprego, um trabalho, e esse é o principal efeito que elas sentem que esteja diretamente relacionado com elas. Porém, no caso de Aurélia, Ágata e Amália, principalmente, o turismo é também uma forma de conscientização e aprendizado pessoal. Para estas três mulheres, o tipo de contato a que elas estão expostas, lhes permite conhecer pessoas “de várias partes do mundo” e isso é valorizado por elas, talvez porque elas tenham um contato maior e às vezes mais consistente com o turista do que Agnes, Arlete e Ambrósia. Estas outras três mulheres vêem o turista como um cliente. Aurélia e Ágata passam, ou passavam, o dia com o turista, em uma situação informal e aberta, onde a possibilidade de comunicação com o turista é muito grande e a troca de informações e conhecimento é muito mais favorável. Amália também experimentou e experimenta o mesmo tipo de relação com os turistas. Seja na recepção ou agora na gerência, Amália é a pessoa com quem o turista se aproxima quando está com problemas ou dúvidas, e isso requer de Amália um contato e uma relação menos formal e confortável com um turista muitas vezes nervoso ou preocupado. Agnes, Arlete e Ambrósia, trabalhando em lojas, como vendedoras, em pousadas como camareiras e em restaurantes como garçonetes estão expostas a um contato muito mais formal, efêmero e indireto, numa típica relação entre cliente-atendente. O caso de Agnes é talvez aquele em que a figura do turista seja a menos “presente”. Por outro lado, Agnes não é camareira o dia todo, e em seu tempo livre, nas festas e encontros na cidade ela pode estabelecer contatos informais e muitas vezes íntimos com turistas. Assim também ocorre agora com Arlete, que como artista, pode se

aproximar do turista de uma forma mais emocional. Expondo sua arte ao turista ela pode ser elogiada e reconhecida; e isso pode ser pessoalmente recompensador.

Mas, afinal, quem é este turista com que estas seis mulheres e as outras tantas mulheres paratienses entram em contato? De acordo com dados do Plano Diretor de Desenvolvimento Turístico do Município de Parati (2003), casais sem filhos são o principal grupo turístico que visita a cidade, 40%, seguidos de grupos de amigos, 27% e famílias, 15%. E o grupo dos excursionistas, apenas 1%. Obviamente este percentual sofre alterações significativas, dependendo da estação e época do ano. Na alta temporada, por exemplo, predominam os grupos familiares, no carnaval predominam os grupos de amigos, e assim por diante. O grupo etário predominante em Parati é dos que possuem entre trinta e cinco a cinquenta anos, 27%, seguido pelo grupo de vinte e seis a trinta e quatro anos, 26%. Também variando durante as épocas e datas festivas. No carnaval há mais jovens e na baixa e média estação, de março a outubro, mais idosos e casais adultos. A maioria dos turistas de Parati é de profissionais assalariados, 38%, seguidos de profissionais liberais, 26%. Os turistas de Parati têm, majoritariamente, um alto grau de instrução, 51% possuem o ensino superior completo, 15% o ensino superior incompleto e 26% o ensino médio completo. A nacionalidade da maioria dos turistas que vão à Parati é, ao contrário do que se costuma acreditar, brasileira, 85%, os outros 14% são turistas estrangeiros, sendo que dentro do grupo de estrangeiros, 65% são de turistas provenientes da Europa Ocidental, seguidos de 18% da América do Sul e 12% da América do Norte. Novamente, estes percentuais mudam dependendo da estação, os estrangeiros preferem a baixa e média estação e os brasileiros preferem a alta temporada e os feriados. Outro fato importante é que para 73% dos turistas, Parati é considerada o destino principal de sua viagem, o que provavelmente contribui para que estes turistas permaneçam na cidade, em média, de quatro a cinco dias. A principal motivação dos

turistas que vão à Parati é recreativa, ou seja, “lazer e turismo”, 91%. E, a principal área de interesse em turismo dos turistas de Parati é o “turismo cultural”, 53%, e “turismo de sol e praia”, 56%. Logo, é de se esperar que o interesse dos turistas que vão à Parati seja visitar o centro histórico, 54%, ir às praias da região de Trindade, 29%. E, de fato, visitar as praias, 68%, os museus e construções históricas, 46%, passear de barco, 42%, descansar e comer, 38%, são as principais atividades que os turistas de Parati gostam de fazer. Os meios de hospedagem mais utilizados por esses turistas são as pousadas e hotéis, 68%, e as casas de amigos e familiares, 10%.

Conhecer o perfil do turista de Parati, a demanda turística, torna clara a caracterização da oferta turística da cidade. Por conseguinte, o conhecimento acerca da oferta turística ajuda a visualizar o universo empregatício turístico em que as mulheres, e os homens, de Parati estão inseridos e as condições às quais, tanto elas quanto eles, estão expostos ou sujeitados.

Grande parte da oferta turística de Parati compõe-se, justamente, de meios de hospedagem e equipamentos de alimentação (Plano Diretor de Desenvolvimento Turístico do Município de Parati, 2003). Juntos, estes dois segmentos do mercado de trabalho turístico paratiense somam 51% da oferta técnica turística total da cidade. Além disso, as mulheres têm a sua disposição, teoricamente, os segmentos de agências e operadoras de turismo, lojas de *souvenir* e de artigos de vestuário e de praia, a marina, a rodoviária, o aeroporto, as casas de veraneio, os museus e órgãos de apoio e incentivo à cultura.

O principal problema, entretanto, é que ao mesmo tempo em que se pode aventar a hipótese de que as mulheres paratienses têm valorações caídas de mundo ainda imanentes em seus imaginários pessoais e coletivos, tais como um aguçado senso prático, que talvez faça com que predomine em Parati um ambiente de micro-empresas

de administração familiar com funcionárias pouco capacitadas ou capacitadas em outras profissões que não se relacionam diretamente com o turismo - como, por exemplo, o caso de Aurélia, uma enfermeira que administra uma operadora de mergulho, ou de Ambrósia, uma mulher com a oitava série primária que não fala inglês e que ajuda o marido a cuidar de uma loja de *souvenirs* que recebe turistas estrangeiros -, por outro lado, a força dessa estrutura simbólica caiçara aliada ao fato da falta de investimentos ou de ações e políticas públicas que capacitem e informem a mão-de-obra paratiense, sobre o devido tratamento do turista e sobre o funcionamento do setor turístico, fazem com que o principal efeito do turismo na vida pessoal das mulheres paratienses, segundo elas, a inserção no mercado de trabalho e a geração de fonte de renda, sejam suscetíveis a alguns impactos negativos, pelo menos para elas, tais como a importação de mão-de-obra qualificada, a deterioração das condições de trabalho, diferenças salariais entre homens e mulheres e entre as próprias mulheres, a fácil “descartabilidade” da mão-de-obra local, a falta de organização dos trabalhadores(as) do setor, a precariedade da fiscalização e cumprimento dos direitos trabalhistas da mão-de-obra paratiense, a alta informalidade e sazonalidade do emprego no setor, somente para citar alguns.

Amália e Ágata são as que mais reclamam das possibilidades limitadas de profissionalização e capacitação no setor turístico de Parati. Amália saiu da cidade para fazer um curso de graduação tradicional e Ágata se apóia na Internet para realizar cursos on-line na área, já que não pode se ausentar por causa de sua família e de seu negócio. Arlete tem conhecimento dos cursos de artesanato que são oferecidos pela prefeitura de Parati e pelo Sebrae, mas reclama da falta de cursos mais específicos na área. Ambrósia sabe da existência do Sebrae e das faculdades, mas não demonstra real interesse ou

conhecimento sobre o assunto. Aurélia também sabe do Sebrae e dos cursos de idiomas. E Agnes sabe apenas dos cursos de idiomas.

Há em Parati, hoje, a possibilidade de fazer uma faculdade, de um modo não convencional, é verdade, já que as aulas são semi-presenciais e ministradas via satélite, e os cursos são pagos, mas existe; o que não existe são cursos de turismo. Há cursos de serviço social, letras, pedagogia, ciências contábeis, marketing, administração, logística, secretariado e até comércio exterior. Há também cursos profissionalizantes na área de informática e enfermagem, e a prefeitura, através de um programa de promoção social, oferece um curso de corte e costura. Há também cursos esporádicos de capacitação em culinária e cursos de idiomas oferecidos por professores particulares, mas a principal escola de línguas da cidade é a Wizard⁴⁰. O Sebrae é hoje a principal e única entidade privada de interesse público a atuar no município, juntamente com a prefeitura e vem executando, nos últimos anos, alguns projetos e promovendo cursos de capacitação em Parati; o projeto “Turismo da Região da Costa Verde” é um dos mais recentes e seu objetivo geral é consolidar a Costa Verde como destino turístico, visando o desenvolvimento sócio-econômico da região através de ações realizadas para empreendedores, micro e pequenos negócios ligados à atividade do Turismo na região da Costa Verde (Angra dos Reis, Parati, Rio Claro e Mangaratiba), com ênfase em meios de hospedagem, alimentação, artesanato, agentes culturais, atrativos turísticos e operadores de turismo⁴¹. Há também a possibilidade de obtenção de créditos aos produtores rurais através do ministério da agricultura⁴²: Arlete e sua família, por exemplo, serão um dos beneficiários dessa linha de crédito e graças a ela irão expandir os negócios no sítio da família.

⁴⁰ Dados coletados no website www.parati.com em novembro de 2009.

⁴¹ Informações coletadas no website www.sebraerj.com.br em novembro de 2009.

⁴² Informações coletadas no website www.agricultura.gov.br em dezembro de 2009.

Hoje já existem cooperativas em Parati, a dos Produtores Rurais, a dos Marisqueiros, a dos Artesãos e a dos Pescadores são algumas delas; as associações também existem, a dos moradores, a de guias locais, a dos barqueiros, a dos comerciantes e industriais, a dos moradores quilombolas do Campinho e as de caridade, as beneficentes e as culturais são outras delas. Há ainda o sindicato dos funcionários públicos municipais e dos produtores rurais⁴³. Como era de se esperar, Ágata e Amália têm conhecimento da associação comercial e do Convention and Visitors Bureau de Parati, Ambrósia e Agnes assumem que “deve ter” associações e cooperativas em Parati, mas não sabem dizer quais. Aurélia sabe apenas da associação comercial e dos moradores do campinho, talvez porque ela seja negra. Arlete sabe da cooperativa dos artesãos da casa de cultura, da associação de artesãos, da associação dos produtores rurais e da associação dos marisqueiros. A assimetria de informações revela a posição em que estas mulheres se encontram na cidade. As empresárias sabem daquilo que concerne aos seus interesses comerciais, a artesã e filha de pequenos produtores rurais sabe das associações referentes à sua área, e Agnes não têm nenhum mecanismo institucional a que possa recorrer; impressiona, pois, que numa cidade que tenha a maior parte de sua oferta técnica turística composta de meios de hospedagem e de alimentação, não ofereça aos seus trabalhadores recursos e mecanismos de mobilização e proteção de seus direitos. O que é um dos principais efeitos positivos percebidos pelas mulheres paratienses em Parati, o emprego, pode ser também um dos principais efeitos negativos. As mulheres paratienses se inserem no mercado de trabalho do setor turístico de Parati, mas em que condições? Baixos salários, cargas semanais de trabalho abusivas e informalidade podem ser alguns dos efeitos negativos dos efeitos positivos.

⁴³ Informações coletadas nos websites www.parati.com e www.pmparaty.rj.gov.br em novembro de 2009.

Esta é uma parte da realidade destas seis mulheres paratienses. Parto agora para a descrição da realidade de quatro mulheres uruguaia de Colônia do Sacramento.

Na cidade de Colônia do Sacramento

Colônia do Sacramento também é uma pequena cidade às margens do estuário do Rio da Prata, com aproximadamente de vinte e cinco mil habitantes. Capital do departamento de Colônia, situado na região sudoeste do Uruguai, está localizada a cento e setenta e sete quilômetros da cidade de Montevidéo, por via terrestre, e a cinquenta quilômetros da cidade de Buenos Aires, na Argentina, por via aquática. As bases econômicas da cidade são o turismo, uma zona franca que aloja uma centena de empresas de serviços comerciais e logísticos, um porto que é o segundo em importância no Uruguai pelo movimento de cargas e passageiros, os serviços de transporte, e a produção de serviços públicos para a população⁴⁴.

Colônia do Sacramento é uma cidade de larga trajetória histórica, convertida hoje em um dos pólos econômicos mais importantes da região do sudoeste uruguaio. Sua localização na margem norte do Rio da Prata, próxima a cidade de Buenos Aires e de Montevidéo, lhe conferiu, desde os primórdios do processo colonizador da região cisplatina, um grande valor estratégico (Monteiro, 1937). Os sinais das disputas coloniais entre a coroa espanhola e a coroa portuguesa e de suas sucessivas ocupações ficaram marcadas em seu Bairro Histórico, que desde 1995 integra a Lista do Patrimônio Cultural da Humanidade da UNESCO.

Em Colônia do Sacramento, as iniciativas “indiretas” de incremento e apropriação do território colonense pelo turismo se deram bem antes do que em Parati. Já no ano de 1910, um empresário visionário argentino, Nicolás Mihanovich, investiu toda sua fortuna em um complexo turístico (guardadas as devidas proporções com os

⁴⁴ Informações coletadas no website www.colonia.gub.uy em novembro de 2009.

complexos turísticos atuais) nas margens uruguaias do Rio da Prata, no atual bairro de Real San Carlos, em Colônia do Sacramento. Deu-se, pois, o início de um fluxo incipiente de turistas argentinos na cidade. Entretanto, na década de 1930, uma lei argentina que proibia a travessia e a entrada, em solo uruaio, de argentinos que pretendiam apostar em jogos de azar, acabou por comprometer a sobrevivência do empreendimento de Mihanovich, que, na época, era composto de uma praça de touros e de um hotel cassino. Em 1943, o complexo passou para o domínio da intendência municipal de Colônia e, atualmente, da praça de touros não restam mais que ruínas e o antigo hotel cassino é hoje a sede do Centro Politécnico del Cono Sur da Universidade de Valencia (Mariño, 2001).

A importância do patrimônio arquitetônico e histórico de Colônia do Sacramento já era reconhecida pelo governo uruaio em 1924, quando foi feita a primeira tentativa (frustrada, aliás) para elevar a cidade à categoria de Monumento Nacional. Novas tentativas foram feitas nos anos de 1929, 1938 e 1947, e todas falharam. Entre os anos de 1945 e 1980, a economia de Colônia do Sacramento gravitava e prosperava em torno da fábrica da Sudamtex têxteis, fonte de emprego para a maioria da população colonense. Enquanto isso o centro histórico encontrava-se abandonado e deteriorado (Blixen, 2005). Por volta de 1968 o governo municipal começou a adquirir as propriedades localizadas no centro histórico já com a intenção de transformá-las em museus, bibliotecas e arquivos municipais, enquanto a cidade nova de Colônia do Sacramento ia crescendo em volta do centro histórico cercado pelos muros da antiga cidadela. A partir dos anos de 1970 o centro histórico de Colônia do Sacramento passa por uma série de reformas para adquirir o traçado e aspecto atuais⁴⁵. Na década 1990, Colônia do Sacramento passou a assistir à proliferação das pousadas, restaurantes,

⁴⁵ Informações coletadas no website www.unesco.org em novembro de 2009.

lojinhas de *souvenirs* e museus que compõem sua estrutura urbana e turística até os dias de hoje.

Colônia do Sacramento, assim com Parati, atravessou séculos de história compondo-se mutuamente de “sistemas de objetos” e “sistemas de ação”⁴⁶. O tecido social uruguaio caracterizou-se inicialmente pela forte presença do elemento “caudillista”, do “fazendeiro-caudillo”, da família nuclear, patriarcal e numerosa, da “civilización ganadera”, para ser substituído, no período de modernização da nação uruguaia - nos primeiros trinta anos do início do século XX, sob o jugo das décadas “batllistas” - pela construção de um sistema capitalista “stricto-sensu” e pela ascensão da figura do “fazendeiro-empresário” e das classes médias urbanas (Bermúdez, 1996). Os sistemas de ação ou o conteúdo sócio-cultural uruguaio moderno é feito, em um primeiro momento, da profunda transformação deste modelo social “ganadero”, e em segundo lugar, conforme Bermúdez (1996, p. 72), da incorporação de valores sociais e individuais correspondentes a um “modelo liberal burguês europeu baseado especialmente nas classes médias ampliadas”, no favorecimento dos setores urbanos e na transformação “do Uruguai herdado do século XIX, no primeiro Estado de Bem-estar do continente” (1996, p. 3).

Mas, dentro desse Estado paternalista de cidadãos educados, profissionais, trabalhadores e disciplinados e moralistas, a condição feminina era no mínimo dúbia: ora vista como fonte de vícios e doenças sociais e físicas, encarnada na figura da mulher de camada pobre e na prostituta, ora enaltecida como dama educada e mulher de família burguesa, fonte de virtudes e cura social e física⁴⁷. Segundo Bermúdez (1996, p. 108-111):

⁴⁶ Ver Santos, 1996, sobre a conceituação de sistemas de objetos e sistemas de ações.

⁴⁷ Ver discussão desenvolvida no capítulo cinco na dissertação de Bermúdez, 1996.

O ideal de mulher esteve de acordo com os valores da mulher dona de casa, que dominasse a economia doméstica, cuidadosa e amável, frágil e meiga. No final do século XIX, lhe eram vedados ainda, a educação e o trabalho e sua sexualidade se limitava à cálida convivência conjugal. (...) A esta mulher burguesa, ideal e também “satanizada”, eram dirigidos os esforços para conciliar a intimidade e a privacidade da sua família com as metas mais amplas do bem-estar da nação. (...) As estratégias de familiarização dirigidas à família burguesa e também nas massas populares, encontraram na figura do médico, especialmente o médico da família, o caminho para introduzir os saberes normalizadores. (...) Para a mulher inserida em poderes patriarcais, numa família regida pelo poder masculino, a relação com o médico e seu saber lhe outorgou um papel de difusora de valores e alterou seu “status” na medida em que a tornava independente do poder patriarcal. Nesse contexto serão processados os avanços sobre a situação da mulher, entre os quais se destacam o realce da educação e dos direitos civis e políticos. Se para a mulher dos setores populares o ingresso ao mercado de trabalho, foi o caminho para um maior protagonismo, para as mulheres dos setores médios e altos, foi o ensino médio e superior. É importante que se destaque as diferentes iniciativas do Estado para ampliar os níveis educativos da mulher, cuja possibilidade de acesso e extensão aos serviços educativos e assistenciais facilitou a articulação dos papéis de mãe e trabalhadora.

Colônia do Sacramento insere-se, justamente, em suas formas e conteúdos, nesta “categoria” de *cidade-porto com população urbana secularizada*: a cidade abriga o segundo mais importante porto do Uruguai⁴⁸, atrás apenas do porto de Montevideu, funciona como escoadouro das pradarias interioranas colonenses detentoras da maior e mais importante parte da produção de lácteos no Uruguai e conta com mais de 20% da população urbana de todo o departamento de Colônia⁴⁹. E, nas entrevistas que realizei com quatro colonenses, pude perceber, por suas histórias de vida, um pouco da realidade da mulher uruguaia e a força simbólica dessa estrutura social, extremamente complexa, que denota a forte imissão do Público no Privado e *vice-versa*, do espírito do sujeito secular, profissional, formal, educado (Bermúdez, 1996).

Em Colônia do Sacramento os arranjos sócio-econômicos e culturais diferem daqueles em Parati tanto em suas formas estruturais quanto em seus conteúdos.

⁴⁸ Informações coletadas no website www.anp.com.uy em dezembro de 2009.

⁴⁹ Informações coletadas nos websites www.turismoencolonia.com e www.ine.gub.uy em dezembro de 2009.

Obviamente, também se pode notar a penetração do capital monopolista e de investidores que acelerariam o processo de urbanização no espaço colonense, principalmente na presença marcante do fenômeno de segunda residência, mas, ainda assim, creio que há variações na forma como o turismo se ocupa do território colonense e é assimilado pelas quatro mulheres que entrevistei.

A estrutura do setor turístico em Colônia do Sacramento compõe-se de hotéis e pousadas, restaurantes e bares, lojas de *souvenirs* agências e operadoras de turismo que realizam *city-tour* motorizado pelo centro histórico e redondezas, e muitas e muitas locadoras de veículos e motocicletas. Ao contrário de Parati, entretanto, há hotéis filiados a cadeias hoteleiras internacionais, como é o caso de um hotel Golf & Spa Resort da Sheraton, um hotel quatro estrelas da Days Inn, e um hotel cassino da Radisson, todos localizados num raio de um quilômetro do centro histórico. Na composição do PIB para todo o departamento de Colônia é notável a importância do setor de Comércio, Restaurantes e Hotéis: os valores destes setores são maiores em Colônia, 12,8%, que a nível nacional, 12,5%. E, quanto à mão-de-obra empregada no setor, de acordo com o documento Turismo en Colonia: Plan de Refuerzo de la Competitividad (2007), os principais pontos positivos que as mulheres de Colônia têm em seu favor é o bom nível de formação básica da população em geral e a disposição do setor privado em trabalhar junto com o poder público de todo o departamento para a criação e oferta de centros educativos que contam com cursos de capacitação em hotelaria, gastronomia e turismo (apenas em Colônia do Sacramento, a capital departamental, abriga um Instituto Municipal de Hotelaria, uma Universidad del Trabajo del Uruguay e um Centro Politécnico). Todavia, o mesmo documento adverte para a carência de recursos humanos melhor capacitados, para a necessidade de importação de pessoal qualificado na cidade, a ainda inexpressiva oferta de mão-de-obra

qualificada para o setor, a falta de centro de formação em turismo consolidados, devido ao recente cancelamento de um curso de mestrado em turismo no Centro Politécnico del Cono Sur da Universidade de Valencia por falta de alunos matriculados. Dessa forma, é possível perceber uma certa preocupação, por parte das mulheres que entrevistei, em profissionalizarem-se e capacitarem-se para atuar no setor turístico de sua cidade.

Aurora e Adelaide possuem cursos universitários em Turismo, são técnicas em turismo e Aurora esta prestes a obter sua licenciatura pela Universidad de La Republica. Amanda tem formação técnica como artesã pela Universidad del Trabajo del Uruguay. E Agostina também é técnica em turismo e possui vários cursos na área de turismo ofertados pela UTU e por outros órgãos de capacitação profissional em Colônia do Sacramento. Mais uma vez, não quero dizer com isto que as uruguaias sejam mais inteligentes ou mais disciplinadas que as paratienses, apenas que “um jeito de ser uruguaio” talvez também seja imanente nos inconscientes e nas ações de cada uma dessas quatro mulheres filhas de pais agropecuários e empresários que entrevistei.

Aurora é filha única de um empresário do campo e sua mãe diretora de uma “escola de hogar”, uma espécie de centro de ensino de economia doméstica muito comum em todo o Uruguay. Hoje Aurora trabalha para o setor público de Colônia do Sacramento, é uma funcionária pública com pretensas intenções em se tornar uma consultora em planejamento turístico. Adelaide é filha de outro empresário agropecuário e de uma mãe que era professora primária e após casar-se decidiu dedicar-se exclusivamente aos seus três filhos (o irmão e a irmã de Adelaide, e a própria Adelaide) e ao marido. Adelaide hoje também é uma funcionária pública da cidade de Colônia do Sacramento, trabalha em um dos museus administrados pela intendência do departamento de Colônia e tem certa inclinação para a carreira acadêmica. Amanda é fruto do estrato das massas populares uruguaias, filha de um mestre de obras e de uma

dona de casa, possui mais doze irmãos. Mãe de cinco filhos e até quatro anos atrás uma dona de casa em tempo integral, Amanda dedica-se à atividade de artesã que lhe possibilita auxiliar no orçamento doméstico da família e possui uma formação educacional muito mais sólida que a de Arlete, também artesã. Por outro lado, Arlete parece ser mais determinada, ou menos resignada, que Amanda. Arlete, apesar de sua frágil condição social e econômica, desfruta de uma maior liberdade individual, ao contrário de Amanda, que vive em um país que tem uma característica mais realçada de Estado Provedor que o Brasil e que, portanto, é uma mulher que tem mais mecanismos e recursos públicos a sua disposição, mas que ao mesmo tempo sente que não tem muito mais para ela na vida, e que seu trabalho, como artesã, não é capaz de lhe possibilitar uma emancipação nem financeira e nem pessoal. Agostina é filha de um policial, funcionário público, e de uma dona de casa, possui um irmão funcionário do ministério dos transportes do Uruguai e uma irmã que atualmente não trabalha. É uma trabalhadora assalariada em umas das principais empresas de transporte marítimo de cargas e passageiros do porto Colônia de Sacramento, possui cursos em sua área de atuação e experiência profissional; assim como Amanda também parece sentir-se estagnada em sua profissão.

Dentre estas quatro mulheres apenas Adelaide é solteira e não possui filhos. Aurora e Amanda vivem juntas com seus companheiros e Agostina é casada. Adelaide foi a única entrevistada que confessou um tradicionalismo na divisão sexual das tarefas domésticas na casa de seus pais (onde os homens cuidam dos negócios e as mulheres das tarefas domésticas) e acredita que quando chegar sua vez de se casar, estas mesmas tarefas recairão sobre ela. Aurora, Agostina e Amanda disseram que as tarefas em suas casas eram “compartidas”, tanto elas quanto seus companheiros lavam, cozinham e limpam, na mesma proporção. Talvez se possa aventar a hipótese de que esse olhar da

divisão igualitária do trabalho doméstico na esfera privada seja fruto de um imaginário coletivo uruguaio que enxerga, através da figura de um Estado provedor e de bem-estar, o trabalho de reprodução social como algo que depende tanto do homem quanto da mulher, tanto do público quanto do privado. Aparentemente, estas quatro mulheres, passam a impressão de um perturbador sentimento de resignação à sua condição de mulher uruguaia, porém, o próprio fato de todas elas estarem inseridas no mercado de trabalho, seja uma forma insurgente de declararem sua necessidade e vontade de fazer parte também da esfera pública, além da doméstica.

O pouco da matriz ideológica e simbólica que pude apreender das quatro mulheres que conheci no Uruguai mostra-se ligada ora a um passado rural ora urbano. As mulheres que entrevistei ou são filhas de homens do campo ou homens da cidade. Aquelas do campo, como Aurora e Adelaide parecem vir de um estrato social mais abastado, uma classe média alta, e talvez por isso sejam as que tenham avançado mais nos estudos e tenham tido a oportunidade de sair de Colônia para terminar os estudos universitários em Montevidéu; já Amanda e Agostina, filhas de homens da cidade pertencem a uma classe mais popular e contam com uma experiência profissional mais prática e técnica do que intelectual. Três delas são filhas de donas de casa, e apenas Aurora tem, na figura da mãe, a imagem de uma mulher de carreira. Será por isso que Adelaide parece já saber o quê o destino reserva a uma mulher casada uruguaia; ou que Amanda não acredite que ajudar no orçamento familiar seja a mesma coisa que ser uma mulher emancipada; ou que Agostina, como assalariada uruguaia não espere tanto de sua profissão como guia turística - atividade, que segundo ela, não é nem considerada, pelos homens de sua cidade, como um trabalho de verdade; ou que Aurora, por outro lado, pense em ser consultora, autônoma, independente, assim como sua mãe?

Agora, com relação à situação do “isolamento” social, ao contrário das mulheres de Parati, estas quatro entrevistadas de Colônia do Sacramento cresceram com a presença constante, não apenas de turistas, mas de forasteiros em geral. Como uma cidade que sempre manteve suas atividades portuárias em franca expansão e movimentação, o vai-e-vem de pessoas de fora parecem ter melhor preparado os habitantes colonenses na recepção dos visitantes ocasionais. Mas, de qualquer forma, assim como em Parati, os pais e avós de minhas entrevistadas também sentiam o turismo de uma forma menos natural ou confortável, em Colônia de Sacramento, o envolvimento com o turismo e o turista é visto sob o prisma de uma relação mais profissional e formalizada.

Adelaide se lembra que antigamente:

El turismo era como que lo exótico y, digo, generaciones de la edad de mis padres, o sea de cincuenta, sesenta años lo veían como algo extraño, y las generaciones más jóvenes, de mi edad, menores, Bueno, también han aprendido idiomas y además como que tienen otras formas de relacionarse. Además también por el tema laboral, como que está, pienso que hay esa relación por un tema del trabajo, quien sabe, o por una necesidad laboral. Pero, como que ahora yo veo o me parece que hay mayor relacionamiento con los turistas, pero obviamente por una razón laboral.

Da mesma forma Aurora acredita que “de a poco se fueron involucrando y, bueno, no tuvieron más remedio tampoco que abrir la cabeza un poco, porque viene el avance y si está prosperando”. Agostina também acredita que:

Ahora se le da mucho más importancia de lo que se le daba antes. A medida que van pasando los años cada vez se da cuenta más de lo que es el turismo y lo que puede aportar. Antes era un hobby trabajar en esto y mucha gente no podía trabajar solamente en esto, sino a veces en dos trabajos. Hoy en día, hay gente que nos mantenemos solamente con esto, que antes no se puede hacer porque era un trabajo eventual. Ahora no, ya es un trabajo firme, es un trabajo fijo, es un trabajo serio.

Entre minhas entrevistadas uruguaias também há algumas similaridades e discrepâncias com relação aos efeitos do turismo. A respeito do tema da prostituição relacionada à atividade turística as respostas das uruguaias é a mesma: Colônia do Sacramento não tem problemas com isso. Apenas Adelaide sugeriu que algo deste tipo pudesse estar acontecendo nas cercanias da cidade, segundo ela talvez “en Real San Carlos había algunas o hay en la zona saliendo de Colonia, donde es una zona llamada de Laguna de los patos, (...) y hay un, lugar por ejemplo donde se hacen reunión de empresarios en la salida de Colonia, que bueno hay también ese tipo de entretenimiento”. Contudo, a questão que realmente deve ser colocada é: por que o turismo sexual faz parte do imaginário tanto do turista quanto das anfitriãs brasileiras e parece não ser um problema para as mulheres uruguaias que entrevistei? Será simplesmente, como disse Agostina, que é porquê não se faz esse tipo de “propaganda” quando o Uruguai é “exposto” nas brochuras e catálogos para turistas estrangeiros? Além da unanimidade, nas falas das entrevistadas, referente ao tema da prostituição, assim como as mulheres de Parati, as colonenses também reclamam do custo de vida na cidade, principalmente dos artigos alimentares e de vestuário e dos preços dos aluguéis e de compra de imóveis. Aurora e Adelaide atribuem isso ao fato da supervalorização do espaço territorial do centro-histórico após a nomeação da UNESCO.

Outro ponto interessante refere-se à percepção das minhas entrevistas uruguaias a respeito dos efeitos negativos do turismo. Aurora e Adelaide, talvez por terem um nível universitário maior do turismo, novamente ressaltam o problema da “descaracterização cultural” e da “degradação do patrimônio histórico material e imaterial” como aspectos negativos do turismo. Amanda diz não conseguir visualizar os malefícios que turismo poderia estar acarretando em sua cidade, na verdade o ruim do turismo é quando não há turismo. E para Agostina: “las cosas malas generalmente están

relacionadas no con el tema del turismo, sino que tal vez con, a veces, una mala organización, digo, o sea, que no es justamente a causa de turismo, tal vez de la ciudad".

Mais uma vez, os efeitos negativos do turismo ou até mesmo os positivos não são sentidos individualmente pelas minhas entrevistadas colonenses. O trabalho, o emprego e a fonte de renda é o que todas elas valorizam como algo positivo, não apenas para elas, mas para sua cidade. Adelaide e Aurora colocam a "conscientização e desenvolvimento pessoal" derivada do "contato com outras culturas" e a "independência" como algo que o turismo pode afetar diretamente, em suas vidas e individualidades. Agostina diz que para ela o turismo é bom justamente porque é algo que ela se preparou e estudou para fazer, e que ela tem a satisfação de receber os frutos dessa sua escolha ao trabalhar com aquilo que escolheu fazer. Para Amanda, a satisfação pessoal que o turismo lhe traz vem da possibilidade que ela tem de ajudar financeiramente sua família. Já os efeitos negativos, apenas Agostina diz sentir falta de ter mais tempo para ficar com sua filha, em sua casa, com sua família, entretanto, ela mesma reconhece que esse não é um efeito do turismo, especificamente, mas das condições de trabalho em sua cidade e seu país: "Me gustaría tener un poco más de tiempo para mi casa, eso sí, pero tampoco tiene que ver con el tema del turismo, tiene que ver con que la organización de esto cambiara: que no es a causa del turismo". Vale ressaltar ainda que estas quatro mulheres envolvem-se com o turista através de uma relação um tanto quanto efêmera e, muitas vezes, cerimoniosa. Adelaide recebe os visitantes do museu atrás de uma mesa onde carimba seus bilhetes de entrada e, apenas quando solicitada, ela interage com os turistas que, geralmente, pedem a ela informações turísticas ou informações sobre o acervo do museu ou sobre a cidade. Aurora também fica atrás de uma mesa executando tarefas administrativas e, esporadicamente, respondendo às eventuais dúvidas dos turistas que passam pelo

escritório de informações turísticas na rodoviária da cidade. Amanda também fica atrás de uma tenda de artesanato onde ela expõe seu trabalho, e seu encontro com os turistas não passa, na maioria das vezes, de uma relação entre vendedor e comprador. Agostina, por ser guia de turismo, é a única que passa mais tempo com o turista, caminhando pela sua própria cidade, todos os dias, contando as histórias e curiosidades de Colônia do Sacramento e, freqüentemente, conversando com os visitantes em uma situação muito mais descontraída.

Aliás, aqui também é necessário considerar o perfil deste turista que entra em contato com estas quatro mulheres colonenses. De acordo com o documento *Encuesta Anual de Satisfacción de Visitantes de Colonia del Sacramento* (2008), quase 70% dos turistas que chegam em Colônia do Sacramento são casais, 55%, e grupos familiares, 21%, predominando os de nacionalidade argentina, seguidos dos uruguaios. Os excursionistas respondem por 30% da demanda. Quase metade dos turistas que visitam Colônia do Sacramento são argentinos, 48%, seguidos dos turistas uruguaios, 23%. Dentre os turistas estrangeiros destacam-se os norte-americanos e canadenses, 9%. E dentre os sul-americanos, os brasileiros e chilenos também aparecem com freqüência. A idade média dos turistas situa-se entre a faixa etária dos dezoito aos vinte e nove anos, 30%, seguidos daqueles que possuem entre trinta e trinta e nove anos, 25%. Um público jovem, portanto. Quanto ao nível educacional dos turistas, o grupo majoritário é de universitários formados e pós-graduados, 76%. Mais da metade dos turistas são profissionais liberais, 43%, e empregados/vendedores, 24%. Com relação ao tempo de permanência, observa-se que 32% dos turistas costumam passar apenas o dia em Colônia do Sacramento, e 68% ficam na cidade por até duas noites. A metade do tempo que os turistas ficam em Parati. Aqueles que se hospedam por mais tempo geralmente são idosos com mais de sessenta anos ou visitantes que se hospedam em casas de

familiares e amigos, registrando uma média de até quatro pernoites. Os lugares mais visitados pelos turistas na cidade são as ruas do centro histórico, o calçadão à beira da orla do Rio da Prata e a Avenida General Flores, onde se concentram os principais restaurantes, hotéis e bares de Colônia do Sacramento, 69%, seguido das lojas de artesanato, 67%, da Praça de Touros, 44%, e dos museus, 32%. O turismo de férias e fim de semana é o principal motivo das visitas dos turistas à Colônia do Sacramento, 85%. Vale assinalar que os próprios turistas descrevem sua estada em Colonia do Sacramento como “visita a una ciudad”, 38%, seguido do “motivo cultural”, 35%.

Mais uma vez, a demanda turística relaciona-se profundamente com a estruturação da oferta turística colonense e, portanto, com o universo empregatício turístico em Colônia do Sacramento. De acordo com o documento Turismo en Colonia: Plan de Refuerzo de la Competitividad (2007), a cidade de Colônia do Sacramento detém mais da metade dos estabelecimentos de hospedagem em todo o departamento de Colônia, denotando, pois, um forte setor de oferta de empregos; assim como os restaurantes e as empresas de transporte fluvial de passageiros (Buquebús e Colonia Express). Além disso, as mulheres colonenses ainda podem contar com as poucas agências de receptivo, a marina, a rodoviária, lojas de *souvenir*, as locadoras de veículo e motocicleta, os museus e outros órgãos de incentivo à cultura, para ingressarem no mercado de trabalho.

É, talvez, inegável que as quatro mulheres de Colônia do Sacramento, por mais que estejam enquadradas em uma estrutura social aparentemente mais rígida que aquela das seis mulheres de Parati, possuem maiores oportunidades de se capacitarem e se intelectualizarem. Adelaide, Aurora e Agostina falam mais uma língua além do espanhol, e Amanda é a única que está em uma posição mais delicada entre as quatro, por outro lado tem mais anos de estudos que Arlete e Agnes, por exemplo. Outro

aspecto notável é o fato de elas estarem em trabalhando em ocupações que estudaram para exercer. Uma mão-de-obra visivelmente melhor preparada e mais autoconsciente de suas qualificações pode exigir mais de suas condições de trabalho. Agostina reclama da falta de cursos de reciclagem, porque acredita já ter feito o bastante para aquilo que sua ocupação requer. Adelaide e Aurora querem continuar seus estudos universitários já iniciados na cidade, mas para isso têm que sair de Colônia do Sacramento; pelo menos a carreira de tecnólogos em turismo está disponível para as mulheres colonenses, ao contrário de Parati. Amanda, porém, é a menos pretensiosa, mas isso não está ligado à falta de possibilidades de profissionalização e nem de capacitação em sua cidade; em seu caso, o problema talvez esteja na falta de recursos financeiros ou na falta de “investimento” pessoal de sua parte.

Em Colônia do Sacramento, desde 1996, a Escuela Técnica de Colonia oferece cursos de especialização vinculados à atividade turística. Desde o ano 2000 Universidade del Trabajo del Uruguay oferece um bacharelado tecnológico de turismo titulando profissionais técnicos em organização e programação de turismo. No ano de 2001 a Universidad de la República instalou-se na cidade para formar duas turmas de técnicos en turismo. Neste mesmo ano, o Instituto Municipal de Hotelería começou a oferecer cursos relacionados a serviços turísticos, nas instalações da Escuela Municipal del Hogar. Entre estes cursos destacam-se o de recepcionista, barman, banqueteiro, gerente de restaurante, enología, congressos e eventos, recreação e animação. Por parte da iniciativa privada, desde o ano de 2002 começa a funcionar a Universidad Politécnica del Cono Sur com atividades e cursos para capacitação de mão-de-obra local, e neste mesmo ano através de um convênio com a Universidad de la República e a Intendencia Municipal de Colonia, foram inaugurados os cursos de técnico em administração de empresas. As ofertas de cursos de idiomas também se destacam: Colônia do

Sacramento conta com instituições como a Alianza Cultural Uruguay-EEUU, o Anglo e muitos professores particulares. A Universidad del Trabajo del Uruguay também é de grande importância para a população local, ao oferecer cursos de gastronomia, de governança, de roteirização de circuitos turísticos e de guias turísticos.

Além disso, a atividade turística em Colônia do Sacramento parece ser muito mais institucionalizada do que em Parati. Entre as principais câmaras empresariais e associações de Colônia do Sacramento encontram-se: a Cámara Hotelera de Colonia, a Cámara Gastronómica de Colonia, a Cámara Inmobiliaria de Colonia, a Asociación de Guías de Turismo de Colonia, a Asociación de Miniturismo de Colonia, a Agencia de Desarrollo del Este e a Cámara de Turismo Colonia del Este. Claramente, estas câmaras e associações cuidam dos privilégios do empresariado local e segundo minhas quatro entrevistadas, não há associações, sindicatos ou cooperativas diretamente relacionadas com os trabalhadores do setor turístico em Colônia do Sacramento, somente em Montevideú. Estas quatro mulheres parecem estar mais equiparadas entre si, do que aquelas em Parati, mas elas também estão desprotegidas localmente, por conta da ausência de cooperativas e associações que possam defender seus interesses. Novamente, o que é apontado como principal efeito positivo do turismo, individualmente e coletivamente, por essas mulheres uruguaias, a saber, a oferta de empregos e de fonte de renda também carece de consolidação e plena estabilidade. Adelaide e Aurora, talvez por serem funcionárias públicas não se sintam tão fragilizadas em seus empregos, mas tanto Agostina quanto Amanda sabem da relativa precariedade de suas situações, Agostina como empregada assalariada que trabalha mais de oito horas por dia e Amanda como trabalhadora do setor informal.

Esta é uma parte da realidade uruguaia, resta agora saber o quê a literatura sobre os efeitos sócio-culturais do turismo têm dizer sobre o que essas mulheres sentem e percebem do turismo em suas vidas e em suas cidades.

OITO

Estudos de Efeitos Sócio-Culturais do Turismo: o olhar das ciências sociais

A indústria do turismo transforma tudo o que toca em artificial, cria um mundo fictício e mistificado de lazer, ilusório, onde o espaço se transforma em cenário para o "espetáculo" para uma multidão amorfa mediante a criação de uma série de atividades que conduzem a passividade, produzindo apenas a ilusão da evasão, e, desse modo, o real é metamorfoseado, transfigurado, para seduzir e fascinar. Aqui o sujeito se entrega às manipulações desfrutando a própria alienação e a dos outros. (Carlos, 1999, p.25)

Será o turismo apenas uma fábrica de sonhos para turistas e nada mais?

Desde o princípio deste trabalho, aquilo que mais me preocupei em encontrar foram os efeitos sociais e individuais do turismo na vida das mulheres que iria entrevistar em Colônia do Sacramento e Parati. Esta busca incansável pelos efeitos do turismo é fruto de minha concepção do turismo como algo capaz de produzir tanto alterações quanto continuidades nos espaços sócio-culturais, econômicos e físicos em que este fenômeno se insere e não apenas naqueles de onde é emitido. Em primeiro lugar, acredito, assim como Fúster (1971, p. 32) que:

Turismo es, por un lado, conjunto de turistas (...); por el otro, son los fenómenos y relaciones que esta masa produce a consecuencia de sus viajes. Turismo es todo el equipo receptor de hoteles, agencias de viajes, transportes, espectáculos, guías-intérpretes, etc., que el núcleo debe de habilitar, para atender a las corrientes turísticas (...). Turismo es las organizaciones privadas o públicas que surgen para fomentar la infraestructura y la expansión del núcleo, (...). También es Turismo los efectos negativos o positivos que se producen en las poblaciones receptoras (...).

Parto, portanto, do princípio de que o turismo é acima de tudo um fenômeno social, que se estrutura e se opera como prática social e atividade econômica, da mesma forma que a indústria, o comércio, a agricultura, etc (Cruz, 2007). Dessa maneira, sendo o turismo um fenômeno social, acredito ser indiscutível sua interconexão, seja ela sutil ou descarada, com os outros fenômenos sociais que compõem a realidade do mundo ocidental – a saber, com a política, com a economia, com o avanço tecnológico, com a cultura, etc (Boyer, 2003). Daí a necessidade de se considerar sua capacidade de gerar “múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural” (De La Torre, 1984); o quê, aliás, sugere que os efeitos do turismo são apenas mais uma dentre as muitas forças globalizantes indutoras de transformações pessoais ou sociais, no mundo contemporâneo.

Mas afinal, o que a literatura dos efeitos sócio-culturais do turismo tem a ensinar sobre essa potencialidade transformadora ou reprodutora do fenômeno turístico? Em meio às leituras que realizei, alguns estudos de caso e proposições teóricas guiaram-me no processo de compreensão de minhas inquietações sobre a relação entre efeitos sócio-culturais turismo, gênero e transformações individuais tecidas na trama da relação do global com o local.

O crescimento vertiginoso do volume dos fluxos turísticos mundiais que irromperam nos anos 1960 e 1970, nos países tanto desenvolvidos quanto os subdesenvolvidos, desafiaram alguns cientistas sociais que, ao se depararam com a clara “invasão dos povos”, perceberam que o arsenal teórico que tinham à sua disposição, na época, não era capaz de dar conta dos impactos que poderiam estar destruindo ou transformando para sempre populações, grupos étnicos, cidades e países que viviam, antes da chegada da indústria do turismo e do turista, em completo isolamento. As preocupações destes cientistas sociais, em sua maioria antropólogos e sociólogos norte-

americanos e europeus, resultaram em um rico acervo de estudos de casos e modelos teóricos que tratavam de mensurar e delinear os efeitos diretos do turismo na vida cotidiana das populações de localidades receptoras de turistas.

Diante desse cenário, os cientistas sociais procuram por conexões existentes entre turismo, crescimento e desenvolvimento econômico (de Kadt, 1979); turismo e processos de aculturação (Smith, 1989 [1977]; Nash, 1989 [1977]; Boisseivain, 1979; Fúster, 1974); turismo e mercantilização ou descaracterização de manifestações sócio-culturais (Jafari, 1974; MacCannell, 1976; Greenwood 1989 [1977]), especialmente entre populações de países do terceiro mundo e grupos indígenas. Não obstante, todas essas conexões analisavam os impactos do turismo por um viés, ora estrutural-funcionalista ora marxista, restringindo, portanto, a análise da capacidade de adaptação e reação das ditas populações receptoras diante do avanço do desenvolvimento turístico em suas comunidades, aldeias e cidadezinhas, e impossibilitando, aliás, a demarcação dos efeitos sócio-culturais do turismo em populações de países desenvolvidos ou em contextos urbanos mais dinâmicos, como grandes cidades ou metrópoles. Enquanto as análises estrutural-funcionalistas condenavam os anfitriões a meros sujeitos frágeis e suscetíveis às transformações induzidas pela presença do “turista civilizado”, as análises marxistas reduziam o fenômeno do turismo e seus efeitos a meras consequências do avanço do sistema capitalista nos países subdesenvolvidos na era da Guerra Fria.

Todavia, estas análises estrutural-funcionalistas e marxistas acabaram sendo revistas por novos antropólogos e sociólogos que tentaram reacender as discussões sobre a inegável singularidade do fenômeno turístico - dessa vez já observado em escala mundial - e reformular algumas questões dadas como encerradas pelas análises tradicionais, a partir de meados da década de 1980. O romantismo e “pessimismo sentimental” (Sahlins, 1997) das análises dos antropólogos e sociólogos em busca do

“anfitrião primitivo perdido” dão lugar às análises que encaram o turismo pela ótica relacional e complexa da realidade social.

Na literatura dos efeitos sócio-culturais do turismo, o principal o debate que acompanha e marca as mudanças paradigmáticas experimentadas nas ciências sociais em geral, na década de 1980, é aquele estabelecido entre o famoso artigo *Staged Authenticity: Arrangements of Social Space in Tourist Settings* (1973), de Dean MacCannell, e o artigo *Authenticity and Commodization in Tourism* (1988), de Erik Cohen.

Os estudos dos efeitos sócio-culturais do turismo fundamentam-se sobre a própria dicotomia a partir da qual o fenômeno do turismo é apreendido pelas ciências sociais. Para a corrente teórica que deriva das proposições analíticas de MacCannell (1973), o turismo funciona como um mecanismo manifesto dentro da estrutura social de sociedades ocidentais modernizadas em que “the shallowness of their lives and inauthenticity of their experiences parallels concerns for the sacred in primitive society” (p. 589-590). Contudo, o turista, ou o “homem moderno da década de 1970” de MacCannell, é vítima do próprio arranjo estrutural da sociedade ocidental moderna. Segundo o autor (1973, p. 590):

Paralleling a commonsense division, Goffman has described a structural division of social establishments into what he terms "front" and "back" regions. The front is the meeting place of hosts and guests or customers and service persons, and the back is the place where members of the home team retire between performances to relax and to prepare. Examples of back regions are kitchens, boiler rooms, and executive washrooms, and examples of front regions are reception offices, parlors, and the like.

Para MacCannell e seus seguidores, as chamadas “regiões de fundo” são fechadas ao olhar intruso do turista expectador, permitindo assim que os indivíduos protegidos por essa divisão vivam uma vida tida como essencialmente autêntica e real,

ao contrário daquela vivida frente à presença opressora do turista sedento por experiências reais e autênticas que sua sociedade massificada e moderna não pode mais lhe proporcionar. Nesse jogo entre turista e população receptora a realidade social, tanto para o turista quanto para seu anfitrião, é “mistificada” e a “verdade” não mais existe nem na realidade social do turista, nem na da população receptora, e a “autenticidade” da realidade social, para ambos, passa a ser algo perpetuamente “encenado”. Nas palavras de MacCannell (1973, p. 597-599):

The current structural development of industrial society is marked by the appearance everywhere of touristic space. This space can be called a stage set, a tourist setting, or simply a set depending on how purposefully worked up for tourists the display is. (...) Touristic consciousness is motivated by its desire for authentic experiences, and the tourist may believe that he is moving in this direction, but often it is very difficult to tell for sure if the experience is authentic in fact. It is always possible that what is taken to be entry into a back region is really entry into a front region that has been totally set up in advance for touristic visitation. In tourist settings, especially in modern society, it may be necessary to discount the importance, and even the existence, of front and back regions except as ideal poles of touristic experience. (...) The empirical action in tourist settings is mainly confined to movement between areas decorated to look like back regions, and back regions into which tourists are allowed to peek. (...) The touristic experience that comes out of the tourist setting is based on inauthenticity, and as such it is superficial when compared with careful study: it is morally inferior to mere experience. A mere experience may be mystified, but a touristic experience is always mystified, and the lie contained in the touristic experience, moreover, presents itself as a truthful revelation, as the vehicle that carries the onlooker behind false fronts into reality. The idea here is that a false back is more insidious and dangerous than a false front, or an inauthentic demystification of social life is not merely a lie but a superlie, the kind that drips with sincerity.

Contudo, aquilo que, na verdade, era uma análise do fenômeno turístico dentro de uma abrangente teoria crítica sobre uma “modern mass mentality” (MacCannell, 1973), transfigurou-se em uma “cruzada” contra a figura do turista e do turismo como um todo, desencadeando uma série de estudos preocupados em registrar a “invasão das hordas” e a “destruição de culturas locais” pelo avanço e massificação dos fluxos turísticos internacionais (Smith, 1989 [1977]; Mathieson, Wall, 1990; Krippendorf,

1987). Os autores que deram continuidade às análises de MacCannell passaram a atribuir ao turismo uma capacidade de mercantilização, “fetichização” e “plastificação” de manifestações culturais materiais e imateriais das populações receptoras muito além de sua verdadeira esfera de influência (Smith, 1989 [1977]; Greenwood, 1989 [1977]), até porque, na visão de MacCannell, a qual, aliás, muitos autores não quiseram perceber (1973, p. 602):

Tourists make brave sorties out from their hotels hoping, perhaps, for an authentic experience, but their paths can be traced in advance over small increments of what is for them increasingly apparent authenticity proffered by tourist settings. Adventuresome tourists progress from stage to stage, always in the public eye, and *greeted* everywhere by their *obliging* hosts. (grifo nosso)

Foi apenas no final da década de 1980 que os estudos dos efeitos sócio-culturais passaram por um processo de revisionismo que reintroduziu as análises precedentes nos novos rumos que as ciências sociais em geral vinham tomando. Análises essencialistas e estruturalistas começaram a dar lugar às concepções teóricas mais abertas à superação da clássica dicotomia entre a estrutura e o agente social (Giddens, (1993 [1979]), (1989 [1984])); Bourdieu, (2007 [1989]), assim como à relativização e historicidade dos conceitos criados pelos próprios cientistas sociais de outrora. De acordo com Cohen (1988, p. 371-373):

Much of the contemporary literature on the nature of modern tourism and its impact upon host societies relies on several important assumptions. In a most general way, these assumptions can be formulated as follows: First, tourism is said to lead to “commoditization” of areas in the life of a community which prior to its penetration by tourism have been within the domain of economic relations regulated by criteria of market exchange. Local culture generally serves as the principal example of such commoditization. (...) The critical issue is that commoditization allegedly changes the meaning of cultural products and of human relations, making them eventually meaningless (...) Second, commoditization is said to destroy the authenticity of local cultural products and human relations; instead a surrogate, covert “staged authenticity” emerges. As cultural products lose their meaning for the locals, and as the need to present

the tourist with ever more spectacular, exotic and titillating attractions grows, contrived cultural products are increasingly “staged” for tourists and decorated so as to look authentic. (...) Three, “staged authenticity” is said to thwart the tourist’s genuine desire for authentic experiences. (...) However, it is implicit in MacCannell’s analysis that there is no salvation in tourism: the tourist establishment dominates the tourist industry, and by misleading tourists to accept contrived attractions as “authentic,” creates a “false touristic consciousness.” (...) It thus emerges that, the more tourism flourishes, the more it allegedly becomes a colossal deception. These assumptions are highly persuasive and appealing to both sociologists and critics of modern society. But the conclusion seems far-fetched and hard to accept; unless, of course, one adopts a view of modern society as completely absurd and dominated by sinister powers, so that its members are surreptitiously misled to believe that they have genuinely authentic experiences, while in fact being systematically debarred from having them.

Com essas assertivas, Cohen (1988) inaugura uma nova onda de estudos e análises sobre o turismo e seus efeitos, e em que as populações hospedeiras e até mesmo os turistas passam a ser vistos como agentes sociais capazes de escolher, se adaptar e se transformar frente às supostas maquinações e forças “mistificadoras” e “fetichistas” nas/das sociedades capitalistas ocidentais avançadas. Segundo o autor, “authenticity is an eminently modern value, whose emergence is closely related to the impact of modernity upon the unity of social existence” (p. 373) e, a inserção imponderada deste conceito nos estudos turísticos revela uma tentativa de explicar a motivação por trás do fenômeno turístico, no mundo moderno. O problema, entretanto, deste transplante conceitual da “busca pela autenticidade” do homem moderno para os estudos e análises do fenômeno do turismo trouxe confusões analíticas que esvaziaram, temporariamente, as discussões sobre as reais dimensões e influências vinculadas ao turismo, enquanto prática social e atividade econômica, tanto nos pólos emissores de turistas quanto nos pólos receptores, isto é, nas sociedades, grupos e populações hospedeiras, e, além disso, caracterizam um critério de avaliação no mínimo etnocêntrico. Como alerta Cohen, “the question, whether the “tourees” observed by the tourist at all possess such a concept,

and if so, which traits of their own culture they consider to be “authentic” is rarely, if ever raised” (1987, p. 374). Em contraste com MacCannell, Cohen sugere, assim como o quê as feministas falam sobre gênero, que a “autenticidade” é um conceito socialmente construído e que, portanto, sua conotação social não é dada, mas “negociável”, possibilitando, a partir de então, uma nova leva de estudiosos e cientistas sociais que passam a analisar as influências e efeitos do turismo em populações hospedeiras, considerando, definitivamente, o ponto de vista do “Outro”.

Para completar sua análise, Cohen, baseando-se na obra de Hobsbawm e Ranger, *The Invention of Tradition* (1983), procura desmistificar de vez a crença que autores como Greenwood (1989 [1977]) ajudaram a incutir na literatura dos efeitos sócio-culturais do turismo ao postularem que uma vez que uma manifestação cultural é mercantilizada ela perde seu sentido para as populações hospedeiras. Segundo o autor, “it would be absurd to argue that all popular music is meaningless for the artists merely because it is commercialized” (1988, p. 382). Seria, por conseguinte, absurdo assumir que as manifestações culturais materiais e imateriais que os turistas “consomem” em suas férias são desprovidas de qualquer carga emocional ou sentido para os hospedeiros que as “vendem”.

Este re-exame, empreendido por Cohen, de alguns dos pressupostos predominantes na literatura turística, teve implicações importantes para o estudo dos efeitos sociais e culturais do turismo, principalmente, porque, ao invés de perpetuar a concepção do impacto destrutivo do turismo na autenticidade e sentido de manifestações culturais, Cohen sugere que esse impacto seja submetido a uma análise empírica detalhada, se possível dentro de um quadro processual e comparativo, abrindo caminho, pois, para concepções mais complexas e dialéticas do fenômeno turístico (Cohen, 1979).

É essa dissidência analítica, incitada por Cohen, dentro da literatura turística que dá espaço para um dos artigos pioneiros sobre as possíveis interconexões entre os efeitos sociais e culturais do turismo e relações de gênero⁵⁰: *Gender Roles in Indigenous Tourism: Kuna Mola, Kuna Yala, and Cultural Survival* (1989 [1977]), de Margaret Byrne Swain. Neste estudo de caso, Swain procede em uma pesquisa etnográfica sobre o desenvolvimento turístico em um grupo indígena panamenho, mostrando como o envolvimento da população local no planejamento e operacionalização da atividade turística em seu espaço social e territorial possibilita uma inserção no mercado turístico nacional e internacional menos espoliativa e exploratória, e também como as diferentes formas de condução da atividade turística em comunidades étnicas minoritárias produz variados resultados sobre a dinâmica sócio-cultural desses grupos. Tomando como exemplo um grupo indígena, os Kuna, e o turismo de base comunitária⁵¹ empreendido por eles em seu território, Swain consegue visualizar as transformações e continuidades que a atividade turística trouxe ou manteve, tanto para os homens quanto para as mulheres Kuna. Com isso, a autora contribui para a difusão da utilização da variante de gênero como categoria analítica nos estudos dos efeitos sócio-culturais do turismo. Segundo Swain (1989, p. 83-84):

Gender roles have shaped the Kuna response to tourism: Kuna woman produce *mola* artwork of fabric appliqué and maintain a marketable image of ethnicity; Kuna man produce and maintain the political forum that shapes the group's interactions with outside interests, including tourism. Local tourism can offer roles different from those open in the national economy [of Panama]. Role choices generated by Kuna tourism are now available through self-employment, private business, and cooperative ventures, including a woman's sewing cooperative, hotel services employment, (...). These roles have evolved to produce and manage *mola* business and to promote and manage tourism in Kuna *yala*, or territory. Gradually the Kuna may realign complementary and cooperative gender roles to maintain their own society.

⁵⁰ Ver de Kadt, 1979, para outros estudos pioneiros sobre turismo, mercado de trabalho e gênero.

⁵¹ Ver Bartholo et al., 2009, para as mais recentes conceituações e discussões sobre turismo de base comunitária.

Swain surgiu com uma nova onda de autores que resolveram explorar os vínculos entre desenvolvimento turístico e transformações pessoais, relações de gênero e relações sociais em geral. É possível afirmar que esta idéia sobre as assimetrias dos efeitos sócio-culturais do turismo dentro de uma mesma população receptora toma como pressuposto as mesmas proposições que as feministas e os cientistas sociais em geral começaram a postular desde meados da década de 1980, sobre as questões de diferença, diversidade, pluralismo, hibridismo, construção da identidade, das intersecções entre raça, gênero e classe, etc. (Brah, 2006; Hall, 1998, 2001, 2003).

O principal veículo por onde as vozes dos autores preocupados com a inevitável conexão entre os efeitos sócio-culturais do turismo e as relações de gênero, em populações receptoras, foi o periódico científico *Annals of Tourism and Research*. A partir de então, uma série de estudos de caso passaram a formar um corpo analítico-metodológico de referência sobre o tema para as pesquisas que se seguiram. Na maioria destes estudos são utilizados métodos e técnicas qualitativas de pesquisa e análise, e todos eles têm o mérito de desvendar e dar voz às percepções pessoais ou coletivas dos grupos ou comunidades pesquisadas. A seguir apresento alguns desses artigos.

Monk e Alexander (1986), dois geógrafos norte-americanos das Universidades do Arizona e de Illinois, realizaram um estudo de caso em Margarita, uma pequena ilha caribenha na costa venezuelana, e perceberam o quanto a vida de mulheres e homens, habitantes da ilha, foi afetada, consideravelmente, com o desenvolvimento de um porto franco e de alguns hotéis que passaram a atrair um grande fluxo de turistas domésticos e compradores profissionais vindos da Venezuela continental. A agricultura e a pesca tradicional praticamente desapareceram e homens e mulheres foram distintamente afetados. Os homens foram absorvidos pelo mercado de trabalho oferecido pelo porto, mas as mulheres, principalmente as casadas e de classe baixa não foram integradas no

mercado de trabalho. Os homens passaram a ser empregados no setor de construção e transporte, mas as mulheres, por conta de seus níveis educacionais e financeiros baixos, não foram absorvidas pelo mercado de trabalho surgido com os hotéis e lojas do porto franco. Os padrões de emigração na ilha também sofreram uma reversão: antes da atividade do turismo e do porto franco eram os homens que emigravam para Venezuela continental em busca de emprego, após a chegada do turismo, os homens retornaram à ilha para trabalhar com serviços de transportes e no setor de construção, enquanto as mulheres de classe média passaram a emigrar da ilha em busca de educação e emprego no continente.

Ireland (1993), um antropólogo do Reino Unido, conduziu um estudo etnográfico, durante dezenove meses, no vilarejo de Sennen, na região da Cornualha, no sudoeste da Inglaterra, conhecido pela prática de turismo rural, para investigar mudanças ou continuidades nas estruturas familiares cujas mulheres encontravam-se engajadas em atividades turísticas locais, e para analisar as relações travadas entre turistas e as mulheres do vilarejo. Segundo o autor, as mulheres desse vilarejo tornaram-se cada vez mais envolvidas com a atividade do turismo no final do século XIX, desde que se tornaram uma fonte de mão-de-obra indispensável para a economia do vilarejo, especialmente, durante o período de estagnação e decadência da indústria pesqueira local, dominada principalmente pela população masculina local. Em Sennen, o envolvimento das mulheres com a atividade turística parece ter lhes proporcionado uma maior significância econômica e social na comunidade, ao contrário de quando a economia local era baseada, exclusivamente, na pesca. Ainda assim, Ireland nota que apesar das mulheres contribuírem em grande parte com a renda média familiar, elas continuavam ainda subordinadas perante seus cônjuges.

Outro fato marcante na literatura dos efeitos sócio-culturais do turismo, onde a variável de gênero é amplamente incorporada e explorada analiticamente, traduz-se na publicação de um número especial do periódico *Annals of Tourism and Research*, volume 22, nº 2, em 1995. Organizado por Margaret Byrne Swain, este número da revista trouxe uma coletânea de estudos sobre o tema em questão e deu consistência aos trabalhos posteriores de diversos pesquisadores que se debruçaram sobre a temática. Pode-se depreender da leitura desses artigos as várias técnicas e abordagens de pesquisa que podem ser utilizadas para compreensão das intersecções entre turismo, gênero e outras variáveis sociais como classe e etnia, apenas para citar algumas.

Garcia-Ramon, Canoves e Valdovinos (1995), três pesquisadoras da Universidade de Barcelona, realizaram um estudo de caso em duas regiões do norte da Espanha, na Galícia e na Cataluña, e narraram as transformações pelas quais a estrutura agrária espanhola vem passando desde a entrada do país na comunidade européia. Segundo as autoras, o governo espanhol vinha notando a necessidade de reestruturação da atividade agrícola dentro do país e passou a incentivar projetos de revitalização de fazendas e unidades produtivas para criar uma demanda para turismo rural no interior espanhol. O estudo analisava, especificamente, as mudanças acarretadas pelo turismo no cotidiano e na visão do meio ambiente das mulheres que viviam no campo, e que passaram a se dedicar à atividade turística. De acordo com as autoras, um dos mais evidentes efeitos do processo de reestruturação econômica do meio rural espanhol é a necessidade em se criar empregos alternativos àqueles oferecidos pela agricultura tradicional. O turismo rural, dessa forma, apresentou-se como uma oportunidade que permitiu às mulheres dessas duas regiões a combinarem suas responsabilidades domésticas com o trabalho turístico e representou uma fonte de renda que possibilitou sustentar a agricultura de pequena escala e conservar o meio ambiente. As autoras

concluíram que a percepção dessas mulheres sobre o meio ambiente construído e natural mudou em resposta a este tipo de atividade turística. Elas passavam a se preocupar mais com a proteção e preservação do meio ambiente. Além disso, as autoras também notaram que as mulheres sentiam-se mais úteis e satisfeitas por estarem sendo capazes de contribuir com renda de suas famílias e de estarem em maior contato com os turistas, que eram vistos como um meio de aprender mais sobre o mundo moderno e urbano.

Wilkinson e Pratiwi (1995), um pesquisador canadense e uma pesquisadora indonésia, por meio de uma abordagem de análise das relações de gênero, registravam as transformações que o turismo estava acarretando nos padrões de emprego, renda, estrutura familiar e educação infantil, em Pangandaram, uma tradicional vila de pescadores na ilha de Java, na Indonésia. De acordo com os autores pouca atenção é dispensada aos impactos sócio-econômicos do desenvolvimento do turismo doméstico para as mulheres da vila, e nota-se que não há quase nenhuma preocupação em desenvolver programas, políticas ou projetos de desenvolvimento que almejem a melhoria da qualidade de vida das mulheres da vila por parte tanto do governo javanês quanto do setor privado. Os autores sugerem que as mulheres mais pobres são as mais afetadas, e que o turismo, ao invés de inseri-las em um mercado de trabalho formal, empurra-as para atividades informais como a venda de artesanatos e comida, na beira da praia, e desaloja suas famílias de suas terras para construção de *resorts*.

No noroeste dos Estados Unidos, Harvey, Hunt e Harris (1995), três pesquisadores da Universidade de Idaho, avaliaram o papel do gênero como fator de influência na percepção dos residentes de comunidades rurais do estado norte-americano de Idaho, frente ao desenvolvimento turístico em suas cidades. O principal objetivo dos autores era verificar se homens e mulheres teriam percepções diferentes sobre o desenvolvimento da atividade turística em suas comunidades. De acordo com os

autores, ainda que algumas pesquisas sugiram que homens e mulheres não se beneficiam de modo igualitário da atividade do turismo em localidades receptoras, suas pesquisas apontam para uma relativa similaridade nas percepções femininas e masculinas sobre o desenvolvimento turístico. Há algumas disparidades, entretanto. Segundo os autores, homens e mulheres diferem, na verdade, em suas percepções sobre os impactos do turismo. As mulheres são mais propensas a perceberem os impactos negativos do turismo nas áreas de lazer de sua comunidade (parques, shoppings, feiras, etc). As mulheres também acreditam, mais que os homens, que suas comunidades podem se sustentar sem a atividade turística, e elas se sentem mais incomodadas que os homens quanto à permissão dada a não-residentes para desenvolverem atrações e empresas turísticas em suas cidades. Uma importante questão levantada pelos autores, neste artigo, é por que homens e mulheres não se beneficiam igualmente do turismo, se eles, muitas vezes, possuem atitudes e percepções similares sobre o desenvolvimento turístico?

Moore (1995), um antropólogo da Universidade da Califórnia, realizou um estudo de caso em Arachova, uma pequena comunidade rural no interior da Grécia. Em sua pesquisa etnográfica o autor relacionava os impactos do turismo com mudanças nos padrões de consumo de álcool de homens e mulheres. Sucessivas ondas de turistas estrangeiros e de outras regiões da Grécia alteraram, em certa medida, normas e padrões de consumo de bebidas alcoólicas dentro das limitações ideológicas de gênero locais. Os turistas estrangeiros influenciaram a adoção do hábito de beber cerveja entre os homens do vilarejo, acostumados antes apenas com vinho e bebidas destiladas. Já os turistas domésticos, por outro lado, contribuíram mais notavelmente para uma maior liberação de restrições sociais locais sobre o hábito de beber em público, especialmente para as mulheres. Segundo o autor, estes resultados ressaltam a importância das análises

que aliam a variável de gênero aos estudos dos efeitos sócio-culturais do turismo, possibilitando assim, uma melhor delimitação das mudanças e continuidades que a atividade turística pode acarretar nos hábitos e comportamentos sociais, culturais e individuais das populações receptoras, e indicam que os impactos do turismo doméstico e internacional podem divergir, significativamente, em um mesmo local e sobre sua população.

Cone (1995), uma antropóloga norte-americana, da Universidade de Hamline, narra sua trajetória etnográfica ao se envolver com a história de vida de duas artesãs descendentes mayas de Chiapas, no México. A autora ilustra como elas respondem às oportunidades criadas pelo turismo – o qual lhes oferece desde novos mercados para seus produtos, como novas possibilidades de contato com outras pessoas. Em seus relacionamentos com turistas, estas duas mulheres apresentam caminhos diversos ao construírem novas identidades como mulher em suas relações com sua cultura e em suas comunidades. Uma delas sente-se orgulhosa de sua etnia, a outra quer ser como os turistas, uma delas preserva suas tradições para repassá-las às gerações futuras, a outra sonha em educar seus filhos e mudar-se para a cidade grande. Trata-se de um exemplo interessantíssimo de como os efeitos do turismo afetam em um mesmo lugar duas pessoas da mesma etnia e do mesmo sexo de maneiras completamente diferentes.

Gentry (2007), uma antropóloga da Universidade de Auburn, realizou um estudo etnográfico em Belize, na América Central, onde a pesquisadora retrata as experiências de emprego das mulheres que trabalham nos setores de turismo de massa e de turismo alternativo. Segundo a autora, sua pesquisa põe em evidência, fundamentalmente, “the diversity of experiences in various tourism employment sectors”, seja no alternativo, seja no de massa. Os resultados da pesquisa de Gentry mostram que algumas oportunidades de trabalho promovidas pelo desenvolvimento turístico surgem por conta

do fenômeno de “housewifization of labor”, ou seja, a criação de empregos para as mulheres, baseada e vinculada às idéias tradicionais e culturais de gênero, resultando em segregação sexual no mercado laboral, jornada dupla de trabalho e pauperização da condição feminina. Não obstante, algumas mulheres têm se beneficiado com outras oportunidades de trabalho oferecidas pelo turismo e têm tirado partido desse meio de inserção no mercado de trabalho formal e com isso têm adquirido autonomia e independência financeira e individual tornando-se proprietárias de estabelecimentos turísticos, por exemplo.

Em resumo, todos estes estudos de caso ajudaram-me a compreender que os estudos dos efeitos sociais e individuais do turismo devem, necessariamente, basear-se, em alguma medida, na percepção da população receptora. Nestes casos relatados acima, é evidente que a percepção das mulheres anfitriãs sobre o turismo em suas cidades, comunidades ou vidas profissionais e pessoais, auxiliou os pesquisadores a entenderem a complexidade dos ganhos, perdas e necessidades das mulheres dessas localidades turísticas. Os métodos de pesquisa qualitativos possibilitaram aos pesquisadores a clara delimitação dos efeitos que o turismo acarreta nas populações e destinações turísticas estudadas. Esta incorporação da *visão da população receptora*, e da idéia de disparidades sociais, econômicas e sexuais dentro de uma mesma população receptora, nos estudos dos efeitos sócio-cultural do turismo, foi o que permitiu que autores como Van den Berghe (1992) afirmassem que o turismo, além de poder gerar mudanças econômicas, pudesse também contribuir para transformação ou reprodução de condições sociais, culturais e pessoais, de relações de gênero e de relações de poder entre diferentes classes e grupos étnico/raciais, dentro de uma mesma destinação turística.

Se eu tivesse que falar de meu trabalho, como um estudo de caso, eu diria que realizei uma pesquisa qualitativa na cidade de Parati, no Brasil, e na cidade de Colônia

do Sacramento, no Uruguai. Conversei com seis mulheres paratienses e quatro mulheres uruguaias, que trabalham nas mais variadas ocupações relacionadas com o setor turístico de ambas as cidades, para saber delas quais transformações ou continuidades que o turismo trouxe ou manteve em suas vidas pessoais e para suas cidades. Minha pesquisa, também aponta para a complexidade das experiências vividas por cada uma delas, para as diversas possibilidades de inclusão no mercado laboral e para a construção de narrativas pessoais peculiares em espaços sociais em que se vive, cotidianamente, e em grande medida, da atividade econômica e da prática social do turismo.

De fato, mulheres que antes se encontravam desempregadas, por exemplo, ou que viviam apenas sob a esfera de influência de suas famílias e comunidades ou que produziam ou trabalhavam para seus mercados locais, encontram-se agora enredadas em um sistema econômico mundial, devido, em grande parte, à expansão mundial da indústria turística (Robinson, Picard, 2006). Este processo não só afeta a natureza de seu trabalho, como cria novos dilemas existenciais sobre seu lugar e sua função como pessoa no mundo, em sua vida em sociedade, em seu cotidiano, em seu convívio familiar. A mulher contemporânea, em especial, enfrenta este dilema, pois, sua participação e envolvimento com a atividade turística em uma localidade receptora, freqüentemente, a “liberta” de uma esfera essencialmente doméstica e a convida a transitar por espaços públicos e sociais que se encontravam previamente fechados a ela (Friedan, 1971); o quê, por conseguinte, pode ser tanto fonte de oportunidades e felicidades quanto de problemas e aborrecimentos, tanto de transformações quanto de permanências.

Todavia, ainda que o turismo seja um tema que esteja despertando uma preocupação crescente nas ciências sociais, há, por enquanto, uma frutífera literatura

sobre o relacionamento entre turismo e gênero, porém pouco difundida entre os acadêmicos da área de turismo. Há, obviamente, algumas exceções (Kinnaird, Hall, 1994; Swain, 1989, 1995), mas a maioria dos estudiosos debruça-se sobre o chamado “turismo sexual” (Rodrigues, 2002; Lee, 2004). Este último assunto revela-se como um fato e efeito já bem conhecidos deste tipo de turismo, realizado tanto em países desenvolvidos quanto em desenvolvimento, muitos, aliás, da América Latina. Talvez, com o tempo, haja uma maior conscientização de que o “gênero” talvez seja um dos mais importantes aspectos da realidade social que está estritamente relacionado com o fenômeno do turismo (Wood, 1993).

Estes estudos despertaram em mim a curiosidade pelo tema turismo e gênero. E, o mais interessante é que em todos eles os autores reforçam a idéia de que as transformações pelas quais estes lugares vêm passando estão inseridas sempre em um contexto mais amplo e complexo do que aparentam. De maneira alguma o turismo é um fenômeno isolado capaz de impactar por si só as localidades em que se desenvolve. A reestruturação do setor agrícola na Europa, o crescimento do fluxo turístico no sudeste asiático, a inserção dos grupos étnicos de Chiapas na sociedade mexicana, a difusão do hábito de beber cerveja ao redor do mundo, e não apenas na Grécia, a instalação de um porto franco em uma ilha na costa da Venezuela, são forças maiores que definiram a chegada e a forma de desenvolvimento da atividade turística em cada um destes lugares. Do outro lado, as percepções e reações de seus habitantes, são as *contra-forças* que, cada qual à sua maneira, vêm reformulando suas vidas, seus cotidianos e até mesmo o turismo em suas cidades. Isto foi, justamente, o que procurei explorar no capítulo que segue.

PARTE TRÊS

A Tela de Fundo

NOVE

Estudos de Globalização: sob(re) o jugo do par dialético**Global ∞ Local**

*Someone tried to tell me something
 Don't let the world bring you down
 Nothing will do me in before I do myself
 So save it for your own and the ones you can help
 I've given everything I could
 To blow it to hell and gone
 Burrow down in and
 Blow up the outside world
 Want to make it understood
 Wanting though I never would
 Trying though I know it's wrong
 Blowing it to hell and gone
 Wishing though I never could
 Blow up the outside world
 (Chris Cornell)*

Ao contrário do que pode parecer, o Global e o Local não são uma dicotomia dualista do tipo que muitas feministas tentaram desmascarar e por à prova nos recentes debates epistemológicos das ciências sociais. Talvez, desde Marilyn Strathern em, *No Nature, no Culture: The Hagen case*, de 1980, as feministas e os cientistas sociais em geral perceberam os “becos sem saída” analíticos em que o conhecimento científico se depara ao fundamentar-se sobre dualismos rígidos e até mesmo etnocêntricos. Ao tratar, especificamente, do intento de universalização do par dualista “natureza vs. cultura”, por parte de antropólogos preocupados em documentar e comprovar a polarização entre estes dois conceitos nas diversas culturas estudadas por eles, Strathern (2001 [1980], p. 179) assevera:

In selecting from our own repertoire of overlapping notions certain concepts envisaged in a dichotomous or oppositional relationship, we are at best making prior assumptions about the logic of the system under study, and at worst using symbols of our own as though they were signs; as though through them we could read other people's messages, and not just feedback from our own input.

Em grande medida, as ciências sociais e as feministas não abandonaram definitivamente os pares conceituais analíticos, mas antes procuraram não deixar que o dualismo ou que sua característica dicotômica imanente os mantivesse em esferas completamente separadas, onde em algum momento, um dos dois poderia subjugar o outro. Isto é o que se depreende da leitura do texto de Anne Fausto-Sterling, *Dualismos em Duelo*, de 2001 [2000]. Tratando especificamente da divisão entre “sexo” e “gênero”, promovida pelas feministas para diferenciar entre condicionamentos biológicos do sexo masculinos e feminino e construção social do gênero masculino e feminino, Fausto-Sterling afirma (2001, p. 61-62):

Em última análise, o dualismo sexo/gênero limita a análise feminista. O termo gênero, posto numa dicotomia, necessariamente exclui a biologia. Como diz a teórica feminista Elizabeth Wilson: “Críticas feministas da estrutura do estômago ou hormonal se tornaram impensáveis”. [...] Tais críticas são impensáveis por causa da separação real/construído (às vezes formulada como uma divisão entre natureza e cultura), em que muitos projetam o conhecimento do real no domínio da ciência (tornando o construído equivalente ao cultural). Formulações dicotômicas tanto por parte de feministas quanto de não feministas conspiram para fazer com que a análise sócio-cultural do corpo pareça impossível. Algumas teóricas feministas, especialmente durante a última década, tentaram – com graus variados de sucesso – criar uma explicação não dualista do corpo. Judith Butler, por exemplo, tenta reivindicar o corpo material para o pensamento feminista. Por que, ela se pergunta, a idéia de materialidade passou a significar aquilo que é irreduzível, aquilo que pode dar suporte à construção, mas não pode ser construído? Temos que falar, diz Butler (e eu concordo) sobre o corpo material. Existem hormônios, genes, próstatas, úteros e outras partes e fisiologias do corpo que usamos para diferenciar o macho da fêmea, que se tornam parte do campo de que emergem variedades de experiência e de desejo sexual. Além disso, variações em cada um desses aspectos da fisiologia afetam profundamente a experiência individual do gênero e da sexualidade. Mas cada vez que tentamos voltar para o corpo como algo que existe antes da socialização, antes do discurso sobre macho e fêmea, diz

Butler, “descobrimos que a matéria está inteiramente sedimentada com discursos sobre o sexo e a sexualidade que prefiguram e limitam os usos que podemos fazer desse termo”.

Para Fausto-Sterling, a relação a ser estabelecida entre “sexo” e “gênero” deve ser tomada em seu caráter contínuo, processual, relacional, ou mutuamente construído. Assim, “sexo” não é simplesmente a matéria-prima neutra que alimenta a construção sociais e as interpretações culturais do “gênero”, ao contrário, tanto o sexo quanto gênero são construídos e informam-se reciprocamente, simultaneamente.

Tendo isso em mente, a relação que se estabelece entre o “global” e o “local”, não é de modo algum dualista, isto é, estes dois conceitos não formam um par dualista, mas sim um par dialético e, portanto, um interessante instrumento analítico sugerido por alguns cientistas sociais para lançar luz sobre os processos, transformações e continuidades experimentadas nas mais diversas sociedades, grupos culturais e indivíduos contemporâneos (Giddens, 1991, 2002; Sahlins, 1997; Bauman, 1999).

Dito isso, procurei dentre os teóricos e estudiosos da globalização sócio-cultural, respostas para as transformações e permanências nas vidas das mulheres que entrevistei em Parati e Colônia do Sacramento. Esta pergunta, aliás, nasceu de minhas leituras sobre os estudos de globalização. Duas obras em particular, de Anthony Giddens, *As Consequências da Modernidade*, de 1991 [1990], e *Modernidade e Identidade*, de 2002 [1999], despertaram minhas primeiras inquietações relacionadas com o par dialético global/local.

De acordo com a tese de Giddens (1991a), a globalização é uma das consequências da modernidade. A premissa básica do sociólogo britânico, da London School of Economics, é a de que o modo de vida “moderno” desprende-se, abruptamente, de qualquer tipo de ordem social precedente ou “pré-moderna”, seja no estabelecimento de novas formas de interdependência social, seja nas novas condições

existenciais individuais. Esta ruptura, entre uma ordem pré-moderna e uma ordem moderna atual, ou, segundo Giddens, as ditas *descontinuidades* da modernidade, caracterizam-se, em primeiro lugar, pelo *ritmo acelerado das mudanças* em condições de modernidade; em segundo, pelo *escopo globalizante das instituições* modernas; e em terceiro, pela *natureza intrínseca das instituições* modernas. Para Giddens (1991a, p.25):

O dinamismo da modernidade deriva da *separação do tempo e do espaço* e de sua recombinação em formas que permitem o ‘zoneamento’ tempo-espacial preciso da vida social; do *desencaixe* dos sistemas sociais (um fenômeno intimamente vinculado aos fatores envolvidos na separação tempo-espço); e da *ordenação e reordenação reflexiva* das relações sociais à luz das contínuas entradas (*inputs*) de conhecimento afetando as ações de indivíduos e grupos.

Segundo Giddens, em sociedades pré-modernas, o forte vínculo e subordinação do indivíduo à natureza implicavam na indivisibilidade entre tempo e espaço, onde o “lugar” estava intrinsecamente relacionado ao tempo presente. Com a chegada da modernidade - da especialização técnica das instituições sociais à padronização cartográfica e temporal - o espaço e o tempo foram sendo cada vez mais “esvaziados” e arrancados um do outro, resultando em relações sociais e econômicas cada vez menos localizadas e presenciais. Ao desvencilhar-se o tempo do espaço, e esvaziá-los, alargaram-se as fendas entre as práticas sociais conectadas aos contextos habituais, típicos das instituições sociais pré-modernas, acarretando assim, segundo Giddens (1991a), os chamados *desencaixes* institucionais, que permitiriam a transferência das relações sociais, tradicionalmente calcadas em interações presenciais, para dimensões espaciais e temporais distanciadas, favorecendo, assim, a entrada de influências externas em localidades tradicionais, e contribuindo para que maiores possibilidades de mudanças e acontecimentos se dessem em diversos lugares, simultaneamente. Giddens

distingue dois tipos de mecanismos de desencaixe diretamente relacionados ao estabelecimento das instituições modernas: a criação de *fichas simbólicas* e o desenvolvimento de *sistemas peritos*⁵². Estas duas chaves de desencaixe institucional promoveriam o distanciamento entre tempo-espço, possibilitando a realização de transações entre agentes sociais amplamente separados no tempo e espaço. E este desencaixe institucional da modernidade, decorrente do distanciamento tempo-espço, acarretaria uma intensificação das trocas materiais e simbólicas entre lugares e indivíduos distantes entre si, e traduzir-se-ia na proliferação das situações de contato interpessoal entre estranhos e, conseqüentemente, na descoberta das diferenças entre grupos sociais distantes. Com a passagem de uma organização social pré-moderna à uma organização social moderna a *reflexividade* humana também assumiria um caráter diferenciado. Conforme o autor (1991, p. 45-46):

A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter. (...) O que é característico da modernidade não é uma adoção do novo por si só, mas a suposição da reflexividade indiscriminada – que, é claro, inclui a reflexão sobre a natureza da própria reflexão.

A modernidade, em Giddens, comportaria, portanto, não uma simples busca frenética pela novidade, mas antes, um exercício reflexivo constante, a ponto de não poderem mais existir verdades absolutas e eternas, já que cada nova idéia não passaria pelo crivo epistemológico moderno sem primeiro ter merecido sua devida dose de revisão social e científica. Para lidar com essa existência incerta e imprevisível da vida moderna, a sociedade manteria o equilíbrio do sistema social moderno através de uma

⁵² Por fichas simbólicas Giddens denomina os “meios de intercâmbio que podem ser ‘circulados’ sem ter em vista as características específicas dos indivíduos ou grupos que lidam com eles em qualquer conjuntura particular” (1991, p. 30); e por sistemas peritos os “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social” em que se vive hoje (1991, p. 35).

espécie de *confiança* inata e consensual, definida, segundo Giddens, como uma “crença na credibilidade de uma pessoa ou sistema, tendo em vista um dado conjunto de resultados ou eventos, em que essa crença expressa uma fé na probidade ou amor de um outro, ou na correção de princípios abstratos (conhecimento técnico)” (1991, p. 41). Esta confiança moderna conferiria segurança aos partícipes da vida em sociedade e tornaria possível a sustentação das instituições sociais como um todo. Um dos pontos fundamentais da tese de Giddens é que as instituições modernas estão inextricavelmente conectadas ao sentimento de confiança depositado em sistemas abstratos, ou mais precisamente nos sistemas peritos. Desse modo, a confiança funcionaria como pré-requisito para o desenvolvimento dos mecanismos de desencaixe intimamente relacionados à concretização, e contínua extensão, do distanciamento entre tempo e espaço. Condicionadas pelos movimentos de desencaixe, reflexividade e distanciamento tempo-espacial, a modernidade seria, portanto, “inerentemente globalizante” (Giddens, 1991a, p. 69).

Em resumo, o paulatino distanciamento entre o tempo e o espaço, característico da modernidade, retiraria as relações sociais e os eventos locais da redoma do “lugar” e os posicionaria frente a um sem número de contextos sócio-espaciais longínquos e estranhos que passariam a tecer as tramas das vidas modernas por toda a extensão do globo, em suas escalas micro e macro sociais, políticas, econômicas e sociais. Conforme Giddens (1991a, p. 70):

A globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa. Este é um processo dialético porque tais acontecimentos locais podem se deslocar numa direção anversa às relações muito distanciadas que os modelam. A *transformação local* é tanto uma parte da globalização quanto a extensão lateral das conexões sociais através do tempo e espaço.

É a partir destes alicerces teóricos, referentes à modernidade, que Giddens fundamenta as argumentações presentes em *Modernidade e Identidade* (2002 [1991b]). De acordo com Giddens, a ênfase principal de sua obra está no “surgimento de novos mecanismos de auto-identidade que são constituídos pelas instituições da modernidade, mas que também as constitui” (2002, p. 9). Na ordem social moderna (2002, p. 12):

A auto-identidade se torna um empreendimento reflexivamente organizado. O projeto reflexivo do eu, que consiste em manter narrativas biográficas coerentes, embora continuamente revisadas, tem lugar no contexto da múltipla escolha filtrada por sistemas abstratos. Na vida social moderna, a noção de estilo de vida assume um significado particular. Quanto mais a tradição perde seu domínio, e quanto mais a vida diária é reconstituída em termos do jogo dialético entre o global e o local, tanto mais os indivíduos são forçados a escolher um estilo de vida a partir de diversas opções.

Em condições de modernidade o “eu” do indivíduo de Giddens “tem que ser explorado e construído como parte de um processo reflexivo de conectar mudança pessoal e social” (p. 37). Este indivíduo auto-referenciado e munido de reflexividade, contudo, parece ser muito livre para escolher. O autor, em certas passagens da obra, até procura fazer ressalvas com relação às divisões de classe, gênero e etnia dos sujeitos da modernidade, mas não é difícil perceber que as influências do “jogo dialético entre o global e o local”, que Giddens procura evidenciar, na constituição das identidades modernas, mas parecem expressar sua própria auto-identidade, ou seja, de um indivíduo marcadamente urbano, culto, rico e habitante de um dos países desenvolvidos da Europa ou da América do Norte. Toda a leitura de *Modernidade e Identidade* se passa como se Giddens estivesse analisando apenas a psique indecisa e ansiosa dos “turistas” e se esquecesse dos “vagabundos”⁵³. Giddens sugere que a modernidade coloca o indivíduo diante de uma “complexa variedade de escolhas” (p. 79)⁵⁴, e que uma das consequências de se viver nesta realidade de múltiplas opções a serem seguidas, é a de que o indivíduo

⁵³ Ver Bauman, 1999, p. 85-110.

⁵⁴ Ver Giddens, 2002, p. 81-82.

é levado a optar por um “estilo de vida” em especial, o qual é condicionado, por “pressões de grupo e pela visibilidade de modelos, assim como pelas circunstâncias sócioeconômicas” (p. 81), entretanto, o autor explora muito pouco como um indivíduo severamente condicionado por “circunstâncias sócioeconômicas” escolhe um estilo de vida, ou seja, o que “vestir, comer, modos de agir e lugares preferidos de encontrar os outros” (p. 80). Isto, aliás, torna-se analiticamente problemático principalmente quando Giddens assevera que “o estilo de vida diz respeito ao próprio centro da auto-identidade, seu fazer e refazer” (p. 80). Se assim for, aqueles que sofrem limitações ao escolherem entre estilos de vida, sofrerão limitações de auto-identidade?

De fato, Parati e Colônia do Sacramento são atravessadas por forças globalizantes, como se vê, por exemplo, através da presença de cadeias hoteleiras internacionais, de turistas estrangeiros, de fluxos de capitais e de investimentos internacionais, de novas tecnologias, mas, o grau e a intensidade em que essas forças se misturam na construção da auto-identidade das mulheres paratienses e colonenses que entrevistei variam profundamente entre si e entre o próprio indivíduo auto-reflexivo de Giddens. Parati e Colônia do Sacramento, aliás, não são cidades cosmopolitas como a Londres de Giddens. A globalização está presente em ambas as cidades, e a dialética entre o global e o local também, mas guiando-se pelas proposições de Giddens (2002), é possível perceber que as forças globalizantes chegam de modo assimétrico aos indivíduos localizados. Mulheres como Amália, Aurora, Adelaide, e em certa medida, Ágata e Aurélia possuem um maior controle sobre seus projetos reflexivos. Talvez por terem freqüentado uma universidade, por terem vivido, nem que tenha sido por um breve período de tempo, fora de suas cidades, elas talvez tenham um maior controle das forças globalizantes em suas vidas. Amália reclama da falta de cosmopolitismo de Parati; em seu tempo livre ela participa de “jantares com amigos”, pensa em sair de

Parati para “fazê uma pós” e até em sair do país para fazer um curso de inglês. Ágata mantém contato com o mundo global através da *Internet* e através das forças globalizantes que o turismo insere em sua narrativa, constrói-se como uma mulher empresária. E Adelaide e Aurora optam por “estilo de vida” de mulheres de carreira e intelectualizadas, pensam em sair de Colônia do Sacramento e ver novos lugares e novas coisas. Por outro lado, mulheres como Agnes, Ambrósia, Amanda, Agostina, e até certo ponto, Arlete, têm projetos reflexivos, obviamente, mas talvez não tão “globalizados” como os das outras mulheres. Seus projetos talvez sejam mais “localmente” definidos e explorados. Elas talvez estruturem e forjem suas auto-identidades mais por meio de suas experiências cotidianas em suas cidades do que fora delas, talvez porque elas nunca tenham saído realmente da esfera da “cidade pequena” em que nasceram, ou porque, por não terem freqüentado uma universidade, não tenham uma concepção intelectual da atividade turística, mas talvez uma visão mais técnica e prática do fenômeno. Talvez por isso também elas tenham uma auto-identidade mais crua e realista. Talvez por isso Agnes não acredite que possa aprender um idioma e Amália sim, talvez por isso Agostina e Amanda acreditem que não tenham muito mais o que aprender ou o que esperar de suas ocupações e Adelaide e Aurora sim.

Zygmunt Bauman, em *Globalização: as conseqüências humanas* (1999 [1998]), traz questionamentos e proposições um pouco diferentes. Para este sociólogo polonês estamos todos sendo “globalizados” (p. 7), ou seja, estamos todos expostos as forças das “influências globalizantes”, bem como disse Giddens. Bauman, contudo, parece ser mais sensível às infinitas distorções e assimetrias, de gênero, de classe, de etnia, e até de nacionalidade, através das quais as “disposições pessoais” podem tomar forma; pois, quanto mais experiências as teorias da globalização pretendem explicar, mais opacas, tanto as explicações quanto as experiências, se tornam (1999, p. 7-8):

A expressão “compressão tempo/espço” encerra a multifacetada transformação em curso dos parâmetros da condição humana. Assim que examinarmos as causas e conseqüências sociais dessa compressão, ficará evidente que os processos globalizadores não têm a unidade de efeitos que se supõe comumente. Os usos do tempo e do espaço são acentuadamente diferenciados e diferenciadores. A globalização tanto divide como une; divide enquanto une — e as causas da divisão são idênticas às que promovem a uniformidade do globo. Junto com as dimensões planetárias dos negócios, das finanças, do comércio e do fluxo de informação, é colocado em movimento um processo “localizador”, de fixação no espaço. Conjuntamente, os dois processos intimamente relacionados diferenciam nitidamente as condições existências de populações inteiras e de vários segmentos de cada população. O que para alguns parece globalização, para outros significa localização (...) — e a liberdade de movimentos, uma mercadoria sempre escassa e distribuída de forma desigual, logo se torna o principal fator estratificador de nossos tardios tempos modernos ou pós-modernos.

Em certa passagem do texto de Bauman expressa uma divisão que talvez eu também tenha percebido nas narrativas de minhas entrevistadas. Segundo o autor o mundo divide-se em dois, entre aquele dos indivíduos globalizados e um outro dos indivíduos localizados. Dramaticidade a parte (1999, p. 96-97):

Para o Primeiro Mundo, o mundo dos globalmente móveis, o espaço perdeu sua qualidade restritiva e é facilmente transposto tanto na sua versão “real” como na versão “virtual”. Para o segundo mundo, o da “localidade amarrada”, daqueles impedidos de se mover e assim fadados a suportar passivamente qualquer mudança que afete a localidade onde estão presos, o espaço real está se fechando rapidamente. É um tipo de provação que se torna ainda mais penosa pela insistente exibição na mídia da conquista do espaço e do “acesso *virtual*” a distâncias que permanecem teimosamente inacessíveis na realidade efetiva. O encolhimento do espaço abole o fluxo do tempo. Os habitantes do Primeiro Mundo vivem num presente perpétuo, passando por uma série de episódios higienicamente isolados do seu passado e também do seu futuro. Essas pessoas estão constantemente ocupadas e sempre “sem tempo”, pois cada momento não é extensivo — experiência idêntica à de ter o tempo “todo tomado”. As pessoas ilhadas no mundo oposto são esmagadas pela carga de uma abundância de tempo redundante e inútil, que não têm com que preencher. No tempo delas, “nada acontece”. Elas não “controlam” o tempo — mas também não são controladas por ele, ao contrário dos seus ancestrais governados pelo relógio, submetidos ao ritmo impessoal do tempo fabril. Elas só podem matar o tempo, enquanto o tempo vai aos poucos matando-as. Os habitantes do Primeiro Mundo

vivem no *tempo*; o espaço não importa para eles, pois transpõem instantaneamente qualquer distância. (...) Os habitantes do Segundo Mundo, ao contrário, vivem no *espaço*, um espaço pesado, resistente, intocável, que amarra o tempo e o mantém fora do controle deles. O tempo deles é vazio: nele “nada acontece”. Para eles, só o tempo virtual da TV tem uma estrutura, um “horário” — o resto do tempo escoia monotonamente, chegando e partindo sem exigir nada e aparentemente sem deixar vestígio. Suas marcas acumuladas aparecem de repente, imprevistas e sem serem convidadas. Imaterial, etéreo, efêmero, sem nada para preenchê-lo e lhe dar peso e sentido, o tempo não tem poder sobre esse espaço real demais a que estão confinados os habitantes do Segundo Mundo.

Ambrósia, Agnes, Amanda são as mulheres que mais parecem enquadrar-se na “categoria dos localizados” de Bauman; mulheres que ficam em casa assistindo televisão em seus tempos de ócio e descanso, para quem a vida é “chata” e onde a presença do turista lhes parece tirar, por breves momentos, do peso de uma cotidianidade maçante e monótona. Já Amália e Adelaide demonstram um pouco mais de entusiasmo, saem com amigos, viajam, saem para jantar, saem para dançar. Mas, mesmo assim, quando Bauman divide os indivíduos entre globalizados e localizados deixa escapar que um indivíduo localizado pode estar também globalizado, e ao contrário, que um indivíduo globalizado pode também estar localizado. Amália, por exemplo, por meio do turismo, por meio de sua profissão, busca a liberdade e mobilidade dos indivíduos globalizados de Bauman, entretanto, amarras de gênero, e de maternidade, especificamente, a seguram no local, perto de seu filho; ela não é tão livre quanto parece, afinal. Já Arlete, por exemplo, tipicamente localizada, por seu baixo nível educacional, por sua ocupação informal, por suas amarras de classe, globaliza-se quando incorpora a *internet* em sua atividade para angariar clientes para suas peças, ou quando “planeja” viver entre São Paulo e Parati vendendo e confeccionando suas peças. E aqui eu digo “planejar” porque, conforme Appadurai (2005 [1996]), imaginar, sonhar,

fantasiar ou planejar também pode ser uma forma de globalizar-se e ser globalizado (2005, p. 31):

The image, the imagined, the imaginary - these are all terms that direct us to something critical and new in global cultural processes: *the imagination is a social practice*. No longer mere fantasy (opium for the masses whose real work is elsewhere), no longer simple escape (from a world defined principally by more concrete purposes and structures), no longer elite pastime (thus not relevant to the lives of ordinary people), and no longer mere contemplation (irrelevant for new forms of desire and subjectivity), the imagination has become an organized field of social practices, a form of work (in the sense of both labor and culturally organized practice), and a form of negotiation between sites of agency (individuals) and globally defined fields of possibility. This unleashing of the imagination links the play of pastiche (in some settings) to the terror and coercion of states and their competitors. The imagination is now central to all forms of agency, is itself a social fact, and is the key component of the new global order. But to make this claim meaningful, we must address some other issues. (grifo do autor)

De certa maneira, me parece que as discussões sobre o global e o local acabam, quase sempre, subjugando as disposições pessoais localizadas em detrimento ou das forças globalizantes ou dos questionamentos existenciais e sociais dos próprios teóricos que engendram tal discussão. Nas proposições teóricas sobre os efeitos sócio-culturais e individuais da globalização ou do global e local - seja em Giddens (1991a, 2002), Robertson (1999), Harvey (1994), Bauman (1999), Ianni (1997, 2003), Castells (1999), entre outros - alguma coisa quase sempre acaba se perdendo ou se diluindo nos argumentos desses autores e teóricos, e quase sempre são, justamente, as vidas diárias e reais dos indivíduos “de carne e osso” que habitam o mundo globalizado que estes autores tentam compreender.

Stuart Hall, um teórico cultural jamaicano que se mudou para o Reino Unido, em *The Local and The Global: Globalization and Ethnicity* (1998 [1991a]) proporciona uma interpretação mais abrangente da relação dialética entre o global e o local. Aqui o

local não é posto como simples repositório das forças globais, mas visto em pé de igualdade e em verdadeira tensão dialética com o global. Segundo o autor “the global and the local are the two faces of the same movement from one epoch of globalization, the one which has been dominated by the nation-state, the national economies, the national culture identities, to something new” (p. 27). Este “something new” que Hall aponta seria justamente o novo modelo de acumulação flexiva do capital e de novos regimes de produção e consumo de massa, de segmentação de mercados e de divisão internacional do trabalho; o advento da cultura global de massa e a proliferação da diferença, da fragmentação, hibridização, recombinação e surgimento de novas identidades nacionais, culturais, de etnia, classe e gênero; e a descentralização do poder do Estado frente às novas e subversivas relações que se dão acima e abaixo da Nação, por meio de movimentos migratórios, político-econômicos e sócio-culturais de escala global (Hall, 1998, 2003; Burawoy et. al., 2000).

Mas ainda falta saber *como* isso acontece concretamente na realidade diária de grupos e indivíduos reais. Quem sabe, uma melhor maneira de apreender relação dialética entre o global e o local seja proceder na estratégia metodológica que Michael Burawoy, outro sociólogo britânico, denominou de “grounded globalization”, em *Global Ethnography* (2000), inspirado, aliás, pelas proposições de Stuart Hall (1998) e Arjun Appadurai (2005 [1996]). Antes de ser uma proposição teórica sobre as interconexões entre o global e o local, ou sobre a globalização, Burawoy quer que não apenas os antropólogos e etnógrafos desenvolvam ferramentas teórico-conceituais e metodológicas para fazer etnografia num mundo global, mas que os cientistas sociais em geral se preocupem em mais em teorizar “the *link* between models and practices” (p. 3), ao invés de se preocupar ora com os modelos ora com as práticas, e que busquem construir “perspectives on globalization from below” (p. 341); caso contrário, talvez

seja cada vez mais difícil lançar luz sobre “the lived experience of globalization” de homens e mulheres comuns (p. 4).

Por meio da coletânea de estudos de caso e relatos etnográficos que compõem sua obra, Michael Burawoy procura concretizar o intento de pôr em destaque, e em conjunção, três dimensões que, conforme o autor, devem ser contempladas nos estudos e teorias da globalização e nas análises das relações entre o global o local, na contemporaneidade. Elas seriam as “forças globais”, as “conexões globais” e as “imaginações globais”. De acordo com Burawoy et. al. (2000), as ditas “forças globais” se fariam sentir através de “mediadores” macro políticos, econômicos e culturais, como por exemplo, as Corporações, os Estados, as Organizações, os Movimentos e as Mídias, que as transmitem de acordo com seus interesses ou com suas internalizações subjetivas de valores e crenças. Já as “conexões globais” seriam os fluxos de pessoas, coisas e idéias que ligam lugares distantes no espaço; elas próprias seriam as produtoras das “forças globais”. E as “imaginações globais” seriam tanto as ideologias do global quanto as idéias do local sobre a globalização, tanto em suas configurações “*pró-globalização*” quanto “*contra-globalização*”; elas próprias o combustível social e individual por trás das forças e conexões globais. Nas palavras de Burawoy et. al. (2000, p. 5):

Forces, connections, and imaginations became the three essential components, the three axes of our studies. However, determining which of these three would become the focus in each case of specifically global analysis varied according to the particular experience of globalization - whether people experienced globalization as an external force to be resisted or accommodated, whether people participated in the creation and reproduction of connections that stretched across the world, or whether people mobilized and/or contested imaginations that were of global dimensions.

E afinal foi isso que tentei fazer com tudo aquilo que aprendi com as mulheres de Parati e de Colônia do Sacramento. Ainda que de forma breve e um tanto quanto tênue. De alguma maneira, as mulheres que entrevistei no Uruguai e aqui no Brasil devem sentir as mudanças econômicas, políticas, culturais e tecnológicas atadas às sensações de compressão ou separação do tempo e do espaço de que falam Giddens e Harvey. As forças globalizantes presentes em uma economia global integrada, no avanço tecnológico, no poder da informação (Castells, 1999; Sassen, 1998), na visão de um mundo cada vez mais competitivo, na mobilidade ampliada do capital, na desregulamentação e flexibilização financeira, laboral e política (Chesnais, 1996), na difusão dos discursos e ideologias neoliberais, no mercado livre (Fukuyama, 1992; Sodr, 2001), nas redes globais das corporaes e empresas transnacionais, nas cadeias hoteleiras internacionais (Klein, 2002), na intensificao dos fluxos migratrios e tursticos internacionais (Appadurai, 2005), so, inexoravelmente, experimentadas pelas seis brasileiras e quatro uruguaias que conheci. Quando Adelaide diz que “el mundo cada vez ms competitivo” exige que “en todas las carreras tiene, hay que estar continuamente actualizndose, no te puedes quedar”; ou quando Agnes diz que antes “era mais fcil arranar emprego” em Parati, que “c chegava e pedia emprego eles te dava, agora tem que d currculo, num sei o qu, at no supermercado vai procurar emprego tem que dex um currculo” e que “os de fora arruma servio melhor que os daqui”; ou quando Arlete e Amanda tiveram que procurar um meio de se sustentar ou complementar o oramento domstico e ambas inseriram-se no mercado *informal* de trabalho; ou quando Aurora nota que em Colnia do Sacramento “se estn ensartando las cadenas hoteleras internacionales y que ya no son hoteles solamente de la familia, sino se ven tambin infraestructuras grandes”; ou quando Amlia diz que “o turismo cresceu muito”, que “de alguns anos pra c, principalmente, nos ltimos 10 anos” ela

acha que “Parati tá muito em evidência. Parati tá na moda” e que agora “tem o Conventions de Parati” e que “todos os lugares bacanas, tem um Conventions, que nem São Paulo, o Rio”; ou quando Ágata diz que “os problemas de Parati acontecem em todas as cidades” do mundo; ou quando Aurélia diz que Parati “mudou muito” e que “as coisas pra chegá aqui demoravam muito tempo, qualquer novidade, até uma música que você ouvia em outro lugar demorava muito pra chegá”, mas que hoje em dia tudo é mais rápido e que “o artesanato tá muito mais industrializado entre aspas, porque você vai numa loja, tem um bonequinho de madeira, e em todas as lojas tem também”; ou quando Agostina diz que “Colonia depende netamente de lo que es el turismo”, que “todo lo que vas a ver acá alrededor son restorántes, hoteles, su venta de artesanía, todo está nítidamente relacionado con el turismo; le sacas el turismo a Colonia y es una ciudad en quiebra”; ou quando Ambrósia diz que as roupas que são vendidas em sua loja “acompanha a moda de São Paulo” ou que “as rôpa indiana que vende aqui em Parati vêm tudo de São Paulo, do Brás”, cada uma delas está expressando individualmente a sensação de viver sob forças globais.

As conexões globais entre lugares pessoas também estavam por toda parte, fossem elas virtuais ou reais (Giddens, 1991; Castells, 1999). Quando Amália diz “a gente tem turistas né, de várias partes do país, não só do Brasil, como estrangeiro, principalmente, aqui a pousada onde eu trabalho aqui no centro, é uma pousada que a gente trabalha muito forte lá fora com agência e operadores” e que “eu vô em feiras de turismo, eu viajo, eu aprendo isso, aprendo aquilo, você entra em contato com outras pessoas, faz umas trocas de informações, coisas que tão acontecendo, que é atual, e você conhece pessoas, assim, que trabalha com turismo de outros níveis, outros cargos”; ou quando Ágata diz que “tem também a Internet, acho que faz a gente tá atendida o tempo todo” e que “quem faz a FLIP é a Fundação Casa Azul, e a presidente é uma inglesa”;

ou quando Agnes diz “eu já tive oportunidade de me casá com italiano que eu conheci que aqui a gente sai à noite, né, e os gringo tudo qué namorá a gente” e Aurélia diz “eu ouvia muito assim, vinha um gringo pra cá, aí a gente vê aquelas moças mais bonitas que eles acabam levando, casando, algumas deram certo, outras não deram certo, outra a mãe teve que ir lá buscá, mas outras deram super certo, até eu conheço, voltaram pro Brasil, ou tão morando fora, mas estão bem” e que “veio muita gente que vem de fora, e veio como uma oportunidade de trabalho dá aula, de inglês, dá aula de culinária, dá aula pra garçom”; ou quando Arlete diz “aos pôco eu tô fazendo meu trabalho e ganhando um dinherinho aí, e pretendo colocá pra fora, né, da cidade, pra vendê fora da cidade” e que usa a “internet e até o Orkut” para divulgar seu trabalho; ou quando Ambrósia diz “o marido da minha cunhada é estrangêro e ele dá uns curso de inglês aqui em Parati”; ou quando Aurora diz que “el turismo te permite también mucho abrirte y conocer muchas cosas, muchas culturas, las necesidades de los otros, a través de lo que te manifiesta el turista” e que a associação em que ela trabalha encarrega-se da “promoción y participación en ferias y exposiciones y workshops dentro y fuera del país” e que “con la declaración de la UNESCO empezamos a tener más visitantes y más conocimiento a nivel mundial”; ou quando Agostina diz que “Colonia ha sido una ciudad que en estos últimos años que siempre ha traído gente de otro lado, porque aquí la mayoría de la gente tiene su trabajo. Aquí en Colonia hay trabajo, entonces ha venido mucha gente”; ou quando Adelaide diz que “la gente de la oficina de turismo, de la parte de turismo de la Intendencia ha salido a pasear a Chile y todo ese tipo de cosas que promociona el destino, en este caso Colonia, se ha promocionado más en Chile y en Brasil”, novamente cada uma delas, a seu modo, tracejam as ligações entre o Uruguai e outros países sul-americanos por meio de acordos e contatos comerciais e empresariais, entre pousadas de Parati e agentes e operadores turísticos de agências de turismo

estrangeiras, entre fluxos migratórios de trabalhadores e cidadãos uruguaio dentro de seu próprio país, entre mulheres migrantes e homens estrangeiros que formam redes de conexões sociais e familiares entre Parati e países europeus, entre organizações não-governamentais e organizações internacionais estrangeiras e as cidades de Parati e Colônia do Sacramento, entre cidadãos europeus que se mudam para trabalhar e viver em Parati e em Colônia do Sacramento, entre paratienses envolvidos em redes de relacionamento virtuais, e, obviamente, entre populações locais e turistas.

Já as imaginações globais são, sem dúvida, as mais difíceis de serem capturadas, mas elas estão lá. Elas são representativas de uma relativa autonomia por parte das seis mulheres paratienses e quatro mulheres colonenses que conheci, graças a suas posições estruturalmente “locais”, que as permite canalizar e controlar as ondas “globais” que as atingem (Burawoy et. al., 2000). De acordo com Appadurai (2005, p. 55-56):

Put another way, some of the force of Bourdieu's idea of the habitus can be retained (1977), but the stress must be put on his idea of improvisation, for improvisation no longer occurs within a relatively bounded set of thinkable postures but is always skidding and taking off, powered by the imagined vistas of mass-mediated master narratives. There has been a general change in the global conditions of life-worlds: put simply, where once improvisation was snatched out of the glacial undertow of habitus, habitus now has to be painstakingly reinforced in the face of life-worlds that are frequently in flux.

Assim sendo, quando Amália sonha e planeja cursos de pós-graduação, viagens, cursos de inglês no exterior, férias em *spas* de Monte Verde, boliches, shoppings e danceterias; ou quando Aurora planeja ter sua própria empresa de consultoria em turismo e em viver ou conhecer outros lugares para se aperfeiçoar profissionalmente ou pessoalmente; ou quando Adelaide pensa em se emancipar financeiramente, em se tornar uma mulher independente e em se especializar profissionalmente; ou quando Arlete planeja ter sua pousada de turismo rural, e em vir para São Paulo para fazer

cursos de marketing e comprar um apartamento; ou quando Ágata navega pela internet para se atualizar das coisas do mundo e das novidades para os turistas cada uma delas talvez fantasie ou imagine para si um estilo de vida “globalizado”, “descolado”, “moderno”. Todavia, há também quem se volte ou quem tenta se agarrar ao que sobrou do “local”, a um passado nostalgicamente sereno e fundado em referências mais “tradicionais”, a um estilo de vida mais simples, quem sabe. É o quê Agnes deixa transparecer, com sua timidez, com seu medo de investir em um negócio próprio, com seu medo de aprender a falar inglês, com sua descrença em seu sonho de ser defensora pública, com sua crença na idéia de que ela poderia melhorar sua situação com um bom casamento, com sua crença na idéia de que um cargo público na escola municipal de Parati poderia lhe proporcionar uma maior estabilidade; é o quê Aurélia revela quando diz que não conseguiu se adaptar ao ritmo frenético e impessoal da cidade de São Paulo, ou quando ela diz que se sente invadida com tantos turistas na sua cidade; é o quê Amanda demonstra quando conversa comigo sobre os turistas e confessa que às vezes em Colônia do Sacramento “vienen turistas, se entran a besar o acariciarse como que fuese lo más normal, delante de todos, y entonces, nosotros nos quedamos mirando, que acá no estamos acostumbrados a verlo así” ou quando ela diz que não sairia de Colônia do Sacramento porque prefere “vivir tranqüila” ao invés de viver numa cidade grande “como algunos que tienen miles de problemas para tratar”; é o quê Ambrósia mostra com sua desconfiança, ou quando ela diz que é “apegada a família” e que não quer sair de Parati, ou quando ela diz que é “muito caseira”; e é que Agostina manifesta quando diz: “He podido y he tenido la posibilidad de conocer diferentes, casi todos los diferentes departamentos del Uruguay, he estado en Montevideo, la Valleja, Rivera, El salto, Paysandú, Maldonado, San José, Soriano, Rocha. Este, he estado en casi todos los departamentos de este país y los he podido conocer, he estado en ellos y no cambió

Colônia, no”. Seja como for, cada uma delas constrói sua história pessoal, lidando com forças globalizantes, estabelecendo ou percebendo conexões globais, incorporando ou resistindo a imaginações globais; e a mim também parece cada vez mais difícil negar, em suas narrativas, “the ways in which local historical trajectories flow into complicated transnational structures” (Appadurai, 2005, p. 65).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este meu estudo exploratório e qualitativo que realizei em Parati e Colônia do Sacramento, por meio de entrevistas, com seis mulheres paratienses e quatro mulheres colonenses, em que tentei desvendar a percepção pessoal, de cada uma delas, sobre os efeitos do turismo em suas vidas e em suas cidades permitiu-me construir uma análise subjetiva e micro-processual do fenômeno turístico, da condição feminina e da relação dialética entre o global e o local. Nesta minha análise me preocupei, claramente, “menos com os fatos em si e mais com o significado deles para cada segmento social analisado” (Luchiari, 1992, p. 185); muito menos com as formas, e muito mais com os conteúdos. Sempre fascinada pelas grandes teorias e mais inclinada às idéias do que as coisas concretas em si, este trabalho foi uma empreitada pessoal rumo a uma compreensão um pouco mais palpável e real dos estudos dos efeitos sócio-culturais do turismo, dos estudos e teorias de gênero e das teorias de globalização. Em meu estudo, sobre o turismo, o gênero e a globalização em Parati e Colônia do Sacramento, não me voltei às características quantitativas, estruturais, estatísticas e formais destes três conceitos, mas antes procurei entendê-los com a ajuda de Amália, Agnes, Ágata, Arlete, Amanda, Agostina, Aurora, Aurélia, Adelaide e Ambrósia, a partir de seus sentimentos, de suas expectativas, suas ações, idéias e experiências de vida.

Essas dez mulheres me mostraram que a principal mudança que o turismo trouxe para vida delas é a inserção no mercado de trabalho, formal ou informal, e o acesso a uma fonte de renda, estável ou intermitente. Para algumas delas o turismo também ajudou a forjar um gosto pessoal pela “experiência da alteridade” (Laplantine, 2003, p. 12); para outras nem tanto. Para algumas delas o turismo foi uma escolha profissional consciente, planejada, desejada e, portanto, apreciada; para outras o turismo é apenas

um modo de sobreviver, uma oportunidade que surgiu no percurso da vida ou um caminho que foi seguido na falta de outro melhor. Para nove delas o turismo traz emancipação, mas para elas esta emancipação significa mais independência financeira do que pessoal; para uma delas o artesanato que serve ao turismo não traz emancipação, nem financeira nem pessoal. Para algumas delas a emancipação é desejada e buscada, para outras a emancipação é uma necessidade. Para praticamente todas elas o turismo não trouxe nada de mal e algumas delas até temem pela falta de turismo em suas cidades; às vezes cansa trabalhar com turistas, ou viver numa cidade cheia de turistas o tempo todo, ou pagar mais caro para viver em uma cidade com turistas, mas praticamente todas elas também sabem que a culpa não é nem do turista e nem do turismo em si.

Com relação às continuidades é possível perceber o peso muito maior dos discursos e práticas de gênero do que das transformações possibilitadas pelo turismo na condição social e individual das mulheres que conheci. De um lado o turismo poderia influenciar mudanças em estruturas e dinâmicas em grupos familiares e/ou sociais, possibilitando às mulheres a executarem tarefas e ocupações destinadas anteriormente somente a homens, e vice-versa - como no caso de Aurélia e Ágata que tinham acesso a pilotar um barco e desenvolverem as mesmas atividades de seus esposos, por exemplo - mas, por outro lado, o turismo por si só pode não ser suficiente para manter estas transformações - pois quando Ágata e Aurélia ficaram grávidas elas tiveram que se afastar desse espaço que o turismo lhes abriu; além disso, Ágata não voltou ao barco depois que sua filha nasceu e nem trocou de lugar com o marido, já que suas responsabilidades como mulher e mãe no trabalho de reprodução social, ou seja, na criação de sua filha, foram “automaticamente” destinadas a ela, tal como ocorrerá com Aurélia. Todavia, no caso de Amanda, que já considerava ter “encerrado” seu trabalho

de reprodução social, a atividade do turismo, e a conseqüente demanda pelo artesanato local, em sua cidade permitiram que ela pudesse adentrar a esfera pública novamente. O turismo também poderia influenciar e permitir o aparecimento de famílias monoparentais chefiadas por mulheres, como é o caso de Agnes e Amália, mas não pode mitigar o preconceito que Amália sente por ser mãe solteira, ou de desmistificar a idéia que muitas mulheres têm de associar o matrimônio a estabilidade financeira, como pensa Agnes. O turismo também poderia permitir a emancipação feminina ao possibilitar a independência financeira e pessoal de jovens mulheres, mas não poderia livrá-las das obrigações associadas ao papel de mãe e esposa de uma mulher casada, como bem sabem Adelaide e Arlete. Aliás, no caso de Ambrósia e Amanda, o turismo, na realidade, não trouxe emancipação, pois ambas sabem que “dependem do marido”. O turismo também poderia favorecer a inserção da mulher no mercado de trabalho, mas não poderia eliminar problemas de segregação ocupacional, de desigualdade salarial, de “domesticalização” do trabalho (*housewifization of labor*), de jornada dupla de trabalho, etc., como todas as mulheres que entrevistei e muitas outras bem sabem (Hirata, 2003; Organização Internacional do Trabalho, 2007; Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2007).

Ao que parece, “pensar relacionalmente”, como quer Bourdieu (2007), não é tarefa fácil. Por isso mesmo, encontrar, iluminar e pensar os interstícios onde se entrelaçam o turismo, o gênero e a globalização, não é tarefa para um trabalho só. Entretanto, percebo agora que a globalização é tanto um trabalho de imaginação quanto uma realidade prática, seja em sua dimensão econômica, tecnológica, cultural, social ou individual (Appadurai, 2005). O turismo também se constrói tanto no imaginário social quanto se concretiza nos espaços sociais em que é inserido e praticado (Cruz, 2007). Bem como o gênero que tanto se cria ideologicamente e discursivamente quanto se

traduz e se cristaliza na materialidade dos corpos e condições femininas e masculinas (Butler, 1990, 1993)⁵⁵. Não é difícil esperar, portanto, que idéias e práticas fluíssem e se misturassem para além de suas demarcações conceituais e científicas e se entrelaçassem nas histórias de vida de dez mulheres latino-americanas que conheci.

Seja em Parati ou em Colônia do Sacramento, estas mulheres vivenciam suas condições femininas de maneira um tanto quanto semelhante. Todas sabem como a maternidade e o matrimônio pode, às vezes, lhes restringir o acesso a certos espaços e certas atividades sociais e econômicas, e cada uma delas lida com isso da maneira que julgar melhor; umas se casam e têm filhos e saem para trabalhar ou trabalham com o marido, outras só têm filhos e têm que sair para trabalhar, outras só casam e trabalham junto com marido, e outras não têm filhos e nem se casam e trabalham por conta própria ou como empregadas. Algumas se encontram em ocupações que reproduzem e fixam diferenças de gênero entre homens e mulheres como é o caso da camareira Agnes; outras conseguem alcançar ocupações em que presumivelmente encontrar-se-ia um homem, como é o caso da gerente de pousada Amália; outras servem de exemplo das diversidades culturais que marcam as construções sociais do gênero em diferentes nações e sociedades espalhadas pelo tempo e espaço, como é o caso da guia turística Agostina e de suas companheiras uruguaias que predominantemente preenchem esta ocupação em Colônia do Sacramento, ao contrário de Parati; outras se encontram em posições em que as diferenças de gênero talvez não sejam tão valorizadas, como é o caso das artesãs Amanda e Arlete; algumas delas encontram-se divididas entre esferas públicas e esferas privadas como as “sócias do marido” Aurélia, Ágata e Ambrósia; outras querem se livrar das esferas privadas como a artesã Arlete e a monitora de museu

⁵⁵ Vale ressaltar que o movimento entre idéias e práticas não é unidirecional, ou seja, não são as idéias que criam as práticas, mas que tanto idéias quanto práticas são criadas mutuamente e relacionalmente (Bourdieu, 2007; Demo, 1995).

Adelaide; outras se dividem entre esferas públicas e esferas privadas completamente separadas, como é o caso da guia turística Agostina e da atendente da central de informações turísticas Aurora.

Por outro lado, as mulheres de Parati parecem vivenciar mais claramente, ainda que de forma discreta, a realidade de situações de prostituição relacionadas à atividade turística e do tráfico e o trânsito de mulheres brasileiras para países europeus (Piscitelli, 2007), ao contrário das mulheres de Colônia do Sacramento. Além disso, em Colônia do Sacramento as mulheres parecem ter mais oportunidades de ingressarem no mercado de trabalho em ocupações mais diferenciadas que em Parati, como funcionárias públicas em museus e órgãos públicos relacionados à atividade turística, ou como policiais turísticas, ou como guias turísticas, além das ocupações tradicionalmente oferecidas em hotéis, restaurantes e no comércio em geral. As mulheres uruguaias também parecem ter um nível educacional um pouco mais elevado, consistente e específico do que as brasileiras; com mais opções de cursos diretamente relacionados com atividade turística e regularmente oferecidos por um Instituto de Hotelaria e Gastronomia, cursos técnicos também periodicamente oferecidos por uma universidade tecnológica gratuita localizada na própria cidade e até um curso universitário tecnológico de turismo ministrado na própria cidade de Colônia do Sacramento durante a primeira metade da década de 2000, as mulheres uruguaias, aparentemente, são mais preparadas para atuar no setor do que as paratienses que contam apenas com cursos esporádicos oferecidos pelo Sebrae, cursos também esporádicos oferecidos por organizações não-governamentais e pela secretaria de promoção social da Prefeitura Municipal de Parati. Isto, aliás, pode vir a se tornar um problema indesejado para muitas mulheres paratienses, pois se a própria globalização, em sua dimensão econômica, acarreta fortes transformações na divisão internacional do trabalho, se ela promove a flexibilização e desregulamentação da mão-

de-obra, e se ela acentua a competitividade entre os indivíduos desta mão-de-obra - tendências que atingem, diga-se de passagem, cada qual a seu modo, tanto o Uruguai quanto o Brasil - as mulheres que não tiverem acesso a recursos e meios de se capacitarem e se aperfeiçoarem para atuar no mercado de trabalho serão cada vez mais deslocadas para setores e ocupações “periféricas” e vulneráveis (Hirata, 2003).

Assim sendo, estudar os efeitos sociais e culturais do turismo em populações receptoras é uma forma de se analisar a articulação do global com o local. E é justamente no “local”, seja num lugar ou numa cidade ou na trajetória de um indivíduo localizado, que o fenômeno do turismo desponta como um vetor de intermediação dialética com o “global” e impulsiona “a reestruturação das relações do lugar com o mundo e a formação de organizações sócio-espaciais cada vez mais híbridas, cujas formas e lógicas antigas, associadas às novas, originam uma outra composição” (Luchiari, 1999, p. 10). A introdução da atividade turística nos territórios paratiense e colonense certamente reconfigurou e deu lugar a novas organizações sócio-econômicas e novas relações de gênero, mas também reproduziu ou manteve novas velhas formas de relações e papéis de gênero. Foi interessante notar como o turismo, ao se inserir nas cidades de Parati e Colônia do Sacramento, tanto liberou espaços antes limitados às mulheres quanto às confinou em espaços previamente dominados por elas. Foi interessante, de igual maneira, observar que o turismo se mistura com construções culturais prévias das relações entre os gêneros - as quais se diferenciam não apenas no tempo, mas também no espaço (Scott, 1986).

De certo modo, tanto em Parati como em Colônia do Sacramento podemos traçar as linhas que definem a relação dialética entre influências globalizantes e disposições pessoais (Giddens, 2002). Também é inegável a persistência dos “tabus” que separam as experiências e espaços entre os homens e as mulheres (Rubin, 1975), e

as consequências decorrentes destes constructos de gênero para as mulheres que entrevistei (Padavic, Reskin, 2002). E, além disso, podemos vislumbrar o turismo adentrando populações receptoras e lugares distantes entre si e sendo ao mesmo tempo transformado e transformador por essas e destas populações, podemos perceber o turismo alterando ou reproduzindo relações de gênero (Van den Berghe, 1992), e podemos conceber o turismo como veículo tanto de “influências globalizantes” quanto de “disposições pessoais”. Por fim, eu não diria que minha hipótese foi testada e confirmada. Afinal, nunca se tratou disso. Mas acredito que eu a tenha ilustrado com as histórias de vida de Amália, Ágata, Arlete, Ambrósia, Aurélia e Agnes em Parati, e de Aurora, Amanda, Agostina e Adelaide em Colônia do Sacramento. E com seus relatos e narrativas espero que elas mesmas tenham nos contado quais são para elas os efeitos do turismo na vida pessoal e social das mulheres que trabalham no setor turístico de localidades turísticas.

Bibliografia

- Adams C. Caiçaras na Mata-Atlântica: pesquisa científica versus planejamento e gestão ambiental. São Paulo: Annablume: FAPESP; 2000.
- Appadurai A. Modernity at Large: cultural dimensions of globalization. Minneapolis: University of Minnesota Press; 2005.
- Appadurai A. Globalization. United States of America: Duke University Press; 2003.
- Athayde MCO. O movimento feminista nas páginas dos jornais feministas do Brasil e da Argentina: Nós Mulheres, Mulherio e Persona em cena. Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder; 25-28 ago 2008; Florianópolis, BR. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero - UFSC; 2008.
- Bartholo R, Sansolo DG, Bursztyn I. Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem; 2009.
- Bauman Z. Globalização: as conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1999.
- Beauvoir S. O Segundo Sexo. Tradução Sergio Milliet. 4.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro; 1970.
- Bermúdez MSM. Para uma genealogia da Família Uruguaia: família e modernização na passagem do século (1890-1930). [mestrado] Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas; 1996.
- Bertaux D. L'approche biographique: sa validé méthodologique, ses potentialités. Cahiers int sociol (Paris) 1980; 69: 197-225.

- Blixen D. De prostituta a señora: la historia reciente de Colonia del Sacramento Montevideo: Ediciones del Caballo Perdido; 2005.
- Boisseivain J. Impact of Tourism on a Dependent Island: Gozo, Malta. *Ann Tourism Res* (Amsterdan) 1979; 6(1): 76-90.
- Boni V, Quaresma SJ. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Em Tes* (Florianópolis) 2005; 2(1) (3): 68-80.
- Bourdieu P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2007.
- Boyer M. História do turismo de massa. Bauru: EDUSC; 2003.
- Brah A. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadern Pag* (Campinas) 2006; (26): 329-376.
- Burawoy M et al. *Global Ethnography: forces, connections, and imaginations in a postmodern world*. Berkeley: University of California Press; 2000.
- Butler J. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge; 1990.
- Butler J. *Bodies that Matter: on the discursive limits of "sex"*. London: Routledge; 1993.
- Butler J. Fundamentos Contingentes: o feminismo e a questão do "pós-modernismo". *Cadern Pag* (Campinas) 1998; (11): 11-42.
- Cascudo LC. *Tradição, ciência do povo*. São Paulo: Perspectiva; 1971.
- Canclini NG. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp; 1997.

- Canclini NG. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; 2001.
- Capra F. O ponto de mutação. São Paulo: Cultrix; 1994.
- Carlos AFA. O Turismo e Produção do Não-Lugar. In: Yázigi E, Carlos AFA, Cruz RCA (org.) Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura, São Paulo: Hucitec; 1999. p. 25-39.
- Castells M. A Sociedade em Rede - A Era da Informação: economia, sociedade e cultura. Volume 1. São Paulo: Paz e Terra; 1999.
- Chesnais F. A mundialização do Capital. São Paulo: Xamã; 1996.
- Cohen E. Rethinking the Sociology of Tourism. Ann Tourism Res (Amsterdam) 1979; 6(1): 18-35.
- Cohen E. Authenticity and Commoditization in Tourism. Ann Tourism Res (Amsterdam) 1988; 15(3): 371-386.
- Cone CA. Crafting Selves: the lives of two mayan women. Ann of Tourism Res (Amsterdam) 1995; 22(2): 314-327.
- Corrêa M. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. Cadern Pag (Campinas) 2001; (16): 13-29.
- Cruz RCA. Geografias do turismo: de lugares a pseudo-lugares. São Paulo: Roca; 2007.
- De Kadt EJ. Tourism: passport to development? New York: Oxford University Press; 1979.
- De La Torre O. El Turismo: fenómeno social. México: Fondo de Cultura Económica; 1994.

Demo P. Metodologia Científica em Ciências Sociais. São Paulo: Atlas; 1995.

Diegues ACS. Enciclopédia caiçara: o olhar do pesquisador São Paulo: Hucitec/CITEC/NUPAUB/CEC/USP; 2004.

Encuesta anual de satisfacción de visitantes de Colonia del Sacramento (Casco Histórico). Colonia Del Sacramento (Colônia - UY): Quo Vadis; 2008.

Faria N. Por onde passa a história da luta das mulheres. In: Papa F, Jorge F. O feminismo é uma prática: reflexões com mulheres jovens do PT (org). São Paulo: Fundação Friedrich Ebert; 2008. p. 9-14.

Fausto-Sterling A. Dualismos em Duelo. Cadern Pag (Campinas) 2001/02; (17/18): 9-79.

Featherstone M. O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade. São Paulo: Studio Nobel; 1997.

Featherstone M, et al. Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade. 3. ed. Petrópolis: Vozes; 1999.

Fernandes F. Fundamentos empíricos da explicação sociológica. São Paulo: T. A. Queiroz; 1980.

Firestone S. La dialectique du sexe: le dossier de la Révolution féministe. Paris: Éditions Stock; 1972.

Foucault M. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal; 2001.

Friedan B. The feminine mystique. New York: Dell Book; 1970.

Fukuyama F. The End of History and the Last Man. New York: Free Press; 1992.

Fúster LF. Teoria y Técnica del Turismo. Tomo I. 2ª ed. Madrid: Editora Nacional; 1971.

Gamradt J. Jamaican children's representations of tourism. *Ann of Tourism Res* (Amsterdam) 1995; 22(4): 735–762.

Garcia-Ramon MD, Canoves G, Valdovinos N. Farm Tourism, Gender and the Environment in Spain. *Ann of Tourism Res* (Amsterdam) 1995; 22(2): 267-282.

Gentry KM. Belizean women and tourism work: opportunity or Impediment? *Ann of Tourism Res* (Amsterdam) 2007; 34(2): 477–496.

Giddens A. As conseqüências da Modernidade. São Paulo: Unesp; 1991a.

Giddens A. Modernity and self-identity: self and society in the late modern age. Stanford: Stanford University Press, 1991b.

Giddens A. Modernidade e Identidade. Rio de Janeiro: Zahar; 2002.

Giddens A. Central problems in social theory: action, structure and contradiction in social analysis. London: Macmillan; 1993.

Giddens A. A constituição da sociedade São Paulo: Martins Fontes; 1989.

Gil AC. Métodos e Técnicas da Pesquisa Social. São Paulo: Atlas; 1999.

Graburn NHH. Tourism: the Sacred Journey. In: Smith VL. Hosts and Guests: The Anthropology of Tourism. 2.ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press; 1989. p. 21-36.

Greenwood DJ. Culture by the Pound: An Anthropological Perspective on Tourism as Cultural Commoditization". In: Smith VL. Hosts and Guests: the anthropology of tourism. Philadelphia: University of Pennsylvania Press; 1989. p. 171-185.

- Gurgel H, Amaral EC. Paraty, Caminho do Ouro: subsídios para a história do Estado do Rio. Rio de Janeiro: Livraria São José; 1973.
- Hanisch C. The Personal is Political. (2006) [citado jul. 2009]. Disponível em: <http://carolhanisch.org/CHwritings/PersonalisPol.pdf>.
- Hall S. The local and the global: globalization and ethnicity. In: King AD. Culture, globalization and the world-system. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998. p. 19- 40.
- Hall S. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. 10.ed. Rio de Janeiro: DP & A; 2001.
- Hall S. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; 2003.
- Harvey D. A Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola; 1994
- Harvey MJ, Hunt J, Harris, CC Jr. Gender and Community Tourism Dependency Level. Ann Tourism Res (Amsterdam) 1995; 22(2): 349-366.
- Herskovits MJ. Antropologia Cultural. Volume II. São Paulo: Mestre Jou; 1963.
- Hirata H. Por quem os sinos doam? Globalização e divisão sexual do trabalho. Trab e Cidad Ativ para as Mulh: Desaf para as Pol Pub (São Paulo) 2003; (3): 15-30.
- Ianni O. A Sociedade Global. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1997.
- Ianni O. Teorias da Globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2003.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Caracterização da mão-de-obra do mercado formal de trabalho do setor de turismo - estimativas baseadas nos dados da RAIS de 2004. Rio de Janeiro: IPEA; 2007. 136 p.

- Ireland M. Gender and Class Relations in Tourism Employment. *Ann of Tourism Res* (Amsterdam) 1993; 20(4): 666-684.
- Jafari J. The Socio-economic Costs of Tourism to Developing Countries. *Ann of Tourism Res* (Amsterdam) 1974; 1(7): 227-262.
- Keesing FM. *Antropologia Cultural: a ciência dos costumes. Volume II*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura; 1961.
- Kinnaird V, Hall D. *Tourism: A Gender Analysis*. Chichester: Wiley, 1994.
- Klein N. *No logo: no space, no choice, no jobs*. New York: Picador, 2002.
- Krippendorf J. *The Holiday Makers: understanding the impact of leisure and travel*. Oxford: Butterworth-Heinemann; 1990.
- Laplantine F. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense; 2003.
- Le Goff J. *História e memória*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- Lee W. Prostitution and Tourism in Southwest Asia. In: Sacks N, Marrone C. *Gender and Work in Today's World: a reader*. Colorado: Westview Press; 2004. p. 37-46.
- Lozano FG. Las experiencias de la “segunda ola” del feminismo en Argentina y Uruguay. In: Morant I. *Historia de las mujeres en Espana y América Latina: del siglo XX a los umbrales del XXI*. Tomo IV. Madri: Cátedra; 2006. p. 881-902.
- Luchiari MTD. *O lugar no mundo contemporâneo: turismo e urbanização em Ubatuba –SP*. [doutorado] Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas; 1999.

- Luchiari MTDP. Caiçaras, migrantes e turistas: a trajetória da apropriação da natureza no litoral norte paulista (São Sebastião - Distrito de Maresias). [mestrado] Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas; 1992.
- MacCannell D. Staged Authenticity. *American Journal of Sociology* (Chicago) 1973; 79(3):589-603.
- MacCannell D. *The Tourist: a new theory of the leisure class*. New York: Schocken Books; 1976.
- MacCormack C, Strathern M. *Nature, Culture and Gender*. Cambridge: University of Cambridge; 2001.
- Malinowski B. *Argonauts of the Western Pacific: an account of native enterprise and adventure in the archipelagoes of Melanesian New Guinea*. London: Routledge; 2005.
- Marcílio ML. *Caiçara: Terra e População: Estudo de demografia histórica e da história social de Ubatuba*. São Paulo: Edusp, 2006.
- Mariño HA. *La aventura Del Real de San Carlos*. Lisboa: Librería Editorial Estampas; 2001.
- Martín-Barbero J. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: Moraes D. *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record; 2001. P. 57-85.
- Martins HHTS. Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educ e Pesq* (São Paulo) 2004; 30(2): 289-300.
- Marx K, Engels F. *Manifesto do Partido Comunista (1848)*. Porto Alegre: L&PM; 2001.
- Mathieson A, Wall G. *Tourism: economic, physical and social impacts*. New York: John Wiley; 1990.

- Mead M. *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Editora Perspectiva; 2000.
- Meyer LB. Economic globalization and women's status in the labor market: a cross-national investigation of occupational sex segregation and inequality. *Sociol Quart* (Hoboken) 2003; 44(3): 351-383.
- Monk J, Alexander CS. Free Port Fallout: gender, employment, and migration on Margarita Island. *Ann of Tourism Res* (Amsterdam) 1986; 13(3): 393-413.
- Monteiro JCR. *A Colônia do Sacramento. Volume I*. Porto Alegre: Livraria do Globo; 1937.
- Moore HL. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. *Cadern Pag* (Campinas) 2000; (14): 13-44.
- Moore HL. Understanding sex and gender. In: Ingold T (org). *Companion Encyclopedia of Anthropology*. London: Routledge; 1997.
- Moore RS. Gender and Alcohol Use In a Greek Tourist Town. *Ann of Tourism Res* (Amsterdam) 1995; 22(2): 300-313.
- Morin E. *A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2003.
- Morin E. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- Nash D. Tourism as a Form of Imperialism. In: Smith VL. *Hosts and Guests: the anthropology of tourism*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press; 1989. p. 37-52.
- Núñez T. Touristic Studies in Anthropological Perspective. In: Smith VL. *Hosts and Guests: the anthropology of tourism*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press; 1989. p. 265-279.

Organização Internacional do Trabalho. Global Employment Trends for Women. Genebra. 2007. [citado ago. 2008]. Disponível em: <http://www.ilo.org/public/english/employment/strat/download/getw07.pdf>.

Organização Mundial do Turismo. Emerging Tourism Markets – The Coming Economic Boom. WTO Press Releases. Madrid. 2008 [citado jun. 2008]. Disponível em: <http://www.unwto.org>.

Ortiz R. Mundialização e Cultura. São Paulo: Brasiliense; 1994.

Ortner S. Is Female to Male as Nature is to Culture? In: Rosaldo MZ, Lamphere L (org.). Woman, Culture & Society. Stanford: Stanford University Press; 1974. p. 67-87.

Padavic I, Reskin B. Women and Men at Work. 2ª ed. Thousand Oaks: Pine Forge Press; 2002.

Plano Diretor de Desenvolvimento Turístico do Município de Parati. 2003 [citado ago. 2009]. Disponível em: www.t4.tur.br/paraty.

Piscitelli A. Re-criando a (categoria) mulher? 2001 [citado jun. 2009]. Disponível em: www.pagu.unicamp.br/files/pdf/Adriana01.pdf.

Piscitelli A. Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do “turismo sexual” internacional. Estud Feminis (Florianópolis) 2007; 15(3): 717-744.

Turismo en Colonia: Plan de Refuerzo de la Competitividad (PRC). Uruguay; 2007 [citado set. 2008]. Disponível em: www.colonia.gub.uy.

Preston A. Occupational gender segregation: trends and explanations. The Quart Rev of Econ and Finan (Amsterdam) 1999; (39): 611-644.

- Robertson R. Identidade Nacional e Globalização: falácias contemporâneas. In: Barroso JR. Globalização e Identidade Nacional. São Paulo: Editora Atlas; 1999. p. 145-161.
- Robinson M, Picard D. Tourism, Culture and Sustainable Development. UNESCO; 2006. [citado fev. 2007] Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001475/147578E.pdf>.
- Rodrigues AB. Turismo, Modernidade, Globalização. São Paulo: Hucitec; 2002.
- Rosaldo MZ, Lamphere L. Woman, Culture & Society. Stanford: Stanford University Press; 1974.
- Rosaldo MZ. Woman, Culture and Society: A Theoretical Overview. In: Rosaldo MZ, Lamphere L (org.). Woman, Culture & Society. Stanford: Stanford University Press; 1974. p. 17-42.
- Rosaldo MZ. O uso e o abuso da antropologia: reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural. Horiz Antrop (Porto Alegre) 1995; 1(1): 11-36.
- Rubin G. The Traffic in Women: notes on the 'political economy' of sex. In: Reiter R. Toward an Anthropology of Women. New York: Monthly Review; 1975. p. 157-209.
- Sahlins M. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I). Mana (Rio de Janeiro) 1997; 3(1): 41-73.
- Sahlins M. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte II). Mana (Rio de Janeiro) 1997; 3(2): 103-150.
- Santos BS. Introdução à Ciência Pós-Moderna. Rio Janeiro: Graal; 1989.

- Santos M. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec; 1996.
- Santos M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record; 2005.
- Sassen S. *Globalization and its discontents: essays on the new mobility of people and money*. New York: New Press; 1998.
- Scott JW. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. *The Americ Histor Rev* (Chicago) 1986; 91(5): 1053-1075.
- Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas no Estado do Rio de Janeiro. *Informações Socioeconômicas do Município de Parati*. Rio de Janeiro: SEBRAE; 2008. 19p. [citado mai. 2008]. Disponível em: www.sebraerj.com.br.
- Seixas RBO. *Identidade cultural da América Latina nas mensagens publicitárias – aspectos dos processos de integração cultural global*. [doutorado] São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo; 2006.
- Silberberg T. Cultural Tourism and Business Opportunities for Museums and Heritage Sites. *Tourism Manag* (Great Britain) 1995; 16(5): 361-365.
- Smith VL. Introduction. In: Smith VL. *Hosts and Guests: the anthropology of tourism*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press; 1989. p. 1-17.
- Sodré M. O globalismo como neobarbárie. In: Moraes D. *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record; 2001. p. 21-40.
- Strathern M. No nature, no culture: the Hagen Case. In: MacCormack C, Strathern M (org). *Nature, Culture and Gender*. Cambridge: University of Cambridge; 2001. p. 174-222.

- Swain MB. Gender Roles in Indigenous Tourism: Kuna Mola, Kuna Yala, and cultural survival. In: Smith VL. *Hosts and Guests: the anthropology of tourism*. 2.ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press; 1989. p. 84-103
- Swain MB. Gender in Tourism [editorial]. *Ann Tourism Res (Amsterdam)* 1995; 22(2): 247-266.
- Tedlock B. From Participant Observation to the Observation of Participation: The Emergence of Narrative Ethnography. *Jour of Anthr Res (Albuquerque)* 1991; 47(1): 69-82.
- Teo P, Li LH. Global and Local Interactions in Tourism. *Ann of Tour Res (Amsterdam)* 2003; 30(2): 287-306.
- Tulik O. Residências Secundárias no Estado de São Paulo: Identificação de Centros Emissores de Demanda. In: Lage BHG, Milone PC. *Turismo: teoria e prática*. São Paulo: Atlas; 2000. p. 196-205.
- Turismo irresponsável prejudica Hemisfério Sul, diz especialista. *FolhaOnline*. 2008 jun. 3; Turismo. [citado em jun. 2008]. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/turismo/noticias/ult338u408383.shtml>.
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organizations. The effects of tourism on social-cultural values. *Ann Tourism Res (Amsterdam)*. 1976; 4(2): 74-105.
- Urry J. *O olhar do Turista*. São Paulo: Studio Nobel; 1996.
- Van Den Berghe PL. Tourism and the Ethnic Division of Labor: a mexican case study. *Ann of Tour Res (Amsterdam)* 1992; 19(2): 234-249.
- Wallerstein I. *The modern world-system*. San Diego: Academic Press; 1974.

Watts M. Explaining Trends in Occupational Segregation: Some Comments. *Euro Sociol Rev* (Oxford) 1993; 9(3): 315-319.

Weber M. Metodologia das Ciências Sociais. Parte 1. 4ª ed. São Paulo: Cortez; 2001.

White WF. Street Corner Society: the social structure of an italian slum. Chicago: University of Chicago Press; 1967.

Wilkinson PF, Pratiwi W. Gender and Tourism in an Indonesian Village. *Ann Tourism Res* (Amsterdam) 1995; 22(2): 283-299.

Wood RE. Tourism, Culture, and the Sociology of Development. In: Hitchcock M, King VT, Parnivell MJG. *Tourism in South East Asia*. London: Routledge; 1993. p. 48-70.

Zaluar A. Teoria e Prática do Trabalho de Campo: Alguns Problemas. In: Cardoso RCL. *A Aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1986. p. 107-125.

Websites Consultados:

www.agricultura.gov.br

www.anp.com.uy

www.brasilturismo.com

www.colonia.gub.uy

www.frm.org.br

www.governo.rj.gov.br

www.ine.gub.uy

www.ibge.gov.br

www.parati.com.br

www.parati.com

www.pmparaty.rj.gov.br

www.sebraerj.com.br

www.turismo.gov.br

www.turismo.gub.uy

www.turismoencolonia.com

www.unwto.org

www.unesco.org

Anexo

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) Nome da entrevistada:
- 2) Idade da entrevistada:
- 3) Estado Civil da entrevistada:
- 4) Abordar entrevistada sobre sua renda familiar e custo de vida na cidade.
- 5) Abordar entrevistada sobre sentimentos positivos ou negativos em relação ao Turismo e ao turista.
- 6) Abordar entrevistada sobre prostituição feminina ou masculina relacionada à atividade do Turismo.
- 7) Abordar entrevistada sobre seus sentimentos em relação à geração mais velha e mais nova e seu tipo de envolvimento com a atividade do Turismo e com os turistas.
- 8) Abordar entrevistada sobre assunto da autonomia e emancipação feminina, reprodução social da condição feminina e construção da identidade pessoal com relação ao seu emprego no setor de Turismo ou em suas relações com turistas.
- 9) Abordar entrevistada sobre transformações na estrutura familiar.
- 10) Abordar entrevistada sobre possibilidades de profissionalização e intelectualização promovidas com o desenvolvimento da atividade do Turismo ou com o contato com turistas.
- 11) Abordar entrevistada sobre condições de trabalho no setor de turismo (legais, sociais, individuais).
- 12) Abordar entrevistada sobre rotinas de vida na alta e baixa temporada.
- 13) Abordar entrevistada sobre grau de organização do setor de turismo e sua força política na cidade, e perguntar sobre a situação das cooperativas, sindicatos, associações.
- 14) Abordar entrevistada sobre perspectivas e oportunidades pessoais que o turismo e o turista acarretam em sua cidade e em sua vida pessoal.
- 15) Abordar entrevistada sobre êxodo rural ou urbano relacionado à atividade do turismo.
- 16) Abordar entrevistada sobre “efeito demonstração” e choque cultural com relação ao turista.

PLAN DE ENTREVISTA

- 1) Nombre de la entrevistada:
- 2) Edad de la entrevistada:
- 3) Estado Civil de la entrevistada:
- 4) Abordar entrevistada acerca del costo de la vida en su ciudad y su renta familiar.
- 5) Abordar entrevistada acerca de sus sentimientos positivos o negativos sobre el turismo y el turista.
- 6) Abordar entrevistada sobre prostitución femenina o masculina, relacionada con la actividad turística.
- 7) Abordar entrevistada sobre sus conocimientos acerca de los sentimientos de la generación más vieja y más joven y su tipo de involucramiento con la actividad turística y con los turistas.
- 8) Abordar entrevistada sobre el asunto de la autonomía y emancipación femenina, reproducción social de la condición femenina y la construcción de la identidad personal relacionada con su ocupación en el sector turístico o en sus relaciones con los turistas.
- 9) Abordar entrevistada sobre los cambios ocurridos en su estructura familiar.
- 10) Abordar entrevistada sobre las posibilidades de profesionalización y intelectualización generadas por el desarrollo de la actividad turística o gracias al contacto con los turistas.
- 11) Abordar entrevistada sobre las condiciones de trabajo en el sector turístico (legal, social, individual).
- 12) Abordar entrevistada acerca de su rutina en la alta y baja temporada.
- 13) Abordar entrevistada acerca del grado de organización del sector turístico y su fuerza política en la ciudad, y preguntar sobre la situación o existencia de cooperativas, sindicatos, asociaciones.
- 14) Abordar entrevistada acerca de las perspectivas y oportunidades personales que la actividad turística y los turistas acarrearán en su ciudad y en su vida.
- 15) Abordar entrevistada sobre el éxodo rural o urbano relacionado con la actividad turística.
- 16) Abordar entrevistada acerca del “efecto demostración” y conflictos culturales con turistas.